



CASEI COM UM HOMEM-PÁSSARO

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



CASEI COM UM HOMEM-PÁSSARO

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Title Page](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Contents](#)
5. [Casei Com Um Homem-Pássaro](#)
6. [Dedicatória](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Capítulo 11](#)
18. [Capítulo 12](#)
19. [Capítulo 13](#)
20. [Capítulo 14](#)
21. [Capítulo 15](#)
22. [Capítulo 16](#)
23. [Capítulo 17](#)
24. [Capítulo 18](#)
25. [Capítulo 19](#)
26. [Epilogue](#)
27. [Dakas](#)
28. [Zeebis](#)
29. [Graith](#)
30. [Nyloth](#)
31. [Vyrax](#)
32. [Zatruk](#)
33. [Outros livros de Regine Abel](#)
34. [Sobre o Autor](#)

Casei Com Um Homem-Pássaro

Agência Prime

Regine Abel

CAPA
Regine Abel

ILUSTRAÇÕES
Sam Griffin
Muns
Vvevelur

Direitos Autorais © 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução ou distribuição não autorizada deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal e punível por lei. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida eletronicamente ou impressa sem permissão por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas.

Todo o conteúdo deste livro, a capa do livro e as ilustrações nele contidas foram criadas exclusivamente por um ser humano, sem qualquer assistência de inteligência artificial generativa.

A autora proíbe expressamente qualquer entidade de usar esta publicação ou as ilustrações aqui contidas para fins de treinamento de tecnologias de inteligência artificial (IA) para gerar texto ou imagens, incluindo, sem limitação, tecnologias que sejam capazes de gerar obras no mesmo estilo ou gênero desta publicação. A autora reserva todos os direitos de licenciar o uso deste trabalho para treinamento generativo de IA e desenvolvimento de modelos de linguagem de aprendizado de máquina.

Este livro usa linguagem madura e conteúdo sexual explícito. Não se destina a menores de 18 anos.

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Epilogue

Outros livros de Regine Abel
Sobre o Autor

O sacrifício dela poderia salvar seu povoe.

A colônia de Luana está sob ameaça de um ataque iminente. Como filha única de seu líder gravemente ferido, ela busca a ajuda da única outra espécie nativa do planeta. Consentir com um casamento de conveniência com um dos Zelconianos, uma raça pacífica semelhante a pássaros, garantiria a proteção que sua aldeia precisa desesperadamente. Por mais que essa perspectiva a apavore, Luana não pode negar que está intrigada com o híbrido com quem vai se casar, com seus estranhos olhos cheios de estrelas, suas asas majestosas e sua voz hipnótica.

Dakas fica chocado quando sua alma clama por Luana no momento em que ela entra na câmara do Conselho. Quem teria pensado que a guerra iminente finalmente lhe permitiria encontrar sua alma gêmea? Sua aparência delicada e recatada não conseguiu enganar suas habilidades empáticas. Dakas sente o fogo e a força queimando dentro de Luana. Ele está mais do que ansioso para tomar a humana como sua companheira para servir aos melhores interesses de ambos os povos. Mas ele quer mais do que proteger a aldeia dela; ele quer conquistar o coração dela.

Luana conseguirá aceitar a sua união apesar das circunstâncias, ou a guerra destruirá quaisquer hipóteses que eles tinham de um futuro juntos?



Dedicatória

A todos aqueles que enfrentaram tragédias, lidaram com dificuldades terríveis ou viveram com medo e se recusaram a deixar que isso os quebrasse. Depois de chegar ao fundo do desespero, o único caminho que resta é subir. Quaisquer que sejam os desafios que lhe sejam apresentados, a única garantia de derrota é desistir.



Capítulo 1

Luana

Eu chequei meu pai gravemente ferido mais uma vez e saí da clínica médica com o coração pesado. Do lado de fora, os aldeões de Kastan – a colônia humana em Cibbos – se reuniram perto dos estábulos para se despedirem de mim.

Eu odiava estar nesta posição. Eu tinha apenas vinte e seis anos e era médica, não diplomata e certamente não era líder. Mas, aparentemente, ser *filha* do nosso líder significava que, no minuto em que as coisas dessem errado, passava a ser meu trabalho juntar os cacos e limpar a bagunça.

Eu avisei meu pai para não sair naquela missão de reconhecimento para espionar nossos vizinhos beligerantes, os Yurus. Eles eram uma das duas espécies nativas sencientes do planeta Cibbos. Com uma altura média de dois metros e meio e um peso de mais de 130 quilos – de puro músculo – os Yurus pareciam a mistura de um minotauro peludo com um orc. Eles tinham apenas três paixões na vida: lutar, foder e se alimentar... nessa ordem. Foi um milagre – um milagre lamentável – que eles não tivessem se eliminado entre si. Eles geralmente resolviam seus conflitos constantes com duelos sangrentos e muitas vezes mortais.

E agora eles estavam de olho em nossa colônia. Nós batemos de frente inúmeras vezes ao longo das décadas desde que nos estabelecemos neste planeta. Normalmente, um suborno com alimentos – uma parte da nossa colheita, rebanho e produtos processados – era suficiente para apaziguá-los. Mas não dessa vez. Eles pareciam decididos a massacrar aqueles que poderiam ser ridiculamente descritos como nossos defensores e a escravizar o resto de nós.

Nossa única esperança – na melhor das hipóteses, mínima – estava nas mãos emplumadas de nossos vizinhos. Os Zelconianos viviam no alto de seu reino montanhoso a oeste, a cidade celestial de Synsara. Nós nunca tivemos muito contato com eles, pois eles não receberam

bem a nossa chegada ilegal a Cibbos. No entanto, desde que não interferíssemos em suas vidas, eles se contentavam em nos deixar em paz.

Martin conduziu meus zeebis, Goro – uma espécie nativa semelhante a um íbex alado – para fora dos estábulos. Eu teria preferido que ele não tivesse feito isso. Martin sempre se esforçava demais e se recusava a ver o que estava embaixo de seu nariz. Além do fato de que eu não tinha nenhum interesse em seus avanços cada vez menos sutis, minha montaria também não gostava dele. Agora Goro estaria agitado, o que o tornava mais difícil para voar.

Eu tomei as rédeas dele com um aceno rígido enquanto ele me mostrava seu sorriso característico de ‘Eu sou o homem mais sexy desta colônia esquecida por Deus’, que sempre me dava arrepios. Tecnicamente, ele era de fato o homem mais atraente da colônia. Aos vinte e oito anos, Martin fazia a maioria das mulheres em Kastan babar por seu corpo alto e musculoso, cabelo loiro dourado, olhos cor de avelã e lábios carnudos, que ele adorava franzir para elas de uma maneira que considerava sexy. Eu apenas achava que isso dava a ele uma cara de pato. Ser carpinteiro e pedreiro da aldeia o manteve em forma. Para alegria das mulheres, e meu total aborrecimento, ele nunca perdia a oportunidade de se exibir sem camisa, flexionando os abdominais.

Eu gostaria que ele fosse capturado por uma das mulheres que estava mais do que disposta a colocar aquela bola e corrente em seu tornozelo. Mas não. Ele me queria. Não pela minha beleza, inteligência ou disposição alegre, mas porque eu era filha do líder da colônia. Martin me via como sua passagem para se tornar o herdeiro do Papai, o que era idiota, já que Papai havia sido *escolhido* pela colônia quando nosso líder anterior faleceu. O próximo seria eleito de forma semelhante.

Goro bateu o focinho no meu braço em saudação. Eu esfreguei sua testa e dei um tapinha em seus chifres longos, recurvados e estriados. Os carneiros zeebis, como meu Goro, eram montarias voadoras incríveis. Seus instintos protetores para com seus donos também os tornavam grandes defensores em situações complicadas. Nossa colônia os criava e treinava com a esperança de estabelecer um mercado comercial lucrativo com outros planetas membros da Organização dos Planetas Unidos. Contudo, nós éramos considerados uma colônia ilegal por termos nos estabelecido, sem a bênção da OPU, em um planeta designado como “primitivo”. E nós tínhamos um longo caminho a percorrer para voltar às suas boas graças.

Goro abaixou as asas para me permitir subir em suas costas. A esperança brilhou nos olhos de todos os reunidos. Uma esperança tola à qual eu também estava tolamente agarrada.

— Tem certeza que não quer que eu a acompanhe? — Martin perguntou.

Eu balancei a cabeça, lutando contra a vontade de revirar os olhos diante daquela oferta idiota. Ele não queria chegar perto dos Zelconianos – menos ainda do que eu. Uma parte de mim queria desmascarar seu blefe. O meu lado malicioso teria ficado muito satisfeito com sua consternação. Ele queria o prestígio de ser um líder, mas não as dores de cabeça que isso acarretava. Ele também não tinha as habilidades diplomáticas necessárias para lidar com esta situação. Eu não podia arriscar que ele sabotasse as poucas chances que tínhamos de receber ajuda de cima – literalmente.

Em resposta ao meu comando vocal, Goro alçou voo em meio aos aplausos e incentivos dos aldeões. Normalmente, eu voava com meus zeebis para curtir um momento de liberdade e relaxamento. Eu adorava sentir o vento soprar em meus cabelos enquanto contemplava a beleza indomada deste mundo – o único lar que conheci. Mas não hoje. Com os olhos fixos nas altas e distantes montanhas de Synsara, eu repassei cada um dos argumentos que apresentaria ao Conselho Zelconiano na esperança desesperada de garantir uma aliança com eles.

Ao me aproximar do meu destino, eu notei silhuetas majestosas voando em torno das diferentes entradas esculpidas na face da montanha da cidade de vários níveis. Numerosos terraços grandes podiam ser vistos, alguns ainda maiores, na imensa praça da cidade entre dois picos. Pelo que entendi, esta era apenas uma das três praças – as outras duas estavam protegidas dentro da montanha.

A nossa aldeia refletia a vida simples que os meus antepassados desejavam e que os trouxe a este planeta. Synsara refletia de forma semelhante as aspirações dos Zelconianos à beleza, ao avanço tecnológico e ao poder. Cada entrada foi primorosamente esculpida e altamente adornada com uma variedade de cristais luminosos.

Eu não sabia muito sobre esses cristais, apenas que os Zelconianos os cultivavam e tinham um jeito de imbuí-los com poderes únicos. E eu não duvidei nem por um segundo que, por mais bonitos que parecessem, muitos daqueles cristais poderiam transformar minha montaria e a mim em cascas carbonizadas se acreditassem que nós éramos uma ameaça.

Dois Zelconianos, provavelmente guardas, nos flanquearam. O comportamento deles foi cortês, pois esperavam minha presença. O da esquerda gesticulou com a cabeça para que eu o seguisse. Dizer que fiquei intimidada seria um grande eufemismo. Esses caras eram tão altos e musculosos quanto os Yurus, mas lindas penas cobriam seus corpos humanoides nus. Seus rostos estranhos tinham um bico largo e uma impressionante coroa de penas que me lembrava vagamente um

leque de mão no topo de suas cabeças. Suas asas gigantescas batiam poderosamente enquanto eles lançavam olhares de lado para mim. E aqueles olhos... Meu Deus! Eles pareciam ter aprisionado uma constelação dentro deles.

Minhas escoltas pousaram em uma das varandas maiores e eu coloquei Goro ao lado deles. Não havia estábulos óbvios por perto, não que eles precisassem de algum.

— Sua montaria precisa ser amarrada ou ela vai ficar? — um dos dois homens perguntou.

— Goro vai ficar — eu disse com uma voz nervosa.

— Muito bem — ele respondeu com um aceno de cabeça, sua voz profunda, porém musical, estranhamente reconfortante — Por aqui, por favor.

As duas portas maciças que conduziam ao que parecia ser a sala de reuniões ou a câmara do Conselho estavam abertas. Eu me senti minúscula e exposta ao entrar na sala circular. Pelo menos duas dúzias de homens e mulheres Zelconianos – todos com os olhos estrelados fixos em mim – estavam sentados em bancos altos formando um semicírculo no fundo da sala. Intimidada nem começava a descrever como eu me senti. E, no entanto, eu não pude deixar de ficar aliviada por toda a população da capital dos Zelconianos não estar amontoadá na sala, testemunhando que eu estava fazendo papel de boba enquanto implorava por ajuda.

Eu não conhecia nenhum dos outros Zelconianos na sala, mas não precisava que me dissessem que o homem extremamente imponente no meio – com a crista azul na cabeça que combinava com as penas do peito – era o seu líder, Graith. Ele exalava uma incrível aura de autoridade. Ele apontou para a única cadeira e pequena mesa em frente ao conselho. Eu fui até lá e me sentei.

Eu tentei não ser óbvia ao observar meus “anfitriões”. A maioria deles tinha penas pretas, marrom-escuras ou azul-escuras cobrindo as asas e o corpo, com um tom de pele correspondente. Eles tinham penas mais brilhantes na crista e no peito.

Um único homem entre eles prendeu minha atenção. Ao contrário dos outros, ele não possuía bico, mas sim um par de lábios humanos muito sexy. Ele também tinha penas azul-escuras deslumbrantes nos ombros. Elas rapidamente diminuía para revelar bíceps impressionantes e braços humanos musculosos. Uma crista dourada em sua cabeça combinava um pouco com a cor das penas em seu peito. Esta última também diminuía gradualmente, me dando um vislumbre atraente do tipo de abdômen sexy e esculpido que faria Martin se morder de inveja.

Embora eu não pudesse ver nenhuma roupa nele – ou em qualquer outro Zelconiano – este parecia ter o mesmo tipo de penas em torno

de sua área privada para esconder as mercadorias. Devido à sua posição sentada, eu não soube dizer se ele também conseguia retrain os órgãos genitais para dentro do corpo. Mas suas pernas nuas eram definitivamente humanas, exceto pelas escamas azuis – um tom levemente mais escuro que sua pele – ao redor de suas panturrilhas, tornozelos e pés. Embora seus pés e dedos descalços parecessem humanos no geral, algo definitivamente estava errado com eles.

Era de conhecimento geral que os primeiros humanos que visitaram Cibbos se misturaram aos Zelconianos. Mas eu nunca tinha ouvido falar deles confraternizando, muito menos tendo filhos. No entanto, esse homem específico parecia ter a minha idade ou talvez alguns anos mais velho. Não havia como alguém da nossa colônia ser seu pai. Será que nossos vizinhos alados estavam mantendo laços mais estreitos com pessoas forasteiras – humanos, aliás – do que havíamos percebido?

E acima de tudo, isso serviria a nosso favor?

Algumas risadas divertidas me fizeram perceber que eu estava examinando rudemente o híbrido em meu fascínio atordoado. Meu rosto queimou de vergonha e minha cabeça virou na direção de Graith. Eu só podia esperar que meu olhar boquiaberto não tivesse ofendido ou prejudicado minhas chances. Para meu alívio – mas confusão – todos os rostos ao meu redor tinham o mesmo sorriso conhecedor.

— Saudações, Luana, filha do Líder da Colônia Mateo Torres — disse o líder com voz estrondosa — Eu sou Graith Devago, Exarca dos Zelconianos. Você solicitou uma audiência.

— Saudações, Graith Devago, Exarca do povo Zelconiano — eu disse, orgulhosa por minha voz soar firme apesar dos meus joelhos vacilantes — Obrigada a você e ao seu Conselho por concordarem em me ver em tão pouco tempo.

Eu coloquei nervosamente uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto organizava meus pensamentos. Pelo pouco que sabíamos sobre os Zelconianos, havia rumores de que eles possuíam algumas habilidades psíquicas. Portanto, a intensidade com que eles me olhavam era muito enervante. Eu apenas rezei para que eles não fossem leitores de mentes.

— Como você provavelmente pode imaginar, algo sério aconteceu que me levou, em vez de meu pai, a incomodá-lo em sua cidade. Embora as condições sob as quais meus ancestrais se estabeleceram em Cibbos possam ter sido questionáveis, nossa humilde colônia de Kastan tentou ser uma vizinha pacífica tanto para os Zelconianos quanto para os Yurus.

Meu coração disparou quando a maioria deles concordou lentamente com a cabeça.

— No entanto, as coisas sempre foram um pouco tensas com os Yurus — eu acrescentei.

Graith bufou como se eu tivesse afirmado o óbvio — Eles são fomentadores de guerra. A única paz que se pode ter com os Yurus é não se envolver com eles *de modo algum*.

— Nós estamos de acordo quanto a isso — eu respondi — No entanto, *eles* não estão *nos* deixando em paz. Eles continuam lançando ataques ocasionais em pequena escala à nossa aldeia e atacando aleatoriamente nossos coletores de alimentos na floresta, não para matar, mas para ferir ou assediar — basicamente, táticas de intimidação. Ultimamente, as coisas escalaram rapidamente tanto em violência quanto em frequência. Há uma semana, o Chefe Vyrax nos informou que Kastan e o território ao redor seriam anexados à sua capital, Mutarak. Nós devemos nos submeter ao seu governo ou partir. Aqueles que resistirem serão executados.

Graith e alguns outros Conselheiros inclinaram a cabeça para o lado, como os pássaros costumam fazer, estreitando seus olhos misteriosos. Eu não conseguia ler suas expressões.

— Partir não é uma opção — eu continuei — Todos os nossos colonos nasceram aqui. Cibbos é a única casa que conhecemos. Mas mesmo que quiséssemos partir, para onde iríamos? E com que tecnologia? Nossos ancestrais vieram aqui especificamente para voltar a uma vida simples, em grande parte desprovida dos problemas da tecnologia. Nós não temos mais uma nave capaz de realizar uma viagem espacial.

Eu me mexi no assento, odiando o quão desamparada me sentia e o quão patética nossa colônia parecia. Mas não haveria como esconder a nossa triste realidade dos Zelconianos. Eu só podia esperar que eles tivessem pena da nossa situação e nos ajudassem.

— Lutar contra os Yurus não é uma opção viável — eu continuei — Nós não somos guerreiros. Hoje cedo, o meu pai liderou a maior parte dos nossos homens fisicamente aptos numa missão de reconhecimento para avaliar a iminência de um ataque. Nós perdemos dois homens e todos os outros voltaram gravemente feridos. Meu pai ainda está em um estado bastante crítico, mas estou confiante de que ele se recuperará.

— Lamento saber das dificuldades que você está enfrentando — Graith disse com uma voz imparcial que imediatamente despertou uma sensação de pavor dentro de mim — Na verdade, estou surpreso que os Yurus tenham permitido que vocês permanecessem em relativa paz por tanto tempo. Mas, eu não deveria estar surpreso. Afinal, vocês fizeram todo o trabalho de desenvolver fazendas e pomares prósperos, gado saudável para alimentar seu povo e uma bela aldeia para a expansão de sua capital superpovoada. A questão é: como isso é

relevante para nós?

Meu coração afundou. Foi necessária toda a minha força de vontade para não mostrar o quanto suas palavras me devastaram. Eu esperava uma resposta diferente, apesar de saber que provavelmente seria essa a que receberia. Realmente, por que eles se importariam, sendo que quase não trocamos duas palavras em décadas? Se os humanos fossem exterminados em Cibbos ou não, isso não faria diferença alguma em suas vidas.

— Porque assim que terminarem conosco, eles virão atrás de vocês — eu disse com convicção.

Graith sorriu — Assim como os humanos, eles estão presos à terra. Synsara está muito alto e fora do alcance deles.

— Mas nós criamos zeebises em Kastan — eu retruquei — Depois que eles nos eliminarem, eles terão um estábulo inteiro com as melhores montarias voadoras para vir atrás de vocês.

— Me parece que você está dizendo que deveríamos massacrar seu rebanho de zeebises antes que os Yurus cheguem até vocês para proteger nossa cidade — disse outro Zelconiano com uma crista vermelha escura e penas no peito que estava sentado ao lado de Graith.

Graith riu — Embora ele tenha colocado isso de uma forma brutal, Skieth tem razão.

— Não, não é isso que estou dizendo — eu respondi rigidamente, olhando para o homem chamado Skieth antes de me voltar para Graith — Seja com nossos zeebises ou não, os Yurus virão atrás de vocês. Eles também adquiriram uma quantidade absurda de tecnologia nos últimos meses, aumentando exponencialmente nos últimos dias. Eles são muito indisciplinados para desenvolvê-la sozinhos, então só posso supor que estejam negociando.

Pela forma como a expressão de Graith, já difícil de ler, ficou totalmente neutra, eu imaginei que ele já estava ciente disso há algum tempo, mas não queria revelar seu trunfo.

— Se unirmos forças, poderemos ter uma chance de derrotá-los — eu continuei.

— Supondo que eles realmente estejam em uma corrida armamentista tecnológica, por que nós dividiríamos nossas forças para proteger humanos que são basicamente indefesos? — Graith perguntou em um tom de conversa.

A ausência de desprezo ou aura de superioridade dele quase fez doer mais. Ele não estava sendo cruel ou desdenhoso, apenas lógico e factual. A pior parte era que, no lugar dele, eu faria as mesmas perguntas. Por que, de fato, eles se dividiriam por nós, que éramos tão fracos quanto bebês recém-nascidos?

— Se os Yurus vierem atrás de nós, o curso de ação mais sábio

para os Zelconianos é preservar nossas forças — Graith continuou com uma voz gentil — Eu simpatizo com sua situação, mas vocês não têm nada a nos oferecer.

— Eu discordo — eu disse, erguendo o queixo em desafio — Eu sou médica. Os curandeiros são sempre muito necessários durante uma guerra. Eu posso não saber muito sobre a anatomia Zelconiana no momento, mas aprendo rapidamente. Quanto aos demais membros da colônia, nós temos agricultores e artesãos que podem fornecer alimentos, armas, armaduras e tudo o mais que for necessário para apoiar aqueles que irão para a linha de frente.

— São todas coisas práticas — admitiu Graith — Mas são muito pequenas em comparação com a pressão que isso colocaria sobre nós para proteger o seu povo. Sugiro que você entre em contato com a Organização dos Planetas Unidos.

Cada uma de suas palavras me atingiu como uma lâmina abrasadora me apunhalando no coração.

— Eu já entrei em contato com a OPU — eu respondi rigidamente.

— E? Qual foi a resposta deles? — o híbrido perguntou com indisfarçável curiosidade. Sua voz, profunda, mas incrivelmente suave, causou arrepios por toda a minha pele.

— Eles disseram que iriam estudar nosso caso. O que significa que eles irão então investigar em que planeta de refugiados eles podem nos despejar. Vocês podem não ter nos recebido em Cibbos, mas esta é a nossa casa!

Eu odiei o tom suplicante que transpareceu em minha voz. Por uma fração de segundo, pensei que talvez minhas palavras tivessem convencido o híbrido. Ele era meio humano. Certamente, ele iria querer nos apoiar? Mas ele apenas assentiu, seu rosto assumindo a mesma expressão neutra que os outros exibiam.

— Talvez eles a surpreendam com um resultado diferente — O tom gentil, mas firme de Graith deixou claro que a audiência havia seguido seu curso — Embora não possamos ajudá-la neste momento, agradeceríamos se você nos mantivesse informados sobre seus planos finais com base no que sua OPU lhe oferecer.

Eu cerrei os dentes, lutando contra as lágrimas que picavam meus olhos. Eu sabia que vir aqui era um tiro no escuro e, ainda assim, me senti arrasada. Minha língua ardia de vontade de mandá-lo chupar um ovo podre.

— Não importa o que você pense, Exarca Graith, você precisa de nós muito mais do que imagina — eu disse com orgulho — Você não pode ser forte sem que alguém mais fraco o levante.

Meu olhar percorreu os doze Zelconianos presentes, demorando-se por um segundo no híbrido. Embora fosse injusto da minha parte esperar que ele ficasse do meu lado simplesmente por causa de sua

genética, eu ainda me senti traída por seu estoicismo.

— Obrigado pelo seu tempo e por ouvir meu pedido — eu continuei em um tom entrecortado — Vocês saberão em breve o que será de nós.

Com um breve aceno de cabeça, eu me virei e saí da sala. Com o queixo erguido e as costas retas, saí para a varanda onde Goro me esperava. Só quando meu fiel companheiro levantou voo é que eu permiti que as ondas esmagadoras de desespero assumissem o controle.

O que diabos eu iria dizer aos aldeões?



Capítulo 2

Dakas

Eu não conseguia decidir se culpa, alívio ou uma sensação de perda dominou dentro de mim quando Luana saiu da câmara. Uma parte de mim queria ir atrás dela e garantir que tudo ficaria bem. Mas, como membro do Conselho, os meus sentimentos pessoais tiveram de ficar em segundo plano em relação aos meus deveres para com o povo.

Assim que seu zeebis levantou voo, todas as cabeças se viraram para mim. Atordoado no início, meu rosto esquentou segundos depois quando eu percebi a causa.

— Você nunca transmitiu suas emoções com tanta força, Dakas — Graith disse pensativamente — No início, eu ia provocá-lo por ter chamado a atenção da mulher, mas sua reação me faz pensar.

— Ela mexeu com minhas glândulas de acasalamento — eu disse com naturalidade — Eu não consegui proteger minhas emoções porque estava lutando contra as tentativas de minha alma de se relacionar com a dela.

Um suspiro coletivo surgiu na sala, o choque rapidamente dando lugar aos parabéns. Encontrar sua alma gêmea era a maior bênção que alguém poderia esperar. Por que a minha teve que ocorrer em circunstâncias tão desagradáveis?

Graith esticou as asas, seu rosto assumindo uma expressão séria — Isso significa que você quer que ajudemos a colônia dela?

Eu apertei os lábios e parei um momento para refletir sobre minha resposta. Como principal estrategista do nosso povo, a minha opinião tinha grande peso quando se tratava de decisões políticas e relacionadas com a guerra. Agora, mais do que nunca, eu precisava permanecer objetivo. Mas a imagem de Luana, que ficou gravada em meu cérebro, dificultou a concentração em suas palavras. Concentrar-me no assunto em questão exigiu toda a minha força de vontade.

Eu sempre acreditei que me acasalaria com uma mulher Zelconiana. Embora Luana não ter penas ou asas fosse uma infelicidade, o resto dela me dava água na boca. Ela era linda, com

grandes olhos castanhos que pareciam inocentes mesmo quando ardiam de raiva. Eu ansiava por beijar seus lábios macios – algo que nunca pensei que poderia fazer com uma Zelconiana por causa dos bicos. E aquela linda pele bronzeada... Eu não sabia dizer se vinha de sua ascendência latina ou do tempo que passou sob o sol quente de Cibbos. De qualquer forma, eu queria lamber cada centímetro dela. Meus dedos ainda tremiam com a vontade de soltar sua longa e encaracolada cabeleira, que ela mantinha em um coque bagunçado. Seu cabelo ficaria glorioso fluindo atrás dela enquanto ela voava pelo céu.

Eu limpei a garganta e me forcei a me concentrar na minha resposta.

— De um ponto de vista egoísta, sim, eu quero ajudá-los — eu respondi — Os Yurus massacrarão a maioria de seus homens e escravizarão suas mulheres... de todas as maneiras. Embora eu obviamente planeje resgatar minha companheira, ela nunca me perdoaria por não ajudar o resto de seu povo.

Os outros assentiram.

— Como meu pai nos informou antes de sua partida definitiva de Cibbos, a Organização dos Planetas Unidos não reconhece a colônia de Kastan. Eles *não* enviarão tropas ou armas para ajudá-los. Caso contrário, os Pacificadores já estariam aqui. A OPU irá realocar aqueles que desejam partir para outro planeta e abandonar os outros. Eu não me importo particularmente com a colônia, mas não posso permitir que minha alma gêmea vá com eles.

Eu mudei de posição no assento e estiquei as asas para aliviar um pouco a tensão que crescia nas minhas costas.

— Com isso em mente, o que acho que devemos fazer? Do ponto de vista puramente tático, e embora sua resposta tenha sido um pouco fria, eu concordo com sua avaliação — eu continuei — Os humanos têm certas coisas a oferecer que poderiam nos beneficiar, mas é muito pouco.

— Como o que? — meu primo Minkus perguntou.

— Eles têm grandes fazendas — eu respondi — Com este abastecimento local de alimentos, nós não teríamos que migrar dentro de alguns meses. A migração durante uma guerra dividiria as nossas forças e nos enfraqueceria gravemente. Seja qual for o resultado com a colônia, precisamos encher os nossos celeiros para enfrentar o que possa acontecer no futuro.

— Ponto justo — Graith disse — Vamos coordenar logo após esta reunião.

Eu balancei a cabeça antes de continuar — Mas por mais benéficos que seus alimentos e artesanatos experientes sejam para nós, protegê-los provavelmente nos custaria muitas vidas com nossa tecnologia atual

em comparação com a que os Yurus estão adquirindo.

— Então, você concorda que devemos deixá-los se defenderem sozinhos? — Skieth perguntou.

— Só estou dizendo que devemos esperar e ver o que a OPU lhes oferece. Também acho que deveríamos entrar em contato com a OPU — eu respondi — Eles querem nossos cristais. Nós queremos a tecnologia deles. Se Luana estiver certa, e não há razão para duvidar dela, os Yurus virão buscar nossos cristais. A OPU não vai querer lidar com os Yurus por eles.

— Portanto, eles nos oferecerão um ótimo acordo para garantir que continuem negociando conosco e não com Vyrax — concluiu Graith.

— Exatamente — eu respondi.

— Então, que bom que o representante deles estará aqui em questão de horas — nosso Exarca disse presunçosamente.

Meus olhos se arregalaram, o choque que senti refletiu em todos os outros rostos.

— Eu recebi uma mensagem pouco antes da chegada da Luana. Eles desejam discutir a situação da colônia — continuou Graith.

— Então as coisas devem ser ainda mais sérias do que a mulher humana deixou transparecer — refletiu Skieth — A OPU nunca agiu tão rápido antes.

— Vamos esperar para ver — eu respondi com um sorriso.



Eu observei com fascinação enquanto o ônibus espacial da OPU pairava a uma curta distância da cidade, suas portas se abrindo momentos antes de um Temern sair voando. Eu já tinha ouvido falar dessa espécie muitas vezes, mas nunca conheci um de nossos primos distantes em carne e osso. Eles também possuíam habilidades psíquicas. No entanto, embora os seus grandes poderes empáticos dessem a impressão de que podiam ler mentes e até ver as almas das pessoas, eles não tinham as nossas capacidades telepáticas. A fala mental era revolucionária.

Como o resto do meu povo sangue puro, o Temern possuía um bico curto, mas nenhuma crista adornava sua cabeça. Suas asas marrons tinham uma envergadura levemente menor que as nossas. Penas douradas cobriam seu peito e uma longa cauda branca se arrastava atrás dele.

Eu reprimi um sorriso ao admirar seu voo majestoso em direção à varanda onde o esperávamos. Synsara possuía uma plataforma de

pouso no planalto onde sua nave poderia ter pousado. Mas acreditei que esta exibição tinha sido um lembrete deliberado de que éramos parentes distantes. Ele esperava que isso facilitasse as negociações?

O Temern pousou graciosamente. Uma espessa parede psíquica cercava suas emoções, tornando impossível de lê-lo. Era considerado uma cortesia comum controlar nossas emoções entre os empatas, para não sobrecarregar aqueles que não eram tão fortes em bloquear os outros e aqueles que estavam fisicamente exaustos demais para fazê-lo. No entanto, dependendo das circunstâncias, esconder as emoções de forma muito hermética poderia sugerir enganação. No caso do Temern, embora eu não suspeitasse de qualquer intenção maliciosa, não duvidei nem por um minuto que fosse para esconder sua mão. Nós também dobramos nossas paredes psíquicas, embora eu não soubesse o quanto isso bloquearia um empata tão poderoso quanto esse homem específico.

Seu olhar deslizou sobre nós, permanecendo por meio segundo em mim antes de retornar para Graith. Embora eu não pudesse perceber nenhuma emoção dele, eu sabia em meu íntimo que descobrir a presença de um híbrido o havia surpreendido.

Ao se aproximar de nosso líder, o Temern expressou seu prazer em conhecê-lo fixando seus olhos – um gesto comum para pássaros – suas íris prateadas aumentando enquanto suas pupilas diminuíam rapidamente. Nossos olhos estrelados não nos permitiram retribuir isso. Ele então estalou o bico em saudação a Graith, que respondeu da mesma forma. A OPU frequentemente usava Temerns como moderadores e representantes diplomáticos devido às suas habilidades empáticas. Mas, no nosso caso, acreditei que o nosso parentesco pesava muito na decisão de enviá-lo em vez de um humano ou de qualquer outra espécie.

— Saudações, Exarca Graith Devago. Eu sou Kayog Voln, enviado da Organização dos Planetas Unidos — o Temern disse — Obrigado por me receber em tão pouco tempo.

— Seja bem-vindo a Synsara, Mestre Kayog Voln — Graith disse com um calor incomum para com um estranho. Mas os Temern pareciam nossa família estendida — É bom ver nossos parentes distantes prosperando. Este é o meu Conselho. Você terá tempo para conhecê-los quando quiser, depois de discutirmos o assunto de sua visita. Por favor entre.

Kayog acenou para nós em uma saudação geral e seguiu Graith quando entramos na câmara do Conselho. Seu olhar percorreu a sala, observando as esculturas requintadas na parede representando as três Leis Fundadoras dos Zelconianos. O baixo-relevo foi preenchido com cristais coloridos de poder, dando a ilusão de vitral.

Nós retomamos nossos lugares no semicírculo ao redor da sala, e

Kayog se acomodou na cadeira que minha Luana havia desocupado mais cedo na mesa à nossa frente.

— Eu vou direto ao ponto — Kayog disse com uma voz séria — Como vocês provavelmente já sabem, a colônia humana de Kastan está em perigo. A filha do seu líder, Luana Torres, nos contatou em busca de ajuda. Infelizmente, além do fato da aldeia de Kastan não ser reconhecida como colônia legítima, a OPU não pode intervir nas guerras locais. Cada planeta é considerado soberano. A menos que esteja ocorrendo um genocídio claro – e mesmo assim – as disputas entre as espécies nativas devem ser resolvidas por si mesmas, mesmo que isso signifique o extermínio de uma delas. É a sobrevivência do mais apto.

Eu lancei um olhar de lado para Graith, que inclinou a cabeça para o lado, suas emoções completamente fechadas.

— Você viajou muito apenas para nos dizer que não pode ajudar os humanos — Graith disse com indiferença — Suspeito que haja mais coisas.

— Tem mesmo — Kayog disse com um aceno de cabeça — Nós sabemos que os Yurus têm negociado com estrangeiros para adquirir tecnologia de guerra avançada. Eles usarão os humanos como trabalho escravo para construir um arsenal impressionante e depois acabarão com vocês. Mas, novamente, esta é uma luta local, e a OPU não pode interferir... a menos que os Yurus se tornem uma ameaça para outros mundos.

— E ainda assim, você veio até aqui — eu interrompi — Por quê?

— Porque nós acreditamos que, assim que os Yurus assumirem o controle de seus cristais, eles destruirão os mercados globais — Kayog explicou — Veja bem, os seus são ainda mais poderosos do que os cristais de sidínio que nossas naves espaciais usam. Por que você acha que estamos tão ansiosos para garantir um comércio estável com os Zelconianos sob a égide da OPU? As pessoas com quem Vyrax negocia estão envolvidas em todos os tipos de atividades ilegais, desde escravidão e pirataria até comércio ilegal de armas. Se eles começarem a desenvolver naves usando seus cristais, não seremos capazes de mantê-los sob controle.

— Portanto, vocês não podem interferir nesta guerra iminente, vocês não podem ajudar os humanos e, de acordo com o Édito Galáctico relativo aos planetas ‘primitivos’, vocês não têm permissão para vender ou negociar armas ou tecnologia avançada conosco para ajudar a combater os Yurus — Graith resumiu de forma factual — Você está nos dizendo que também devemos começar a nos envolver com negociantes questionáveis para equilibrar o campo de jogo?

Kayog se mexeu na cadeira, o movimento sutil de suas asas indicando o primeiro sinal de nervosismo ou incerteza desde sua

chegada.

— Não. Certamente não desejamos que vocês se envolvam com essas pessoas. Se isso acontecer, seria quase impossível para a OPU realizar qualquer acordo com os Zelconianos, já que vocês também seriam considerados bandidos — o Temern explicou — No entanto, há uma solução alternativa para todas as restrições que você listou com tanta precisão. Normalmente eu não lido com casos como este, pois sou o Agente Sênior da Agência Prime.

— Um conselheiro matrimonial? — exclamou Skieth, seu choque refletindo o que percorria todos os meus irmãos — Com todo o respeito, Mestre Kayog, por que eles o enviariam para cuidar de uma questão de guerra iminente?

— Porque a UPO quer chegar a um acordo comercial agradável com os Zelconianos, mas isso não pode ser uma desculpa para nos intrometermos em uma guerra planetária local — Kayog respondeu — Um casamento entre um membro da OPU e um nativo de um planeta ‘primitivo’ é a solução.

Eu bufei, me perguntando que bobagem era essa — O que um casamento tem a ver com alguma coisa? — eu desafiei — Ainda haverá uma guerra local na qual vocês não poderão se envolver.

Apesar da rigidez de seu bico restringindo sua expressão facial, um sorriso presunçoso se esticou, despertando seriamente minha curiosidade.

— Ainda não seríamos capazes de interferir — ele admitiu — No entanto, se um Zelconiano escolhesse um cônjuge humano através dos serviços da Agência Prime, esse humano se tornaria oficialmente um cidadão legal de Cibbos e seria reconhecido como tal pela OPU. Para cada casamento que organizo, eu recebo um orçamento discricionário para que a noiva possa se mudar para sua nova casa e como dote para ajudá-la a começar sua nova vida.

Minhas costas enrijeceram com a compreensão repentina. Eu estreitei os olhos para Kayog — E o que estaria incluído em tal dote? — eu perguntei.

Seu sorriso se alargou — Qualquer coisa benéfica para o bem-estar da referida noiva — ele brincou — Veja bem, a OPU não pode negociar com os Zelconianos quaisquer armas e tecnologias que vocês ainda não tenham a capacidade ou o conhecimento para criar por conta própria. Mas os humanos já descobriram todas as coisas que vocês precisam para se defender contra os Yurus. Uma noiva humana de Kastan iria querer um dote de projetos tecnológicos – ofensivos e defensivos – que seus próprios artesãos pudessem construir e que seus aliados pudessem fazer bom uso. E se uma espécie nativa decidisse oficialmente se comprometer a proteger essa colônia, a OPU consideraria tal colônia como legítima, levantando assim todas as

restrições que lhe foram impostas.

Eu bufei e uma risada lenta saiu da garganta de Graith. Skieth, seu braço direito, balançou a cabeça, incrédulo, enquanto o resto do Conselho olhava para o Temern com admiração indisfarçável.

— Uma maneira tortuosamente inteligente de burlar as leis — Graith admitiu.

— Nós fazemos o que for preciso para proteger todos que podemos — Kayog respondeu — Naturalmente, tudo isso pressupõe que uma mulher humana da colônia consinta com tal união, e você também concorde com isso — Seus olhos se voltaram para mim e ele sustentou meu olhar com um olhar de desculpas — Eu não pretendo colocá-lo em uma situação difícil, mas pedir a uma humana que se case com um híbrido pode ser mais fácil do que tentar convencer alguém a se acasalar com um sangue puro.

Eu sorri — Você não me coloca em apuros, Kayog Voln. Eu concordo com sua avaliação. Mas você ficará satisfeito em saber que a filha do líder deles, Luana Torres, é minha companheira. Ela chamou minha alma quando esteve perante o Conselho esta manhã.

Desta vez, o Temern não fez nenhum esforço para esconder o choque, seguido por um sorriso radiante — Esta é uma notícia maravilhosa! Eu temia condenar um de vocês à prisão perpétua com uma companheira que não era destinada a vocês. Mas você apagou qualquer dúvida da minha mente de que este é o curso de ação correto.

— Luana ainda precisa consentir — eu avisei.

— Ela irá — Kayog disse com certeza — O povo dela está desesperado e você é sua alma gêmea. Contanto que seja alcançado um acordo com os Zelconianos, eu garanto que Luana consentirá.

— Então, vamos discutir os detalhes — Graith disse a Kayog, depois de sorrir para mim.



Capítulo 3

Luana

Eu olhei para o Temern em completo choque e descrença. Quando meu comunicador tocou, há pouco mais de meia hora, informando que o representante da OPU estava a caminho com uma proposta, meu coração disparou. Eu acreditei que minhas orações estavam sendo respondidas. Mas isso?

— Eu posso sentir sua angústia, Luana — Kayog disse em um tom gentil — mas esta é a melhor solução possível. Kastan se tornará uma colônia legítima da OPU. Você receberá protetores poderosos que permitirão que sua colônia continue a viver aqui em Cibbos, em vez de ser transferida para alguma colônia de refugiados com dificuldades. Os Zelconianos têm acesso à tecnologia necessária para manter o controle de seus cristais. E a OPU poderá retomar as negociações sobre um possível acordo de comércio justo com os Zelconianos.

— Sim, a melhor solução para todos, menos para mim e para o pobre Zelconiano que ficará preso comigo — eu murmurei — Esta é uma sentença de prisão perpétua!

Ao invés do olhar solidário – talvez até de culpa – que eu esperava do Temern, Kayog sorriu como se eu tivesse dito algo bobo.

— Na verdade, Luana, esta é a melhor solução, principalmente para vocês dois — ele respondeu — Quando eu fui negociar com os Zelconianos, esperava que fosse uma venda difícil, já que a espécie deles acasala para o resto da vida. O vínculo é sagrado para eles. Um casamento de conveniência seria quase uma blasfêmia. No entanto, acontece que você, minha querida, é a alma gêmea que um deles estava procurando. E aqui estava você, a apenas um curto voo de distância.

— É sério?

O agente riu do meu tom duvidoso e expressão incrédula.

O agente riu do meu tom duvidoso e expressão incrédula.

— É sério — ele repetiu com um aceno de cabeça — Assim como nós, Temerns, os Zelconianos são empáticos. Ao contrário de nós,

quando eles encontram sua pessoa especial, eles se vinculam. É uma reação física e espiritual que só pode ocorrer com uma única pessoa em todo o universo. No momento em que você entrou na sala, Dakas sentiu o chamado de sua alma e passou a reunião lutando contra o desejo de se conectar com você.

Eu me mexi na cadeira, sem saber como me sentir sobre isso. Obviamente, eu ainda estava assustada por ter que me casar com um estranho para salvar a colônia. Recusar não era uma opção – eu faria qualquer coisa pelo meu povo, para preservar o nosso modo de vida e para permanecer no único planeta que alguma vez conhecemos. Mas a possibilidade de que este pudesse ser realmente um casamento feliz ao invés de uma prisão me deu esperança. Os Temerns não mentiam e a sua capacidade de prever uma união bem-sucedida era lendária.

— E você concorda com a avaliação dele de que somos uma boa combinação? — eu perguntei.

— Com certeza! Quando eu o encontrei antes, senti a sinceridade de sua crença de que você era sua alma gêmea. Mas depois de conhecê-la e avaliar empaticamente sua personalidade, posso confirmar que vocês combinam perfeitamente — ele sorriu e esticou as asas atrás dele — Obviamente, haverá momentos estranhos. Vocês são espécies diferentes, com culturas muito diferentes. O vínculo também não significa amor instantâneo. Seus sentimentos um pelo outro crescerão com o tempo, como acontece com qualquer outro casal. Mas contanto que você mantenha a mente aberta, garanto que as coisas funcionarão maravilhosamente bem.

Eu fiz uma careta enquanto pesava suas palavras. Kastan era uma colônia de tamanho decente, mas não enorme. Eu já tinha aceitado o fato de que provavelmente continuaria solteirona, pois não conheci ninguém com quem pudesse me imaginar casando. Na pior das hipóteses, eu teria me contentado com alguém tolerável para cumprir meu dever de ajudar a aumentar a população. Descobrir que eu acabaria com meu ‘Príncipe Encantado’ deveria ser emocionante... mas um príncipe com bico?

— Bem, acho que não faz sentido ficar insistindo se é algo inevitável — eu disse com um suspiro pesado — Pelo menos eu sei que somos compatíveis, já que havia um híbrido humano-Zelconiano na câmara do Conselho.

— Esse híbrido é a sua alma gêmea — Kayog interveio.

— Ele é?!

Ele assentiu com aquele sorriso estranho endurecido pelo seu bico — Você está satisfeita com esta notícia?

Eu não sabia como responder sem parecer grosseira. Eu me contorci inquieta na cadeira enquanto procurava as palavras certas.

— Para ser honesta, sim, estou. Eu acho que o fato dele ser meio-

humano o torna mais... identificável? — eu disse timidamente.

— E você não terá que se preocupar com ele te bicando, pois ele não tem bico — Kayog brincou.

Eu olhei para ele, me perguntando se ele estava falando sério — Vocês não fazem isso, não é?

Ele riu, mas não respondeu, me deixando ainda mais curiosa.

— Se estivermos de acordo, eu informarei Dakas para que ele venha aqui para a cerimônia humana — Kayog continuou — O tempo é essencial. Os Yurus podem atacar a qualquer dia. Dakas ficará aqui até que sua aldeia esteja segura. Depois, você deverá morar com ele em Synsara, onde realizará o ritual de ligação Zelconiano. Mas lembre-se... isso é para toda a vida. A Agência Prime costuma conceder aos casais um período experimental de seis meses. Mas ele não se aplica aqui. Depois de vincular a alma, isso será permanente até que um de vocês morra.

Um arrepio percorreu minha espinha. Ele estava apenas se certificando de que eu sabia com o que estava me comprometendo, mas isso ainda me assustou.

— Eu entendo. E sim, estamos de acordo.

— Excelente! Estou enviando a mensagem para Dakas agora — Kayog disse.

— Preciso contar aos outros antes da cerimônia — eu disse, ficando de pé, com os joelhos tremendo.

— Claro — ele respondeu com um aceno de cabeça.

Eu saí de casa e encontrei todos amontoados do lado de fora, a mesma tensão visível em todos os rostos.

— Eu tenho boas notícias — eu gritei para ser ouvida pela maioria — Mas vamos ao Salão Principal para discutir isso.

Gritos entusiasmados e expressões de alívio receberam minhas palavras, alguns rostos até chorando. Naquele instante, eu percebi que, com um casamento feliz ou não, eu tomei a decisão certa para salvar meu povo. Eles me seguiram até o Salão Principal, todos os assentos sendo preenchidos rapidamente, o resto da colônia ficando nos fundos, ao longo das paredes do edifício oval.

Quando eu apresentei a versão abreviada do acordo, o choque e a consternação rapidamente deram lugar à empolgação com a legitimidade e a proteção que o meu casamento arranjado proporcionaria. Meu peito se contraiu quando percebi que nenhum deles parecia muito perturbado por eu ter sido oferecida como cordeiro sacrificial. Ninguém lamentou ou expressou preocupação pelos meus sentimentos. Eles só se importavam em como minha mudança de status os afetaria.

— Você é a médica da colônia — Moira disse — Quem vai nos tratar se você for morar lá? E quanto a todos os nossos homens – e eu

pai – atualmente feridos?

— Synsara fica a um voo de apenas vinte minutos em um zeebis. Eu ainda poderei descer e cuidar de vocês. Tilda também é uma enfermeira qualificada, mais do que capaz de lidar com a maioria dos ferimentos leves do dia a dia — eu respondi — E como eu afirmei no início, meu marido Zelconiano ficará aqui conosco até que a aldeia esteja segura. Tenho fé que meu pai estará pronto e ativo até lá. Caso contrário, podemos reavaliar.

— Eles vão se tornar nossos governantes? — Albano perguntou. Isso provocou muitos murmúrios preocupados na plateia.

— Não, eles não vão. Estamos apenas nos tornando aliados. Cada um de nossos povos continuará a se autogovernar como sempre fizemos. Eles só vão nos ajudar a lutar contra os Yurus — eu disse.

Eles me encheram de inúmeras perguntas, algumas completamente fúteis. Apesar de tudo isso, o olhar ressentido de Martin me perfurou. Ele parecia pensar que eu tinha encontrado um marido estranho apenas para negar o que ele sempre considerou seu por direito.

— Eles estão se aproximando! — uma voz gritou no fundo do corredor.

Quem poderia imaginar que a chegada do meu futuro marido, que só conheci esta manhã e com quem mal conversei, me deixaria tão feliz? Eu também estava mais do que cheia daquelas perguntas. Eu abri caminho entre a multidão que corria para fora para testemunhar.

Assim que eu saí do prédio, meus olhos se ergueram para o céu, onde as silhuetas escuras de três Zelconianos ficaram mais distintas. Eu atravessei a multidão e fiquei ao lado de Kayog e do Conselheiro Allan perto da entrada do templo.

Os três homens pareciam majestosos sob o sol do início da tarde, com as asas batendo quase em perfeita sincronia quando iniciaram a descida.

— As asas negras dos anjos da morte.

A voz de Martin proferindo essas palavras com desprezo me assustou. Eu fiquei fascinada demais com a chegada do meu futuro marido, acompanhada por seus parceiros, para perceber sua aproximação. Eu reprimi a resposta afiada que queimava minha língua e optei por ignorá-lo.

Dakas pousou graciosamente alguns metros à nossa frente, seus dois amigos pousando com a mesma tranquilidade e sem esforço. Assim que se endireitou, Dakas dobrou suas magníficas asas azul-escuro e abriu sua crista em forma de leque como um pavão faria com sua cauda. Ele a havia fechado em um feixe estreito durante o voo, provavelmente para ficar mais aerodinâmico.

Embora seus olhos cheios de constelações tornassem difícil saber especificamente para onde um Zelconiano estava olhando, eu sabia

que Dakas havia fixado seu olhar em mim. Eu não sabia qual seria a reação dele quando nos encontrássemos novamente, mas não que ele exibisse essa expressão gentil, quase admirada. Eu me vi sorrindo instintivamente. Seu rosto se suavizou ainda mais e um sorriso doce, quase tímido, esticou seus lábios humanos muito sensuais. Era estranho que a palavra “tímido” tivesse entrado em minha mente, já que intimidante descreveria melhor essa montanha de homem.

Assim como os Zelconianos puro-sangue, ele não usava roupas. Ao contrário deles, ele tinha muita pele humana exposta no rosto, braços, abdômen e pernas. Apenas seus ombros, peito e pescoço estavam cobertos por diferentes tipos de penas. A princípio, eu acreditei que ele não tivesse nenhuma em volta da virilha, mas agora pude ver penas muito finas abraçando a pele da região pélvica, da mesma cor azul-clara de sua pele. A completa ausência de protuberância parecia confirmar minha suposição de que, como os sangue puro, seus órgãos reprodutivos retraíam-se para dentro do corpo. Para minha surpresa, o que eu presumi serem mechas de cabelo liso e azul na parte de trás de sua cabeça eram, na verdade, longas penas.

Agora que a minha ansiedade e pânico pelo destino da colônia já não me distraíam, eu pude apreciar melhor que, apesar da sua alteridade, o meu Dakas era bastante agradável aos olhos.

— Luana — Dakas disse, inclinando levemente a cabeça em saudação — É um prazer vê-lo novamente, desta vez em circunstâncias mais auspiciosas.

Minha pele se arrepiou ao som de sua voz profunda e melódica dizendo meu nome. Descrevê-la como semelhante a uma carícia física não fazia justiça. Ela era suave, quente e amanteigada, mas pecaminosamente decadente como morangos frescos mergulhados em chocolate amargo derretido.

Um sorriso conhecedor esticou seus lábios, e meu rosto esquentou quando percebi que suas habilidades empáticas haviam delatado o quão profundamente o mero som de sua voz me afetava.

— Este é meu irmão Renok e meu primo Minkus — Dakas disse, acenando para os dois Zelconianos ao seu lado.

Eles inclinaram a cabeça educadamente em saudação.

— Bem-vindos à nossa aldeia, Dakas, Renok e Minkus — eu disse enquanto colocava nervosamente uma mecha do meu cabelo encaracolado atrás da orelha. Depois eu gesticulei para os dois homens à minha direita — Vocês já conhecem Kayog Voln. E este é Allan Stuart, nosso Conselheiro Espiritual.

Dakas sorriu para Kayog e depois olhou para Allan por um segundo antes de acenar com a cabeça para ele em saudação.

— O Conselheiro Allan está autorizado a realizar casamentos humanos reconhecidos pela OPU — Kayog disse — Ele concordou em

presidir a cerimônia abreviada entre Luana e você.

— Qual é a pressa? — Martin perguntou, sua voz alta o suficiente para ser ouvida pela multidão que nos olhava com indisfarçável curiosidade — Um acordo foi realizado com os Zelconianos. Isso é ótimo, mas deveríamos trabalhar nas defesas, e não forçar um casamento sem a devida preparação.

— Martin! — Eu exclamei, olhando para ele sem acreditar.

— Não me venha com Martin! — ele respondeu como se meu comportamento fosse escandaloso — Seu pai esperou a vida inteira para levá-la até o altar, e você quer participar de uma cerimônia rápida pelas costas dele, com um completo estranho... e enquanto ele está lutando por sua vida?

— Você não se importa com o estado do pai de Luana ou com sua incapacidade de estar aqui — Dakas disse com uma voz gelada, seus olhos misteriosos perfurando Martin — Você quer bloquear essa conexão por despeito, porque a mulher que você cobiça, mas que nunca o quis de volta, está prestes a escapar por entre seus dedos e se casar com outro.

Martin empalideceu antes de seu rosto ficar vermelho de humilhação quando alguns suspiros chocados, bufos e risadas irromperam da multidão.

— Você não sabe do que diabos está falando! — ele sibilou — Mas ei, se você quer vir aqui às pressas e desrespeitar o pai dela, fique à vontade. O problema é seu.

De queixo caído, eu o observei dar a volta e marchar para longe, empurrando para longe as pessoas que tiveram a infelicidade de estar em seu caminho.

— Ele se tornará um problema — Dakas disse pensativo.

Isso me tirou do meu torpor — Martin é inofensivo. Ele simplesmente tem um ego enorme e odeia perder. Ele vai superar isso — eu disse com desdém.

Dakas olhou para mim em silêncio. Eu pude ver que não tinha chegado nem perto de convencê-lo. Suas habilidades empáticas revelaram um lado ainda mais sombrio do meu irritante ex-prestendente?

— É sério, ele vai superar isso — o Conselheiro Allan disse com certa rigidez enquanto olhava para as costas de Martin recuando — Haverá muito tempo para realizar uma cerimônia formal de casamento ou uma renovação de seus votos assim que Mateo estiver totalmente recuperado e a segurança de nossa colônia estiver garantida.

Murmúrios de aprovação da multidão saudaram suas palavras.

— Eu concordo — Kayog disse — Devemos prosseguir.

Ele apontou para a entrada do templo e nós entramos em silêncio.



Capítulo 4

Dakas

Eu controlei a raiva que o humano chamado Martin despertou dentro de mim antes mesmo de pousar em Kastan. Elevando-se acima das emoções de admiração e esperança que os outros aldeões projetaram ao testemunharem nossa aproximação, a energia espiritual que emanava dele parecia viscosa.

Eu não fiquei ressentido por ele cobiçar Luana. Como ele não poderia? Além de suas características harmoniosas, sua aura era deliciosa. Qualquer um gostaria de admirá-la. Mas aquele homem era muito egocêntrico para sequer apreciar isso. Ele não transmitia nenhum amor ou afeição por ela, apenas uma possessividade consagrada em um sentimento de direito. Ele queria usar minha Luana para seus próprios meios. Isso por si só me fez coçar com a necessidade de espancá-lo até virar carne moída.

No entanto, seu comentário sobre a pressa para o casamento me enfureceu ainda mais. Embora ele soubesse que isso era uma causa perdida, ele pronunciou as palavras para ferir os sentimentos de minha companheira e fazê-la se sentir culpada por não ter esperado por seu pai. Ele procurou arruinar processos que já eram desafiadores para Luana. Mais cedo ou mais tarde, eu o faria pagar por isso. Humilhá-lo em público foi apenas a primeira salva. Ninguém mexe com minha mulher e sai impune.

Nós entramos no prédio de madeira que eles chamavam de templo. Assim como todo o resto na aldeia, ele era de design simples – se não humilde em excesso. Um amplo corredor que conduzia a um pequeno estrado na frente da grande sala retangular separava fileiras de bancos almofadados. Um púlpito ocupava o canto esquerdo do estrado, e uma mesa longa mas estreita ficava no centro, sem dúvida servindo como altar. Nenhum sistema de iluminação iluminava o espaço graças à luz natural que entrava pelas enormes janelas que revestiam ambas as paredes laterais. Duas pequenas portas indicavam salas privadas de cada lado do estrado.

O Conselheiro Allan nos conduziu direto ao altar, se posicionando diante dele. Eu franzi a testa, percebendo que ele estava prestes a iniciar a cerimônia abreviada que Kayog havia mencionado.

— Eu gostaria de conversar em particular com Luana antes de você realizar este ritual — eu disse.

Minha companheira enrijeceu e uma onda de preocupação saiu dela. Ela achou que eu estava reconsiderando?

— É claro — Kayog disse, percebendo minhas verdadeiras intenções. Ele se virou para o Conselheiro e apontou para uma das duas portas laterais — Eles poderiam usar uma dessas salas?

O Conselheiro assentiu com uma leve hesitação, um olhar preocupado também descendo por suas feições enrugadas — Sim. Eles podem usar meu escritório. Ele está destrancado — ele disse, apontando para a porta à nossa direita.

— Obrigado — eu disse, e depois sorri gentilmente para minha companheira.

Ela retribuiu meu sorriso, o dela cheio de incerteza e um pouco de confusão, e então seguimos em direção ao escritório sob os olhares pesados de Kayog, o Conselheiro, e dos aldeões que ainda entravam no prédio. Eu abri a porta e acenei para Luana entrar. Ela acenou com a cabeça em agradecimento e passou rapidamente por mim. Assim que eu fechei a porta atrás de mim, ela cruzou as mãos na frente do corpo e apontou para mim seus lindos olhos castanho-escuros, cheios de preocupação.

— Paz, Luana — eu disse com uma voz suave — Não há necessidade de alarme. Tudo está bem. Estamos prestes a unir nossas vidas um ao outro para sempre, mas mal trocamos algumas palavras. Eu gostaria de tranquilizá-la sobre minhas intenções antes de prosseguirmos.

Seus ombros caíram quando a tensão foi drenada deles, e ela respirou aliviada — Certo. Nós realmente não tivemos a chance de conversar, não é? — ela disse com um sorriso nervoso.

— Não tivemos — eu repeti gentilmente — Não há muito tempo agora, então eu serei breve. Nós teremos uma vida inteira para compensar isso.

Eu movi minhas asas para aliviar um pouco da tensão que crescia em minhas costas, enquanto escolhia cuidadosamente minhas palavras.

— Nossos respectivos povos e a OPU veem nossa união como uma transação benéfica para todas as partes envolvidas — eu continuei — Você está entrando nisso por dever para com seu povo. Mas *eu* estou entrando porque isso me tornará completo. *Você* vai me deixar completo.

Seus lábios se separaram em choque e seus olhos se arregalaram ao

ouvir minhas palavras.

— No minuto em que você entrou na sala do Conselho esta manhã, você me chamou. Você é a outra metade da minha alma. A situação com os Yurus e as promessas da OPU não contribuem em nada para o meu consentimento a esta união. Com ou sem esta situação, agora que eu a encontrei, eu teria vindo aqui para cortejá-la — eu disse com fervor — As ambições de Vyrax apenas aceleraram o processo. Mas para mim, sempre teria sido você.

Luana soltou as mãos para pressionar uma palma contra o peito, olhando para mim como se não soubesse lidar com as palavras que saíam da minha boca.

— O que quer que você sinta sobre esta situação, e embora sejamos estranhos, saiba que eu entro nesta união com o coração feliz. A forte atração do chamado de acasalamento que eu sinto em sua presença confirma que, com o tempo, à medida que você e eu nos conhecermos, nos apaixonaremos profundamente. Eu não tenho expectativas ou exigências de você neste estágio inicial de nosso vínculo. Só peço que você mantenha a mente aberta e dê uma chance ao nosso relacionamento.

— Eu... eu posso fazer isso — Luana disse com um sorriso tímido.

— Ótimo — eu disse em um tom suave — Meu dever número um é garantir sua felicidade. Afinal, eu sou um empata. Suas emoções são minhas emoções. Quanto mais alegria eu te der, mais feliz eu serei.

— Esposa feliz, vida feliz — Luana sussurrou com algo semelhante ao auto-escárnio.

Eu inclinei a cabeça para o lado, sentindo que havia um significado maior naquela expressão desconhecida, porém precisa.

— De fato — eu respondi.

Ela examinou minhas feições por alguns segundos, uma série de emoções passando pelo seu lindo rosto.

— Obrigada por isso — ela disse finalmente — Até agora, eu não percebi o quanto precisava dessa conversa. Eu estou me sentindo um pouco sobrecarregada com esta situação. Eu não conheço você, e vincular minha vida a um completo estranho até o dia de minha morte é uma perspectiva assustadora. Mas Kayog também disse que você é meu par perfeito, e todos sabem que os Temerns têm um histórico impecável nesse aspecto. Pelo que eu vejo, você parece um macho muito legal... er, homem. E eu realmente quero que isso funcione.

— Então vamos fazer isso funcionar juntos — eu disse, estendendo a mão para ela.

Luana sorriu e colocou a dela na minha. A onda de esperança e empolgação que irradiava da minha companheira me envolveu em uma carícia gentil que me fez querer abraçá-la. Eu engoli em seco para controlar essa resposta instintiva. Eu apertei suavemente a mão dela e

a segurei enquanto a conduzia de volta para a sala principal do templo.

Em circunstâncias diferentes, a expressão de espanto dos aldeões ao verem Luana e eu andando de mãos dadas teria me feito rir. No entanto, a presença deles me irritou profundamente. A ligação de duas almas não era um espetáculo para uma multidão ficar boquiaberta. Foi um momento sagrado e solene a ser partilhado em privado pelos dois espíritos tornando-se um. Embora Kayog tenha explicado que, para os humanos, era um momento de celebração a ser compartilhado com amigos e familiares que vinham apoiar o casal, isso ainda me irritava.

Eu lutei contra a vontade de invocar um pesadelo que faria com que todos saíssem da sala e, em vez disso, me concentrei nas emoções positivas de Luana. Esse era o costume de seu povo. Eu honraria isso. A expressão divertida de Kayog me fez querer jogar algo nele. O homem mais velho sabia exatamente quais sentimentos estavam passando por mim. Mas sua aprovação quase paternal ao ver minha companheira e eu de mãos dadas – e especialmente a aura de paz que minha conversa com Luana lhe dera – diminuiu minha irritação.

A sinceridade com que o Temern desejou que minha mulher e eu tivéssemos uma união feliz me comoveu profundamente.

Nós voltamos ao Conselheiro, que ainda estava diante do altar.

— Nós estamos prontos para prosseguir — eu disse a ele.

— Muito bem — o Conselheiro Allan respondeu — Por favor, fiquem de frente um para o outro e segurem as mãos um do outro.

Luana e eu obedecemos. Seu nervosismo tomou conta de mim como um enxame de borboletas roçando minha pele. Felizmente, agora ela estava desprovida do medo quase em pânico que a sufocou antes.

— Luana Torres, filha de Mateo Torres e Emilia Garcia, você aceita livremente esse homem Zelconiano, Dakas Wakaro, como seu legítimo marido? — ele perguntou.

— Aceito — Luana respondeu.

— Dakas Wakaro, filho de William Wakaro e Ireia Anteis, você aceita livremente esta mulher humana, Luana Torres, como sua legítima esposa? — o Conselheiro Allan então me perguntou.

— Aceito — eu respondi.

— Kayog Voln, você testemunha que esta mulher, Luana Torres, e este homem, Dakas Wakaro, se comprometem livremente e desejam ser legalmente casados um com o outro, de acordo com as leis humanas e galácticas?

— Sim, eu confirmo — Kayog disse.

— Pelo poder que me foi conferido pelo Colégio Clerical da Terra e pela Organização dos Planetas Unidos, eu os declaro marido e mulher — o Conselheiro disse — Dakas Wakaro, você pode beijar sua noiva.

Eu sempre fantasiei em beijar, pensando que nunca o faria até esta manhã, quando minha Luana entrou na minha vida. Mas agora que eu finalmente conseguiria fazer isso, a curiosidade mórbida da multidão me fez mais uma vez me coçar de vontade de destruir suas mentes por profanarem o que deveria ser um momento sagrado entre minha alma gêmea e eu.

Embora eu não conseguisse ler seus pensamentos reais, suas emoções eram fortes o suficiente para que eu conseguisse uma imagem. Para alguns, me ver beijar Luana era como assistir a um show de horrores. Para outros, era como assistir a um cordeiro sacrificial prestes a ser abatido. O que eles esperavam? Que de repente eu ficaria selvagem e arrancaria metade do rosto dela com uma mordida? Depois, houve aqueles que sentiram nojo misturado com indignação por uma das suas melhores ser “arruinada” por uma coisa como eu, meio homem, meio besta. E, finalmente, houve alguns que só queriam que esses procedimentos fossem realizados para que pudessemos começar a trabalhar para deixá-los seguros.

Por mais que a presença indesejada deles me irritasse, eu não ia deixá-los estragar meu primeiro beijo. Mas segundos antes de me fechar para suas emoções, eu senti uma onda de paz irradiar de Kayog e tomar conta de mim. Eu não sabia se sorria em gratidão ou ficava irritado comigo mesmo por quão pouco eu parecia capaz de controlar minhas emoções desde que conheci minha companheira.

Mas o olhar expectante e um pouco tímido nos olhos da minha mulher funcionou como o escudo mais potente. Nosso ambiente desapareceu quando eu mergulhei nas profundezas de seus olhos castanhos escuros. Minha pele formigou com as ondas de antecipação que fluíam de Luana quando abaixei meu rosto e pressionei minha boca na dela.

Ancestrais!

Seus lábios eram tão macios, tão quentes... A pequena partícula de excitação brilhando dentro de Luana acendeu um inferno dentro de mim. Foi preciso toda a minha força de vontade para não soltar suas mãos e puxar seu corpo contra o meu. Eu relutantemente quebrei o beijo, mas não consegui desviar meu olhar do dela. A mais deliciosa mistura de esperança, alegria e admiração florescia dentro da minha Luana. Ela ainda não conseguia ler minhas emoções, mas conseguia sentir a química entre nós.

Apesar das dúvidas e incertezas que permaneceriam em sua mente por um tempo, minha companheira estava começando a acreditar em nós como casal.

O som do Conselheiro limpando a garganta tirou Luana e eu do transe em que havíamos caído. Nossas cabeças viraram em direção a ele. A pele bronzeada de Luana ficou com um lindo vermelho,

enquanto minha pele azul assumiu um tom mais escuro, meu constrangimento aumentado pelo dela.

Kayog escondeu uma risada atrás de uma tosse enquanto a multidão me lembrava de sua presença desagradável batendo palmas e nos parabenizando. Os aldeões saíram lentamente do prédio e o Conselheiro fez com que Luana e eu assinássemos as certidões de casamento pressionando os polegares em locais específicos em um datapad.

— Normalmente, seria esperado que você realizasse o ritual de vínculo Zelconiano hoje para que este acordo fosse totalmente válido — Kayog disse depois que o Conselheiro se despediu — Mas dadas as circunstâncias, e como os costumes Zelconianos exigem privacidade e um ambiente específico, nós concedemos a vocês uma prorrogação de uma semana para que vocês possam se concentrar primeiro em proteger a colônia. Nós confiamos que vocês agirão de boa fé e honrarão o acordo.

— Eu irei — Luana disse com voz firme e cheia de sinceridade.

— Assim como eu — eu disse.

— Ótimo! Agora eu vou me despedir — Kayog disse — Nas próximas horas, alguns projetos serão encaminhados para seu comunicador, Luana, e algumas naves entregarão materiais e equipamentos oferecidos a vocês dois como dote.

— *Algumas* naves? — Luana perguntou surpresa — Quanta coisa você está enviando?

O sorriso travesso de Kayog me disse que receberíamos muito mais do que o esperado.

— A quantia certa — o Temern respondeu misteriosamente — Eu desejo a vocês dois o melhor. Se precisarem de alguma coisa, não hesitem em entrar em contato comigo.

Depois de nos despedirmos, nós vimos Kayog sair do templo.

— Os humanos estão ficando inquietos, irmão — Renok disse em tom de desculpas.

Eu balancei a cabeça — Sim, eu posso senti-los — Eu me virei para Luana — Embora não seja o ideal, devemos adiar nos conhecermos melhor, minha companheira. Por enquanto, eu gostaria que você nos desse uma visão geral das atuais defesas da aldeia.

— É claro — A aura de esperança de Luana passou de aspirações pessoais para entusiasmo pelo bem-estar geral do seu povo — Por aqui, por favor.

A satisfação das pessoas ao nos verem finalmente saindo do templo era quase palpável. Elas nos seguiram a uma distância respeitável enquanto Luana nos conduzia pelo perímetro da aldeia.

— Não há feras predadoras por perto, então nunca nos preocupamos com um muro defensivo antes — Luana disse se

desculpando, o constrangimento crescendo dentro dela à medida que a extensão de sua falta de defesas se tornava cada vez mais óbvia — Mas Martin e sua equipe têm trabalhado ativamente para erguer um desde que as coisas azedaram com os Yurus. Você pode ver os pilares principais subindo ao redor. Nós também temos alguns sensores de movimento e nossos caçadores estão montando armadilhas.

Meu irmão, meu primo e eu sentimos a mesma consternação. O que eles estavam construindo era completamente inútil e tão inadequado, se não pior, do que a sua anterior falta de preparação. Embora eu tentasse manter uma expressão neutra e me abstinêsse de transmitir minhas emoções no nível psíquico, Luana percebeu que eu não estava impressionado.

— É tão ruim assim? — ela perguntou timidamente.

— Receio que seus esforços sejam completamente inúteis, minha companheira — eu disse em um tom gentil — Todo esse trabalho que vocês estão fazendo será pisoteado em segundos pelos Yurus. Aqui, deixe-me mostrar.

Eu caminhei até um dos grandes postes de madeira que haviam fincado no chão e que serviriam de suporte para o muro. Eu abri meus dedos enquanto minhas garras afiadas se projetavam. Luana olhou em choque enquanto eu batia com as duas mãos no poste, uma após a outra, cortando profundamente a casca. Eu imediatamente prossegui com um chute sólido com a planta do pé logo acima do ponto enfraquecido. Eu esperava que a parte superior do poste dobrasse e tombasse. Em vez disso, toda a metade superior se partiu e voou a poucos metros de distância.

Um suspiro geral surgiu atrás de mim vindo dos espectadores.

— Não pode ser! — Luana sussurrou incrédula.

— Eu sou um híbrido, o que me torna um pouco mais fraco do que os Zelconianos de sangue puro, que são geralmente mais fracos do que os Yurus — eu disse factualmente — Se eu consegui destruir uma das principais vigas de suporte da sua muralha protetora com *tanta* facilidade, imagine o que um exército de Yurus faria.

— Ei! Que porra você está fazendo?! — a voz desprezível de Martin exclamou ao longe.

Eu me virei para vê-lo abrindo caminho no meio da multidão, com uma expressão de indignação no rosto.

— Eu achei que o objetivo deste *casamento* era para que você pudesse nos ajudar a fortalecer nossas defesas. Mas em vez disso você as derruba? — ele acrescentou, colocando o máximo de desprezo que pôde na palavra “casamento” para me irritar. Antes que Luana ou eu pudséssemos responder, ele a encarou para continuar vomitando seu veneno — E você fica aí boquiaberta como um peixe fora d’água enquanto ele faz isso em vez de intervir? Que tipo de líder você é?

Desta vez, minha raiva aumentou. Me ataque o quanto quiser, mas não se atreva a atacar minha companheira. Rosnando, eu dei um passo em direção a ele.

Para minha surpresa, Luana agarrou meu antebraço e se lançou na minha frente. Seus lindos olhos, voltados para Martin, lançavam adagas.

— Em primeiro lugar, eu não sou sua líder. Eu sou filha do seu líder. Mas no minuto em que as coisas esquentaram, todo mundo desanimou e jogou essa bagunça no meu colo para cuidar — Luana retrucou com uma ferocidade que eu não esperava dela — Em segundo lugar, se estou boquiaberta como um maldito peixe, é porque estou chocada ao ver o quão pateticamente frágeis são essas supostas defesas que *você* tem construído para nós. Dakas simplesmente deu um tapa naquele mastro e ele tombou. E isso deveria manter seguras as centenas de almas desta aldeia? Em vez de se tornar um incômodo, você deveria calar a boca – pelo menos uma vez – e tentar aprender uma ou duas coisas com as pessoas que realmente sabem o que estão fazendo e que estão tentando consertar o que você não conseguiu realizar.

Renok e Minkus emitiram o típico arrulhar Zelconiano, que seria o equivalente a um bufo humano. Eles não fizeram nenhum esforço para esconder sua diversão com o fato de minha companheira ter colocado o desgraçado em seu lugar. Eu não reprimi o sorriso malicioso que brotou em meu rosto, embora ainda estivesse ansioso para lhe dar uma surra adequada. Essa reação da minha Luana me agradou muito. Ela parecia tão tímida desde a minha chegada em Kastan que eu me perguntei o que havia acontecido com a chama interior que tive um vislumbre quando ela saiu furiosa da câmara do Conselho mais cedo.

Enquanto a multidão ria, o rosto de Martin ficou tão vermelho que eu comecei a me perguntar se ele estava engasgado. Mas por mais que eu quisesse esfregar isso na cara dele, a situação da colônia era muito mais terrível do que eu esperava. Agora não era hora de resolver rivalidades ou mostrar qual homem era o mais forte – não que isso precisasse de esclarecimento.

— No momento, sua aldeia está basicamente indefesa — eu disse em tom severo — Todas as coisas que vocês prepararam serão facilmente contornadas e ainda mais rapidamente destruídas por apenas um punhado de Yurus. Seja qual for o seu descontentamento, não há tempo para brigas e discussões. Os Yurus podem atacar a qualquer momento. Se não erguermos defesas adequadas rapidamente, não haverá mais aldeia para salvar.

Murmúrios de aprovação surgiram entre os aldeões.

— É bom que vocês não estejam muito avançados com o que planejaram construir — eu continuei — Isso nos poupará um tempo

precioso que, de outra forma, teria sido desperdiçado destruindo tudo. Podemos usar muitos dos postes já plantados. Nós os reforçaremos e eles servirão para apoiar os relés que conectarão os campos de energia que construiremos.

— Campos de energia? — disse uma mulher mais velha no meio da multidão, parecendo ao mesmo tempo chocada e atordoada, como se eu tivesse dito algo ofensivo — Isso parece ser de alta tecnologia. Nós viemos para Cibbos porque optamos por rejeitar a tecnologia.

Luana revirou os olhos antes de lançar um olhar incrédulo para a mulher — Jenna, sério?

— Eles estão aqui para nos proteger — argumentou a mulher mais velha chamada Jenna, com o rosto assumindo uma expressão teimosa — não para mudar nosso modo de vida.

— E como você propõe que protejamos vocês? — eu perguntei em um tom factual — Atirando paus e pedras em pessoas que virão contra nós com pistolas e raios laser?

O rosto de Jenna esquentou e ela encolheu de vergonha. As emoções que emanavam dela eram interessantes. Além de sua humilhação com a resposta óbvia, ela ainda não queria que seu estilo de vida fosse alterado. Eu não tive prazer em envergonhá-la, mas toda a colônia precisava abrir os olhos e encarar a realidade.

— Se vale de alguma coisa, meu povo e eu não nos importamos com como vocês conduzem suas vidas diárias em sua aldeia. Vocês podem ser – e permanecer – tão primitivos quanto desejarem — eu continuei com uma voz mais suave — Mas quando se trata de defendê-los, seremos eu e meu povo que colocaremos nossas vidas em risco. Nós faremos isso usando ferramentas que realmente possuem chance de derrotar o inimigo e manter todos ao nosso lado seguros. Então, sim, tecnologia avançada será instalada em todo o perímetro da sua aldeia, e algumas no centro, em locais estratégicos.

Embora alguns ainda parecessem desconfortáveis com isso, todos pareceram dar sua aprovação.

— Agora, se terminarmos de discutir, eu vou me comunicar com meu povo para que possamos começar a trabalhar — eu disse, projetando alto o suficiente para que todos pudessem me ouvir — Aqueles que desejam e podem ajudar nas obras, por favor, reúnam-se perto do poste danificado — Eu me virei para meu irmão e meu primo, que se aproximaram de mim — Eu gostaria que vocês dois explorassem a área em busca de qualquer ameaça ou fraqueza iminente que precisemos resolver imediatamente.

Eles assentiram e levantaram voo, cada um indo em uma direção diferente. Meus olhos ficaram fora de foco enquanto minha mente procurava a de Graith. Em segundos, nossas mentes se conectaram. Eu rapidamente o informei sobre a situação e quantas pessoas e recursos

seriam necessários.

— *Entendido. Estaremos aí em breve* — Graith respondeu mentalmente.

— *Obrigado, Exarca* — eu disse respeitosamente antes de me desconectar de sua mente.

O olhar preocupado no rosto de Luana enquanto eu me concentrava novamente no que estava ao meu redor arrancou de mim um sorriso culpado.

— Me desculpe, minha companheira. Eu estava me comunicando telepaticamente com nosso líder para solicitar que ele enviasse nosso povo — eu expliquei — Quando você me vir ficar imóvel de repente, geralmente estou me comunicando mentalmente com alguém.

— Oh, tudo bem. Agradeço por ter esclarecido. Você ficou tão quieto que estava me assustando — ela disse com aquela risada nervosa que dava a impressão de que ela era uma coisinha tímida.

Eu sorri e resisti à vontade de acariciar seu rosto antes de me virar para me dirigir às quase cinquenta pessoas – a maioria homens e algumas mulheres jovens – que se reuniram em torno do pilar quebrado. Depois de dar algumas instruções, eu peguei alguns dos postes de madeira 2x2 empilhados nas proximidades e os quebrei em pequenas estacas que plantei no chão em intervalos específicos para indicar onde as grandes vigas deveriam ser movidas ou erguidas ao longo da periferia do terreno da aldeia.

Embora tenha exigido pouco esforço para fincar uma das estacas firmemente no chão com um único movimento, a sensação de admiração que isso provocou em minha mulher me fez querer estufar o peito. Para meu constrangimento, eu comecei a me exhibir. Eu gostava de me deleitar com sua admiração.

A chegada do meu povo fez com que eu me controlasse. Ainda assim, o orgulho encheu meu coração enquanto observava o céu escurecer com um grande bando de Zelconianos. Eles pareciam impressionantes enquanto voavam em formações disciplinadas, suas asas largas batendo em perfeita sincronia. Cada unidade cercava uma grande caixa flutuante contendo, entre outras coisas, os preciosos cristais que tornariam a vila segura.

Intimidada, a multidão recuou quando meu povo pousou. Considerando como nos elevamos sobre eles uma cabeça inteira, eu pude ver por que eles se sentiram nervosos.

— *Você não vinculou a mulher a você* — Graith me disse mentalmente no minuto em que seus pés com garras tocaram o chão a alguns metros de mim — *Por quê?*

— *Eu quero que isso seja feito corretamente, em particular. E, especialmente, eu quero que ela fique totalmente informada sobre o que isso significará para ela seguir em frente. Eu não permitirei que minha*

companheira seja pega de surpresa nisso — eu respondi telepaticamente com determinação.

— *Quando?* — Graith insistiu.

— *Assim que esta aldeia estiver protegida.*

— *E se ela desistir depois de receber o que queria?* — ele perguntou.

A questão era factual, desprovida de desconfiança real.

— *Luana honrará sua palavra. Nós já estamos vinculados ao ritual humano. Assim que a segurança básica estiver instalada e funcionando aqui, eu vou me ligar a ela* — eu o tranquilizei.

— *Muito bem.*

Com estas últimas palavras, nosso líder se desconectou da minha mente e ficou na frente da minha companheira.

— Nos encontramos novamente, Luana Torres, companheira de Dakas Wakaro — Graith disse a ela.



Capítulo 5

Luana

Graith me intimidava pra caramba. Eu não sabia se ele não gostava de mim ou dos humanos em geral. Ou então, talvez ele não nos odiasse, mas simplesmente tinha uma maneira estranha de interagir com as pessoas. As constelações em seus olhos tornavam suas emoções impossíveis de serem lidas. Mas eu sempre tive a impressão de que ele estava lutando contra a vontade de me chutar só por diversão.

— Olá novamente, Exarca Graith. Seja bem-vindo a Kastan — eu disse educadamente — E obrigada por vir com tantos de seu povo para ajudar a proteger nossa aldeia.

— Os Zelconianos são um povo de palavra — Graith respondeu, seu olhar estranho se fixando no meu.

— Com licença — Dakas disse distraidamente antes de se apressar em direção a alguns de seus companheiros que estavam abrindo as grandes caixas que haviam trazido.

Meu olhar permaneceu nele enquanto ele partia com passos determinados. Pela primeira vez, eu dei uma boa olhada em sua cauda. Ela não era longa ou fluida como a de Kayog, mas as penas azuis escuras caíam até a parte de trás dos joelhos, escondendo sua bunda nua.

— Seu companheiro é um ótimo homem — Graith disse em um tom sério, me assustando — Ele incorpora o melhor de ambas as nossas espécies. Nós estamos dando um grande salto de fé, fazendo tudo isso pelo seu povo.

Eu recuei, me perguntando o que ele quis dizer, mas então me ocorreu — Porque Dakas ainda não se ligou a mim ainda?

Foi a vez de Graith ficar surpreso — Você sabe disso?

— Eu não sei o que isso implica, mas Kayog mencionou que nos casaríamos de acordo com seus costumes depois que a aldeia estivesse segura — eu disse — E eu *honrarei* minha parte no acordo. Primeiro, porque sou uma mulher de palavra. Segundo, porque se não o fizesse, a colônia e todo o seu povo ainda acabariam sendo dizimados. E

terceiro, porque...

Meu rosto esquentou quando percebi o que eu quase disse. Graith ergueu uma das sobrancelhas emplumadas e inclinou a cabeça como um pássaro.

— Porque? — ele insistiu quando não consegui continuar.

Eu pensei em não responder, mas depois mudei de ideia. Não havia nada de errado em ser honesta sobre os sentimentos que meu marido despertava em mim.

— Porque tanto Kayog quanto Dakas dizem que nós somos almas gêmeas, e os Temerns nunca erram nesse aspecto. E até agora, a forma como Dakas me faz sentir parece confirmar que ele e eu poderíamos realmente ter um relacionamento maravilhoso. Como eu já estou contratualmente vinculada a este casamento para o resto da vida, eu não vou ir contra ele apenas por fazer. Dakas me pediu para manter a mente aberta e tentar de forma justa, e é exatamente isso que pretendo fazer. Mas também preciso que você e seu povo mantenham a mente aberta e não presumam automaticamente que eu tenho intenções duvidosas. Você pode sentir minhas emoções. Você sabe que as palavras que eu acabei de dizer são verdadeiras.

Seu bico tremeu. Eu não sabia se ele estava rindo, sorrindo ou beliscando os “lábios” em resposta à minha declaração.

— Você parece tão delicada e às vezes bastante tímida — ele disse pensativo — E ainda assim, uma chama ousada e prática queima logo abaixo da superfície. Seu corpo é frágil, mas sua mente não.

Embora suas palavras tenham me lisonjeado profundamente, eu dei de ombros, tentando agir com indiferença — Eu sou médica. Não tenho tempo para besteiras ou jogos mentais. Eu digo as coisas como elas são e espero o mesmo em troca.

Desta vez, apesar da rigidez de seu bico, eu reconheci o sorriso. Isso suavizou muito suas feições.

— Gosto de você, Luana Torres. Se você não fosse a alma gêmea de Dakas, eu mesmo poderia tê-la cortejado.

Desta vez, meu queixo caiu. Graith começou a rir. Ele foi tão prosaico quando pronunciou essas palavras que eu acreditei que eram verdadeiras. Mas agora, ver seus ombros largos tremendo de alegria me fez entender que ele simplesmente disse isso para provocar essa reação de choque em mim.

— Agora, pare de me distrair, humana. Eu tenho uma aldeia para proteger — ele brincou.

Com isso, o desgraçado se virou e foi embora, me deixando sem palavras. O som de uma nave se aproximando – correção, três naves – me impediu de especular mais sobre ele. Enquanto os aldeões me ajudavam a descarregar o conteúdo, a quantidade absurda de coisas que Kayog havia enviado me surpreendeu. Isto ia muito além de

qualquer dote razoável. É verdade que Kayog disse que como ele não precisava pagar pela viagem habitual para enviar a noiva ao mundo natal de seu companheiro, essa quantia seria adicionada ao que ele gastaria em outros “presentes de casamento” para mim. Mas as taxas de viagem não seriam responsáveis por ele poder gastar tanto.

Enquanto eu deixava Anita, nossa agricultora-chefe, encarregada de supervisionar o resto do descarregamento, eu chamei Lara, nossa engenheira, pois ela ajudaria na montagem das diversas cápsulas médicas de última geração que havíamos recebido e que os aldeões estavam ajudando a levar para nossa clínica médica.

Demorou muito mais tempo do que gostaríamos para colocar tudo em funcionamento. Mas quando se trata de equipamento médico, todo cuidado é pouco. O menor erro de calibração pode resultar no agravamento da condição já precária do paciente ou até mesmo na morte.

Assim que terminamos, Lara saiu para ajudar os Zelconianos do lado de fora. Da mesma idade que eu, ela também se irritava com as restrições tecnológicas impostas a nós por aqueles que fundaram esta colônia.

Nós imediatamente transferimos meu pai inconsciente e os outros feridos para as novas cápsulas, na esperança de que esses dispositivos muito mais avançados acelerassem sua recuperação. Neste momento, eu daria tudo para ter meu pai bem e ao meu lado. Além de sentir falta dele, esse negócio de liderar uma colônia definitivamente não era para mim.

Quando voltei para fora, eu fiquei impressionado com o espetáculo que me esperava. Em um balé bem coordenado, os Zelconianos montavam os mastros em uma velocidade alucinante. Trabalhando em pares, eles seguravam as enormes vigas de madeira – que exigiam seis homens humanos para carregá-las – e as levavam voando sobre os buracos que os aldeões ou outros Zelconianos estavam cavando no chão com uma máquina com a qual eu não estava familiarizada. Assim que terminavam, algumas mulheres Zelconianas embutiam uma série de cristais estranhos no mastro antes de derramar algum tipo de líquido prateado sobre ele. Como se fosse animado por uma mente própria, o líquido prateado cobria toda a extensão da viga até parecer que sempre foi um poste de metal.

Eu levei um momento para localizar meu marido, parado com Graith e Skieth perto de uma mesa. Eles estavam envolvidos em uma conversa intensa sobre o que presumi serem os projetos que Kayog nos enviou. A presença de Lara – tão pequena entre eles – enquanto ela também participava da discussão parecia confirmar minha suposição.

Com o sol se pondo no horizonte, eu me aproximei deles timidamente. Dakas sentiu minha presença muito antes de eu alcançá-

lo. Ele se virou e me deu um sorriso encantador que me deixou sem fôlego. Além de suavizar e iluminar seu rosto, ele parecia tão genuinamente feliz em me ver que me fez sentir o maior tesouro do mundo.

— Ei! — eu disse, quando parei ao lado dele.

— Ei — ele respondeu com o mesmo sorriso suave.

— Hmm... Está ficando tarde. Todos vocês estão trabalhando duro há algumas horas. Você deve estar com fome — eu disse, brincando distraidamente com a bainha da minha camisa — Eu não tenho certeza do que os Zelconianos comem. Mas se você me disser o que gostariam, nós prepararemos o jantar para todos vocês.”

— Obrigado, Luana — Graith disse antes que Dakas pudesse responder — Isso é muito gentil, mas não será necessário. Phegea já está cuidando disso.

Ele gesticulou com a cabeça em direção a alguns de seus companheiros – dois homens e uma mulher – perto de uma das vigas. Eu enrijei e apertei os olhos, me perguntando se meus olhos estavam me pregando peças. Segundos depois, a cabeça da mulher se virou em nossa direção, ela assentiu e então levantou voo. Eu percebi então que alguém – provavelmente Graith – a havia chamado telepaticamente. Ela pousou na frente de Graith, que sorriu gentilmente para ela.

Embora menores que os homens, as mulheres Zelconianas também não eram coisinhas delicadas. Elas não tinham uma crista em forma de leque como os machos, apenas cinco penas estreitas como um buquê no topo da cabeça, lembrando a ‘coroa’ de uma pavo. Suas curvas delgadas com quadris largos combinavam com o corpo em forma de ampulheta de uma mulher humana, mas elas tinham peitos retos. Ou foi o que presumi ao vê-las à distância. Mas agora que eu estava olhando de perto aquela que presumi ser chamada de Phegea, não pude deixar de notar o inchaço substancial na parte superior do seu tronco. Não era como o nosso par de seios, mas toda a parte superior do peito, quase como uma fragata inflando o peito vermelho para atrair uma parceira.

Graith me deu um olhar estranho. Eu não conseguia definir e, ainda assim, sabia, sem sombra de dúvida, que ele estava me provocando sobre alguma coisa. E então ele dobrou levemente os joelhos para ficar no nível de Phegea e abriu o bico. Meus olhos quase saltaram das órbitas quando o peito inchado da fêmea ondulou levemente e ela enfiou o bico na boca aberta de Graith. Segundos depois, ela se afastou e ele engoliu.

A pobre Lara tapou a boca com a mão e saiu correndo com um olhar de desculpas, enquanto Skieth ria. Eles repetiram esse processo mais algumas vezes até que o Exarca pareceu saciado. Quando Phegea se virou para Skieth, Graith me encarou, os ombros tremendo com uma

risada mal reprimida.

Embora eu estivesse confiante de que meu rosto escondia o choque que eu sentia atualmente, com suas habilidades empáticas, não haveria como enganá-los. E o desgraçado estava gostando da minha consternação. É claro que eu deveria ter previsto isso, embora só os imaginasse fazendo isso com os jovens, não com os adultos. Meu olhar voltou para seu peito inchado. Quando ela também alimentou Skieth, seu tamanho havia diminuído visivelmente. Eu percebi então que este era o papo dela, o saco no qual ela armazenava alimentos para serem amolecidos – não digeridos – permitindo que ela os regurgite para alimentar os outros ou passá-los para o seu próprio estômago mais tarde para se alimentar.

Quando ela se virou para Dakas, muitas emoções fortes passaram por mim. Por alguma razão estúpida, eu não esperava que ele se alimentasse daquela maneira também, provavelmente por causa de sua aparência mais humana, especialmente pela ausência de bico. Foi ingenuidade da minha parte, mas embora eu achasse isso perturbador entre dois Zelconianos puro-sangue, isso continuava sendo uma coisa de pássaro. Como eu via Dakas mais parecido comigo, era como se ele estivesse engolindo vômito, embora eu soubesse que não era bem isso. Mas o horror desse pensamento assumiu um tom completamente diferente quando Phegea segurou o rosto do meu marido entre as mãos e enfiou o bico na boca aberta dele.

Ao invés da repulsa que eu esperava, uma violenta onda de ciúme se abateu sobre mim. Eu mal me contive de arrancar as mãos dela do rosto dele. Eu odiava o bico dela na boca dele, mas odiava ainda mais que ela o tocasse, sendo que não havia feito isso com os outros. Toda diversão desapareceu do rosto de Graith. Ele franziu a testa, tanto ele quanto Skieth inclinando a cabeça para o lado para me observar.

Dakas engoliu em seco, mas quando Phegea se inclinou para lhe dar mais, ele balançou a cabeça e se virou para mim. Ele me lançou um olhar curioso e depois assumiu uma expressão preocupada.

Meu rosto queimou de vergonha. Eu nunca me considerei do tipo ciumenta. Se isso fosse algo inapropriado, ele não teria feito isso na minha frente.

Mas por que ela o tocou?

— Você não se alimentou o suficiente, Dakas — Phegea disse.

— Está tudo bem-

— Não — eu interrompi, sabendo que ele estava recusando por causa da minha reação estúpida — Você precisa de sustento adequado com todo o trabalho que está fazendo. Não se importe comigo. Eu insisto — eu acrescentei quando ele pareceu hesitar.

Ele assentiu com óbvia relutância. Mas assim que ela segurou seu rosto novamente, meu ciúme reapareceu. Desta vez, Phegea olhou

para mim com uma expressão divertida.

— Dakas é meu primo e eu já estou acasalada — Phegea disse com uma voz suave e musical — Nosso Exarca estava apenas sendo insuportável, tentando enojá-la ou provocar algum tipo de reação forte em você. Ele não queria deixá-la com ciúmes. Mas estou feliz que isso tenha acontecido.

— O quê? — eu perguntei, minhas bochechas quase explodindo em chamuscas — Por quê?

— Porque a possessividade prova que você já se importa com Dakas — Phegea disse com naturalidade — Eu seguro o rosto dele porque ele não tem bico. Isso me ajuda a avaliar a distância para evitar esfaqueá-lo na garganta.

Eu franzi o rosto, me sentindo estúpida por causa do meu ciúme — Obrigada por explicar — eu murmurei.

Ela piscou enquanto Dakas me deu um sorriso que era ao mesmo tempo presunçoso e de aprovação. Depois, ele abriu a boca para que Phegea o alimentasse um pouco mais. Assim que ela terminou, Graith gesticulou para mim com a cabeça.

— Por que você não dá uma amostra à nova membro da nossa tribo? — ele disse a Phegea.

Desta vez, meu rosto não conseguiu esconder meu horror. Skieth e Graith começaram a rir enquanto Dakas olhava para eles e Phegea balançou a cabeça.

— Se serve de consolo, Graith só implica com as pessoas de quem gosta — Dakas disse — E para ser sincero, se alimentar do papo não é tão ruim. É como comer purê, tudo misturado.

— Não é tão ruim? — eu perguntei com um estremecimento — Você não apresenta argumentos muito convincentes. Fico feliz em simplesmente acreditar na sua palavra.

— Dakas sempre teve um paladar humano sofisticado — Phegea disse com uma risada — Ele também nunca gostou muito disso, então acho que você iria gostar ainda menos. Se serve de consolo, nosso povo costuma fazer suas próprias refeições. Nós só utilizamos a alimentação pelo papo em casos como os de hoje, em que temos uma agenda apertada. Dessa forma, as pessoas podem continuar trabalhando sem intervalos para refeições. Agora eu vou alimentar os outros. Eles estarão prontos para ativar os campos em cerca de trinta a quarenta minutos.

Meu coração disparou. Embora eu tivesse uma compreensão quase clara do que eles estavam fazendo, eu continuaria nervosa até que tivéssemos uma muralha eficaz para nos proteger.

— Vá comer, minha companheira. Eu consigo sentir sua fome crescente. Quando você voltar, estaremos prontos — Dakas disse.

— Tudo bem — eu respondi — Mas não comecem sem mim!

— Não iremos — Dakas disse com uma expressão divertida.

Eu olhei para Graith, que ainda estava olhando para mim com um sorriso malicioso, e depois corri de volta para minha casa. O líder Zelconiano estava me cativando. Todos pareciam pessoas decentes. Então, por que nossas tribos não se conectaram mais antes disso? Minha juventude foi repleta de histórias de espécies nativas sendo hostis. Eu nunca questioneei isso, mas agora queria respostas.

Assim que entrei em casa, fui direto para a cozinha e rapidamente preparei um sanduíche. Mas mesmo quando comecei a comer, eu fiz uma avaliação crítica da sala. Esta noite, Dakas viria aqui e dividiria meu quarto. Meu estômago deu um nó com ansiedade repentina. Embora ele tivesse prometido não fazer nenhuma exigência, a realidade da minha situação me impressionou mais uma vez.

Para minha surpresa, não foi tanto a ideia de dividir a cama com ele que me deixou frenética. Em um nível visceral, eu confiava que Dakas não tentaria nada comigo até que eu estivesse pronta para isso. Mas eu estava me sentindo constrangida com o que ele pensaria da casa que eu dividia com meu pai.

Como tudo em Kastan, nossa morada era simples. Nenhum móvel, design ou decoração sofisticados elevava o espaço. Mantendo o ideal purista da colônia, o meu pai adotou um estilo de vida minimalista. Eu apenas o acompanhei. Embora fosse fácil de limpar e manter, a casa também carecia de espírito... de personalidade.

Ao longo dos anos, meu pai rejeitou as poucas melhorias que eu sugeri. Em circunstâncias diferentes, eu teria me mantido firme, mas meu pai era o líder da colônia. Se as pessoas que entrassem na nossa casa descobrissem que isso violava todos os princípios básicos dos nossos fundadores, isso colocaria em risco a sua posição. Esta não era uma questão suficientemente importante para que eu entrasse em guerra por causa dela.

No entanto, nós tínhamos cada vez mais conflitos sobre a introdução e utilização de ferramentas tecnológicas limpas e responsáveis. Esses conflitos normalmente não levavam a lugar nenhum. Mas eu consegui dele algumas pequenas concessões, depois de uma negociação longa e intensa. Todas as vezes foi porque eu consegui fornecer argumentos convincentes o suficiente para influenciar os outros.

Ainda mastigando, eu dei uma volta pelo meu quarto, reorganizando algumas das minhas coisas para que Dakas não tropeçasse em um sutiã ou calcinha descartados. Eu troquei apressadamente os lençóis e fiz uma limpeza extra no quarto. Não impressionada com o resultado final, eu franzi os lábios, aceitei e voltei para fora. Nenhuma quantidade de polimento transformaria esta pedra bruta em um diamante.

Eu gritei quando abri a porta e quase tropecei em Dakas.

— Eu estava vindo te buscar — Dakas disse com um sorriso — Estamos prontos.

— Maravilhoso — eu respondi, minha empolgação disparando.

Dakas pegou minha mão e me puxou atrás dele. Eu gostei demais disso. Nós abrimos caminho através da multidão reunida ao lado das vigas.

— O revestimento prateado que adicionamos aos postes fornece o mesmo tipo de resistência como se tivessem sido construídos com titânio — Dakas explicou — Ele também absorve a maioria dos tipos de danos energéticos e os canaliza para os cristais que incorporamos neles para aumentar seu poder. Uma vez ativados, os cristais construirão os campos de energia.

Eu fiz uma careta, dando um olhar confuso — Mas eu pensei que seus cristais serviam como núcleos de dobra de naves de última geração?

Dakas riu — Nós temos mais de um tipo de cristal. A sua OPU só conhece aqueles que nós contamos. Fique aqui — ele acrescentou, parando a cerca de cinco metros de uma das vigas — Eu voltarei assim que terminar.

Eu percebi então que os Zelconianos estavam em pares próximos a cada uma das vigas. Dakas foi ficar ao lado de seu meio-irmão, Renok. De repente, todos se moveram em sincronia, cada membro de cada par de frente para um dos grandes cristais na base do mastro. E então a melodia mais incrível surgiu quando os Zelconianos começaram a cantar. Parecia vagamente um canto gregoriano. Arrepios surgiram por toda a minha pele e calafrios percorreram minha espinha em ondas sucessivas. Suas vozes eram tão incrivelmente profundas e ressonantes que eu poderia jurar que o chão vibrava sob meus pés enquanto cantavam, cada par se harmonizando.

Um suspiro coletivo irrompeu dos aldeões quando os cristais azul-escuros embutidos nos mastros se iluminaram e começaram a pulsar de baixo para cima. À medida que a música continuava, as pulsações dos vários cristais ajustavam umas às outras até alcançarem uma sincronia perfeita. Segundos antes disso, sem interromper o canto, todos os Zelconianos se afastaram dos cristais que estavam encarando. E então, um feixe de luz saiu de cada cristal em direção ao mastro vizinho mais próximo a poucos metros de distância.

Minhas mãos voaram para o peito e eu as apertei sobre o coração enquanto luzes brilhantes brilhavam por toda a aldeia, o campo de energia subindo entre cada feixe quase como fogo se espalhando ao longo de uma trilha de óleo. Lágrimas brotaram em meus olhos quando o canto dos Zelconianos desapareceu e meu companheiro se virou para olhar para mim.

Enquanto um rugido vitorioso surgia atrás de mim, eu silenciosamente pronunciei duas palavras simples para meu marido: muito obrigada. Mas meu coração estava gritando que ele era meu maldito herói.



Capítulo 6

Dakas

Havia algo de maravilhoso em aproveitar as emoções positivas dos outros. Mas nada comparado às que atualmente emanam da minha companheira. Eu me senti como um deus. Ao mesmo tempo, o meu coração se encheu de orgulho pelos meus irmãos e irmãs Zelconianos que tornaram isto possível em tempo recorde. O campo de energia era poderoso e deveria impedir todos os ataques terrestres. Ainda havia mais trabalho a fazer, mas isso poderia ser resolvido pela manhã.

Eu fiz um gesto para que Luana se aproximasse. Ela não hesitou. Mas meu sorriso alegre desapareceu rapidamente quando a mesma aura viscosa contaminou o ar ao nosso redor. Eu queria ignorar Martin, mas fiquei de olho nele enquanto ele mais uma vez se dirigia para a frente da multidão.

— Isso é maravilhoso — Luana disse ao parar ao meu lado.

— É apenas o primeiro passo, mas permitirá que todos vocês durmam profundamente esta noite — eu respondi enquanto removia a braçadeira presa ao meu pulso — Isso impedirá quaisquer ataques terrestres, mas a aldeia ainda está vulnerável a ataques aéreos. Nos próximos dias, nós implantaremos uma série de drones antimísseis para sobrevoar a vila até que possamos estabelecer uma solução mais permanente. Provavelmente será uma cúpula e algumas torres.

— Isso é incrível. Obrigada. Nós nunca teríamos sido capazes de fazer isso sozinhos.

— É um prazer, minha companheira. Me dê seu pulso — eu disse, estendendo a mão para ela.

Ela obedeceu, olhando minha braçadeira com curiosidade enquanto eu a enrolava em seu pulso. Martin ficou ao meu alcance, me fazendo ranger os dentes. Mas eu continuei a ignorá-lo.

— Toque aqui na interface para exibir um mapa da muralha defensiva — eu expliquei — O ponto branco é a sua posição atual. Os pontos azuis indicam os locais onde você pode desativar uma pequena seção para permitir a entrada e saída de pessoas da aldeia.

— De acordo com isto, nós estamos bem em frente a este local — Luana disse pensativa enquanto estudava a interface antes de olhar para o campo.

— Correto. Toque aqui para desativá-la.

Minha companheira obedeceu e gritou de alegria quando apenas o segmento entre os dois postes à nossa frente foi desativado, deixando o resto do campo de energia ativo.

— Basta tocar novamente para reativar — eu disse — Se você esquecer de fazer isso e sair do alcance, você receberá um aviso de 10 segundos para confirmar que deseja manter o campo aberto. A falta de resposta reativará o campo. Se você tentar desativar uma seção da parede que está longe, será necessária uma confirmação. Isso também terá um cronômetro e fechará automaticamente se ninguém estiver ao alcance por um determinado período de tempo.

— Isso é muito bom. A última coisa que queremos é que alguém se esqueça de fechá-la e nos deixe vulneráveis — Luana disse franzindo a testa antes de olhar para o campo — Mas precisamos definir outro perímetro dentro? Há crianças e animais de estimação correndo. O campo irá prejudicá-los?

— Não — eu disse com firmeza — Este lado é seguro, embora permanecer em contato prolongado com ele faça você querer se afastar. Não dói, mas suas vibrações criarão uma sensação cada vez mais desagradável. Tocar o outro lado irá te atingir com muita força, a menos que seja definido como letal, nesse caso isso irá reduzi-lo a cinzas.

Os ombros de Luana caíram de alívio — Perfeito.

— Mas e o resto de nós? — Martin interveio — Todos vamos receber uma braçadeira?

— Não — eu disse em um tom que não admitia discussão — Por enquanto, Luana será a única pessoa com o controle. Eventualmente, podemos fornecer um para duas ou três pessoas no total.

— Você está dizendo que somos prisioneiros dentro de nossa própria aldeia? — Martin exclamou alto o suficiente para ser ouvido por todos antes de lançar um olhar indignado para a multidão para obter apoio.

A vontade de bater na cabeça do homem voltou com força total. Eu me controlei e projetei minha voz para ser ouvida por todos.

— Eu estou dizendo que, até que a situação com os Yurus esteja sob controle, todos vocês precisam se abrigar dentro da aldeia. Não há razão para a maioria de vocês perambular pela floresta. Se alguns de vocês tiverem motivos válidos para sair com frequência, podemos fornecer sua própria braçadeira. Caso contrário, você pode solicitar que um de nós o deixe sair e o acompanhe.

— Então, agora precisamos de permissão para sair e não podemos

fazer isso sem um cão de guarda? Como isso não nos torna prisioneiros? — Martin argumentou.

— Por que você está se esforçando tanto para causar problemas? — Luana exclamou, exasperada — Você sabe perfeitamente que eles não estão nos transformando em prisioneiros. Nós usamos diretivas semelhantes há uma semana para reduzir os riscos das pessoas se machucarem. Você já está esquecendo que metade dos nossos lutadores está atualmente na clínica, gravemente ferida? O que você poderia precisar fazer na floresta que é tão urgente que você precisa tentar irritar todo mundo?

— Eu sou carpinteiro — Martin argumentou, parecendo subitamente na defensiva — Eu preciso de madeira para-

— Você tem toda a madeira que nós juntamos para o muro, dois terços da qual acabamos não usando — Luana retrucou, o interrompendo — Nós não temos outros grandes projetos de construção em andamento. Qual necessidade você poderia ter para querer mais madeira?

— Alguns móveis ou reparos podem precisar-

— Se alguém precisar de um móvel novo, poderá esperar alguns dias para que as coisas sejam resolvidas — Luana disse, o interrompendo novamente — E se forem necessários alguns reparos urgentes, um Zelconiano irá acompanhá-lo para sua própria segurança. Você está inventando problemas onde não existem. Nós fomos até os Zelconianos e pedimos ajuda porque não conseguimos nos proteger. Deixe-os fazer o maldito trabalho deles.

Martin abriu e fechou a boca, aparentemente procurando uma resposta. Mas minha companheira se virou para olhar para o resto da multidão, o dispensando.

— No momento, eu não consigo pensar em ninguém que precise sair da aldeia com frequência — Luana disse com voz forte para ser ouvida por todos — Nós temos sido diligentes em estocar tudo o que precisamos. Se você acha que precisa de uma braçadeira, venha discutir comigo e nós abordaremos caso a caso. Caso contrário, se você só precisar sair para uma tarefa específica ocasional, vá falar com um dos Zelconianos. Mas façam isso apenas para necessidades urgentes. Ir para a floresta colher frutos silvestres para sobremesa *não* se qualifica. Perguntas?

Todos balançaram a cabeça, alguns lançando olhares de solidariedade para Martin, enquanto outros o encaravam.

— Ótimo! Acredito que terminamos por esta noite? — Luana disse, lançando um olhar questionador em minha direção. Eu balancei a cabeça — Obrigada a todos por ajudarem os Zelconianos a colocar essas muralhas defensivas em funcionamento. Vocês estão livres para cuidar de seus assuntos pessoais agora, mas descansem bastante. Nós

temos mais trabalho para fazer pela manhã.

Os aldeões se dispersaram lentamente, alguns deles parando um momento para agradecer ao meu povo, seja com palavras ou com um aceno de cabeça.

Graith se aproximou de nós — Estamos voltando para Synsara. Eu deixarei uma dúzia de guardas em patrulha. Eles vão implantar os drones.

— Obrigado, Exarca — eu disse agradecido.

— Sim, obrigada por tudo — repetiu Luana.

Graith deu um sorriso travesso, embora eu não soubesse o quanto ela conseguia perceber. Os não-Zelconianos tinham dificuldade em ler nossas expressões faciais. Ainda assim, aqueceu meu coração ver nosso líder provocando tanto minha companheira — uma prova inegável de que ele a aprovava.

— *Aquele homem Martin vai ser um problema* — Graith falou mentalmente para mim — *Ele te odeia. E a possessividade que ele projetou em relação à sua mulher está se transformando em ressentimento. Fique de olho nele.*

— *Estou ciente e ficarei* — eu respondi telepaticamente.

— Aproveite sua noite de união — Graith disse a Luana em um tom de provocação que quase me fez rir.

Desta vez, ela havia entendido o jeito dele. Ela não deixou que ele a irritasse e apenas ergueu o queixo desafiadoramente.

— Obrigada, Exarca. Eu tenho toda a intenção de fazer isso — Luana disse em um tom misterioso.

Com um sorriso malicioso e uma inclinação de cabeça, Graith partiu, seguido por três quartos do nosso povo que tinha vindo para Kastan.

Quando eles se tornaram pontos no horizonte, o humor de Luana mudou e ela ficou novamente intimidada.

— Bem, acho que é hora de levá-lo para casa — minha mulher disse com uma risada nervosa.

Eu sorri e balancei a cabeça. Eu quase peguei a mão dela de novo, mas decidi não fazer isso dessa vez. Ela estava bastante estressada e eu não queria que ela interpretasse mal o gesto. A cada passo, sua tensão aumentava, o que me deixava perplexo. Felizmente, ela não tinha medo de mim, mas estava temendo alguma coisa. Eu não conseguia descobrir o quê.

Assim que entrámos na habitação, a preocupação de Luana transformou-se em mortificação enquanto eu olhava para aquele lugar árido. E então a compreensão me ocorreu.

Por que ela tem vergonha de sua casa?

Pelos padrões Zelconianos, ela era extremamente simples, mas totalmente de acordo com o que eu tinha visto até agora sobre a

estética adotada pelos humanos desta colônia – que eu sabia ser diferente do estilo de outros humanos.

— Esta é a cozinha e a área de jantar, e esta é a área de estar — Luana disse, apontando para eles — Como você pode ver, nós mantemos as coisas minimalistas aqui.

Eu balancei a cabeça com um sorriso gentil enquanto a seguia em direção aos fundos da casa.

— Esta porta à direita é o quarto do meu pai. Ele tem seu próprio banheiro privativo. Esta porta leva ao seu escritório. Ele foi originalmente projetado para ser um quarto de hóspedes, mas como não temos convidados, não fazia sentido. Esta porta leva ao quintal. Não há muita coisa lá além de uma área gramada e o galpão onde papai guarda suas ferramentas. E este é o meu quarto.

Seu nervosismo, que começou a diminuir enquanto ela me fazia o tour, rapidamente aumentou novamente. Eu não podia negar que sentia muita curiosidade sobre seu quarto pessoal. Mas quando ela abriu a porta, o mesmo tipo de espaço árido me acolheu: uma cama de casal, uma mesa de cabeceira, uma escrivaninha e uma cômoda constituíam os únicos móveis do quarto. Uma única pintura abstrata adornava a parede esquerda. Uma tela plana gigante e um calendário holográfico eram as únicas outras duas coisas visíveis nas paredes. Apesar da minha decepção inicial, eu pude sentir que esse não era o gosto pessoal dela. Ela estava apenas se conformando com os costumes de seu povo, o que foi um alívio.

— Embora você não tenha nada com você e não use roupas, eu liberei as duas gavetas de cima da minha cômoda para você, caso precise de algum espaço de armazenamento — Luana disse.

— Obrigado. Isso é muito atencioso.

Ela abriu uma porta para me mostrar um espaço onde várias peças de roupa – principalmente vestidos – estavam penduradas em um poste — Este é o meu guarda-roupa. Eu não abri espaço para você, pois duvido que você tenha algo para pendurar aí.

— Tem certeza? Talvez eu passe a gostar de usar calças humanas — eu disse provocativamente.

Luana bufou e seu olhar percorreu minhas pernas. Estranhamente, e pela primeira vez na minha vida, eu me senti nu – e tecnicamente eu estava. Para meu alívio, eu não percebi nenhum desgosto por parte de minha companheira, apenas uma curiosidade fascinada. Minhas pernas eram idênticas às de um humano, exceto pela pele azul, pelas penas espalhadas em volta da virilha e pelas pequenas escamas azuis que cobriam meus pés e tornozelos, que se estreitavam até a metade das panturrilhas.

Assim como todo Zelconiano, eu andava descalço. Mas enquanto os sangues puros tinham pés de pássaro com três dedos frontais e um

atrás – cada um terminando em uma garra afiada – meus pés pareciam enganosamente humanos, com cinco dedos. No entanto, enquanto os ossos do tarso humanos eram bastante longos, os meus eram mais curtos para acomodar uma fileira extra de ossos do metatarso. Como resultado, eu poderia dobrar totalmente o pé em torno de um objeto da mesma forma que poderia envolver uma xícara com a mão. E extrusar as garras na ponta dos dedos dos pés ou na parte de trás do calcanhar me dava uma pegada melhor. Isso era prático para pegar algo com os pés durante um sobrevoo, pousar em um galho ou até mesmo pendurar de cabeça para baixo como um morcego.

Luana franziu os lábios enquanto me examinava e depois balançou a cabeça, os lindos cachos de seus longos cabelos balançando em seu rosto.

— Não. Eu posso garantir que você nunca desenvolverá gosto por isso. Além do incômodo de lavar roupa e passar roupa – se você não tiver um tecido que não amasse – elas podem começar a parecer desconfortavelmente confinantes.

— Eu vou acreditar na sua palavra — eu disse provocativamente.

Ela sorriu e me levou até a última porta da sala — Este é meu banheiro pessoal. Eu não tenho certeza de como funciona em Synsara, mas nós temos o chuveiro separado para uma lavagem rápida, a banheira para relaxar, a pia para escovar os dentes e lavar as mãos e a privada para evacuar os resíduos.

A maneira cuidadosa com que ela explicou, como se temesse me ofender, me fez sorrir — Como um híbrido humano-Zelconiano, eu estou bastante familiarizado com tudo isso. Nós não tomamos banho de banheira, mas temos chuveiros. Eu uso uma privada parecida com esta, mas sem a caixa d'água por causa da cauda e das asas. Os sangue puros usam um sistema diferente e ficam de pé.

— Oh? — Luana perguntou, arregalando os olhos de curiosidade.

É claro que, como médica, nossas diferenças anatômicas a intrigariam.

— Como a maioria das aves, os Zelconianos têm uma cloaca que gerencia tanto a urina quanto os resíduos sólidos — eu expliquei — Eles simplesmente ficam em frente a um funil de resíduos alinhado com sua cloaca para fazer suas necessidades.

— Mas você não tem cloaca? — embora ela tenha formulado isso como uma pergunta, era mais uma declaração em busca de confirmação.

— Correto. Minha anatomia é idêntica à de um humano nesse aspecto. Bem, além do fato de que meus órgãos genitais podem ser expelidos e reabsorvidos pelo meu corpo.

— Fascinante — Luana disse.

Mas eu também pude sentir um certo nível de alívio emanando

dela. Embora minha companheira estivesse demonstrando ter a mente muito aberta e aceitar minhas diferenças físicas, eu podia sentir que ela temia que as coisas ficassem muito estranhas para ela. Me ver me alimentando através de um papo não foi exatamente excitante para Luana.

— Com o tempo, eu ficarei mais do que feliz em lhe ensinar tudo sobre meu povo — eu disse com um sorriso.

— Eu adoraria isso.

O silêncio se instalou entre nós. Não foi estranho, mas também não foi o mais confortável.

— Já que estamos aqui, eu não me importaria de tomar um banho — eu disse — Minhas penas ficaram bastante sujas durante o trabalho de hoje.

— É claro! Deixe-me mostrar como operá-lo — Luana ofereceu rapidamente — Eu não tenho certeza se você usa sabonete ou outros produtos nas penas, mas tudo que tenho está aqui. Sinta-se à vontade para usar o que quiser ou precisar. Além disso, não se preocupe, é tudo sem perfume, então não há risco de você ficar com um cheiro feminino e florido quando terminar.

Eu ri, me perguntando como ela reagiria quando descobrisse que os machos Zelconianos gostavam de se lavar com produtos frutados e floridos para seduzir suas parceiras.

Luana abriu a porta de um armário e pegou duas toalhas grandes — Você pode se secar com isso quando terminar.

Ela hesitou.

— O que foi? — eu perguntei.

— Bem, enquanto você estiver tomando banho, eu pensei em passar rapidamente pela clínica para verificar os pacientes. Tilda, a enfermeira, já deve ter feito isso, mas eu gosto de sempre fazer uma última ronda, só para garantir, principalmente agora, porque meu pai é um dos feridos.

— Claro. Leve o tempo que você precisar. Eu estarei ocupado me enfeitando e me deixando bonito para você.

Luana riu, seus olhos brilhando da maneira mais sedutora — Tudo bem, garoto bonito. Eu voltarei em breve.

Assim que minha companheira saiu do quarto, eu fui tomar banho, abri a água e percebi que havia um grande problema. O box do chuveiro era pequeno demais. Eu tinha notado o tamanho minúsculo do banheiro, mas não percebi o quão insignificante ele realmente era. Em Synsara, meu chuveiro pessoal era maior do que todo este quarto. Não haveria como eu tomar banho sem fazer uma bagunça.

Mas dividir a cama de Luana pela primeira vez fedendo a suor e com as penas sujas estava fora de cogitação!

Eu olhei para a banheira. Embora ela me desse mais espaço de

manobra, não era profunda o suficiente e a torneira estava muito baixa. Eu precisaria de uma tigela ou balde para derramar água sobre mim. Isso seria ineficiente e provavelmente ainda mais complicado que o chuveiro.

Eu grunhi de aborrecimento. Por uma fração de segundo, a ideia de voar de volta para Synsara para tomar um banho perfumado passou pela minha cabeça. Eu fiquei pensando qual fragrância atrairia mais Luana. Imaginé-la esfregando o rosto nas penas do meu peito e pescoço enquanto inalava a maneira única como a fragrância reagia com a química do meu corpo fez meus músculos abdominais se contraírem com antecipação.

Depois de um último olhar sinistro para a banheira, eu voltei minha atenção para o chuveiro. Eu estudei o problema por alguns minutos antes de decidir um curso de ação. Eu coloquei no chão a segunda toalha grande que Luana me deu – não que isso fosse ajudar muito com o dilúvio que eu causaria. Satisfeito com a água um pouco mais quente que morna, eu fiquei de lado do lado de fora do chuveiro e enfiei minha asa direita dentro. Para minha consternação, eu só consegui desdobrá-la parcialmente antes que batesse nas paredes. Pior ainda, o chuveiro estava muito baixo e a água não atingiu o topo da minha asa.

Felizmente, eu consegui desencaixar o chuveiro. Por uma fração de segundo, eu pensei em usá-lo na banheira, mas o fio não era longo o suficiente. E então começou o pior, mais confuso e mais irritante exercício contorcionista da minha vida. Torcendo para um lado e para o outro, eu acabei de joelhos sobre a toalha, o chuveiro firmemente seguro em minha mão esquerda, meu torso levemente inclinado para dentro do box e minha asa aberta em um ângulo diagonal para obter espaço máximo. Mas mesmo assim, o teto impedia que ela se expandisse totalmente. Mas isso era melhor do que nada.

Mirar a água na minha asa no ângulo certo provou ser igualmente desafiador. Não foi tão ruim na face interna da minha asa, mas quando se tratou do lado externo... eu usei todos os palavrões que já tinha ouvido na minha vida e provavelmente inventei mais alguns no processo. Além do fato de que eu não conseguia direcionar a água para o lado certo, aquela coisa miserável continuava escorrendo pelas minhas costas, entre as penas da minha cauda, pela minha bunda e pelas pernas para a toalha debaixo de mim. Em pouco tempo, uma pequena poça se formou no chão, a toalha supersaturada perdeu a utilidade.

Enfurecido, eu me levantei e consegui – acidentalmente – apontar o chuveiro para o quarto, em vez de para o box, antes de desligar a água. Embora minha asa superior fosse à prova d'água e rapidamente perdesse toda a umidade, as penas inferiores estavam encharcadas e

pingavam por toda parte enquanto eu tentava secá-las. Elas não estavam devidamente limpas, alguma sujeira ainda grudava entre elas. Mas eu já tinha passado muito tempo só naquela primeira asa. Luana voltaria a qualquer momento e eu não queria que ela encontrasse seu banheiro transformado em uma zona de desastre.

Eu pendurei a toalha no suporte e peguei a encharcada que estava aos meus pés. Depois de espremer a água no chuveiro, eu a usei para limpar a piscina que criei no chão. E então eu comecei a repetir o terrível processo com minha segunda asa. Eu estava de joelhos, na mesma posição estranha e xingando sem parar quando uma onda de preocupação se abateu sobre mim.

Luana!

Em pânico, eu fiquei de pé, espirrando o chuveiro solto para fora do quarto antes de conseguir colocá-lo de volta no suporte. Eu lancei um olhar angustiado ao meu redor. Eu nunca teria tempo para limpar o suficiente antes que Luana chegasse. Assim que o pensamento passou pela minha cabeça, uma batida ressoou na porta.

— Dakas? Está tudo bem? Eu ouvi você xingando. Posso entrar?

A preocupação em sua voz ecoou aquela transmitida por suas emoções. Eu fechei os olhos e me encolhi interiormente.

— Eu... receio ter feito uma bagunça. Não entre em pânico quando entrar — eu disse, derrotado.

A julgar pelo aumento de preocupação que percebi da minha companheira, minhas palavras tiveram exatamente o efeito oposto que eu esperava. Luana abriu a porta com cuidado e enfiou a cabeça para dentro. Seu queixo caiu quando ela percebeu a toalha encharcada nadando na poça no chão, a água escorrendo pelas paredes de uma das inúmeras vezes que eu acidentalmente espirrei no cômodo, e eu parecendo um cachorrinho molhado com minha asa esquerda parcialmente aberta. dentro do box para não pingar mais água no chão — não que isso fizesse muita diferença neste momento.

Quando seu olhar voltou para meu rosto mortificado, seus olhos esbugalhados perguntaram claramente o que diabos havia acontecido aqui.

— O chuveiro é pequeno demais para acomodar minhas asas, e o fio do chuveiro é curto demais para chegar à banheira — eu murmurei — Eu tentei ser criativo, mas... Bem, os resultados falam por si.

Luana ficou boquiaberta para mim por mais um segundo antes de olhar por cima do ombro para minha asa esquerda ainda pingando no chuveiro. E então, como se um interruptor tivesse sido acionado, ela franziu o rosto como se estivesse prestes a espirrar e depois caiu na gargalhada. Foi o som mais adorável, me envolvendo em uma intensa sensação de euforia. A empatia de Luana pelas minhas provas e a diversão com a situação destruíram instantaneamente meu

constrangimento. Em vez disso, impregnado pela hilaridade da minha companheira, eu comecei a rir.

— Sinto muito, Dakas. Eu não pensei nisso — Luana disse, se desculpando — O fio do chuveiro na verdade se estende. Eu tinha um cachorro e o lavava com o chuveiro na banheira – não que eu esteja comparando você a um cachorro.

Eu não me ofendi com as palavras dela, mas algo mais importante prendeu toda a minha atenção. Minha cabeça virou em direção ao chuveiro e procurei uma maneira de estender o fio, me perguntando como poderia não ter visto.

— Não está dentro do chuveiro — Luana disse com uma risadinha — É o interruptor ao lado da pia. Espere.

Ela tirou os sapatos no quarto, que ainda estava seco, e entrou descalça no banheiro encharcado. Ela foi até um par de interruptores na parede ao lado da pia e apertou o da direita. Um clique ressoou dentro da cabine e o fio se soltou. Eu peguei o chuveiro e, obviamente, pelo menos mais três metros de fio saíram da parede.

Eu xinguei baixinho, fazendo Luana rir mais um pouco — Achei que fossem interruptores de luz — eu murmurei.

— Você não tinha motivos para pensar o contrário — Luana disse com voz gentil — Eu devia ter explicado isso para você, mas nunca me passou pela cabeça que pudesse ser útil. Mas agora você pode entrar na banheira. Será muito mais fácil. Ainda fica um pouco apertado, mas certamente não tão complicado.

— Sim, obrigado.

— Mas espere. Me dê isso um segundo — Luana disse, estendendo a mão em minha direção.

Eu dei a ela o chuveiro e ela girou o anel ao redor. Um botão apareceu imediatamente perto da alça.

— Este botão agora controla o fluxo de água — explicou minha companheira — Então você pode abrir a água do chuveiro, mas não vai sair água até você apertar o botão.

Apenas para demonstrar, Luana abriu a água do chuveiro e o seguiu sobre a banheira antes de apertar o botão. A água disparou imediatamente, parando assim que ela soltou o botão.

— Bem, isso também teria sido prático saber antes — eu disse com uma voz abatida, o que a fez rir novamente.

Eu já poderia dizer que ficaria totalmente viciado em sua risada e nas emoções que a acompanhavam. Mas ela rapidamente ficou séria e me lançou um olhar avaliador.

— O que foi? — eu perguntei.

— Eu estava pensando, considerando a sua envergadura, mesmo com a mangueira mais longa do chuveiro, as coisas provavelmente serão estranhas para você. Você quer que eu ajude? Eu ficarei feliz em

ajudar.

Meu coração pulou no peito com a oferta inesperada e uma emoção poderosa percorreu meu corpo. Companheiros se arrumando era um grande sinal de carinho. Embora Luana ainda não nutrisse tais sentimentos por mim, eu pude sentir a sinceridade do seu desejo de ajudar. E por baixo disso, seu desejo de aproveitar isso para saciar sua curiosidade sobre meu corpo.

— Eu ficaria grato por sua ajuda, minha companheira.



Capítulo 7

Luana

Eu olhei para Dakas entrando na banheira enquanto lutava contra a vontade de rir novamente. Eu ainda não conseguia acreditar na bagunça que ele tinha feito no banheiro. Eu gostaria de ter testemunhado como ele conseguiu isso. Pobrezinho. Ele parecia totalmente mortificado quando entrei, como um cachorrinho perdido... ou melhor, um gato encharcado. E, no entanto, eu fiquei feliz por isso ter acontecido. Ele parecia tão perfeito, tão forte, tão acima dos tipos de confusão em que os humanos se metiam, que quase me senti indigna. Isso o humanizou da melhor maneira e o fez parecer mais acessível e identificável.

Ele se virou para mim com uma expressão estranha no rosto. Embora eu não conseguisse começar a interpretá-lo, eu gostei de como me fez sentir.

— Então... hmm, o que eu devo fazer? Apenas borrifar em você? E você precisa de sabonete? — eu perguntei, me sentindo ridiculamente animada com isso.

— Nada de sabão, nunca nas penas das asas — ele explicou gentilmente — Eu vou precisar de sua ajuda para ambas as asas e minhas costas. Eu serei capaz de terminar o resto sozinho. Eu vou usar sabonete na minha pele.

Ele olhou para si mesmo em relação ao comprimento relativamente pequeno da banheira e franziu os lábios enquanto ponderava. Ele então se moveu o mais para a esquerda que pôde na banheira.

— Vamos começar pela minha asa direita — ele disse, a expandindo.

Eu sabia que sua extensão era ampla, mas naquele instante eu percebi o quão impressionantes elas eram. Não admira que ele tenha feito tanta bagunça aqui. Até mesmo agora, ele tinha que inclinar a ponta da asa para desdobrá-la completamente.

— Suas asas são realmente impressionantes — eu deixei escapar sem pensar.

Seus olhos se arregalaram, e então a pele azul de seu rosto assumiu um tom um pouco mais escuro enquanto ele sorria. Foi adorável.

— Obrigado, minha companheira — ele apontou para a ponta e gesticulou para baixo — Aplique a água pela ponta, mas siga sempre o sentido das penas. Vá de cima para baixo e, gradualmente, aproxime-se de mim enquanto repete esse movimento.

— OK. Devo esfregar as penas como faço em mim mesma?

— Não! Você deve evitar mexer nas penas tanto quanto possível para evitar danificá-las. Bastam algumas penas quebradas ou faltantes para destruir nosso padrão de voo. E então parecemos estar bêbados, até descobrirmos como compensar — Dakas disse com uma expressão horrorizada.

Eu ri de sua descrição excessivamente dramática – o que eu sabia que ele tinha feito de propósito. Ele sorriu, parecendo tão satisfeito consigo mesmo que percebi que ele estava tentando me fazer rir, ou pelo menos sorrir.

Ele disse que seu objetivo é me fazer feliz. Eu posso me acostumar com isso.

Depois de algumas tentativas desajeitadas, eu finalmente peguei o jeito. Assim que terminei com o lado interno de sua asa direita, Dakas a dobrou apenas o tempo suficiente para se virar, passar para o lado oposto da banheira e abrir sua asa novamente para que eu pudesse lavar suas costas. Nós repetimos o processo com a asa esquerda dele, depois ele ficou de costas para mim para que eu pudesse trabalhar nas costas dele.

Ele inclinou a cabeça para tirar do caminho cerca de uma dúzia de penas longas e retas na parte de trás de sua cabeça, que à distância pareciam enganosamente longos cabelos azuis. Penas fofas de cor azul meia-noite cobriam sua nuca e ombros e afilavam em V entre as omoplatas. Uma espécie de penas muito macias seguia a linha onde suas asas se fundiam em suas costas. Seguindo o método que eu já dominava, eu lavei as penas ao redor de sua nuca.

— Para estas, você pode raspar suavemente as unhas através delas. Muito suavemente. Não deveria danificá-las, mas mesmo que isso aconteça, não preciso delas para voar — Dakas disse — Depois você pode raspar com um pouco mais de vigor a linha ao longo de minhas asas.

— Ok — eu disse com muita ansiedade — Me diga se é demais ou se não é suficiente.

O sorriso que ele me deu por cima do ombro revelou o fato de que ele estava me notando. Eu nem tive vergonha. Esse tempo todo, eu estava morrendo de vontade de tocar suas penas. Elas pareciam tão macias! Eu comecei a raspar cuidadosamente sua nuca. Depois de alguns segundos, um forte arrepio o percorreu. Alarmada, eu parei,

me perguntando se o havia machucado.

— Não pare — Dakas disse, sua voz apenas um sussurro, que atingiu direto no meu âmago.

Ele está gostando disso!

Em vez de me fazer sentir estranha, isso me encorajou. Outro arrepio sacudiu seu corpo e ele pressionou as palmas das mãos contra a parede, a cabeça abaixando. Com grande relutância, depois de ter lavado esta seção durante o tempo que razoavelmente deveria, eu descí para a parte superior do grande músculo onde a asa direita se ligava às costas. Eu comecei a coçar.

— Mais forte — Dakas disse imediatamente, sua voz me deixando quente novamente.

Eu obedeci. No quarto ou quinto arranhão, eu recuei e meus olhos quase saltaram das órbitas quando ouvi o som mais inesperado.

Eu congelei — Você arrulhou?

Dakas enrijeceu, suas asas mudaram um pouco, e então ele encolheu os ombros — Talvez? — ele disse, parecendo um pouco na defensiva.

— Você com certeza fez isso! Então, acho que você gosta de arranhar a ponta das asas, hein? — eu perguntei, retomando minha atenção para aquele local.

— É... é relaxante — ele disse, sua voz caindo uma oitava e parecendo grogue.

Momentos depois, ele arrulhou novamente. Foi um som tão inesperado vindo de um homem tão intimidador que me fez rir novamente. Não era agudo como o arrulhar de uma pomba, mas não era profundo o suficiente para ser considerado um ronronar ou um estrondo. Era fofo, mas também sexy como o inferno. Eu continuei coçando as penas fofas que revestiam a borda da asa direita até o fim antes de passar para a esquerda. Eu não levantei a mão, apenas passei as unhas pela coluna dele até o outro lado.

Eu nunca cheguei até lá.

Dakas gritou, jogando a cabeça para trás e se afastando do meu toque. Eu gritei, pulando para trás de surpresa, antes de olhar para ele com os olhos arregalados. Ele respirou fundo e me lançou um olhar quase selvagem e sensual que me deixou molhada instantaneamente.

— É melhor você evitar tocar a área no meio da parte inferior das minhas costas — Dakas disse com voz rouca — Especialmente com as unhas. Ela é altamente erógena para nós.

Ele não precisava explicar isso para mim. Minhas paredes internas ainda latejavam pelo jeito que ele soou quando gritou. Eu suspeitei que ele parecesse assim quando estivesse prestes a atingir o clímax.

— Desculpas? — eu disse, sem sentir nem um pouco de pena.

Ele bufou e balançou a cabeça para mim, nem um pouco

enganado. Ele se virou e eu terminei de coçar a ponta de sua asa esquerda, curtindo mais de seu arrulhar sexy. Eu fiquei tentada a dar outra boa coçada na parte inferior das costas dele antes de terminar, mas não queria enviar o sinal errado. Quando ele se virou para me encarar, sua expressão me disse que, mais uma vez, ele sabia exatamente quais pensamentos perversos estavam me atormentando.

— Obrigado, minha companheira. Eu serei capaz de terminar sozinho — ele disse com um sorriso misterioso.

— OK. Deixe-me pegar o sabonete para você — eu entreguei o chuveiro a ele, depois peguei o sabonete que estava na pia e entreguei a ele — Enquanto você termina, eu vou tomar um banho rápido no banheiro do meu pai.

— Obrigado. Vejo você em breve.

Eu fechei a porta atrás de mim, meus dedos ainda formigando com a sensação de suas penas. Se elas eram tão macias quando molhadas, quão fofos seriam quando secas? Qual seria a sensação de descansar minha cabeça em seu peito que estava coberto com elas?

Eu rapidamente persegui esses pensamentos errantes e peguei minha camisola menos matronal e uma calcinha limpa antes de correr para o banheiro do meu pai. Como nosso relacionamento ainda não havia chegado nesse ponto, eu não ia usar uma lingerie sexy de renda ou seda – não que eu tivesse alguma. Porém, depois de trocar a roupa de cama, eu deveria ter ido comprar algo um pouco mais atraente. O fato de eu não estar pronta para rolar no feno com meu marido não significava que eu deveria usar algum tipo de saco de batatas. Pelo menos, a camisola de algodão branco sem mangas caía logo acima dos meus joelhos e era transparente o suficiente para dar um leve vislumbre da minha silhueta por baixo. Embora devidamente recatada, a gola quadrada bordada dava apenas uma pequena sugestão da curva dos meus seios.

Normalmente, eu gostava de ficar sob um chuveiro quente, quase escaldante. Dessa vez eu acelerei um pouco, mas não muito. Eu queria dar a Dakas a chance de terminar e se secar sem se sentir pressionado. Ele certamente tinha uma superfície bem grande para lidar.

E uma superfície muito bonita.

Eu estava realmente gostando do meu marido. Claro, era muito cedo para ter uma paixão ou qualquer sentimento sério, mas eu estava gostando da personalidade dele até agora. Ele parecia doce, de humor fácil, mas também inteligente, trabalhador, eficiente, protetor e não tolerava besteiras. Eu ainda me sentia muito orgulhosa da maneira como ele assumiu o comando da configuração de nossas defesas. Nosso pessoal às vezes podia ser difícil quando as tarefas precisavam ser feitas. Mas ninguém o desafiou, submetendo-se automaticamente à sua aura natural de autoridade e competência óbvia.

Ninguém além de Martin...

Esse pensamento esmagou completamente a felicidade que eu sentia desde que encontrei Dakas quase nadando na bagunça aquosa que ele criou em meu banheiro. Eu não sabia o que diabos estava acontecendo com Martin. Ou melhor, eu não entendi seu comportamento excessivamente desagradável hoje. Ele sempre era um pé no saco sempre que as coisas não aconteciam do seu jeito, mas isso era extremo, até mesmo para ele.

Eu conheci Martin toda a minha vida. Ele não era uma pessoa má, apenas mimado. Eu só podia esperar que ele se recompusesse logo, antes que as coisas saíssem do controle. Dakas não gostava nada dele. A maneira como ele olhou para Martin quando ele me comparou a um peixe boquiaberto fora d'água me assustou. Eu estava convencida de que Dakas queria infligir o mesmo tipo de dano que ele causou naquele poste para demonstrar o quão frágil ele era. Os outros Zelconianos, especialmente Graith e meu cunhado Renok, lançaram olhares sombrios na direção de Martin.

Só espero que suas habilidades empáticas não revelem que ele é um verdadeiro monstro.

Apesar de todos os seus defeitos, Martin era um membro valioso da aldeia e a sua mãe viúva era a senhora mais doce do mundo. Perder seu amado marido cedo a levou a adorar seu único filho, o transformando no pirralho mimado e insuportavelmente intitulado que ele era hoje.

Percebendo que já havia demorado o suficiente. Eu saí do chuveiro, coloquei minha camisola e fui até a cozinha para pegar o esfregão antes de voltar para o meu quarto.

— Entre! — Dakas gritou antes que eu pudesse bater na porta do banheiro.

Eu abri e o encontrei fora da banheira, parecendo seco, exceto pelas pontas das asas, e o banheiro quase de volta ao estado anterior ao desastre. Mas foram os pés dele que prenderam toda a minha atenção, mais especificamente o pé direito. Eu tinha notado algo estranho neles antes, mas agora eu realmente entendi. Ele dobrou o pé quase como uma mão para segurar a toalha no chão, que usou para limpar a sujeira. A curva anormal definitivamente era qualificada como estranha. Mas para a médica que há em mim, isso era fascinante.

Ainda segurando a toalha com o pé, ele dobrou a perna, levantando-a de lado para poder pegar a toalha nas mãos sem se abaixar. Meus olhos se voltaram para os dele e percebi que ele estava me encarando o tempo todo, sem dúvida avaliando minha reação à sua anatomia única... pelos padrões humanos. Ele temia que isso me incomodasse?

— Sua anatomia é fascinante para a médica que há em mim e faz meu lado humano arder de curiosidade — eu disse com naturalidade.

Seu rosto se suavizou e um sorriso travesso apareceu em seus lábios — Eu sou seu, Luana. Podemos brincar de médico-paciente sempre que você quiser.

Eu engasguei, me perguntando se ele sabia o verdadeiro significado daquela frase. Seu sorriso sarcástico parecia dizer sim, mas seus olhos estrelados o tornavam muito difícil de ler. Ele torceu a água da toalha na pia e olhou novamente para o chão, procurando a poça que ainda precisava ser limpa.

— Não! Não faça isso! Eu estava trazendo o esfregão para cuidar disso — eu exclamei.

— Por que você deveria cuidar disso sendo que eu fiz a bagunça? — ele perguntou, parecendo surpreso.

— Porque você é meu...

Ele ergueu uma sobrançelha e inclinou a cabeça para o lado enquanto esperava para ver o que eu ia dizer. Eu quase disse que ele era meu convidado. De certa forma, ele era, mas agora também era meu marido. Embora a colônia procurasse viver de uma forma mais tradicional, desprovida de uma dependência notável da tecnologia, nós não éramos antiquados em termos de papéis de gênero ou de igualdade de gênero.

— Porque se eu tivesse sido mais atenta às suas necessidades antes, você não teria sido colocado na posição de criar essa bagunça para começar. Então, a culpa é minha — eu disse.

— Discordo. Eu conheço minhas necessidades espaciais para tomar banho. Eu deveria ter levantado o assunto antes de você sair — ele rebateu — Também foi minha escolha tentar algo completamente maluco em vez de esperar seu retorno para discutir soluções alternativas. Então, foi minha falha em me comunicar adequadamente e minhas escolhas erradas que causaram essa bagunça.

— Tudo bem, nós dois falhamos — eu disse com um encolher de ombros — O que significa que nós dois vamos limpar. Você pode ficar com o esfregão. Como você já fez a maior parte desse trabalho, é melhor terminá-lo. Eu vou cuidar das paredes.

Para minha surpresa, isso pareceu agradá-lo. Dakas pegou o esfregão e limpou as últimas manchas úmidas, enquanto eu peguei um pano para limpar as que estavam na parede. Nós terminamos quase ao mesmo tempo, tendo uma conversa descontraída sobre os vários tipos de penas em seu corpo e o fato de algumas serem à prova d'água e outras não. Aparentemente, as impermeáveis foram projetadas para facilitar a natação. Eu fiquei sabendo também que, em sua residência em Synsara, ele possuía um sistema de secagem de última geração para cuidar das que se molhavam.

Depois de colocar o esfregão no chuveiro para secar, eu peguei meu secador de cabelo e sequei suas penas ainda úmidas, mantendo o nível de calor baixo e o aparelho a uma distância razoável o suficiente para evitar danificá-las. A reação de Dakas ao ver que eu cuidava dele confirmou que ele adorava ser mimado. Para sorte dele, eu estava adorando cada minuto... por enquanto.

Feito isso, eu voltei para meu quarto... com meu marido. Minha garganta de repente ficou super seca quando finalmente chegamos ao momento da verdade.

— Então... hmmm... você tem um lado preferido? — eu perguntei com uma risada nervosa — Na verdade, como você normalmente dorme com essas asas?

— Depende. Minha cama é três vezes mais larga que a sua e um metro mais comprida — Dakas disse com um olhar divertido — Às vezes eu durmo de costas ou de bruços, com as asas bem abertas. Às vezes eu me enrolo de lado com elas dobradas atrás de mim. Às vezes, eu simplesmente me penduro em uma árvore, com minhas asas enroladas em volta de mim.

Meus olhos se arregalaram — Você se pendura em uma árvore?!

— Quando estamos migrando e decidimos fazer uma pausa para passar a noite no meio do nada — ele disse, encolhendo os ombros.

— E você não tem medo de cair?

Ele balançou sua cabeça — Meu corpo sabe o que fazer para manter o equilíbrio, mesmo quando estou dormindo — ele voltou seu olhar para minha cama — Mas para responder à sua pergunta, considerando o espaço limitado que compartilharemos, eu dormirei de lado com as asas dobradas atrás de mim. Como sua mesa de cabeceira fica à direita, presumo que seja o seu lado preferido. Então, vou ficar à esquerda. É tudo o mesmo para mim.

— Tudo bem — eu disse, gesticulando nervosamente para ele prosseguir.

Observá-lo subir na minha cama fez a coisa mais estranha comigo. Eu não era virgem, mas nunca dormi com um homem sob o mesmo teto que dividia com meu pai. Ver seus pés pendurados na beira da cama me fez sentir culpada e também enfatizou o quão alto e imponente meu companheiro era.

— Sinto muito que você fique tão apertado — eu disse timidamente.

Dakas apenas sorriu e estendeu a mão para mim. Isso deveria ter me assustado, mas eu imediatamente fui até ele e aceitei sua mão enquanto subia na cama. Eu deitei de lado, de frente para ele. Ele manteve minha mão na dele.

Nós nos encaramos por alguns segundos. A ausência de constrangimento ou desconforto me deixou perplexa. Por um motivo

que não consigo explicar, eu me senti segura.

— Conte-me sobre você, Luana.

Eu dei de ombros, franzindo o rosto — Eu nasci nesta aldeia há vinte e seis anos. Foi uma gravidez difícil para minha mãe. Ela teve dificuldade em conceber antes e novamente depois de mim. Na verdade, ela morreu de complicações de outra gravidez quando eu tinha cinco anos.

Dakas apertou gentilmente minha mão em um gesto reconfortante, mas me poupou das desculpas vazias pela minha perda.

— Foi isso que a levou a se tornar uma curandeira? — ele perguntou suavemente.

Eu balancei a cabeça — Eu estava com tanta raiva naquela época. Minha mãe estava doente desde o início da gravidez. Gunter – nosso médico na época – dizia que ela só precisava descansar, mas eu sabia que poderia ter sido feito algo mais. Eu simplesmente não sabia o quê. Depois de sua morte, eu jurei que nunca mais ficaria tão indefesa. Eu não ficaria ali sentada ouvindo outra pessoa me dizer por que nada mais poderia ser feito para salvar alguém que eu amava. Eu saberia o que fazer.

— Então, você se tornou aluna desse Gunter quando teve idade suficiente?

Eu balancei minha cabeça — Não. Gunter era um dos grandes fãs do “modo de vida mais simples” defendido pelos fundadores da nossa aldeia. Jenna – a mulher mais velha que o desafiou mais cedo sobre o muro defensivo ser de alta tecnologia – é viúva dele. Ele morreu de uma infecção estúpida depois de se ferir durante uma caminhada na floresta. Nós não havíamos encontrado a cepa bacteriana específica que ele havia contraído. Equipamentos mais avançados teriam nos permitido realizar um tratamento mais eficaz e oportuno para ele. Quando finalmente o fizemos, ele já estava além de qualquer ajuda.

Dakas balançou a cabeça de uma forma que dizia “que desperdício”.

— Naquela época, várias pessoas que acabaram morrendo ou ficando com complicações permanentes ou incapacidades decorrentes de ferimentos que poderiam ter sido totalmente curados. Francamente, eu sinto que foi um crime para o nosso médico querer se ater a métodos de cura antigos e primitivos por ideologia, quando existiam técnicas, métodos e tratamentos eficientes e muito mais avançados.

Dakas assentiu lentamente, com o rosto iluminado de curiosidade — Como você aprendeu então?

— Eu trapaceei — eu confessei descaradamente — Com meu pai sendo líder da colônia, ele é uma das poucas pessoas com acesso à rede galáctica. Eu entrava furtivamente em seu escritório quando ele saía para usar o site de aprendizagem online.

Ele bufou, um brilho de admiração em seus olhos — Esperta. Mas acho que ele acabou te pegando você?

Eu assenti — Não tenho certeza de quando ele descobriu isso. Eu sei que foi muito antes dele realmente me confrontar sobre isso.

— Oh? Por que ele permitiu que você continuasse?

— Acho que meu pai percebeu que nossos hábitos atuais não poderiam – e francamente não iriam – continuar por muito mais tempo — eu disse pensativamente — As pessoas da minha geração e mais jovens estão irritadas com este estilo de vida primitivo que os nossos antepassados nos impuseram. Nós compreendemos o que os levou a isso, mas eles foram ao outro extremo. No entanto, há um limite de margem de manobra que meu pai pode nos dar sem comprometer sua liderança. Mas a praga foi o que realmente mudou as coisas.

— A praga? — Dakas perguntou, recuando.

— Mmhmm. Quando eu tinha dezessete anos, uma infestação de insetos devastou a área. Foi como se um enxame de gafanhotos tivesse caído sobre nós. Nós nunca tínhamos visto esses insetos antes, mas aparentemente eles vieram de longe, do nordeste — eu disse com um estremecimento — Suas picadas deixaram muitos de nós extremamente doentes. Nós os chamávamos de praga, mas era semelhante à malária. Eu fiquei terrivelmente doente e quase morri. Foi então que papai autorizou Tilda, a enfermeira que assumiu o consultório de Gunter, a entrar em contato com os médicos humanos viajantes da OPU.

— E eles vieram em seu socorro — Dakas disse.

— Não, eles não poderiam — eu disse desanimada.

— O quê? — ele exclamou.

— Nós éramos uma colônia ilegal. Eles não poderiam nos ajudar a menos que concordássemos em ser evacuados, o que nos tornaria novamente cidadãos legais dos Planetas Unidos. No entanto, eles poderiam analisar uma doença letal recentemente descoberta e tornar públicas as suas recomendações sobre formas de tratar a doença.

Dakas bufou — Outra solução alternativa.

Eu balancei a cabeça — A OPU é muito boa nisso. Eles nunca quebram as suas próprias regras, mas encontram soluções alternativas quando consideram a causa válida. Isso me confundiu, porque como nossa colônia em dificuldades poderia ter algum valor para eles? Mas hoje eu percebi que eles estavam jogando um jogo longo. Ter humanos aqui poderia eventualmente ajudar na reaproximação entre nossos povos.

Seu polegar acariciou suavemente as costas da minha mão enquanto ele sorria — E essa aposta valeu a pena, pois eu sou grato a eles.

Eu sorri de volta, me sentindo estupidamente tímida.

— Tilda baixou o protocolo de tratamento e conseguiu salvar a todos nós — eu continuei — Quando me recuperei totalmente, meu pai me confrontou sobre meus estudos secretos. Ele perguntou o quão sério eu estava falando sobre isso. Eu disse a ele que se ele tentasse me impedir, eu encontraria uma maneira de contornar ele e todos os outros. Ele disse que bom, porque ele não iria me impedir. Ele já havia perdido minha mãe e quase me perdeu. Em vez disso, ele me forneceu um sistema de tutoria holográfica que me permitiu realizar alguns dos estudos mais avançados, como simulações cirúrgicas.

— Isso é maravilhoso. É uma pena que tenha sido necessária uma tragédia para que as coisas mudassem — Dakas disse.

Eu assenti — Tem sido uma luta constante, mas isso abriu a porta para mais progressos. No início, Lara teve que vir até minha casa para estudar engenharia em segredo. Mas quando as pessoas começaram a ficar sem energia e a congelar devido aos nossos painéis solares excederem a sua expectativa de vida, e como os comerciantes da OPU se recusavam a negociar novos conosco por medo de se meterem em problemas, eles perceberam que precisávamos de ser capazes de construir os nossos próprios.

— Então, que tipo de futuro você deseja para você e para a colônia? — Dakas perguntou, a súbita intensidade do seu olhar indicando que a minha resposta era importante para ele.

— Uau, essa é uma pergunta pesada — eu disse com uma risada nervosa. Ele simplesmente sorriu — Desde esta manhã, o futuro que imaginei obviamente foi completamente alterado. Então, acho que vou responder primeiro sobre a colônia.

— Justo.

— Eu respeito o desejo dos nossos antepassados de evitar o domínio obsessivo da tecnologia que os afastou do mundo em que viviam — eu disse cuidadosamente — Da forma como descreveram, o contato humano tornou-se quase inexistente porque tudo era feito digitalmente por meio de e-mails e comunicadores. As máquinas faziam tudo, desde limpar, cozinhar, construir, até educação, medicina, sexo e até arte. Por que trabalhar na construção de um relacionamento saudável com alguém, o que exige compreensão e concessões, quando você pode ter um androide projetado exatamente de acordo com suas especificações?

— Eu percebo como as relações e interações pessoais podem ser afetadas, mas por que rejeitar os benefícios da automatização de tarefas? — Dakas perguntou com alguma confusão.

— Porque aparentemente isso nos deixou muito preguiçosos e egocêntricos — eu disse, revirando os olhos — Como as máquinas podiam construir ou fazer coisas rapidamente, as pessoas começaram

a tornar-se cada vez mais exigentes, esperando gratificação instantânea em todas as coisas e perdendo todo o apreço por qualquer coisa, já que tudo estava prontamente disponível sem qualquer esforço ou sacrifício. Mas é preciso que haja um meio-termo, e não uma completa difamação de tudo o que poderia melhorar o nosso modo de vida.

— Portanto, você quer poder aceitar a tecnologia novamente — Dakas concluiu.

— Eu quero que utilizemos a tecnologia que tornará a nossa vida melhor e mais fácil, sem perder de vista o que é importante, como a família e a comunidade. Eu não quero que as nossas gerações mais jovens sejam forçadas a se esconder para enriquecer as suas mentes ou que se sintam traidoras por quererem mais da vida do que ficar preso no passado. E eu quero que a colônia faça isso junta, unida, e não através de uma revolta da nossa juventude. Eu já ouvi muitas conversas sobre a divisão em uma colônia diferente. Francamente, sem o ataque dos Yurus, acho que isso poderia ter acontecido.

— Ancestrais! Não tínhamos ideia de que tais tensões estavam aumentando dentro de sua colônia.

— Isso está borbulhando sob a superfície. Apesar de muitas dicas, os mais velhos convenientemente enterraram a cabeça na areia. Mas penso que os acontecimentos recentes são exatamente o catalisador de que precisávamos. E, do ponto de vista egoísta, eu estou em êxtase.

— Oh? Por quê?

— Porque, como filha do líder, eu fui forçada a me controlar para não minar sua autoridade. Mas agora, como uma mulher casada e que viverá principalmente fora da colônia, eu finalmente poderei abrir minhas asas *virtuais* — eu disse com um sorriso — O equipamento médico de alta tecnologia que Kayog nos enviou já é uma mina de ouro para mim. Mas com o seu povo aberto ao avanço tecnológico, não haverá limites para tudo o que eu poderei aprender e fazer agora.

— Você não tem ideia de todas as maravilhas que agora se abrem para você, Luana — Dakas disse com um fervor que me comoveu profundamente — Muitos dizem que o casamento é uma gaiola. Mas no nosso caso, você descobrirá que é a chave para a sua liberdade. Mas por enquanto, durma, minha companheira. Um dia agitado nos espera pela manhã. Quero que terminemos aqui rapidamente para que eu possa lhe mostrar sua nova casa. Você vai adorar Synsara.

Eu sorri e apertei suavemente sua mão, que ainda segurava a minha — Mal posso esperar para ver.

Seu polegar acariciou as costas da minha mão novamente e ele fechou os olhos. Com um suspiro de satisfação, eu fechei os meus também e sonhei com todas as maravilhas que me aguardavam.



Capítulo 8

Dakas

Meus olhos se abriram de repente. Eu não sabia o que havia me acordado, mas a persistente sensação de urgência desapareceu instantaneamente. A sensação do corpo de Luana pressionado contra mim – seu rosto enterrado em meu pescoço, seu braço possessivamente enrolado em minha cintura, uma perna entrelaçada na minha – dominou todo o resto.

Seja qual for o sonho que varreu minha companheira, ele despertou as emoções mais deliciosas dentro dela. Ela suspirou suavemente, o som sensual enviando um arrepio igualmente delicioso pela minha espinha. Luana apertou ainda mais e gentilmente esfregou o rosto nas minhas penas antes de se acomodar novamente.

Eu beijei cuidadosamente sua testa, passei meu braço em volta dela e estendi minha asa direita sobre seu corpo como um cobertor. Quando fechei os olhos, a sensação de urgência que me acordou surgiu novamente logo antes da voz alarmada de Renok ressoar em minha mente.

— *Dakas! Acorde! Um grupo de ataque está chegando!*

Eu imediatamente fiquei tenso — *Estou a caminho!*

O braço de Luana caiu da minha cintura e ela acordou assustada, parecendo confusa — O quê ...?”

— Eu sinto muito, Luana. Eu tenho que ir — eu disse, me desvencilhando dela e saindo da cama.

— O que está acontecendo?

— Meu irmão acabou de me informar que um ataque Yurus está chegando.

— O quê? Oh meu Deus!

Luana pulou da cama, o medo irradiando dela enquanto corria para o guarda-roupa. Eu circulei a cama, agarrei minha mulher pelos ombros e gentilmente a virei para me encarar.

— Calma, minha Luana — eu disse em um tom apaziguador — É apenas um grupo de ataque. Eles não ultrapassarão o muro de energia.

Nós preparamos as defesas a tempo. Eles logo verão que sua aldeia não está mais indefesa. Nós desligamos o alarme para evitar criar pânico. Mas se os aldeões notarem alguma coisa, você deve tranquilizá-los. Mantenha-os calmos e bem afastados do perímetro. Enquanto isso, meu povo e eu perseguiremos os Yurus.

— T-tudo bem — Luana disse, lutando para conter o medo — Prometa que você terá cuidado.

— Eu prometo, minha companheira.

Para minha surpresa, Luana segurou meu rosto e me puxou para baixo, pressionando seus lábios nos meus. Eu instintivamente agarrei seus quadris, inclinei a cabeça e aumentei a pressão da minha boca na dela. Por mais que eu quisesse me entregar ainda mais, me forcei a me afastar. Com a palma da mão apoiada em sua bochecha, eu acariciei seus lábios com o polegar.

— Não tenha medo, minha companheira. Eu voltarei para você com segurança. Confie em mim.

Luana respirou fundo e assentiu, seu lindo rosto assumindo uma expressão determinada. Eu sorri quando a pequena e forte guerreira, que se escondia por trás da personalidade tímida que ela ocasionalmente usava, veio à tona.

Me soltando com relutância, eu peguei minha outra braçadeira e saí da sala.

— *Quantos são?* — eu perguntei telepaticamente a Renok, enquanto colocava a braçadeira em meu braço.

— *Há três grupos de cinco ou seis pessoas se aproximando da aldeia, cada um indo para um local diferente.*

— *Eles querem forçar os humanos a dividirem suas defesas* — eu disse.

— *Sim. Mas eles têm uma surpresa chegando* — a voz psíquica do meu irmão tinha um toque sanguinário — *Enviando sua posição para o mapa da muralha defensiva. Temos quatro guardas em cada um dos três locais. Deveríamos pedir reforço de Synsara?*

Balancei a cabeça, embora ele não pudesse me ver — *Não, ainda não. Não há muitos Yurus atacando. Eles estão esperando uma diversão fácil. Espere.*

Expandindo a conexão psíquica, eu formei um grupo, ligando as mentes de todos os doze guardas Zelconianos que ficaram para proteger Kastan. Criar um grupo psíquico era extenuante para qualquer um de nós, agravado pelo número de pessoas incluídas. Como híbrido, era ainda mais difícil para mim. Eu não aguentaria por muito tempo, mas precisávamos que todos se atualizassem rapidamente.

— *Não se revelem* — eu disse ao grupo — *Deixem os Yurus chegarem ao muro e observem como eles reagem. Não se envolvam até que eu dê a*

ordem.

Eu senti a cutucada de compreensão de cada um dos guardas antes de dissolver o grupo psíquico. Eu dobrei minha crista e abanei a penugem mais escura e as penas dos ombros sobre o peito para cobrir as cores mais vivas dos meus adornos naturais. Na escuridão, minhas penas azul-escuras permitiam que eu me misturasse com as sombras.

Depois de dar uma olhada nos drones antimísseis que pairavam sobre a vila, eu sobrevoei o muro de energia até as primeiras árvores, a dez metros de distância, margeando o início da floresta. Eu expulsei as garras nas pontas dos dedos dos pés e na parte de trás dos calcanhares segundos antes de pousar em um dos galhos grossos e médios de uma árvore. Meus pés se fecharam em volta do galho e eu me agachei, envolvendo meu corpo com as asas. Sua cor mais escura esconderia o tom azul mais claro da minha pele, ao mesmo tempo que se misturaria com as folhas grossas da árvore.

— *Eles estão se aproximando, tempo estimado de um minuto* — Renok falou mentalmente para sua unidade e para mim.

Eu observei Renok voar silenciosamente até uma árvore em frente à minha posição. De acordo com a interface na minha braçadeira, os outros três membros da unidade de Renok – Calluas, Selsan e Yeiron – também estavam empoleirados nas proximidades.

Meu pulso acelerou. Com base nos relatórios que coletamos dos moradores ao longo do dia, não esperávamos que os Yurus tivessem qualquer arma ou scanner. Sabendo que os humanos estavam indefesos, eles geralmente vinham de mãos vazias, exceto por alguns nyloths para levar seus bens roubados de volta para sua aldeia.

Até mesmo agora, eu podia ouvir as batidas surdas das enormes patas dianteiras de um nyloth batendo no chão conforme ele se aproximava e o som de clique de suas patas traseiras menores. As vozes entusiasmadas dos Yurus revelaram a sua antecipação do terror que iriam causar nos corações dos aldeões enquanto saqueavam as suas riquezas.

Mas hoje não.

Uma alegria maliciosa encheu meu coração quando cinco Yurus imponentes e um nyloth maduro entraram em minha linha de visão. A criatura lembrava vagamente uma lagosta verde-acinzentada de três metros de comprimento, com pernas finas em toda a extensão da cauda chata e uma cabeça de mosca. Nas costas, os Yurus carregavam um grande recipiente de madeira que esperavam encher. Os pés com cascos de seu líder batiam no chão, seu rabo de touro balançava de excitação enquanto ele falava em voz alta com sua equipe. Pelo tamanho e comprimento das presas emoldurando sua boca e pelas inúmeras cicatrizes em seu rosto e visíveis através do pelo que cobria seu corpo, ele era um lutador experiente, com um grande ego. Minha

visão noturna perfeita me permitiria saborear a expressão em seu rosto no minuto em que ele notasse o muro.

— *Isso deve ser interessante* — Renok disse telepaticamente à unidade. Ele poderia manter o link do grupo por algumas horas, se necessário. Eu estaria exausto na metade do tempo.

Eu ri interiormente e senti a diversão dos outros através da nossa conexão mental.

— *Jaafan!* O que é aquilo? — o líder Yurus exclamou, com os olhos arregalados quando ele parou repentinamente.

Eu apertei meus lábios para abafar minha risada. Mais *jaafans* – assim como alguns outros palavrões Yurus – irromperam de seus companheiros.

— Wonjin, vá — o líder ordenou a um de seus companheiros de equipe – sem dúvida o capanga da unidade – com um gesto de cabeça em direção ao muro.

O Yurus chamado Wonjin não parecia nada entusiasmado, mas obedeceu. Ele examinou o chão até encontrar uma pedra grande e se aproximou da parede. Parando a alguns metros de distância, ele jogou a pedra com toda a força. O projétil se espatifou contra o campo de energia e se transformou em pó. Uma área de efeito explodiu daquela seção da parede, derrubando qualquer coisa num raio de cinco metros. Wonjin gritou enquanto voava alguns metros para trás, caindo aos pés de seus companheiros que mal conseguiram sair do caminho.

— *Jaafan! Jaafan!* — seu líder praguejou e cuspiu no chão — Quando aqueles *hoodah* construíram isso? Desde quando eles têm tecnologia?

— Tarmek, acho que deveríamos voltar para Mutarak e avisar Vyrax — um dos homens disse ao seu líder enquanto Wonjin se levantava dolorosamente.

— Você é estúpido, Zulkis?! — Tarmek sibilou — O que você acha que Vyrax fará com seu traseiro *jaafan* quando descobrir que você fez uma invasão final dois dias antes do ataque? Ainda mais depois que ele proibiu qualquer ataque, para que os *hoodahs* baixassem a guarda?

— Nós poderíamos ser heróis — Wonjin disse hesitantemente — Se não o avisarmos, Vyrax não virá suficientemente armado para lidar com este nível de defesa, já que os humanos sempre se acovardam. Ele ficará furioso se-

Tarmek atacou Wonjin e deu um soco no rosto dele com tanta força que eu não ficaria surpreso se ele esmagasse suas maçãs do rosto ou deslocasse sua mandíbula. O sangue explodiu da boca de Wonjin quando ele caiu no chão, mas ele se sentou imediatamente, limpando a boca com as costas da mão, parecendo não estar desgastado. Os outros três homens pareceram concordar com o capanga, mas rapidamente colocaram expressões neutras em seus rostos.

— Vyrax irá agradecer por essa informação, segundos antes de rasgá-lo membro após membro e comer sua carne ainda sangrando direto de seus ossos, seu *jaafan* de merda.

A voz de Minkus em minha cabeça me assustou quando ele relatou um cenário semelhante acontecendo no local de sua equipe. Garok relatou o mesmo.

— Não interfiram — eu ordenei.

Os Yurus discutiram mais um pouco antes de começarem a jogar tudo o que podiam na muralha. Eu saboreei a raiva deles por ter sido negada uma noite de diversão, intimidação de humanos e saques. Mas as suas emoções confirmaram que eles não tinham esperança real de romper a barreira. Eles só queriam testá-la.

— Tarmek, e os outros? — Zulkis perguntou de repente depois que outra grande rocha não conseguiu danificar nem remotamente o campo de energia — Eles também encontraram uma muralha? A vila ainda está quieta, então só posso presumir que eles não conseguiram atacar do seu lado.

— Onde você quer chegar? — Tarmek perguntou com raiva.

— E se eles decidirem voltar correndo para Mutarak e avisar Vyrax? — ele perguntou.

Tarmek congelou, horror descendo por suas feições — De volta à cidade imediatamente! Nós nunca estivemos aqui! Está entendido?

— Sim, Tarmek — os quatro homens disseram obedientemente.

Mas mesmo enquanto eles voltavam, Tarmek tirou do cinto o que presumi ser um dispositivo de comunicação pessoal. Momentos depois, Minkus confirmou que sua equipe de Yurus foi contatada e estava recuando.

— *Deixem eles irem. Permaneçam invisíveis* — eu ordenei às nossas unidades.

— *Nós poderíamos tentar chegar antes deles em sua aldeia para chamar a atenção para seu retorno, para que Vyrax os massacrasse. Menos inimigos para lidarmos* — Renok sugeriu.

— *Um pensamento tentador, mas também alertaria Vyrax sobre as defesas que montamos* — eu respondi — *Eles planejam atacar depois de amanhã, presumivelmente sem suas armas tecnológicas. Eu quero que ele permaneça ignorante. Até então temos que fabricar o máximo de armas que pudermos a partir dos projetos que Kayog nos deu. Vamos assustar os Yurus até a morte quando eles aparecerem.*

— Entendido.

Quando os Yurus estavam suficientemente longe, nós saímos dos nossos esconderijos e voamos de volta para a aldeia. Ainda dormindo, nenhum dos aldeões notou a ameaça que a muralha havia evitado. Coberta com um manto grosso e parada na beira da praça da aldeia, Luana pressionou as palmas das mãos contra o peito, como se quisesse

conter o coração que batia freneticamente enquanto nos observava pousar em segurança.

— *Volte para a cama com sua companheira, Dakas. Nós avisaremos se surgir mais algum problema* — Renok disse.

— *Obrigado, irmão* — eu disse, deixando-o sentir minha gratidão.

A alegria e o alívio que emanavam da minha mulher quando me aproximei dela me encheram de uma sensação maravilhosa. Eu sorri e algo pareceu quebrar dentro dela. Luana correu, atravessando a curta distância entre nós, e se jogou em meus braços. Eu fechei meus braços e asas ao redor dela em um gesto reconfortante antes de beijar o topo de sua cabeça.

— Está tudo bem, minha companheira. A muralha os confundiu. Eles desistiram e voltaram.

Ela apertou ainda mais por um segundo e depois afrouxou para olhar para mim — Muito obrigada.

— Eu não fiz nada esta noite, a não ser vê-los falhar miseravelmente em enfraquecer nossas defesas — eu disse presunçosamente — Mas de nada. Vamos voltar para a cama. Teremos muito trabalho para fazer amanhã.

Luana gritou de surpresa e depois riu quando a levantei nos braços e a levei para casa. Ao longo do caminho, eu fiz um rápido resumo do que havia acontecido perto da muralha.

— Isso é muito bom — Luana disse enquanto eu a colocava de pé. Ela tirou o roupão grosso que vestia e o pendurou no guarda-roupa enquanto eu circulava até o outro lado da cama — Agora nós sabemos quando eles querem atacar. Temos todo o amanhã para construir armas. Na verdade, suspeito que ainda levará mais alguns dias, porque Vyrax perderá uma quantidade estúpida de tempo tentando violar nossas defesas sem armas antes de recuar. Mas aí, ele provavelmente voltará alguns dias depois com seu arsenal máximo. Você acha que seremos capazes de frustrá-lo?

A esperança misturada com a incerteza em sua voz, olhar e emoções me fez querer puxá-la para meus braços, mas eu me forcei a simplesmente deitar ao lado dela.

— Os projetos que estamos estudando com Lara são fenomenais — eu disse em um tom tranquilizador — Kayog se certificou de que tivéssemos o tipo de armas que desencorajaria até mesmo Vyrax. Lara disse que teria todos os moldes de armas prontos pela manhã para que possamos começar a moldá-las ao amanhecer. Estou confiante de que tudo correrá bem. Durma agora, minha companheira. Eu preciso de você bem descansada.

Para minha encantadora surpresa, Luana se aconchegou mais perto, pressionou suavemente seus lábios nos meus e depois enterrou o rosto em meu pescoço. Eu engoli um suspiro, passei um braço

possessivo em volta de suas costas e fechei os olhos, com um sorriso satisfeito no rosto.



Capítulo 9

Luana

Amanhã começou comigo enrolada em Dakas, sua asa direita servindo de cobertor. Quando eu disse a ele que daria uma chance honesta e justa ao nosso relacionamento, eu não sabia como seria. Mas essa química fácil entre nós superou todas as minhas esperanças. Claro, a bagunça do chuveiro nos ajudou significativamente a ficar ainda mais confortáveis um com o outro, mas a personalidade dele desempenhou o papel mais importante.

A maneira preguiçosa com que seu polegar começou a acariciar minha parte inferior das costas confirmou que ele também estava acordado. Sabendo que era hora de levantar, eu soltei um meio suspiro, meio gemido que o fez rir. Mas ele era tão quente, tão fofinho... Apesar da dureza de seu corpo musculoso, Dakas foi feito para se aconchegar. Eu inalei seu aroma fresco e levemente picante e esfreguei meu rosto nas penas macias de seu peito. Dakas imediatamente começou a arrulhar.

Eu comecei a rir e ele riu novamente. Ao contrário da noite passada, quando o prazer de coçar as penas de suas asas provocou o arrulhar, desta vez, eu estava convencida de que ele tinha feito isso deliberadamente para arrancar essa reação de mim. Eu levantei minha cabeça para olhar para ele e instantaneamente me afoguei no mar de estrelas em seus olhos.

— Eu adoro a sensação da sua risada — Dakas disse com a voz profunda — Eu adoro sentir todas as suas emoções felizes, mas sua risada é meu novo vício.

— Posso pensar em coisas muito piores para se viciar. Para sua sorte, eu gosto quando você me faz rir — eu disse, com o estômago dando voltas — Portanto, você tem minha permissão para fazer isso quantas vezes desejar.

— Ótimo, porque eu pretendo fazer isso com frequência.

Seu olhar baixou para minha boca e ele se inclinou para frente. Ele permaneceu pairando logo acima dos meus lábios, seus desejos claros.

Eu adorei que ele buscou meu consentimento primeiro. Lembrar como eu o beijei ontem à noite sem perguntar me envergonhou. Por outro lado, eu sabia visceralmente que Dakas estava pronto para ir até o fim, mas estava me permitindo definir o ritmo, o que me fez gostar ainda mais dele.

Eu diminuí a distância entre nós e pressionei minha boca na dele. Dakas imediatamente assumiu o controle do beijo. Apesar de sua óbvia falta de experiência nesse assunto – já que todas as mulheres Zelconianas tinham bico – meu marido não era ignorante nem desajeitado. Experimental seria uma descrição mais precisa. Ele prestou muita atenção, tanto física quanto empática, às minhas reações e se ajustou de acordo.

Saber que Dakas podia sentir minhas emoções me deixou instantaneamente quente com a ideia de fazer sexo com ele. Como seria fazer amor com alguém que pudesse sentir o que eu sinto? Ele não teria que adivinhar se eu gostava do que ele estava fazendo.

E agora mesmo eu queria que Dakas aprofundasse o beijo e que suas mãos ficassem um pouco mais ousadas. Ele não conseguia ler mentes, mas fez exatamente isso. Meus lábios se separaram para receber sua língua enquanto sua mão deslizou pelas minhas costas, sobre a curva da minha bunda e desceu pela minha coxa para pousar na minha pele nua logo acima do joelho.

Sem interromper o beijo, Dakas inclinou-se ainda mais sobre mim, me obrigando a deitar. Enquanto nossas línguas se misturavam suavemente, adaptando-se rapidamente uma à outra, sua mão começou a subir pelo meu corpo, desta vez diretamente na minha pele, sob o tecido da minha camisola. Meus músculos abdominais se contraíram quando o calor calejado de sua palma subiu pela minha coxa. Uma estranha mistura de alívio e decepção girou dentro de mim quando sua mão não parou na minha calcinha, mas continuou subindo pela minha cintura.

Um gemido saiu da minha garganta quando seu beijo se tornou mais apaixonado. Meus mamilos doíam, esperando o momento em que a palma da mão dele se fechasse sobre meu seio, mas ela parou logo abaixo dele, deslizando até a borda das minhas costas antes de acariciar um caminho de volta pelo meu corpo até minha perna. Dakas interrompeu o beijo e me lançou um olhar tão cheio de desejo que senti a umidade se acumular entre minhas coxas.

— Você tem ideia de como você é linda? — Dakas sussurrou com uma intensidade que me virou de cabeça para baixo — Eu mal posso esperar para levá-la para casa e me vincular a você, para que minha alma seja uma com a sua. Então... então você conhecerá realmente meu coração e como sua mera presença me faz sentir.

— Estou ansiosa por isso — eu sussurrei de volta, meu peito cheio

do calor mais maravilhoso.

— Mas por enquanto, pare de me tentar, sua sedutora. Eu tenho aldeões angustiados para proteger e o mal para frustrar antes que eu possa arrastá-la para o meu covil e fazer o que quero com você! — Dakas disse provocativamente.

Eu ri — Me desculpe, ó herói valente. Vá em frente e frustre o quanto quiser.

Dakas riu, esfregou o nariz no meu e roçou meus lábios novamente antes de se desembaraçar relutantemente do meu abraço.

— Você vai tomar café da manhã comigo ou Phegea vai fazer as honras de novo? — eu perguntei.

Dakas bufou — Eu preferiria tomar café da manhã com você. Como eu disse ontem, os adultos raramente usam esse método, embora hoje possamos almoçar e jantar, considerando a quantidade de trabalho que nos espera.

Eu me animei. Por mais que eu entendesse e reconhecesse o valor para os Zelconianos de aproveitar tais características fisiológicas, pensar em meu marido se alimentando de comida regurgitada definitivamente não era excitante. E beijar novamente do jeito que fizemos depois dele ter feito isso seria um grande desestímulo, talvez até mesmo broxante.

— Incrível – sobre o café da manhã! Para o almoço, eu tentarei levar furtivamente um sanduíche ou algo que você possa comer sem parar o que está fazendo — eu disse com uma voz simpática.

— Eu adoraria isso — Dakas respondeu com um brilho nos olhos.

— O que você gostaria? Eu costumo comer mingau com nozes e frutas, ou panquecas. Hoje, eu estava pensando em um farto café da manhã humano tradicional com ovos, bacon e batatas...

Minha voz sumiu e, por uma fração de segundo, eu me perguntei se havia dito algo ofensivo. Dakas inclinou a cabeça novamente, como se fosse um pássaro, confuso com minha súbita mudança de humor. Mas meu próprio pensamento me pareceu tão estúpido que eu fiquei com vergonha de explicar o que me fez hesitar.

— Suas emoções estão uma bagunça agora! Estou muito intrigado. Que pensamento passou pela sua cabeça? — Dakas perguntou com indisfarçável curiosidade.

Me contorcendo em pé, eu franzi o rosto enquanto tentava criar coragem para confessar.

— Bem, eu realmente não sei o que os Zelconianos comem. E, por um segundo, me perguntei se você ficaria ofendido por eu sugerir que você comesse ovos de pássaros — eu disse timidamente.

Os olhos de Dakas se arregalaram, e então ele jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. Embora o alívio me inundasse, eu ainda assumi um tom defensivo para justificar esse pensamento.

— Ei! É natural pensar isso! Quero dizer, vocês não são exatamente pássaros e definitivamente não são uma galinha, mas ainda assim... eu não comeria a carne da maioria dos primatas porque eles parecem muito próximos dos humanos. Seria estranho.

— Você é uma joia, Luana — Dakas disse, ainda rindo — Muitas criaturas que eclodem de ovos também comem ovos. E os Zelconianos não são ovíparos – as nossas mulheres dão à luz como os humanos. Então, sim, nós comemos ovos, tanto cozidos quanto crus. Quanto à nossa relação com os pássaros, é interessante. A maioria dos pássaros nos reconhece como parentes, mas também como predadores. Algumas espécies voam ao nosso lado por um tempo, enquanto outras fogem de nós como fariam com um predador.

— É bom saber — eu respondi, ainda me sentindo um pouco boba — Então, o que você quer comer?

— Além dos ovos, não estou familiarizado com nenhuma das coisas que você listou — Dakas disse encolhendo os ombros — Mas eu adoraria provar o que você mais gosta. De modo geral, os Zelconianos são onívoros. Frutas e nozes constituem 80% da nossa dieta. Mas também comemos carne, peixe e vegetais, cozidos ou crus. Como híbrido, eu quase sempre cozinho um pouco a minha carne. Isso facilita a digestão.

— Ótimo! Isso deve tornar tudo mais fácil para nós. Eu fiquei um pouco preocupada que pudéssemos ter uma dieta completamente diferente — eu admiti.

— Tipo o quê, minha companheira? Você temia que acordássemos de madrugada para pegar algumas minhocas antes que o orvalho da manhã evaporasse das folhas? — ele perguntou provocativamente enquanto colocava a braçadeira.

— Não! — eu exclamei, lançando um olhar chocado a ele antes de fazer uma careta ao imaginar Graith, Skieth e Phegea enfiando o bico no chão para pegar um verme — Que visão ruim. Uma visão muito ruim. Eu não precisava dessa imagem — eu murmurei para mim mesma.

— Não? — Dakas perguntou com uma voz misteriosa.

Eu olhei para ele, estudando suas feições em uma vã tentativa de ler sua mente — Vocês não fazem isso, certo?

Os lábios sensuais de Dakas se esticaram em um sorriso quase maligno — Renok e os outros estão sendo dispensados do serviço de sentinela e meu pessoal está preparando as coisas para forjar as armas. Vou ver como eles estão enquanto você prepara o café da manhã. Eu voltarei em breve.

— Ah, tudo bem... Mas você não respondeu — eu acrescentei, estreitando os olhos para ele.

— Eu sei — ele brincou enquanto se aproximava de mim.

Eu abri a boca para discutir, mas ele segurou meu queixo e esmagou meus lábios com um beijo possessivo, me silenciando. Foi breve, apenas o suficiente para que meus dedos dos pés começassem a enrolar antes que ele terminasse, esfregasse o nariz no meu e saísse da sala.

Maldito seja esse homem...

Definitivamente, eu estava desenvolvendo uma paixão por meu marido, com asas, cauda emplumada, pés escamosos e tudo. Suspirando, eu fui ao banheiro para lavar o sono persistente do meu rosto, apenas para ficar horrorizada com o ninho de pássaro em meu cabelo – sem trocadilhos. Eu normalmente trançava meu cabelo longo e encaracolado em uma única trança antes de dormir ou o colocava em uma touca de dormir para que não fosse um desastre completo pela manhã. Eu não conseguia acreditar que essa era a imagem que Dakas teve de mim na primeira manhã em que acordamos juntos. Mas ele, é claro, não tinha uma única pena fora do lugar.

Gemendo, eu joguei água no rosto, escovei os dentes e usei uma escova para domar minha juba selvagem. Depois de me vestir, eu me ocupei com o café da manhã, com fricassé caseiro, ovos, bacon, linguiça bovina, torradas e acompanhamento de frutas recém cortadas. Eu hesitei na quantidade de tempero. Como ele mencionou que os sangue puros às vezes comiam carne crua, eu suspeitei que o fizessem sem nenhum tempero. Eu decidi ter um excesso de cautela e coloquei apenas uma pequena quantidade de sal e pimenta em sua porção. Adicionar mais seria fácil, remover, nem tanto.

Eu estava preparando um pouco de suco de laranja fresco enquanto preparava um bule de café quando Dakas voltou. Suas narinas se dilataram e uma expressão agradavelmente intrigada se espalhou por seu rosto.

— Isso cheira muito bom — ele disse.

Eu sorri e gesticulei para ele se sentar à mesa. Depois que ele se acomodou, ele olhou para o prato que coloquei diante dele com indisfarçável curiosidade. Mas seu rosto caiu quando ele viu o conjunto de utensílios.

— Certo — ele sussurrou para si mesmo.

— Você não está familiarizado com facas e garfos? — eu perguntei cautelosamente enquanto me sentava à mesa em frente a ele.

— Eu estou ciente do que são — Dakas admitiu — Mas não os usamos para comer. Nós usamos colheres para caldos, pastas, cremes, geleias e grãos. Caso contrário, usamos nossas garras tanto para pegar nossa comida quanto para cortá-la — ele olhou para o conteúdo de seu prato, especialmente os ovos estrelados voltados para cima — Esses ovos e batatas comeríamos com uma colher. O resto comeríamos com as mãos.

— Oh, entendi. Deixe-me pegar uma colher para você então — eu disse, me levantando.

— Não — Dakas disse em um tom que não admitia discussão — A comida humana deve ser consumida da maneira humana. Me ensine, minha companheira. Como eu faço para usá-los?

Mas mesmo enquanto pronunciava essas palavras, Dakas pegou o garfo com a mão esquerda, testando várias posições antes de se contentar em segurar o cabo como uma adaga para esfaquear a salsicha enquanto pegava a faca. Cada músculo das minhas costas se contraiu quando isso me assustou instantaneamente.

— Não! De jeito nenhum! — eu exclamei, pegando meu próprio garfo e correndo ao redor da mesa para ficar ao lado dele.

Dakas olhou para mim com olhos arregalados, sua expressão ao mesmo tempo confusa e divertida.

— Nunca, *já* segure um garfo assim. Isso é um crime contra a humanidade e a etiqueta adequada à mesa. Um garfo *não* é uma adaga. Você também não segura como se fosse um canudo e, principalmente, não enfia a faca entre os dentes do garfo para cortar. Existem duas maneiras de lidar com isso: uma para picar e outra para colher. Para picar, você segura principalmente com os dedos. Você poderia levantar o dedo mindinho se quiser parecer chique — eu disse, demonstrando com meu próprio garfo.

Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto ele me imitava cuidadosamente. Eu sabia que ele estava rindo da minha indignação pela maneira como ele havia maltratado o garfo. Mas isso ocupava um lugar de destaque em minhas pequenas listas de irritações, que incluíam pessoas mastigando com a boca aberta ou comendo de forma barulhenta. As piores eram aquelas que sentiam necessidade de criar sua própria trilha sonora, gemendo ou estalando os lábios enquanto comem. Só de pensar nisso me fazia estremecer.

Desta vez Dakas riu e eu olhei para ele.

— Quem a torturou com seus péssimos modos à mesa deve ter feito um grande estrago com você — ele disse zombeteiramente — Você terá que me dar uma lista extensa do que não fazer nos dias em que eu quiser irritá-la.

— EI!

Dakas riu novamente. Eu dei uma cotovelada nele de brincadeira e também sorri.

— Agora, pare de emitir emoções tão irritadas por causa de queixas passadas e termine de me ensinar como usar isso antes que esta comida se canse de ser negligenciada e saia sozinha — Dakas provocou.

Eu murmurei algo baixinho e retomei minha demonstração. Ele aceitou isso com notável facilidade. Como pegar com um garfo não

era diferente de usar uma colher, ele não precisava de prática nisso. Mas o verdadeiro teste era o do sabor.

Depois que eu voltei ao meu lugar, ele comeu um pouco de tudo, um de cada vez, com uma expressão ilegível. O tempo todo eu fiquei sentada olhando para ele, minha própria comida esquecida. Eu estava ficando impaciente quando ele tomou um gole de café, depois um de suco de laranja, antes de finalmente olhar para mim.

— E aí? — eu perguntei, quase prendendo a respiração.

— Esta é a sua receita habitual?

Eu me contorci na cadeira, me perguntando como interpretar a reação dele — Eu preparei tudo como sempre faço, exceto a quantidade de sal nos ovos e temperos nas batatas. Eu normalmente aumento um pouco. Mas como não sei se os Zelconianos usam condimentos e especiarias, eu não quis arriscar sobrecarregar o seu paladar. Por quê? É demais?

— Eu fico aliviado em ouvir isso. Nós usamos sal e outras especiarias. E para mim, isso não é suficiente.

— Sério?! Aqui, experimente o meu — eu disse, empurrando meu prato na frente dele — Eu não toquei nele. E está apimentado do jeito que eu normalmente como.

Dakas recuou levemente — Por que importaria se você tivesse tocado?

Eu dei de ombros — Algumas pessoas são germofóbicas e ficam enojadas só de pensar em comer do mesmo prato que outra pessoa comeu.

Ele me lançou um olhar estranho e riu — Luana, eu não tenho absolutamente nenhum problema com seus germes. Afinal, eu coloquei minha língua na sua boca há apenas meia hora.

Eu engasguei e balancei a cabeça, incrédula, quando ele começou a vasculhar minha comida. Seus olhos se arregalaram com a primeira mordida, um sorriso se estendendo em seus lábios.

— Você gostou disso? — eu perguntei, esperança escorrendo da minha voz.

— Isso é *muito* melhor. Muuuito melhor — Dakas disse com um sorriso. Ele apontou para seu próprio prato com o queixo — Aqueles ovos e batatas me deixaram preocupado, eles eram tão insossos. Mas isso é delicioso. Agora eu estou ansioso para experimentar algumas de suas outras receitas.

— Incrível! — eu exclamei com um sorriso bobo no rosto — Termine meu prato, eu pego o seu.

— Não! Não há motivo-

— Tsc tsc! Não perguntei se você queria — eu falei, pegando o prato dele — Há um motivo para eu ter saleiros e pimenteiros na mesa.

Eu adicionei um pouco ao prato anterior de Dakas e comi. Nós comemos em um ambiente amigável enquanto discutíamos sobre comida. Ele me pedir uma segunda porção de fricassé iluminou o meu dia. Ele não gostou muito de café, mas descobrir que ele adorava pimenta e comida picante em geral fez com que a latina em mim fizesse uma dança feliz interna.

Mas por mais que eu quisesse prosseguir com as nossas palestras sobre exploração culinária, nós tínhamos que nos preparar para um ataque e eu precisava ir ver como estava o meu pai e os outros pacientes. Eu quase expulsei Dakas de casa para poder me limpar e ir para a clínica.

Apesar de ser cedo, Tilda já estava lá, cuidando dos feridos. Quando eu entrei, ela olhou para cima, seu sorriso fácil iluminando seu rosto. Alta e esbelta, ela tinha a pele escura da mãe queniana e os traços asiáticos do pai japonês. Olhando para seu lindo rosto, você nunca acreditaria que ela havia acabado de comemorar seu quinquagésimo terceiro aniversário. Apenas algumas mechas grisalhas em seus longos cabelos negros até o meio das costas sugeriam sua idade.

— Ei garota, venha conferir isso! Essas novas cápsulas médicas são uma loucura — Tilda disse, apontando com a cabeça para uma das cápsulas — Elas fazem absolutamente tudo e reajustam os tratamentos conforme a necessidade. Lembra como a perna do seu pai estava ruim ontem? — após eu concordar, ela tocou na interface da cápsula para mostrar uma exibição holográfica — Olha o raio-x da perna dele!

— Oh meu Deus!

— Oh, meu Deus, mesmo! Eu verifiquei seu prontuário e a cápsula o encheu de nanites que basicamente costuraram o osso novamente — Tilda disse em êxtase — Lembra que nós achávamos que ele iria mancar dolorosamente o resto da vida? Esquece! Ele vai ficar como novo.

Lágrimas picaram meus olhos e minha garganta apertou. Tilda me lançou um olhar solidário, acariciou meus cabelos de maneira maternal e depois apertou meu ombro. Eu respondi com um sorriso trêmulo enquanto olhava o gráfico, depois os sinais vitais e estatísticas do meu pai.

— Seu pai vai ficar bem.

— Sim, isso parece muito bom — eu disse, meu coração se enchendo de gratidão pelos Temern, por Dakas e por quaisquer poderes no universo ou alinhamento de estrelas que trouxeram esse resultado — Ainda há um pequeno inchaço no cérebro e uma série de feridas para curar. Vamos mantê-lo sob controle por pelo menos mais vinte e quatro horas e reavaliar sua situação pela manhã.

— Concordo.

— Como estão os outros? — eu perguntei marchando em direção à próxima cápsula.

— As entranhas de Julian estão bem guardadas onde precisam estar. O inchaço ao redor da mandíbula anteriormente deslocada diminuiu. E seus ligamentos não mostram mais sinais de danos. Devemos ser capazes de acordá-lo e liberá-lo em algumas horas.

— Isso é incrível — eu sussurrei, ainda incapaz de acreditar na maravilha dessas máquinas. Eu tentei não pensar no quanto poderíamos ter nos beneficiado com elas ao longo dos anos.

O que elas poderiam ter feito por minha mãe e meu irmão que não nasceu.

— Você acha que tudo isso inspirará Julian a parar de bloquear sistematicamente nossos esforços para trazer mais tecnologia? — eu perguntei sarcasticamente.

Tilda bufou — Duvido. Ele provavelmente vai reclamar de usarmos tecnologia nele sem o seu consentimento, mesmo que ele tenha sido trazido até nós com metade de suas entranhas vazando.

— Sem esta cápsula médica, ele não teria sobrevivido.

Ela deu de ombros — Nós sabemos disso, mas ele não vai acreditar. Ele alegará que sua sobrevivência não tem nada a ver com a máquina, é apenas resultado de sua excelente constituição, e que ele sempre foi feito para sobreviver. Essa tecnologia era apenas uma tapação para economizar.

Eu revirei os olhos e passei para os outros pacientes. Pelo menos quatro seriam liberados ainda hoje, e os outros ao longo das próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas. A melhor parte de tudo era que todos sobreviveriam.

Eu estava terminando de escrever algumas anotações finais em seus respectivos arquivos quando senti o olhar pesado de Tilda sobre mim. Eu olhei para cima e dei a ela um olhar curioso. Ela revirou os olhos e ergueu as sobrancelhas, como alguém esperando uma resposta.

— O quê? — eu perguntei, confusa.

Ela fez uma cara de “Vamos lá!” — Você sabe o que. Como foi? Ele foi bom?

— Oh, meu Deus, Tilda!

— Não me venha com essa. Você sabia que eu ia te perguntar sobre isso. Vamos, conte! O que ele está escondendo? Ele é bem dotado? Tem um formato estranho? Cumes? Escamas? Oh meu Deus! Ele tem dois pênis? Eu li sobre algumas espécies exóticas que possuem dois pênis. E tem essa outra que se abre como uma flor — de repente ela empalideceu e me olhou com horror — Porra... ele é como um pato, não é? Ele tem aquele pênis em espiral maluco que dispara como uma mola, não é?

Sem palavras, eu fiquei boquiaberta para ela, incrédula. Por algum

motivo, a expressão em meu rosto fez com que mais palavras malucas saíssem de sua boca enquanto ela assumia uma expressão desanimada.

— Ah merda! Ele não tem um pênis. É isso? Eu li que a maioria dos pássaros não tem mais pênis, ou apenas uma coisinha que mal aparece. O sexo entre eles dura literalmente meio piscar de olhos: os órgãos genitais se tocam por uma fração de segundo e pronto! Diga que ele não é um homem de meio segundo? Com aquele corpo quente e rosto assustador, seria um crime terrível. Vamos, mulher, fale! Eu estou morrendo aqui.

— O que aconteceu com a Tilda requintada e delicada que eu considero tanto uma irmã mais velha quanto uma figura materna?! — eu perguntei.

Ela abanou a mão com desdém — Pfft, você é a primeira amiga humana que eu conheço que transou com um alienígena com aparência realmente alienígena. Eu preciso de detalhes. Eu voltarei a ser requintada e delicada depois. Você sabe que todos e seus irmãos na colônia estão especulando sobre o que aconteceu no seu quarto ontem à noite e que tipo de coisas excêntricas e escandalosas ele fez com você. Pela expressão feliz em seu rosto quando você entrou, o homem-pássaro se saiu bem.

— Eca! — com os cotovelos apoiados em cima da mesa, eu enterrei o rosto nas mãos enquanto balançava a cabeça.

Eu não tinha pensado nisso. Mas sim, cada pessoa em Kastan estaria especulando descontroladamente sobre minha noite de núpcias com Dakas. No minuto em que eu saísse, eles estariam estudando cada um dos meus movimentos, inclusive se eu andava com as pernas arqueadas. A parte maluca era que suas especulações haviam plantado a semente da insanidade em minha mente. O que Dakas tinha lá embaixo? Seria mesmo o pênis saca-rolhas de um pato? Um menos assustador como um cisne? Quase nada, como a maioria dos outros pássaros? Ou um pênis humano padrão?

Eu levantei minha cabeça para olhar para ela.

— Não que isso lhe diga respeito, mas não houve nenhuma brincadeira adulta ontem à noite. É sério! — eu insisti quando ela me lançou um olhar duvidoso — Antes da cerimônia de ontem, quando Dakas me levou ao escritório de Allan, foi para me avisar que ele não me pressionaria a nada. Nós iríamos devagar e seguiríamos o meu ritmo.

— Sério — Tilda exclamou.

Eu balancei a cabeça. Uma mistura engraçada de surpresa, decepção, alívio e admiração lutou pelo domínio em seu rosto.

— Então o que você fez?

— Eu o ajudei a tomar banho, já que nossos chuveiros são pequenos demais para acomodar suas asas.

O rosto de Tilda se iluminou e ela bateu palmas com entusiasmo — Então, você viu a mercadoria!

Eu revirei os olhos novamente — Não, mulher! Eu ajudei com as asas dele, depois dei privacidade para ele terminar o resto, sua perversa!

— Bah, você não é divertida. E depois?

— E depois nada. Nós fomos para a cama, conversamos e depois dormimos. Acordamos, tomamos café da manhã juntos e aqui estou!

— Nossa, que chatice. Você tem um alienígena gostoso em sua cama, com quem é legalmente casada, e não pulou no colo dele? Precisamos conversar sobre suas prioridades — Tilda disse fingindo desgosto.

Eu apenas ri.

Ela sorriu, seu rosto suavizando — Embora eu esteja realmente desapontada por não receber nenhuma fofoca interessante, estou feliz em saber que ele está sendo gentil com você — Tilda disse com uma voz afetuosa — Eu não vou dizer que te amo como uma filha – afinal, não sou tão velha assim – mas considero você como uma irmãzinha. Eu estava preocupada com você.

Eu sorri, meu coração se enchendo de amor pela mulher — Obrigada Tilda, mas não há necessidade de se preocupar. Ele é realmente maravilhoso. Acho que teremos um ótimo casamento. A noite passada seria meu melhor primeiro encontro de todos os tempos. Ele é engraçado, doce, super respeitoso e realmente parece determinado a me fazer feliz.

— Eu estou empolgada por você, querida. Eu temia seriamente que você acabasse com Martin — Tilda disse vindo até mim.

Eu fiz uma careta ao ouvir o nome, mas me levantei da cadeira para receber seu abraço gentil. Ela me soltou com um brilho travesso nos olhos.

— Não pense que isso vai te livrar, senhorita! — Tilda disse, apontando um dedo ameaçador para mim — Depois que você pular no colo do seu alienígena, eu esperarei um relatório completo. Chame isso de pesquisa médica.

Eu comecei a rir e balancei a cabeça para ela.



Capítulo 10

Dakas

Os humanos, especialmente Lara, me impressionaram. Apesar de alguma relutância persistente em usar tecnologia avançada, todos trabalharam diligentemente. Nós improvisamos uma fábrica e cadeias de montagem na ferraria e no armazém de Martin, que servia tanto de oficina quanto de madeireira.

Surpreendentemente, Martin se comportou bem o dia todo. Embora seu descontentamento e ressentimento aumentassem cada vez que ele me via, ele trabalhava tão diligentemente quanto os outros, fornecendo uma quantidade inesperada de orientação e assistência àqueles que precisavam de ajuda. Ele claramente prosperava com o reconhecimento e a admiração de seus colegas. Mas enquanto ele se deleitava com seus agradecimentos e elogios, ele se oferecia para ajudá-los com um desejo genuíno de ajudar.

Será que Luana tinha razão sobre ele não ser um homem tão mau?

Eu reservaria o julgamento para mais tarde e não baixaria a guarda. A viscosidade das emoções que ele transmitiu ontem ainda estava presa em minha mente psíquica.

Enquanto eu supervisionava a construção da cúpula protetora, Skieth supervisionava a construção das torres, e Graith – com a ajuda de Lara – cuidava das armas e dos escudos furtivos. Embora esses projetos ajudassem a nossa própria tecnologia a avançar aos trancos e barrancos, eu notei que Kayog e a OPU escolheram o que nos fornecer com cuidado estratégico. As armas, escudos pessoais e escudos furtivos nos tornariam competitivos contra os Yurus. Nós tínhamos até um projeto básico de lançador de foguetes para mísseis de curto alcance, todos claramente voltados para a guerra planetária. No entanto, nós não podíamos usar nada disso contra a OPU ou seus aliados – não que tivéssemos tais intenções.

Mesmo assim, Skieth e eu já havíamos modificado os lançadores de foguetes – usando um de nossos cristais ofensivos – e os transformado em lasers.

Quando metade dos humanos voltou do intervalo para o almoço, meu irmão Renok e meu primo Minkus já haviam retornado do descanso. Eles montaram um campo de tiro na praça da cidade para os voluntários humanos que desejavam aprender a atirar com as armas que estávamos construindo – todas elas ajustadas para o atordoamento mais baixo para evitar acidentes.

Naquela noite, meus companheiros Zelconianos e eu treinamos batalha aérea usando nossas novas armas e escudos pessoais. Assim como fizemos com os lançadores de foguetes, nós modificamos os escudos pessoais, que foram colocados na frente das nossas braçadeiras. Usando nossos cristais, nós demos a eles força e propriedades semelhantes às do campo de energia que erguemos ao redor da aldeia.

Seria necessário, tanto para nós quanto para os humanos, muito mais prática do que as poucas horas que tivemos hoje para dominar essas novas armas e ferramentas. Mas foi um começo, e foi bom. Se a nossa avaliação da situação for precisa, não teremos uma batalha real com os Yurus por mais dois ou três dias. Com sorte, pode até durar uma semana inteira.

Quando encerramos a noite, Skieth tinha cinco das doze torres planeadas totalmente operacionais, incluindo scanners de longo alcance, que rastrearão os movimentos de qualquer grupo de Yurus em um raio de três quilômetros da aldeia. Depois de equipar alguns drones com nossos escudos furtivos recém-construídos, nós os enviamos para Mutarak para verificar se eles não haviam adiantado seus planos de ataque – o que eles felizmente confirmaram.

Exausto e com vontade de ver minha companheira, ainda voei até Synsara para tomar banho antes de retornar para Luana. Por mais que eu tivesse adorado o banho dela ontem à noite e a sensação deliciosa de suas mãos delicadas, levaria muito tempo a esta hora tardia. Neste momento, eu só queria sentir a suavidade quente do seu corpo contra o meu enquanto ainda tínhamos a casa só para nós.

Amanhã Luana tiraria o pai do coma induzido. Como ele reagiria ao descobrir que sua única filha agora estava casada com um de nós? E como ele se sentiria quando eu a levasse para longe dele para morar comigo em Synsara – de preferência, amanhã à noite, depois de termos afastado os Yurus?

Isso deve acabar bem...

Eu entrei na casa de Luana e a encontrei sentada no sofá da sua sala, com as pernas cruzadas enquanto lia algo em um datapad. A forma como seu rosto se iluminou, sua alegria sincera ao me ver me virou de cabeça para baixo. Uma explosão de afeto explodiu em meu peito e minha nuca formigou com o desejo de me vincular a ela.

Luana jogou o datapad de lado e se levantou para me

cumprimentar.

Minha boca ficou seca quando a observei. Ela estava descalça e vestida com uma camisola diferente da noite anterior. O tecido cinza escuro e brilhante caía livremente ao redor de seu corpo, revelando suas curvas da maneira mais atraente. A saia mais curta parava no meio da coxa, expondo suas pernas longas e bem torneadas. A menor rajada de vento exporia sua região pélvica. Duas alças frágeis seguravam o vestido até seus ombros. A gola baixa em forma de V dava um vislumbre pecaminoso das curvas de seus seios empinados.

Essa parte de sua anatomia me fascinava tanto quanto beijar. Minha palma doía de desejo de segurá-los, mas não ousei sem seu consentimento explícito. Seu traseiro também constituía uma importante fonte de distração. Como nossas caudas cobriam os nossos, eu nunca notei o apelo da redondeza do traseiro de uma mulher. E Luana definitivamente fazia meus dedos tremerem.

— Você está linda — eu sussurrei.

A familiar expressão tímida passou por seu rosto enquanto ela sorria timidamente e dava um passo para mais perto de mim. Eu a puxei para meu abraço e ela veio de boa vontade. Luana ergueu o rosto enquanto eu abaixava o meu, e nossos lábios se encontraram no meio do caminho, os dela se separando quase imediatamente. Eu não resisti ao convite e deslizei a língua entre eles. Eu temia que minha mulher ficasse desanimada com minha falta de experiência em beijos. Mas suas respostas emocionais aos meus esforços hesitantes me guiaram. Eu me adaptei rapidamente e o prazer dela confirmou que meu desempenho era adequado.

Enquanto um braço a segurava firmemente contra meu corpo, o outro acariciava um caminho que subia de suas costas até sua nuca. Eu queria afundar meus dedos em seus cachos macios, mas ela prendeu seu lindo cabelo em uma única e longa trança. Por mais que sua nova roupa me excitasse, esse novo penteado não me agradava.

Eu quebrei o beijo e franzi a testa para o cabelo dela — Por que você trançou seu cabelo?

Ela tocou a trança com uma pontada de preocupação — Porque ele vira uma bagunça da noite para o dia. Foi um desastre completo esta manhã, como se um furacão tivesse passado por ele. Por quê? Você não gosta disso?

Eu zombei — De jeito nenhum! Ele estava lindo esta manhã. Esse penteado é adorável. Eu não me importo se você usá-lo durante o dia. Mas não à noite. Por favor, deixe-o solto para mim. Eu adoro ele selvagem, se espalhando sobre meu peito e poder deslizar meus dedos por ele, sem impedimentos — eu disse em tom de súplica.

E mal posso esperar para ver o quão mais selvagem ficará depois de fazer amor com você.

Um adorável tom rosa percorreu suas bochechas enquanto ela assentia. Luana começou a desfazer a trança, mas minha mão cobriu a dela.

— Permita-me — eu disse.

Ela me soltou e eu cuidadosamente desfiz a trança, passando os dedos pelos fios longos e encaracolados para abaná-los atrás dela e sobre seus ombros.

— Linda — eu sussurrei para mim mesmo.

A onda de emoção que emanava dela fez minha pele formigar e meu corpo vibrar de prazer. Ancestrais... eu nunca imaginei que agradar minha companheira – e eu nem estava tentando – pudesse me trazer uma sensação de bem-estar tão feliz. Passando meus braços em volta de Luana, eu a peguei. Ela envolveu as pernas em volta da minha cintura e colocou as mãos atrás do meu pescoço.

— Você cheira bem — Luana disse, inspirando profundamente.

— Eu fui até Synsara tomar banho — eu confessei enquanto a carregava para o quarto.

Ela recuou. Um ar de mágoa, decepção e confusão cruzou suas feições.

— Eu ficaria feliz em ajudá-lo novamente. Eu não me importo. Na verdade, eu gostei — ela disse, tentando manter um tom neutro.

— Luana, eu te garanto, eu gostei ainda mais do que você. Você esqueceu que eu arrulhei? — eu perguntei provocativamente.

Ela bufou, a dor desaparecendo, enquanto sua confusão aumentava.

— Eu estava muito suado por causa de todo o treinamento para chegar até você sem me lavar. Mas já é tarde. Nós dois tivemos um dia longo e exaustivo — eu expliquei — Tomar banho aqui teria demorado muito, sem falar que faria uma bagunça. Mas você ainda pode coçar minha penugem e penas o quanto quiser.

Luana riu e esfregou o nariz no meu como eu já havia feito com ela. Eu recapturei seus lábios quando entramos no quarto. Uma explosão de desejo irradiou da minha companheira, sua excitação atijando a minha chama ardente. Porém, por mais que eu quisesse fazer amor com ela, Luana ainda não estava pronta. Ainda assim, ela precisava de algo mais de mim.

E eu terei prazer em dar a ela.

Sem interromper o beijo, a coloquei cuidadosamente no colchão. Desta vez, ela não tirou as mãos de trás do meu pescoço, mas o segurou com mais força, deixando claro que não queria que eu me afastasse. Com minha língua ainda saqueando sua boca, eu subi em cima da cama. Luana abriu as pernas para me deixar acomodar entre elas, os dedos de uma mão provocando suavemente as penas da minha nuca e se aninhando no vale entre as minhas omoplatas.

Sustentando meu peso com uma das mãos, deixei a outra se aventurar ao longo do corpo de Luana. Por mais macio que fosse o tecido lustroso de sua camisola sob minha mão, era o calor ardente de sua pele nua que eu queria contra minha palma. Quebrando o beijo, minha boca explorou por conta própria, beijando e mordiscando a suavidade de seu pescoço.

Ao mesmo tempo, eu descaradamente deslizei minha mão por baixo da saia dela novamente. Luana não rejeitou meu toque ousado. Mas enquanto na noite anterior sua tensão havia restringido minha ousadia, esta noite suas emoções gritavam para que eu fosse mais longe. A necessidade da minha companhia, como uma dor surda, me agarrou, me fazendo pulsar com um desejo ardente próprio.

Um gemido escapou dela quando minha mão finalmente pousou no monte macio de seu seio. Ancestrais! Era tão macio. A protuberância endurecida de seu mamilo fez cócegas em minha palma enquanto eu gentilmente o acariciava. Luana não resistiu quando levantei sua camisola, minha boca substituindo minha mão em seu seio. Em vez disso, ela levantou a cabeça e o torso para se livrar dela sozinha.

Desta vez, meu gemido se juntou ao dela ao sentir seu corpo nu contra o meu, exceto pelo pedaço de tecido frágil e quase inexistente que servia como sua calcinha. Luana segurou minha cabeça contra seu seio, arqueando levemente as costas para aumentar o contato enquanto eu chupava e lambia seu mamilo. Eu adorei sua textura estranha debaixo da minha língua. Quem teria pensado que seria tão sensível e erógeno?

Ecoss de seu prazer ressoaram em mim. Como empata, eu a sentia a nível emocional, não de forma sensorial ou física. Eu não senti minha própria boca nela, apenas as emoções que ela despertou dentro dela e o prazer que ela extraiu disso. E agora, o corpo dela estava me dizendo para ficar mais ousado.

Eu obedeci de bom grado. Enquanto minha boca adorava seu corpo, minha mão se aventurou mais abaixo sobre sua barriga, seu adorável umbigo e sob o pequeno triângulo de sua calcinha. O cheiro inebriante de sua excitação crescente fez minha cabeça girar enquanto minha palma se acomodava entre suas coxas. Eu esperava alguns cachos ali, mas apenas a pele nua e macia e um pouco de suavidade ao redor de sua fenda me deram as boas-vindas.

Luana gemeu novamente, um arrepio a percorrendo enquanto meus dedos exploravam seu tesouro escondido. O pequeno nó ali me intrigou. A maneira como ela reagiu ao meu toque me encorajou. Logo, eu estava esfregando, aumentando a pressão e a velocidade dos meus dedos, enquanto ondas de prazer subiam dentro dela, o eco de cada uma me deixando louco de luxúria.

Eu beijei até sua pélvis, abaixando simultaneamente sua calcinha

com a mão livre. O cheiro de seu almíscar me deu água na boca e meus músculos abdominais se contraíram com a necessidade de meu pênis sair. Eu deslizei dois dedos dentro da fenda de Luana, abrindo espaço para meus lábios pousarem em sua pequena protuberância. Minha companheira gritou, e a intensidade de seu prazer bateu em mim, arrancando de mim um grunhido quase doloroso enquanto eu lutava para controlar o desejo de liberar minha paixão.

Eu lambi e chupei minha mulher com frenesi, movendo meus dedos para dentro e para fora dela mais rápido. E então eu rocei um pequeno conjunto de nervos. A onda de prazer que isso desencadeou em Luana percorreu meu corpo, me fazendo gemer. Ancestrais, como eu seria capaz de lidar com meu próprio prazer quando só a minha mulher me afogava em um turbilhão de felicidade? Eu me concentrei no ponto sensível até Luana desmoronar, gritando meu nome. Uma luz ofuscante explodiu diante dos meus olhos quando a força do clímax da minha mulher me atingiu.

Minha cabeça girava com o fluxo interminável de êxtase saindo da minha mulher e entrando em mim. Eu peguei Luana nos braços, ainda tremendo com os espasmos do seu orgasmo. Eu rolei de costas com ela por cima e fechei minhas asas em torno dela como um casulo. Naquele momento, eu sabia que nunca mais permitiria a roupa de dormir dela entre nós. O formigamento na parte de trás da minha cabeça se intensificou com a necessidade de me vincular a ela. Mas eu silencieei isso, acariciando suavemente o cabelo da minha companheira enquanto cantarolava uma canção de amor Zelconiana em seu ouvido enquanto ela adormecia.



Capítulo 11

Luana

Com o coração batendo forte, eu observei meu pai sair de sua cápsula médica. Nós abaixamos as laterais para que ele pudesse se virar e sentar na beirada. Ele tocou a perna anteriormente quebrada com um ar de descrença antes de olhar para mim.

— Lulu — ele disse, usando meu apelido carinhoso, com os olhos arregalados e incrédulos — Minha perna... eu não sinto nenhuma dor. Como você consertou...

As palavras morreram em sua garganta quando ele vislumbrou a dúzia de cápsulas médicas de alta tecnologia que preenchiam o espaço. As sete vazias ficavam verticalmente ao longo das paredes para dar mais espaço. Outras quatro continham os pacientes restantes ainda sob sedação. Ele olhou confuso para a quinta em que estava sentado. Pela maneira como ele olhou ao redor da sala, balançando a cabeça para um lado e para o outro, eu imaginei que ele estava tentando ter certeza de que ainda estava em Kastan em nossa própria clínica médica.

— O que é isso? De onde veio tudo isso? Onde estão os outros? Há quanto tempo estive inconsciente?

Eu coloquei uma mão calmante em seu peito e sorri de forma tranquilizadora enquanto ele disparava perguntas para mim.

— Está tudo bem, pai. Todos os feridos que conseguiram regressar à aldeia foram salvos. Vocês cinco são os únicos que ainda precisam de alguns reparos — eu expliquei — Você está como novo agora, e os outros quatro devem acordar antes do anoitecer.

— Ótimo. Ótimo — meu pai disse distraidamente — Mas de onde veio tudo isso? Os Yurus...?

— Não, pai. Os Yurus não nos dominaram e nunca o farão. Eu preciso que você me escute com atenção, até o fim, ok? *Muita* coisa aconteceu nos últimos dias, tudo para melhor.

Pela expressão em seu rosto, meu pai estava se preparando para o que ele adivinhou com precisão que seria um grande choque. Eu

comecei a relatar detalhadamente o que havia acontecido desde seu retorno daquela desastrosa expedição de reconhecimento, eu descrevi meu encontro com o Conselho Zelconiano, a intervenção de Kayog, meu casamento apressado, as defesas que nosso povo ajudou os Zelconianos a erguer em torno de Kastan, a tentativa de ataque fracassado e o ataque iminente de hoje.

Eu engoli em seco quando um silêncio pesado se instalou entre nós quando finalmente calei a boca. Ele não disse uma única palavra enquanto eu falava, embora uma onda de emoções indecifráveis percorresse suas feições antes que ele as escondesse.

— Pai, por favor, diga alguma coisa — eu disse finalmente quando o silêncio se estendeu por muito tempo.

Um brilho estranho apareceu em seus olhos antes que seu olhar vagasse lentamente sobre mim. Para meu total alívio, apesar da intensidade, ele não continha repulsa ou raiva.

— Você parece ilesa. Ele é gentil com você?

Meus ombros caíram de alívio e eu exalei alto — Sim pai. Dakas é maravilhoso para mim. Tanto ele quanto Kayog dizem que somos almas gêmeas e acho que eles estão certos. Quer dizer, eu concordei com este casamento para salvar a aldeia. Mas se ele tivesse me cortejado sem nenhuma dessas restrições, eu ainda estaria muito interessada nele. Eu o estou conhecendo e ele é um homem muito bom. Ele não está me pressionando em nada. Você vai gostar dele.

Os olhos do meu pai se moveram entre os meus como se quisesse avaliar a veracidade das minhas palavras. Eu segurei seu olhar inabalavelmente. Ele assentiu lentamente, desceu da cápsula médica e caminhou em direção a uma das cápsulas mais próximas. Ele apoiou a mão na tampa, olhando para a forma inconsciente de Hakeem lá dentro.

— Você disse que todo mundo conseguiu, até mesmo Julian? — ele perguntou, olhando por cima do ombro.

— Até o Julian. Suas entranhas estão onde deveriam estar e ele não tem uma única cicatriz. Ele foi liberado ontem por volta do almoço. Ele não só ajudou a construir mais armas, como também está treinando para usá-las junto com nossa pequena milícia.

Ele bufou, balançou a cabeça e olhou para Hakeem através da cúpula de vidro — Você fez bem, garota.

Minha garganta apertou. Meu pai era um homem de poucas palavras. E embora sempre tenha sido um pai solteiro solidário e amoroso, ele nunca foi excessivamente generoso com elogios.

— Obrigada, pai.

— Me dê algumas roupas para que eu possa ver o que todos vocês fizeram com a aldeia e para que eu possa conhecer esse seu marido — ele murmurou.

Eu obedeci, fornecendo a ele mais detalhes sobre os tipos de armas que estávamos construindo e, especialmente, respondendo às suas perguntas sobre a resposta dos moradores a tanta tecnologia. Meu pai sempre foi moderado nesse aspecto. Eu acreditava que ele seria mais progressista em muitos aspectos, se fosse permitido. Garantir que eu nunca minasse sua autoridade foi mais do que apenas um dever de filha ou por amor a ele. Se a colônia o tivesse substituído por um líder diferente, as coisas teriam retrocedido ainda mais.

No minuto em que saímos da clínica, um grito de alegria percorreu os moradores, espalhando-se como uma onda enquanto as pessoas vinham recebê-lo de volta e expressar sua alegria por ele estar tão bem.

Isso não me ofendeu nem um pouco. Eu fiquei extremamente aliviada por poder devolver a ele a liderança da colônia e voltar a me concentrar no cuidado dos pacientes. Eu nunca tinha compreendido totalmente a quantidade de malabarismos administrativos que sua função exigia, especialmente agora com gastos de recursos, monitoramento de idas e vindas das pessoas e gerenciamento de ânimos voláteis que haviam entrado em hiperatividade com o ataque iminente.

Embora eu acreditasse que tinha feito um trabalho decente ao manter o forte em sua ausência, meu pai personificava uma experiência e estabilidade que eu não poderia oferecer. Eu não era mais a filha do líder da colônia nem a jovem médica de Kastan. Eu era a esposa de um Zelconiano – uma mulher que em breve os deixaria para começar uma nova vida em outro lugar. Eu suspeitei que isso contribuiu para o número reduzido de reclamações que recebemos sobre as cápsulas médicas. Por mais que a colônia recusasse a tecnologia, não se podia reclamar de algo que literalmente salvaria a sua vida, especialmente quando já não se podia ter a certeza da disponibilidade do seu médico residente no futuro.

A expressão no rosto do meu pai foi impagável quando ele observou as torres, o campo de energia que cercava a aldeia e os postes estrategicamente posicionados em vários edifícios para criar a cúpula protetora. Ele caminhou pela praça da vila e parou para examinar as armas com as quais nossa milícia estava treinando. Minha garganta apertou enquanto nosso pessoal o seguia, se deleitando com suas esparsas palavras de aprovação pelo trabalho que haviam realizado. Eles me lembraram de crianças buscando a bênção do pai.

Eu fui junto com ele, intervindo quando necessário, mas meus olhos continuavam girando ao redor, procurando por meu marido. Os Zelconianos estavam principalmente do outro lado da aldeia, terminando o trabalho nas últimas torres. Os outros estavam dentro das ‘fábricas’ onde mais armas e escudos pessoais e furtivos estavam

sendo construídos.

Então um movimento no limite da minha visão chamou minha atenção. Eu congelei ao ver Graith, Dakas, Skieth e Renok voando em nossa direção. A multidão se afastou para permitir que os quatro Zelconianos pousassem perto de nós.

O rosto do meu pai se fechou em uma tentativa instintiva de esconder seus pensamentos. Mas é claro que eles não enganariam as habilidades empáticas dos nossos protetores.

Graith pousou graciosamente, seguido pelos outros três, apenas alguns passos atrás dele. Dakas veio ficar ao meu lado, sua mão alcançando a minha, embora seu olhar nunca se desviasse de meu pai. Eu não me afastei. Os olhos de meu pai se voltaram para Dakas e então se concentraram em nossas mãos unidas antes de focar em Graith. Neste instante, eu teria matado por habilidades empáticas para saber quais emoções estavam fluindo por trás do rosto impassível de meu pai.

— Saudações, Líder da Colônia Mateo Torres. É bom vê-lo totalmente recuperado — Graith disse, soando tão formal quanto no dia da nossa primeira reunião na câmara do Conselho.

— Saudações, Exarca Graith Devago — respondeu meu pai — Obrigado por suas amáveis palavras e pela assistência que você forneceu ao meu povo enquanto eu estava incapacitado.

— Não me agradeça. Todo o mérito vai para sua filha e seu companheiro. Eles tornaram isso possível e ele liderou as defesas da colônia. Não acredito que você o tenha conhecido formalmente ainda — Graith disse, lançando um olhar de lado para nós.

— Não, não — confirmou meu pai, desta vez encarando Dakas de frente.

Meu pulso acelerou quando nos aproximamos de meu pai. Ele examinou Dakas minuciosamente da cabeça aos pés, sem fazer nenhum esforço para esconder isso. Felizmente, meu companheiro não pareceu se ofender.

— Pai, este é Dakas Wakaro, meu marido. Dakas, este é meu pai, Mateo Torres — eu disse, odiando o tremor sutil em minha voz.

— Líder da Colônia Mateo, é um prazer vê-lo novamente e com uma aparência tão boa — Dakas disse.

De novo?!

Meus olhos se arregalaram enquanto eu olhava para meu pai. Ele não me manteve informado de tudo o que fez. Ele tinha voado para Synsara no passado para se encontrar com o Conselho Zelconiano?

— Obrigado, Conselheiro Dakas Wakaro. Como agora você é meu genro, pode me chamar de Mateo — meu pai disse.

— Só se você me chamar de Dakas — respondeu meu marido.

Meus olhos passaram entre os dois homens mais importantes da

minha vida, estudando suas expressões em busca de qualquer sinal de animosidade. Era estúpido o quanto eu me sentia como uma garota de quatorze anos trazendo o primeiro namorado para casa para conhecer os pais.

— Então Dakas será — meu pai disse com um aceno de cabeça — Obrigado por proteger minha aldeia. Não era assim que eu esperava que minha filha deixasse o ninho. Mas ela me disse que você é muito gentil e respeitoso com ela. Portanto, eu lhe dou as boas-vindas à nossa família e ofereço a minha amizade.

Lágrimas brotaram em meus olhos e eu pisquei para afastá-las enquanto meu pai estendia a mão para Dakas. Por uma fração de segundo, me perguntei se meu marido sabia o que aquele gesto significava, mas ele sorriu e não hesitou em apertar a mão do meu pai. O alívio me inundou quando o meu pai cumprimentou os outros e Dakas o apresentou ao seu irmão Renok.

Durante o resto da manhã, os quatro Zelconianos e Lara guiaram meu pai por todas as defesas que montaram ao redor da aldeia e explicaram o plano de Dakas para quando Vyrax atacasse. Algumas horas depois do almoço, Tilda e eu liberamos os últimos homens feridos de suas cápsulas.



Eu desliguei o projetor holográfico 3D, desligando a exibição de um dos projetos que Kayog havia incluído no meu “dote”. Além dos equipamentos médicos, projetos de armas e materiais, os Temern incluíram os projetos de várias ferramentas e maquinaria tecnológicas que melhorariam significativamente a nossa qualidade de vida sem minar a determinação da colônia de colocar interações humanas significativas na frente da inovação tecnológica.

Como seu uso provavelmente seria mais controverso, eu as deixei de lado para que ele pudesse apresentá-los ao nosso povo para votação. Como era de costume, meu pai permaneceu calado enquanto eu descrevia a finalidade de cada dispositivo. Eu odiava que uma votação ou discussão fosse necessária. Tudo isso deveria simplesmente ser disponibilizado para quem quisesse, e aqueles que não quisessem poderiam simplesmente ignorar isso. Eu percebi então que os acontecimentos dos últimos dias tinham realmente corroído a minha paciência e tolerância para com o modo de vida retrógrado que nos foi imposto.

Meu pai estava abrindo a boca para compartilhar seus pensamentos quando o alarme da cidade soou, quase me fazendo

pular de susto. Papai se levantou, com um olhar determinado no rosto. Orgulho encheu meu coração. Meu pai era durão. Alto, de ombros largos e com um rosto robusto e bonito, ele nunca recuava diante de um desafio. Eu herdei dele meu cabelo encaracolado e olhos castanhos escuros, mas tinha o corpo mais delicado da minha mãe. Ele era musculoso, mas não da maneira bem definida que meu marido e os outros Zelconianos eram. Papai também não precisava levantar a voz para que as pessoas calassem a boca e prestassem atenção. Normalmente, um único olhar duro dele era suficiente para fazer qualquer um se contorcer. Mas se ele levantar a voz, é melhor que você tenha seu último testamento escrito e sua casa em ordem, porque o inferno estará prestes a explodir.

Nós marchamos para fora da casa e encontramos uma multidão aterrorizada reunida na praça. Pelo menos cem Zelconianos estavam nos telhados dos edifícios próximos ao muro de proteção. Como esperado, o “exército” de Vyrax vinha diretamente em direção à praça. Nenhuma outra unidade nos flanqueou, testemunhando a certeza arrogante que o líder Yurus tinha de que isso seria moleza.

Eu olhei para cima. O brilho da cúpula protetora me tranquilizou. Embora convencido de que não haveria ataques com mísseis, Dakas não queria correr nenhum risco. Eu achei que ele também pretendia fazer um show para fazer Vyrax pensar duas vezes antes de nos enfrentar. E mesmo que ele ainda atacasse – o que provavelmente faria – ele gastaria tempo se preparando, o que nos daria mais tempo para nos recompormos.

Eu odiava não ter Dakas ao meu lado, mas ele estava com Graith, coordenando os Zelconianos. Embora quisessem que Vyrax os visse e soubesse da aliança entre nosso povo, eles não planejavam interferir. Os humanos de Kastan eram soberanos e isso precisava ser transmitido adequadamente.

Eu parei na praça, um pouco à frente do resto da multidão, enquanto meu pai avançava sozinho. Eu troquei olhares nervosos com Tilda. Ela e eu passamos a maior parte do dia de ontem montando postos médicos de emergência em vários pontos de encontro na vila, para o caso das coisas piorarem. Nós só podíamos rezar para que tivesse sido desnecessário.

Muito cedo – e ainda assim, pareceu uma eternidade – o som das patas dianteiras de vários nylothos se aproximando causou um arrepio na minha espinha. Era quase como tambores militares anunciando a chegada do exército. Momentos depois, gritos de guerra irromperam ao longe, acompanhados pelo bater de incontáveis cascos. E então as silhuetas altas e peludas de centenas de Yurus romperam a linha das árvores da floresta.

Seus gritos de conquista morreram em suas gargantas quando eles

fixaram os olhos na muralha. Os Yurus na frente pararam abruptamente. Alguns de seus companheiros atrás, sem esperar por isso, correram para eles, empurrando-os involuntariamente para frente. Levados pelo impulso, um punhado de Yurus tropeçou no chão a apenas um metro do campo de energia. Uma parte maliciosa de mim desejou que eles tivessem atacado apenas pelo prazer de ver dezenas deles serem atingidos pela área de efeito defensiva da muralha.

Gritos indignados surgiram das massas, com grandes quantidades de *jaafans* sendo disparados junto com outros palavrões em Yurusiano. Alguns dos possíveis invasores que haviam sido derrubados se levantaram, viraram e atacaram quem estivesse mais próximo deles em retaliação aleatória. Por um breve momento, eu esperei que isso se transformasse em uma briga total – uma ocorrência comum com esta espécie volátil.

Mas um rugido estrondoso vindo da retaguarda os silenciou.

Montado em um krogi – uma fera blindada, coberta de escamas, com aparência de búfalo, olhos vermelhos e presas na boca que lembram as de seu mestre – Vyrax avançou, atropelando algumas de suas tropas no processo. Eu quase comecei a rir com a descrença em seu rosto quando ele puxou as rédeas e parou abruptamente. Ele saltou da montaria, pousando sobre seus grossos cascos pretos com um baque surdo. Ele tirou um machado duplo altamente ornamentado da alça em suas costas e o brandiu enquanto marchava resolutamente em direção à muralha. Parecia que ele tinha visto inúmeras batalhas e sido passado por seus ancestrais.

Vyrax era terrível de se ver. Com pelo menos dois metros de altura e montanhas de músculos que seu pelo desgrenhado marrom-avermelhado não conseguia esconder, ele era um filho da puta assustador. Uma rede de cicatrizes marcava seu corpo, mas ele as exibia como uma medalha de honra. O comprimento e a espessura de seus chifres pretos recurvados indicavam que ele estava pelo menos na casa dos quarenta. Ele não tinha o focinho de touro de um minotauro, mas o rosto rosnante de um orc. A ponta da presa esquerda de sua boca estava lascada.

A dois metros da parede, ele estava de frente para meu pai estoico, que estava a uma distância semelhante do nosso lado. Enquanto o líder Yurus examinava a muralha, as torres próximas e a cúpula protetora com fúria flagrante, outro krogi montado caminhou até a borda da floresta. Eu reconheci facilmente o pelo branco de Zatruck, o segundo homem na hierarquia da liderança Yurus. O homem albino tinha a reputação de ser cruel, impiedoso e cruel pra caralho. Ele permaneceu montado em sua besta.

Vyrax voltou seu foco para a muralha e começou a girar seu machado de batalha como um tambor principal.

— Não faça isso — eu sussurrei para mim mesma.

Essa arma se desintegraria na parede e não precisávamos dele mais furioso do que já estava. Para meu alívio, ele apontou para um de seus capangas. Como previsto, eles não vieram armados com armas de alta tecnologia. A maioria parecia desarmada ou equipada com as armas brancas padrão que normalmente carregavam consigo.

O capanga, parado a cerca de cinco metros de seu líder, deu alguns passos em direção à muralha, parando talvez a um metro dela. Ele removeu o que parecia ser uma adaga padrão do cinto e a jogou com toda a força no campo de energia. Eu me preparei para isso. Tal como aconteceu com o incidente da noite passada, a lâmina se desintegrou com o impacto. Mas a explosão de energia externa enviou os Yurus, e um punhado de outros apanhados dentro do raio da explosão, voando para trás e colidindo com outros.

Rugidos de dor e raiva surgiram por toda parte. Felizmente, Vyrax estava fora da área de efeito. Mas mesmo assim, sua expressão me assustou. Seu rosto mostrava desejo de matar. Ele ergueu a mão para silenciar os gritos ensurdecedores de suas tropas, e todos se aquietaram. A disciplina que eles demonstraram me surpreendeu.

— Como você pode ver, Chefe Vyrax, você não pode passar — meu pai disse, sua voz sendo transmitida em alto e bom som pelo sistema de comunicação que Lara habilmente configurou especificamente para esse propósito — Seus dias de intimidação acabaram. A muralha circunda toda a aldeia. Se fôssemos beligerantes, nossas torres poderiam ter derrubado metade de suas tropas antes que você pudesse fugir. Mas nós não abrimos fogo. Não temos nenhuma disputa com seu povo. Só queremos ficar em paz. Vire-se, saia e não volte.

— Você acha que pode *me* comandar, e no meu próprio planeta, seu *jaafan hoodah*? — Vyrax sibilou, dando um passo ameaçador à frente.

Meu pai encolheu os ombros — Se você quiser se sentar aqui e fazer beicinho, fique à vontade.

— Você acha que não temos meios para combater essa tecnologia? — perguntou Vyrax — Derrube esta muralha *jaafan* e submeta-se ao meu comando. Resista e, quando o destruirmos, você não receberá nenhuma misericórdia que eu inicialmente planejei conceder a você.

— Você não conhece o significado de misericórdia — meu pai disse com um aceno de desdém — Como você pode ver pelas medidas extremas que tomamos, nós nunca nos submeteremos a você.

O olhar de Vyrax voltou-se novamente para a muralha, as torres e a cúpula antes de retornar para meu pai. Ele estreitou os olhos — E de onde veio isso? A OPU? Eles não têm o direito de interferir nos conflitos locais! Eles não podem armá-los contra seus superiores para alterar a balança de poder!

— A UPO não está se intrometendo. Como humanos, nosso povo já desenvolveu toda a tecnologia que você vê aqui, e algumas ainda mais avançadas — meu pai respondeu calmamente, antes de gesticular para os Zelconianos que ainda estavam nos telhados — Nós também formamos uma aliança com um dos povos indígenas deste planeta, o que colocou nossa colônia em situação regular com a OPU. Isto significa que agora podemos negociar livremente com qualquer um dos membros da Organização. Nós adquirimos legalmente toda a tecnologia que você vê aqui.

Tecnicamente isso era verdade, embora não tivéssemos exatamente adquirido isso, pois isso tudo nos foi dado como presente de casamento. Mas era tudo uma questão de semântica.

— Continue nos pressionando e adquiriremos mais armas e defesas — meu pai disse, seu tom endurecendo — Os mercenários com os quais você faz negócios não podem fornecer nem um décimo do tipo de arsenal que podemos utilizar como membros oficiais da OPU. Você nos levou a isso. Seja grato por não termos desejo de conquista e apenas querermos viver em paz. Mas continue nos atacando e você será responsável pelo que acontecer a seguir.

Eu olhei com admiração para meu pai, o orgulho enchendo meu coração até explodir. Eu sabia que ele era um cara durão, mas nunca tinha visto esse lado dele. Eu agradei a Deus, a Kayog e a todos os poderes que lhe permitiram recuperar a tempo. Eu nunca poderia ter proferido este discurso de uma forma tão impassível e corajosa.

Pela forma como Vyrax olhou para o meu pai, eu não tive dúvidas de que ele lhe teria esmagado o crânio e dilacerado membro por membro se ele estivesse ao seu alcance. O silêncio durou apenas alguns segundos, mas foi tão cheio de ódio que parecia que se estenderia para sempre. Então Vyrax mudou de Universal para um comando em Yurusiano. Eu não falava essa língua mais do que Zelconiano.

Por um breve momento, a esperança floresceu em meu coração enquanto todos os Yurus pareceram se virar e voltar para a floresta. Mas isso durou pouco, pois barulhos altos emanaram da floresta, logo seguidos pela visão e som de algumas árvores caindo. Minhas entranhas se contorceram enquanto eu tentava especular o que eles estavam fazendo. Gritos de batalha chegaram até nós, acompanhados pelos gritos rosnados dos nylóths. O sorriso malicioso que se estendia pela boca larga de Vyrax e fazia suas presas se destacarem ainda mais não era um bom presságio.

Sem surpresa, sussurros preocupados surgiram atrás de mim vindos da multidão. Mas, felizmente, ninguém parecia à beira do pânico... ainda.

Eu olhei para o telhado do Salão Principal onde Dakas estava. Pelo

movimento de seus lábios, ele estava falando, mas o outro Zelconiano mais próximo dele parecia um pouco distante. Além disso, por que ele usaria palavras quando seu povo podia se comunicar telepaticamente? Meu pai pressionou dois dedos no ouvido e percebi que Dakas provavelmente estava falando com ele através de um fone de ouvido.

Pelo que Dakas me contou, os humanos podiam ouvir a sua fala mental, mesmo que não pudessem responder. Mas fazer isso sem prática prévia poderia causar enxaquecas debilitantes, e foi por isso que eles deram ao meu pai um fone de ouvido para que pudessem se comunicar com ele discretamente durante o ataque, se necessário.

Meu pai moveu a cabeça em um aceno sutil antes de digitar algumas instruções na braçadeira de controle da muralha que ele também havia recebido. Eu automaticamente levantei meu braço para olhar para a minha. Ele havia preparado uma série de mecanismos de defesa dentro da muralha. Um único comando vocal – ou um ataque contra ele – os desencadearia. Nenhum deles foi definido como letal. Matar qualquer Yurus hoje só agravaria a situação.

Os lançadores de mísseis nas torres também estavam prontos. Embora tivéssemos pessoas nas torres, meu pai havia travado os projéteis exclusivamente em nossa versão de granada de flash.

O movimento repentino do outro lado fez com que os invasores se separassem para deixar passar um par de enormes nyloths seguidos por uma dúzia de Yurus carregando galhos enormes ou troncos estreitos de árvores. Eu levei um momento para perceber o que eles estavam fazendo e então meu sangue gelou. Ao comando vocal de seus mestres, os nyloths pararam a um metro da parede. Um segundo comando fez com que eles colocassem as pontas de suas pinças gigantes – cada uma maior e mais alta que eu – diretamente no chão antes de se levantarem.

Entre as garras das pinças e os segmentos do braço aos quais estavam presas, cada pinça media pouco mais de três metros, apenas alguns metros abaixo do topo da muralha. Apoiado nessa posição, o nyloth criou efetivamente uma rampa larga o suficiente para dois Yurus correrem confortavelmente lado a lado. Mas um único Yurus subiu em cada um dos nyloths, carregando um tronco grosso com as duas mãos sobre a cabeça, como uma lança gigante que pretendiam lançar.

Gritos de pânico surgiram atrás de mim quando os dois Yurus estavam prestes a alcançar a cabeça de mosca de seus respectivos nyloth, parecendo determinados a usar seu impulso para pular a muralha. A queda do outro lado não os mataria, muito menos os machucaria. Eu não tinha previsto isso. Mas então por que o tronco? Eles vão jogá-los primeiro para ter certeza de que é seguro? E é? A cobertura protetora da cúpula não bloquearia isso? Ou deixamos um

espaço entre a muralha e a cúpula?

O tempo pareceu desacelerar enquanto eu processava todos esses pensamentos. Mas uma única palavra do meu pai pôs fim a tudo.

Uma luz ofuscante ao longo das duas seções de muralha em frente aos nyloths foi seguida por um som sibilante e depois por gritos. Mais uma vez, a muralha derrubou tudo ao seu alcance. O nyloth caiu para trás, caindo de barriga para cima, um deles esmagando o Yurus que estava de cabeça para baixo. Apesar de suas inúmeras pernas e pinças longas, seu corpo parecia largo demais para permitir que ele voltasse de bruços.

Os Yurus na frente cobriram os olhos com os antebraços, muitos deles balançando a cabeça como se quisessem clarear a visão – inclusive Vyrax. Para minha surpresa, seu braço direito, Zatrak – ou ele era seu rival? – permaneceu sentado a uma distância segura em seu krog, com uma expressão divertida no rosto.

Ele emitiu um comando, e o não afetado Yurus na parte de trás correu para a frente para ajudar a virar os nyloths e colocá-los de volta em pé.

— Saia enquanto ainda pode — meu pai ordenou ao Yurus agitado. Vyrax respondeu com um rugido selvagem.

Como única resposta, meu pai levantou a mão. Uma saraivada de luzes brilhantes saiu das duas torres à esquerda e à direita dos invasores e convergiu em direção a eles. Uma série de explosões logo acima dos Yurus, emitindo uma luz ofuscante e um som ensurdecedor, fez com que suas tropas gritassem de dor enquanto cobriam os ouvidos e lutavam para recuar.

Zatrak estremeceu, mas manteve sua posição. Ele apenas se moveu para impedir que o krog de seu líder fugisse também. Vyrax ficou na frente da parede por mais alguns segundos, rosnando, aparentemente imune à dor das granadas de flash. Um mundo de ódio queimou em seus olhos quando ele começou a recuar, dando pelo menos cinco passos com o olhar ainda fixo em meu pai antes de finalmente se virar. Com um andar determinado, ainda aparentemente imune às explosões acima de sua cabeça, ele enfiou o machado de batalha na alça que levava nas costas, montou em seu krog e partiu cavalgando com sua mão direita.

Um rugido coletivo de vitória disparou ao meu redor enquanto observávamos o recuo daqueles que tentaram nos escravizar. Meu pai se virou para olhar para mim. A máscara neutra que ele quase sempre colocava no rosto caiu de repente, revelando uma vulnerabilidade que eu não me lembrava de ter visto desde a morte de minha mãe.

Algo quebrou dentro de mim, e eu corri para ele como havia desejado fazer tantas vezes ao longo dos anos, especialmente esta manhã, quando ele finalmente saiu da cápsula médica. Eu me atirei

em seus braços e ele me segurou, dando um passo para trás para absorver a força do impacto. Me segurando com força, ele beijou o topo da minha cabeça antes de apoiar o rosto nela.

— Minha garotinha... Obrigado por conseguir o que eu não consegui. Você tornou isso possível. Você nos salvou.



Capítulo 12

Luana

Celebrações selvagens ocorreram por toda a aldeia. Nossos agricultores assaram carne de porco, cordeiro e cabra no espeto, enquanto todos os outros preparavam grandes quantidades de pratos de acompanhamento para a festa comemorativa.

Meu pai se sentou com Dakas e Graith para discutir estratégias, enquanto Tilda e eu fazíamos um exame de saúde mental de nossos aldeões mais frágeis para ter certeza de que estavam lidando adequadamente com o estresse dos últimos dias.

Para minha alegria, os Zelconianos participaram do nosso banquete. Ninguém parecia se importar que eles comessem com as mãos. Eu não sabia se Dakas havia avisado sobre minha implicância com os utensílios, mas eles só comeram os acompanhamentos com colheres. Eu quase me senti uma valentona por causa disso.

Mas quando o sol se curvou em direção à lua e as estrelas encheram os céus, nossos protetores partiram para retornar à sua cidade. Nós rapidamente apaziguamos a preocupação inicial dos aldeões ao descobrirem que eu também iria voar para Synsara com Dakas. Uma dúzia de guardas Zelconianos voltariam para vigiar durante a noite, e defesas mais avançadas continuariam a ser instaladas ao redor da colônia, além de realizarem exercícios de treinamento de combate.

Hoje foi apenas a primeira salva. Vyrax foi humilhado publicamente. Se ele não conseguir manter a ordem, seu governo será desafiado e ele poderá ser deposto. Meu instinto me dizia que Zatrak – o Yurus albino – estava apenas aguardando antes de usurpar seu lugar. Eu não sabia dizer se seria uma coisa melhor ou pior para nós. De qualquer forma, isso significava que Vyrax voltaria contra nós com armas em punho e todo o poder de seu arsenal militar.

Embora eu entendesse o raciocínio de meu pai de apenas forçá-los a sair sem infligir ferimentos reais, uma parte de mim se perguntava se isso teria sido um erro. Nós poderíamos ter matado Vyrax e

eliminado o núcleo de suas forças enquanto eles estavam basicamente desarmados e ao alcance das armas mortais que construímos, aprimoradas pelos cristais e pela experiência tecnológica dos Zelconianos. Mas isso teria sido um massacre. Ainda havia esperança de alcançarmos a paz sem derramamento de sangue.

Neste momento, porém, Vyrax era a menor das minhas preocupações. Eu esperava resistência e talvez até indignação por parte do meu pai quando Dakas o informou que me levaria para Synsara esta noite para me estabelecer lá permanentemente. Eu transferiria minhas coisas gradualmente ao longo dos próximos dias.

Surpreendentemente, papai apenas assentiu, com uma pitada de resignação e tristeza em seus olhos. Mas, ao mesmo tempo, eu senti um lampejo de alívio – um sentimento que eu compartilhava.

Dakas e eu estávamos cada vez mais próximos. Não estávamos apaixonados – era muito cedo para isso – mas nossa atração mútua estava caminhando em uma direção saudável. Eu nunca me sentiria confortável explorando minha sensualidade com meu novo marido com meu pai dormindo do outro lado do corredor.

E, para ser honesta, eu estava muito ansiosa para conhecer a casa de Dakas.

Embora tenhamos tentado escapar em meio às festividades, várias pessoas vieram se despedir de nós, inclusive meu pai. Inicialmente, Dakas queria me levar para Synsara em seus braços. Embora eu não duvidasse que ele tivesse força para fazer isso, era um voo longo, e a expressão no rosto do meu pai deixou claro que ele não aprovava. Como eu queria trazer uma série de itens básicos – o que significava muitas coisas que eu provavelmente não precisaria no futuro próximo – acabei pilotando meu zeebis Goro, com uma bolsa enorme enfiada na minha frente. Outro zeebis deveria carregar uma caixa de tamanho médio com minhas outras coisas, mas Dakas fez questão de trazê-la pessoalmente para apagar qualquer dúvida sobre sua capacidade de me carregar por uma distância tão longa.

Isso foi fofo.

Eu nunca tinha voado tão alto e tão longe à noite. Embora Cibbos se assemelhasse à Terra com sua vegetação, céu azul, sol único e lua grande pairando no alto à noite; sua flora revelava seu verdadeiro rosto ao anoitecer. Muitas plantas ganhavam um brilho fluorescente à medida que a escuridão caía sobre o mundo. Vista de cima, a terra assumia a aparência da mais impressionante pintura abstrata, cujas formas subiam e balançavam suavemente seguindo os caprichos do vento.

— Isso é de tirar o fôlego! — Eu gritei para Dakas que estava voando um pouco longe de mim para o meu gosto. No entanto, ele não tinha muita escolha com a grande envergadura de suas asas e as

de Goro.

Um largo sorriso esticou seus lábios sensuais — Espere até ver a vista de Synsara!

Eu só podia imaginar o quão magnífico seria. Da colônia, a visão noturna de Synsara era sempre fascinante. Parecia que a aurora boreal estava saindo dos três picos principais da montanha que servia de lar aos Zelconianos. Até mesmo agora, as cores brilhantes – principalmente azul claro, branco e turquesa – me hipnotizavam.

Ao nos aproximarmos, eu percebi que eu realmente não sabia o que estava para acontecer. Ainda era cedo para Dakas querer me apresentar a alguns de seus colegas antes de nos retirarmos para sua casa, mas eu estava me sentindo um pouco sobrecarregada para isso. Isso me fez pensar como ele se sentiu no dia do nosso casamento, tendo tudo isso jogado sobre ele, além de ter que lidar com os problemas da nossa aldeia.

Mas Dakas parecia certo de que realizaríamos a nossa cerimônia de vinculação esta noite. Eu fiquei bastante satisfeita por isso ser algo privado, em vez da extravagância habitual de um casamento humano. Para meu alívio, nós não voamos em direção à grande praça no planalto ou à câmara do Conselho. Em vez disso, voamos em direção a um dos níveis superiores na borda do pico da montanha ao sul e pousamos em uma das muitas varandas enormes. Ela seguia a curva da montanha em um arco de 50°, proporcionando uma vista deslumbrante do vale de Kastan e do território selvagem ao sul.

Esculpidas diretamente na montanha, as casas Zelconianas tinham um toque medieval com suas fachadas de pedra. O design inteligente fazia com que a varanda acima não cobrisse totalmente esta, com a grade terminando apenas um quinto em uma saliência. Mas com a grande altura, de pelo menos quatro metros, os vizinhos de cima teriam que se curvar sobre a grade para espiar o que acontecia lá embaixo e, mesmo assim, só conseguiriam vislumbrar a borda.

Uma série de altas janelas francesas em arco cobria toda a parede externa. Algumas delas funcionavam como portas duplas, proporcionando múltiplas portas de entrada à habitação. Pequenos cristais foram cuidadosamente embutidos nas molduras das janelas, fornecendo um brilho suave. Eu não sabia dizer se eram meramente decorativos ou defensivos. Eu suspeitava que eles poderiam ser ambos. Alguns dos cristais pareciam formar letras rúnicas acima das janelas que serviam de portas.

Meu queixo caiu quando eu entrei na casa. Meu cérebro mal percebeu a decoração minimalista que deixava bastante espaço para acomodar as asas dos Zelconianos. Mas as esculturas malucas nas paredes me deixaram sem palavras. Requentadas esculturas em 3D de criaturas fantásticas adornavam algumas das paredes de pedra polida.

As portas mais incríveis davam para os outros cômodos da casa. Elas não eram arqueadas ou quadradas, mas tinham um formato orgânico que dava a impressão de terem saído diretamente de um conto de fadas ou de uma aldeia élfica.

Amplos assentos sem encosto – a maioria grandes almofadas, bancos e pufes – cercavam uma mesa de centro de madeira branca, com bordas e pernas igualmente lindamente decoradas. Uma parede parecia ser uma janela enorme, mas na verdade era uma tela de vídeo gigante disfarçada. Eu demorei um pouco para perceber a quantidade de tecnologia que foi discretamente incorporada à casa e habilmente integrada à decoração.

E por toda parte, cristais de tamanhos variados estavam incrustados nas paredes e nos móveis.

Dakas colocou minha caixa na entrada da sala de estar, tirou a bagagem que eu carregava e depois pegou minha mão para me mostrar a cozinha gourmet e a área de jantar. Meus olhos se arregalaram ao ver o recanto do jardim de ervas bem ao lado de sua unidade de resfriamento.

— Você cozinha? — eu perguntei, impressionada com a placa de aquecimento, a churrasqueira interna e o forno grande.

— É claro — Dakas disse presunçosamente — E eu sou muito bom nisso, se assim posso dizer. Eu pretendo impressioná-la.

— Estou ansiosa para ficar impressionada — eu disse antes de torcer o nariz em desgosto — Desde que não sejam vermes. Não pense que esqueci que você ainda não respondeu a essa pergunta.

Dakas bufou e me lançou um olhar enigmático — Por que tanto ódio pelos vermes? Os humanos não comem caracóis como uma iguaria? Você também não come minhocas mopane, que acredito que vocês chamam de larvas comestíveis?

Eu franzi o rosto, desejando que ele não tivesse me lembrado disso — Isso é uma confirmação de que os Zelconianos comem minhocas?

— Não estou confirmando nem negando. Estou apenas fazendo uma pergunta para entender por que, dentre duas coisas semelhantes, você considera uma repugnante e a outra refinada.

— Você está se esquivando — eu disse, ansiosa para chutá-lo — Por que você não responde?

— Porque não saber está te deixando louca, e eu acho isso infinitamente divertido — ele brincou — Venha, deixe-me mostrar o resto da casa.

Por mais que eu quisesse jogar coisas nele, eu deixei que ele pegasse minha mão e me conduzisse pelo resto do tour. A próxima sala que me deixou de queixo caído foi o que ele chamou casualmente de escritório. Era um grande espaço com um enorme mapa holográfico em 3D de Cibbos. Aparentemente, ele o usava não só para coordenar

as caçadas, mas também as migrações e a coleta de cristais. Nos dias seguintes, presumindo que a confusão com os Yurus permitisse, Dakas prometeu revelar todo o mistério que cercava os cristais Zelconianos.

Ele então me mostrou três quartos de hóspedes, que esperava transformar em quartos de crianças em um futuro não muito distante. O banheiro quebrou meu cérebro. Embora Dakas tivesse me avisado, eu ainda fiquei confusa ao ver o equivalente a um minúsculo mictório com altura ajustável, como um chuveiro, em vez de um vaso sanitário. Embora o tamanho do banheiro dos hóspedes fosse comparável ao de um humano, o chuveiro dos hóspedes elevou isso a outro nível. Ele era grande o suficiente para ser um quarto de criança, com vários chuveiros ajustáveis.

— Se isso a impressiona, espere até ver nossa sala de higiene privativa — Dakas disse com um sorriso.

Outro choque me aguardava no minuto em que entramos em seu quarto — Oh meu Deus! Isso não é uma cama! É um maldito campo de futebol!

Dakas jogou a cabeça para trás e riu enquanto eu examinava de perto aquela coisa enorme. Ela poderia facilmente acomodar cinco ou seis homens humanos adultos.

— Eu preciso de espaço para abrir essas asas, minha companheira — Dakas disse provocativamente. Ele foi até o pé da cama, colocou minha bolsa no chão e abriu bem as asas — Viu?

Realmente, elas ocuparam quase toda a largura, com apenas trinta centímetros de sobra em cada lado do colchão. Duas mesinhas de cabeceira de madeira ornamentadas emolduravam a cama. Mas nenhuma lâmpada estava em cima. Em vez disso, cristais em forma de água jorrando da parede antes de congelar de repente pareciam servir a esse propósito. A luz da lua inundava a sala através de quatro janelas enormes – duas delas, na verdade, portas que davam para a varanda. Não é novidade que o quarto espaçoso não continha nenhum armário – closet ou não – apenas uma pequena cômoda.

Dakas apontou para a longa parede direita contra a qual a cômoda estava apoiada — Eu vou construir um guarda-roupa para você aqui — ele disse como se tivesse lido minha mente — Há espaço suficiente para percorrer toda a extensão e dois metros de profundidade. Eu só precisarei de algumas prateleiras para meus acessórios.

— Você com certeza sabe falar a língua de uma mulher — eu disse com gratidão.

Embora eu me sentisse culpada por ele ter que modificar seu quarto, mesmo com essa adição, o quarto permaneceria incrivelmente espaçoso.

— E este é o banheiro — Dakas disse, acenando para a grande sala adjacente.

Ela também tinha um arco incrivelmente esculpido, mas com um conjunto real de portas. Assim como o banheiro de hóspedes, o espaço era ridículo – quer dizer, ainda mais ridículo. Ele era tão grande quanto meu quarto em Kastan. Aqui também vários chuveiros prometiam uma experiência memorável. Uma sala separada com porta fechada continha a privada. Para meu alívio, ela parecia uma privada humana, mas sem tanque de água e sem encosto na parede. Ela ficava no meio do espaço, em um pequeno pedestal, com espaço suficiente atrás para um par de asas. Eu percebi então que o pedestal era para que as asas não arrastassem no chão.

— Nós não costumamos tomar banho de banheiro, embora gostemos de um bom mergulho. Há espaço suficiente para adicionar uma banheira humana aqui — Dakas disse apontando para um lado da sala — Mas se você quiser algo maior, algo que possamos compartilhar, eu posso derrubar a parede aqui. Ela dá para um espaço de armazenamento.

— Ooh, eu não quero que você tenha todo esse trabalho só por minha causa. Uma banheira normal já seria bom, ou até mesmo nenhuma. De qualquer forma, eu geralmente tomo banho de chuveiro.

Um sorriso malicioso apareceu em seus lábios e seu olhar ficou ardente — Acho que dizer isso em voz alta me fez perceber que eu realmente *quero* tomar banho com você nua em meus braços.

Minha pele esquentou quando uma súbita excitação e vergonha me inundaram. Depois da noite passada, eu não tinha motivos para me sentir tímida. A atmosfera mudou e eu percebi que o tour havia terminado. Dakas estava pronto para tratar de assuntos sérios.

— Há um último cômodo para você ver — meu marido disse, sua voz não mais brincalhona — Devemos nos purificar antes de entrar, e lá nós vincularemos nossos destinos para a eternidade.

— Ok — eu disse com uma voz sussurrada.

— Por favor, descarte suas roupas. Nós tomaremos banho juntos — Dakas disse com uma voz suave.

Por mais que o pensamento me emocionasse, algo na maneira solene como Dakas pronunciou essas palavras amenizou meu lado lascivo. Nós voltamos para o quarto onde eu tirei minhas roupas, dobrando-as cuidadosamente em cima da cômoda enquanto ele se livrava da braçadeira e do cinto de armas que usou no treinamento de combate mais cedo.

Eu não era nem exibicionista nem puritana. Eu me sentia confortável com meu próprio corpo e atendia rotineiramente pacientes nus, às vezes em posições que as pessoas consideravam embaraçosas ou até humilhantes. Isso ajudou a me libertar das reservas habituais que sentimos quando nos despimos na frente dos outros. Assim que eu terminei, Dakas pegou minha mão novamente e me levou de volta ao

banheiro.

Eu não sabia bem o que esperava. Inicialmente, antes de ele me pedir para tirar a roupa com aquela voz séria, eu pensei que ele ficaria brincalhão. Mas seu tom deixou claro que isso era sério – talvez até sagrado – para ele.

De uma prateleira esculpida diretamente na pedra, ele retirou o que pensei ser uma barra de sabão. À medida que a água caía sobre nós, Dakas abriu bem as asas e os chuveiros nos atingiram, pulverizando tanto a frente como as costas no ângulo descendente que ele me ensinou. Ele gesticulou para que eu me aproximasse enquanto preparava uma espuma de sabão. O fluxo da água acima cessou, mas as laterais continuaram a trabalhar em suas asas. Dakas começou a me lavar, cobrindo cada centímetro do meu corpo com sabonete. A maneira como a água continuou a atingir suas asas me convenceu de que algum tipo de sensor de movimento ou rastreador direcionava sua mira.

Não havia nada de sensual na maneira como Dakas me tocava, mesmo quando suas mãos percorriam meus seios, minha bunda e meu sexo. Clínico definitivamente também não era a expressão correta. Dakas foi reverente e solene na forma como me lavou, fazendo eu me sentir adorada. A água em suas asas parou sozinha enquanto meu marido terminava de lavar meu cabelo. Depois de me enxaguar bem, ele me fez encará-lo, me entregou a barra de sabonete e abriu bem os braços.

Por um motivo que não consigo explicar, minha garganta de repente ficou contraída e minha boca ficou seca. Lembrando de suas palavras sobre não usar sabão em suas penas, eu fiz espuma e apliquei em todas as partes de sua pele humana.

Meus olhos se arregalaram quando a pele levemente emplumada entre suas coxas se abriu e seu pênis saiu. Foi a primeira vez que eu o vi. Por mais que eu quisesse me preocupar com isso, eu estava muito envolvida no sentimento sagrado do momento para fazer isso.

Eu não sei se isso me manteve clínica ou se meus anos de prática médica tiveram algum impacto. De qualquer forma, meu cérebro registrou sua forma humana, além da crista em espiral ao redor do comprimento. Por um segundo, me perguntei se era uma evolução do pênis enrolado do pato ou simplesmente uma hibridização por causa de seu pai humano. Mas rapidamente eu descartei esse pensamento passageiro.

Eu lavei suavemente seus órgãos genitais, depois suas pernas e pés, como ele havia feito comigo antes de enxaguá-lo.

Dakas bateu rapidamente as asas e sacudiu a crista e a cauda para se livrar do excesso de água. Segurando minhas mãos nas suas enquanto ficamos cara a cara, ele deu um comando vocal. O ar

deliciosamente quente soprou ao nosso redor em um redemoinho maravilhoso, secando toda a umidade de nossos corpos.

Eu estava me afogando no oceano de estrelas que brilhavam em seus olhos. Nós não dissemos uma única palavra e, ainda assim, um milhão de comunicações silenciosas passaram entre nós. Na parte de trás da minha cabeça, eu senti um leve formigamento que sabia ser a alma de Dakas roçando a minha, ansiosa para que nos uníssemos.

Quando os ventiladores de secagem pararam, Dakas me puxou para si e me beijou, longa e profundamente. Nenhuma paixão ou luxúria o alimentava, apenas um mundo de ternura. Eu derreti contra ele. Ele me pegou no colo e me carregou como uma noiva até os fundos da casa, subindo uma escada larga e entrando em uma sala circular que imediatamente reconheci como uma espécie de templo ou área de meditação. Ela não tinha janelas, apenas símbolos intrincados esculpidos nas paredes e incrustados com cristais brilhantes. No centro havia duas almofadas uma de frente para a outra. Entre elas, quatro grandes cristais estavam eretos.

Dakas me colocou de pé logo na entrada e me levou para dentro. Nós dois nos ajoelhamos em nossas respectivas almofadas e nos sentamos sobre as pernas.

— Esta é a sala da alma — Dakas disse com voz suave — Como Empatas, muitas vezes precisamos de um lugar sagrado para nos centrarmos e realinharmos as nossas emoções com o nosso verdadeiro eu, separado dos sentimentos dos outros. Esta sala está em sintonia comigo. Você e eu estamos aqui hoje para nos tornarmos uma só alma. E este templo ficará em sintonia *conosco*.

Eu balancei a cabeça e lancei outro olhar furtivo ao redor da sala, sentindo a energia pacífica que reinava dentro dela.

— Antes de começarmos, devo reiterar que, uma vez concluído o ritual, você e eu seremos um até o dia em que um de nós morrer — Dakas alertou — Este é um vínculo *tanto* fisiológico *quanto* espiritual. Depois de trocarmos nossos votos, nós nos beijaremos. Isso vai passar para você meu hormônio de acasalamento. Isso a mudará – não sua aparência, mas seus poderes mentais. Isso permitirá que sua alma se ligue à minha e lhe concederá algumas habilidades empáticas.

— Você quer dizer que eu poderei sentir suas emoções e as dos outros como os Zelconianos sentem as nossas? — eu perguntei, tentando controlar a empolgação que isso despertou em mim.

— Você *será* capaz de sentir as minhas, pois seremos um — Dakas corrigiu — mas você apenas terá uma noção das emoções de outras pessoas. Provavelmente não será muito vindo de Zelconianos ou outras espécies com habilidades empáticas, mas você deve ser capaz de ter uma ideia sólida das emoções de humanos e Yurus, por exemplo, que não têm poderes psíquicos.

— Ok, posso viver com isso.

— Além disso, saiba que esse vínculo tornará impossível para você ou eu traírmos um ao outro — ele acrescentou — Até mesmo considerar isso lhe causará desconforto físico. Fazer isso causará dor.

— Eu aprovo isso — eu disse com um sorriso.

Ele devolveu o sorriso, sua expressão suave me fazendo derreter por dentro. Ele parecia um ser mítico sob o brilho sonhador dos cristais que iluminavam a sala, suas asas azul meia-noite penduradas ao lado e atrás dele como uma capa longa e majestosa.

— Normalmente, nós trocaríamos votos e nos revezaríamos cantando para um cristal para realinhá-lo — Dakas explicou, olhando para os quatro cristais entre nós — Mas como você não é Zelconiana, você não tem a capacidade de sentir a resposta deles e modular sua voz de acordo. Portanto, eu farei isso por nós dois. Você só precisa responder às minhas promessas com quantas palavras desejar.

— Muito bem — eu disse, começando a sentir o nervosismo de uma nova noiva.

— Vamos começar — Dakas disse, estendendo ambas as mãos para mim acima dos cristais.

Eu coloquei as minhas sobre as dele e fixei o olhar nele.

— Luana Torres, sob o olhar dos Ancestrais, eu entrego minha vida a você. Você é a outra metade da minha alma. Ao vincular meu espírito ao seu e o seu ao meu, prometo sempre me esforçar para trazer felicidade ao seu coração, elevar seu ânimo quando a escuridão a engolir, compartilhar os fardos que podem pesar em sua mente e alimentar sua alma com todos os benefícios que precisa e deseja para crescer e realizar suas aspirações mais profundas.

Assim que ele parou de falar, eu respirei fundo e respondi com o que suspeitei ser uma promessa temática. O primeiro cristal representava a mente e a alma.

— Dakas Wakaro, sob os olhos de Deus, eu entrego minha vida a você. Eu lhe entrego meu coração e minha alma e aceito de bom grado os seus em troca. Eu prometo apreciá-lo e protegê-lo, compartilhar suas dores, apoiá-lo em seus esforços e trazer-lhe alegria de todas as maneiras que puder.

Dakas sorriu e começou a cantar, sua voz profunda me dando arrepios. O primeiro cristal ganhou vida, iluminando-se por dentro e brilhando por fora, enquanto inúmeras ondas de arrepios agradáveis percorriam meu corpo. O formigamento tímido na parte de trás da minha cabeça aumentou um pouco.

Quando meu marido parou de cantar, ele fez um novo compromisso, desta vez sobre minha saúde e bem-estar, prometendo sempre me manter a salvo de perigos, suprir minhas necessidades, fazer tudo ao seu alcance para me curar quando ferida e permanecer

firme mesmo nos meus últimos anos. Depois que eu retribuí, ele cantou novamente, acendendo o segundo cristal. Desta vez, o formigamento se espalhou por toda a parte de trás do meu crânio e nuca.

A terceira promessa era sobre os filhos, sobre ser um bom pai, um bom modelo, um parceiro igual e solidário na sua criação e ajudá-los a alcançar os seus sonhos e aspirações. Mais uma vez eu compartilhei meus próprios votos. Quando ele cantou para ativar o terceiro cristal, o formigamento se espalhou pela minha espinha, mas outra incrível sensação de bem-estar estava me envolvendo, como um zumbido induzido por uma droga, que eu sabia que vinha dos efeitos dos cristais.

A quarta e última promessa foi a amizade. Isso me surpreendeu no início. Eu esperava que o último fosse a partilha de riqueza ou um compromisso de me amar. Mas à medida que ele expandia isso, eu percebi que fazia muito mais sentido. A amizade abrangia tudo. Como meu melhor e mais verdadeiro amigo, ele me amaria simplesmente por quem eu era, não por quem ele pensava que eu deveria ser. Ele estaria presente nos meus momentos bons e ruins, me apoiaria de todas as maneiras, inclusive financeiramente, me trataria como igual e desejaria o melhor para mim. Ser meu amante era apenas a cereja do bolo.

Quando o quarto cristal se acendeu, todo o meu corpo formigou e eu quase senti como se estivesse flutuando. Os cristais começaram a pulsar em sincronia, e meu batimento cardíaco se alinhou com eles quando eles começaram a descer até o chão até ficarem alinhados com ele. Eu não sabia se meus olhos estavam me pregando peças, mas as estrelas nos olhos de Dakas pareciam piscar no mesmo ritmo.

Ele se inclinou para frente e eu o imitei. Nossos lábios se encontraram e se separaram, permitindo que nossas línguas se misturassem. A sensação de formigamento imediatamente encheu minha boca, mas como uma manifestação física real. Uma onda fria se espalhou pela minha língua, pela minha garganta e por todo o meu corpo. O gosto de Dakas havia mudado – me veio à mente gengibre fresco mergulhado em mel. Eu sabia que era o hormônio de ligação dele sendo passado para mim.

Minha cabeça girou enquanto o formigamento se intensificava, tornando-se quase doloroso em volta da minha nuca. Uma onda de pânico floresceu dentro de mim. Algo deu errado? Eu estava tendo uma reação negativa a esse hormônio estranho? Eu gemi de dor quando agulhas começaram a esfaquear a parte de trás dos meus olhos, e meu crânio parecia à beira de uma fratura quando o gosto de gengibre se intensificou. Eu tentei me afastar de Dakas, mas ele se ajoelhou depois de sentar sobre as patas traseiras, me forçando a me

ajoelhar também e puxou meu corpo nu contra o dele antes de nos envolver com suas asas.

Uma dor aguda atingiu minha nuca e, quando eu estava prestes a gritar – e provavelmente perder a consciência – algo se despedaçou dentro de mim. A dor agonizante desapareceu, o formigamento desapareceu e um turbilhão de emoções me inundou: culpa, proteção e possessividade, tudo envolto em uma pesada camada de ternura. Depois, uma alegria tão profunda que quase me trouxe lágrimas aos olhos – a alegria de Dakas.

E então sua voz ressoou em minha mente.

— *Nós somos um.*



Capítulo 13

Dakas

Eu odiava que nossa ligação tivesse causado dor à minha companheira. Mas isso era inevitável. Como a maioria dos humanos, sua glândula pineal era subdesenvolvida, o que prejudicava suas habilidades psíquicas. Mas meu hormônio de acasalamento compensaria à medida que meu DNA se ligasse ao dela durante as próximas semanas e meses, fortalecendo seus poderes.

Sempre me pareceu estranho que os humanos não tivessem desenvolvido essa habilidade. Há mais de três milênios, uma de suas antigas tribos, chamadas Egípcias, havia documentado pesadamente como a glândula pineal, o tálamo e a glândula pituitária formavam seu terceiro olho, o Olho de Hórus. Combinados com a medula e o cerebelo, eles formavam seu pássaro interior: o Falcão de Hórus. Eles pensavam que a glândula pineal permanecia adormecida até que a alma atingisse um nível espiritual suficientemente elevado para despertar e levá-los à iluminação. Mas despertá-la teria fornecido as capacidades empáticas que teriam trazido a paz que o seu povo tão desesperadamente precisava.

No entanto, neste exato instante, minha mulher era tudo o que importava. Seu corpo relaxou contra o meu enquanto uma sensação de admiração a enchia, afugentando sua dor anterior. Segurando-a com força, eu me levantei e a levei para o nosso quarto. Embora ela tenha passado os braços em volta do meu pescoço, Luana estava muito lânguida para fazer o mesmo com as pernas em volta da minha cintura e apenas as deixou penduradas.

Eu adorei a sensação dela nua e desejava que, assim como eu, ela pudesse viver sem roupas. Eu deitei Luana na cama, eu me deitei ao lado dela e a peguei nos braços. Ela se pressionou contra mim, esfregando o rosto contra as penas do meu peito daquele jeito que eu tanto gostava.

— Você gosta quando eu faço isso — Luana sussurrou antes de levantar a cabeça para olhar para mim. Eu sorri e balancei a cabeça

diante da expressão surpresa em seu rosto — Eu consigo sentir isso. Está muito... embaçado, por falta de palavra melhor, mas eu sinto.

— Ficaré mais claro com o tempo.

Minha companheira começou a passar a palma da mão sobre meu peito, seu olhar saindo de foco enquanto ela se concentrava em sentir minha reação ao seu toque. Eu deixei cair completamente as barreiras que os empatas normalmente mantinham como uma cortesia para com os outros. Os lábios de Luana se separaram enquanto nossa conexão ainda nascente se fortalecia. Eu me rendi à sua lenta exploração do meu corpo. Ela estudou minhas respostas, dedicando um pouco mais de tempo às áreas que desencadearam as reações mais fortes. Em pouco tempo, ela mapeou meus pontos sensíveis. O mais engraçado é que, enquanto ela tentava entender o que eu gostava, o prazer que ela tirava disso através de mim a fez demorar um pouco mais.

Embora tenha começado como uma jornada inocente de descoberta, isso logo mudou, minha excitação florescente alimentando a dela. Quando a mão dela pousou na minha região pélvica, ela não precisou falar para eu saber o que ela queria. De repente, eu fiquei constrangido — o que não fazia sentido, considerando que ela não só tinha visto meu pênis, como também o lavou. E, no entanto, isso era diferente. Sentindo meu desconforto, Luana levantou a cabeça e me lançou um olhar questionador e cheio de preocupação. Eu me senti bobo por aquele momento irracional de insegurança.

Eu sorri e enviei ondas apaziguadoras em sua direção, depois o liberei. Eu prendi a respiração enquanto seus dedos deslizavam sobre minhas finas penas púbicas e envolviam meu comprimento. Eu sibilei de prazer, e o olhar de Luana escureceu enquanto seus lábios se abriam da maneira mais sensual. Com os olhos presos nos meus, ela me acariciou suavemente, minha lubrificação natural facilitando seu movimento. Um arrepio percorreu Luana quando o prazer que ela estava me dando ecoou de volta através dela.

Enquanto ela acelerava o movimento de sua mão sobre mim, eu fechei os olhos com um gemido voluptuoso. Os lábios macios da minha companheira começaram a beijar e beliscar a pele nua do meu abdômen em um caminho sinuoso para baixo. Um tremor me sacudiu e agarrei o cobertor com uma das mãos enquanto os dedos da outra deslizavam pelos cabelos cacheados de Luana. À medida que seu corpo descia ao lado do meu, seus mamilos endurecidos esfregavam minha pele ardente, enviando uma onda de luxúria para minha virilha.

Quando ela se acomodou entre minhas pernas abertas, minha mulher desacelerou o movimento de sua mão para dar uma boa olhada em meu pênis. O fragmento de autoconsciência que queria surgir novamente morreu antes que pudesse se formar completamente, enquanto a admiração e o fascínio de Luana percorriam através de

mim. Ela me acariciou mais algumas vezes, com os olhos grudados na forma como as cristas ao longo do meu comprimento ondulavam sob seus cuidados antes dela timidamente colocar a língua para fora.

Minha respiração ficou presa na garganta, preocupação e antecipação guerreando dentro de mim – a preocupação dela de que ela pudesse não gostar do sabor do meu lubrificante natural realçando a minha. Eu senti sua surpresa uma fração de segundo antes de sua sobrancelha se erguer. Uma onda de prazer irradiou de Luana quando ela começou a me lamber de verdade. Meus dedos apertaram seus cachos, mas um grito estrangulado saiu de mim quando o calor úmido de sua boca envolveu meu comprimento. Uma poça de lava rodou na boca do meu estômago enquanto minha mulher balançava sobre mim. Sua mão delicada apertou a base do meu eixo antes de acariciá-lo em contraponto ao movimento de sua boca.

Eu estava chegando ao ápice muito rápido. A intensidade do meu prazer mexeu com Luana em um loop sensorial. Seu próprio clímax surgiu próximo desses ecos. O cheiro crescente de sua excitação estava me deixando louco. Mas quando ela deslizou a mão livre entre as coxas para esfregar a própria dor, o prazer aumentado que ela lançou em minha direção quase me fez desmaiar.

Eu gritei e puxei seu cabelo com muito mais força do que pretendia para afastá-la de mim. Luana gritou e levantou a cabeça para me lançar um olhar atordoado e indignado, mas eu já a estava virando de costas. A tentativa de protesto da minha companheira morreu em um grito de felicidade, rapidamente seguido por uma série de gemidos intercalados com meu nome sussurrado enquanto eu retribuía, lambendo seu pequeno nó inchado em um frenesi.

Luana desmoronou momentos depois, seu corpo se contraiu antes que suas pernas comessem a tremer. Eu rosnei enquanto cólicas dolorosas torciam meu interior com a necessidade de abraçar minha libertação. Mas eu resisti, apertando a base do meu pênis de forma quase selvagem. Algumas gotas de pré-ejaculação ainda conseguiram escapar, mas eu me controlei, me deleitando com as ondas de êxtase da minha alma gêmea que rolavam sobre mim.

Ainda voando alto, Luana abriu as pernas e me abraçou quando me acomodei em cima dela. Ela olhou para mim com os olhos semicerrados, os lábios entreabertos e o corpo ainda abalado por ocasionais espasmos de prazer. Apesar de seu olhar, emoções e postura física gritando para eu prosseguir, eu fiz uma pausa.

— Você me aceita, Luana? — eu perguntei, tentando tirar da minha voz a urgência que sentia.

— Sim — ela disse, não escondendo sua impaciência e levantando sua pélvis em direção à minha.

Esse era todo o consentimento formal que eu precisava. Eu

comecei a me empurrar para dentro. O corpo de Luana resistiu a mim, me obrigando a prosseguir com estocadas superficiais. Eu reivindiquei seus lábios em um beijo possessivo, minha língua formigando enquanto mais do meu hormônio de ligação inundava minha boca. Eu gemi alto enquanto as unhas de Luana raspavam a região altamente erógena da parte inferior das minhas costas. Eu não sabia se ela tinha feito isso de propósito, mas ela repetiu o gesto mais algumas vezes, afogando a sensação ardente da minha penetração com o meu prazer ressoando dentro dela.

E então seu corpo relaxou, me acolhendo.

Eu sibilei com a forma requintada como suas paredes internas me apertaram por todos os lados, seu calor ardente envolvendo e massageando meu comprimento enquanto se contraíam com sua excitação. Luana me ecoou com um gemido gutural, que ficou mais alto quando comecei a entrar e sair dela. Ancestrais, isso era intenso... demais. Eu nunca imaginei que pudesse morrer por excesso de prazer, ou que isso pudesse ameaçar fraturar minha mente. E ainda assim, lá estava eu.

Eu me sentia à beira de entrar em combustão por dentro, cada movimento, cada beijo, cada carícia, fundindo a sobrecarga sensorial que já me engolia. O fluxo de prazer que emanava dela aumentou o meu, antes de retornar para exacerbar ainda mais o que ela sentia em um ciclo interminável, ameaçando nos destruir. Mas eu não consegui parar – NÓS não conseguimos parar.

O clímax de Luana a atingiu com uma violência vertiginosa, me arrastando no processo. Eu joguei minha cabeça para trás enquanto rugia minha liberação, minhas asas se abrindo enquanto minha semente disparava em minha mulher. Eu achei que iria desmaiar enquanto a felicidade líquida jorrava de mim, mas isso apenas diminuiu a pressão que me levava à beira da insanidade.

Em vez de diminuir, a velocidade e a força dos meus impulsos aumentaram à medida que o fluxo da minha semente caía em um fio. Em pouco tempo, eu estava metendo em minha companheira, o som de nossa carne se encontrando enterrado por nossos gemidos voluptuosos e gritos de êxtase. Mais duas vezes eu jorrei minha semente dentro de Luana antes de desmaiar ao lado dela, destruído. Eu puxei o corpo escorregadio e trêmulo da minha mulher para cima de mim e fechei minhas asas em torno dela. Quando cedemos ao sono, eu me deleitei com as emoções felizes da minha companheira.

Eu não poderia estar mais grato por ser um empata. Considerando o número de vezes que acordei Luana para reivindicá-la, se eu não tivesse sido capaz de sentir que ela estava totalmente de acordo com isso, eu ficaria preocupado que ela estivesse ficando farta da minha ganância lasciva. Depois de tomarmos banho juntos – de uma forma nada inocente – eu preparei um café da manhã Zelconiano para nós.

Como Renok confirmou que a costa ainda estava limpa em Kastan, eu decidi passar o dia com Luana em Synsara para fazer um tour por sua nova casa. Tilda defenderia o forte na clínica, enquanto meu irmão e meu primo Minkus liderariam as melhorias que queríamos fazer no perímetro da muralha para conter a estratégia de ataque que os Yurus haviam tentado ontem.

Um sorriso terno esticou meus lábios quando olhei para minha companheira, sentada na sala de estar enquanto conversava com seu pai no comunicador para avisá-lo que ela não desceria hoje. As emoções conflitantes de Mateo me fascinaram. Por mais que perder a filha tenha partido seu coração, ele ficou feliz por ela ter deixado a colônia. Embora eu não conseguisse ler mentes, eu acreditava que ele sabia o quanto os costumes retrógrados da colônia estavam sufocando sua Luana.

Ela veio se juntar a mim quando eu estava terminando de colocar a comida na mesa. Eu preparei uma amostra de vários pratos que os Zelconianos comiam tradicionalmente. Ela se sentou à minha frente, olhando nossa refeição com avidez.

— Como você pode ver, nós comemos uma variedade de grãos e nozes, geralmente levemente torrados, alguns condimentados e normalmente ainda quentes — eu disse, apontando para as tigelas que os continham — No café da manhã, geralmente os comemos com uma variedade de frutas e um suco espesso de frutas ou vegetais. Carnes e acompanhamentos salgados raramente são servidos no café da manhã, exceto se esperamos ter um dia muito longo, com poucas oportunidades de pausa para o almoço. Mas eu abri uma exceção para você.

Foi preciso toda a minha força de vontade para controlar minhas emoções para que ela não percebesse minha travessura. Eu não poderia bloqueá-la totalmente sem levantar suas suspeitas. Eu descobri um dos dois pratos e quase caí na gargalhada quando toda a curiosidade empolgada desapareceu do rosto de Luana e foi substituída por um horror mal reprimido.

— Isso se chama doumias — eu disse, incapaz de acreditar que estava conseguindo parecer casual quando a vontade de rir estava quase fazendo meus olhos lacrimejarem — Eles são os favoritos do nosso povo, principalmente dos filhotes, pois são macios, fáceis de

digestir e com um sabor único que faz você implorar por mais.

Luana engoliu em seco, sua pele levemente bronzeada ficando um pouco mais pálida enquanto ela olhava para as doumias de formato oval, perfeitamente douradas por fora e recheadas com cogumelos com apenas um pedacinho saliente em uma das pontas.

— Experimente um. Eles são deliciosos — eu insisti antes de pegar um entre dois dedos e jogá-lo na boca.

Minha companheira engoliu em seco novamente, endireitou os ombros, ergueu o queixo desafiadoramente e pegou um dos doumias. Eu esperava que ela recusasse, e nesse ponto eu teria confessado meu engano, mas ela pressionou e deu uma mordida. Assustada com o sabor, os olhos de Luana se arregalaram de choque e prazer antes de me olhar indignada.

— Estes não são vermes comestíveis! Você *sabia* o que eu estava pensando!

Desta vez, eu cedi e comecei a rir. Pela forma como Luana olhou em volta, ela estava claramente procurando por algo – de preferência não letal – para atirar em mim.

— Eu não leio mentes, Luana — eu disse, ainda rindo e sem o menor remorso. “Eu não controlo quais pensamentos passam pela sua mente. Você *optou* por presumir que esta era a ‘carne’ a que me referia. Mas eu disse que pratos salgados *e* de carne raramente eram servidos no café da manhã. *Esta* é a carne.

Eu levantei a tampa do segundo prato aquecido, este contendo fatias tostadas de hutan, um pequeno mamífero comumente encontrado na natureza, mas que também poderia ser domesticado.

Luana lançou um olhar para a carne. Suas narinas se alargaram e eu quase pude sentir sua boca salivando. Mas ela virou seus lindos olhos cheios de indignação em minha direção, me fazendo rir novamente.

— Você vai me dizer que essas doumias tinham exatamente o formato, o tamanho e a cabeça escura de um verme gigante? — Luana desafiou.

Eu dei de ombros — Eu posso ter cortado pedaços de raízes de doumia nesse formato e recheado com cogumelos grelhados, do jeito certo para bagunçar a sua cabeça — eu confessei descaradamente.

Ela estreitou os olhos para mim, sua demonstração de raiva desmentida pelo alívio e diversão que emanava dela — Você sabe que eu vou me vingar, certo?

— Eu estou contando com isso, minha companheira — respondi com um sorriso maroto.

Ela balançou a cabeça para mim, jogou o resto do doumia pela metade na boca e mastigou alegremente.

— Eu providenciei utensílios para você — eu disse, apontando

para eles ao lado do prato dela.

Luana balançou a cabeça, seus lindos cachos balançando em seu rosto — Você comeu comida humana do jeito humano. Nós comeremos comida Zelconiana do jeito Zelconiano.

— Você não tem garras para cortar a carne — eu argumentei, embora satisfeito com o comentário dela.

— Não, mas eu tenho dentes — Luana brincou, pegando uma fatia de hutan com dois dedos e mordendo um pedaço grande.

Seu discreto gemido de aprovação quando o sabor picante da carne explodiu em suas papilas gustativas me agradou ainda mais.

— Então, conte-me sobre você. Eu sei que Renok é seu irmão e que Phegea e Minkus são seus primos — Luana perguntou antes de pegar uma colher de nozes torradas e quentes.

Eu balancei a cabeça enquanto colocava um pouco de suco de fruta grosso em seu copo — Renok é três anos mais velho que eu. Ele é o único filho que minha mãe e seu marido tiveram. Phegea e Minkus são filhos de seu irmão. Como você pode imaginar, meu pai é humano.

Uma carranca marcou o lindo rosto de Luana enquanto a confusão se instalava.

— Você está se perguntando como meus pais me conceberam se minha mãe já era casada, se trair é impossível para nós — eu disse, com naturalidade.

As bochechas de Luana esquentaram e ela me deu um sorriso tímido enquanto assentia.

— Ela ficou viúva quando eles ficaram juntos.

— Oh! Sinto muito — ela exclamou.

— Está tudo bem — eu respondi com um sorriso gentil — Tudo aconteceu há décadas. Sabe, meu pai lida com negócios duvidosos. Ele é o que os humanos chamam de mercenário. Há trinta e um anos, ele veio para Cibbos para tentar subornar Karnak – nosso Exarca na época – para negociar cristais em troca de tecnologia. Mas a caminho de Synsara, ele viu um grupo de Zelconianos em perigo. Então, ele foi ajudar.

— Sua mãe ...? — Luana perguntou.

— Meus pais, Renok, meus primos e os pais deles, e algumas outras pessoas — eu respondi — Eles estavam à beira do rio, ensinando os jovens a nadar e a mergulhar para pescar. Infelizmente, eles não perceberam que os Yurus estavam conduzindo uma de suas Caçadas Selvagens na área. Eles não deveriam ter ido, pois era território Zelconiano. Durante a pausa para o almoço, algumas crianças voaram para um bosque próximo para colher algumas frutas silvestres para a sobremesa. O pai de Renok, Tzane, estava com eles. Mas um shengis invadiu a área e começou a persegui-lo.

— Oh não! — Luana disse, pressionando a mão no peito.

— Tzane atacou a fera para tentar atraí-la enquanto as crianças fugiam, mas como você sabe, elas possuem venenos muito tóxicos que podem disparar com precisão mortal — eu continuei — Sem armas, Tzane não tinha muita esperança. Mas algumas das crianças não conseguiram sair do esconderijo, pois até mesmo a fuga as deixaria expostas por tempo suficiente para serem mortas.

— Isso é horrível! Mas onde diabos estavam os Yurus?

— Muito longe. Dois adultos morreram naquele dia, e muitos mais poderiam ter morrido se meu pai não tivesse intervindo naquele momento. Ele estava totalmente furtivo e com armas avançadas — afinal, ele é um traficante de armas — eu disse.

— E assim ele se tornou um herói — Luana disse com um sorriso irônico.

Eu bufei — De muitas maneiras, sim. Mas era tarde demais para Tzane. Ele foi picado muitas vezes. A tragédia, porém, foi que minha mãe correu para o lado dele e tocou nele e em suas feridas. Ela deve ter sido ferida para o veneno ter passado para ela. Mas foi em uma quantidade pequena o suficiente para que eles não percebessem a princípio. A angústia de minha mãe ao perder seu companheiro comoveu meu pai.

— Ele a consolou de sua perda e eles se apaixonaram? — Luana perguntou.

— De certa forma, mas não exatamente — eu disse cuidadosamente — Eu não conheci minha mãe. Ela mal estava viva quando eu nasci. Demorou meses após a morte de seu marido para que minha mãe percebesse que o veneno havia criado raízes e a estava matando lentamente. Enquanto isso, embora meu pai aceitasse que Karnak não negociaria nossos cristais com ele, ele continuou visitando minha mãe e Renok.

— Era uma coisa unilateral então? Compreensível, dadas as circunstâncias. Ela tinha acabado de perder sua alma gêmea — Luana disse com simpatia.

Eu balancei a cabeça — Embora ela só tivesse afeto por ele, ele estava se apaixonando perdidamente por ela. No final, acredito que ele estava tentando bolar um esquema que faria com que a OPU a reconhecesse como sua companheira, para que procurassem uma cura para ela. Mas, como mercenário, ele não conseguia nem se encontrar com ninguém sem correr o risco de ser encarcerado.

— Isso é tão injusto! Ele não poderia levar algumas amostras de sangue dela a um médico clandestino para elaborar um antídoto? — Luana perguntou.

— Ele tentou isso, mas eles não sabiam nada sobre a anatomia Zelconiana e exigiram uma amostra pura do veneno dos shengis — eu disse com um suspiro — Eu não sei por que minha mãe concordou em

se relacionar com ele mais de um ano depois. Ambos sabiam que ela estava morrendo. Mas eu estou grato por ter sido concebido como resultado. Após a morte da minha mãe, meu pai deixou Cibbos.

— Sem você? — Luana estremeceu assim que as palavras saíram de sua boca.

Eu sorri de forma tranquilizadora — Está tudo bem — eu disse antes de tomar um gole de suco de fruta — É uma pergunta justa. E sim, ele foi embora sem mim. Sua vida não era apropriada para uma criança, e muito menos para um híbrido como eu, que exigia muita atenção. Embora minhas características Zelconianas fossem dominantes, algumas foram substituídas por características humanas que complicaram as coisas. O fato de eu não ter uma cloaca era particularmente angustiante para eles.

Luana bufou e tapou a boca com a mão, a diversão brilhando em seus olhos — Oh Deus! Eu imagino. Eles devem ter pensado que você era seriamente defeituoso!

— Eles pensaram isso no começo, mas meu tio Alzim rapidamente descobriu a anatomia humana — eu disse com um sorriso afetuosos — Ele me acolheu depois da morte da minha mãe. Mas tentar encaixar uma fralda improvisada em um bebê com cauda, a deixando apertada o suficiente para evitar vazamentos desagradáveis, mas frouxa o suficiente para permitir que eu sáísse e pudesse urinar, aparentemente foi um grande desafio.

Desta vez, Luana caiu na gargalhada. Pela maneira como seu olhar ficou levemente fora de foco, ela provavelmente estava visualizando o espetáculo.

— Eu pagaria para ver isso.

— Você não precisa. Você terá experiência prática assim que nossos pequenos aparecerem — eu brinquei.

Luana ficou séria, o que só fez meu sorriso aumentar — Certo — ela disse — Só vamos colocar você para cuidar das fraldas.

Eu ri — Foi necessária muita adaptação para eles me criarem — eu continuei, com o coração cheio de carinho por meu tio, sua família e pelos Zelconianos como um todo — Eles nunca me fizeram sentir que eu era pior, embora fosse diferente. Mas eu ainda enfrentei muitos desafios. Eu fiquei gravemente ferido algumas vezes enquanto era alimentado através do papo, quando um bico esfaqueou a parte de trás da minha garganta. Eu tive grandes problemas para regular a temperatura do meu corpo porque grande parte dela é humana. Mas as roupas não serviam para mim e eu não tinha bico para me ajudar a me livrar do excesso de calor como os outros. Pegar um resfriado, ficar com o nariz escorrendo e lidar com dentes do siso eram questões que confundiam os sangue puros.

— Ah, uau. Eu imagino. Mas...

Sua voz sumiu e mais uma vez eu sabia o que havia passado em sua mente — Meu pai veio me ver algumas vezes em meus primeiros anos. Mas eu odiei a tal ponto que pedi para ele não vir mais.

Luana recuou. Ela olhou para mim, seus olhos passando entre os meus enquanto tentava adivinhar o que poderia ter provocado tal reação em mim.

— Eu sou um empata. Ele não é — eu expliquei gentilmente — Estar aqui o lembrava muito da minha mãe. Sua dor era tudo que eu sentia perto dele. Exterioirmente, ele estava fazendo um ótimo trabalho em esconder isso. Mas as emoções não mentem. Era como se alguém me cortasse lentamente. Nós mantivemos contato. E ao longo dos anos, ele forneceu a orientação que eu precisava para lidar com meu lado humano.

— Fico feliz em saber que você ainda tem um relacionamento com ele — Luana disse, estendendo a mão por cima da mesa para apertar minha mão.

Eu sorri — Por mais distante que ele esteja, eu amo meu pai e ele me ama. Mas agora você precisa comer. Eu quero te mostrar a cidade.

Nós terminamos nosso café da manhã em uma conversa amigável comigo contando a ela um pouco da minha infância e ela compartilhando um pouco da dela. Então, de mãos dadas, eu levei minha companheira para a parte de trás da casa – que os humanos teriam interpretado como a frente – e que se conectava com o centro da cidade de Synsara.



Capítulo 14

Luana

Meu queixo caiu quando Dakas abriu as amplas portas nos fundos da casa. Elas estavam localizadas logo depois das escadas do templo particular onde trocamos nossos votos e unimos nossas almas. Eu esperava alguma passagem sinuosa e escura que nos levaria ao centro da cidade. Em vez disso, eu poderia jurar que tinha acabado de entrar no shopping mais insano.

Em vez de lojas, as varandas das casas dos Zelconianos ladeavam as largas passarelas em vários níveis. Alguns andares acima, um campo de energia servia como cúpula protetora, impedindo que a chuva, o vento e outros elementos caíssem no que eu acreditava ser a caldeira de um vulcão adormecido. Embora fosse possível caminhar ao redor da circunferência, um enorme abismo nos separava das habitações do outro lado. É claro que isso não intimidava os habitantes locais que simplesmente sobrevoavam, muitos dos quais podiam ser vistos voando por aí e subindo e descendo o abismo.

Meu estômago embrulhou ao perceber que nem uma única grade protegia os pedestres nas passarelas de uma queda mortal. Eu não tinha nenhum medo especial de altura, mas isso definitivamente era considerado perturbador. Felizmente, a largura significativa das calçadas – que permitia que dois Zelconianos adultos caminhassem lado a lado com as asas abertas – me fez sentir segura andando no meio.

Apesar de ter sido esculpida diretamente na montanha, Synsara era brilhante e luminosa. Entre as pedras claras, os cristais brancos brilhantes embutidos nas belas esculturas nas paredes e a luz do dia inundando a cúpula da cidade, os Zelconianos conseguiram algo que eu não teria pensado ser possível.

Para minha agradável surpresa, várias plantas e árvores enfeitavam os caminhos, algumas parecendo ter crescido através da rocha para abrir os braços em direção à luz vinda de cima. As fachadas mudaram de claramente residenciais para parecerem mais comerciais ou oficiais

à medida que nos aproximávamos do centro do nosso nível atual de Synsara.

— Cada nível da cidade tem áreas de armazenamento, celeiros e o que seria qualificado como comércio — Dakas explicou, apontando para cada um deles — Nós temos uma forma de moeda, mas não é muito utilizada. A troca continua sendo a forma dominante de comércio aqui. Um terço da nossa população trabalha no comércio artesanal mais tradicional, mas a maioria trabalha na moldagem de cristais e na investigação tecnológica. Uma série de plataformas flutuantes as conecta, e é por isso que estão perfeitamente alinhadas em todos os níveis.

— Plataformas suspensas? — eu perguntei, me animando.

Dakas riu da minha reação — Há plataformas flutuantes em todos os lugares. Elas estão apenas escondidas à vista de todos. Há muitos motivos pelos quais alguém pode não querer voar ou não poder fazê-lo, e ficaria preso sem qualquer transporte. Você ficará feliz em saber que, assim que uma plataforma começa a se mover, um campo de energia é erguido ao seu redor para evitar que o objeto ou pessoa caia.

— Obrigada por isso! — eu disse, me sentindo quase zozna de alívio.

— Venha, vamos experimentar uma agora.

Intrigada, eu deixei que ele me levasse pela mão até uma entrada tão ornamentada que você pensaria que era uma joalheria.

— Fique na plataforma — Dakas disse, apontando para um ponto não digno de nota no chão.

Assim que eu o fiz, as bordas de um grande quadrado iluminaram-se ao meu redor.

— Oh, uau!

Dakas sorriu — Você pode usar a mão ou o pé para controlá-la. A mão é mais intuitiva. Coloque sua mão na sua frente. Para fazê-la subir, faça um gesto para cima, como se estivesse dizendo a alguém para se levantar. Gesticule para baixo para fazê-la descer. E de lado para dizer para parar. A velocidade do seu movimento também afetará a velocidade da plataforma. Experimente.

Eu obedeci, impaciente para ver o que aconteceria. Na minha ansiedade, eu movi minha mão para baixo rapidamente e quase senti o chão cair debaixo de mim. Eu gritei, sentindo como se meu estômago estivesse tentando pular para fora da minha garganta, e quase perdi o equilíbrio. Mas minha bunda se conectou com o campo de energia que realmente apareceu na borda da plataforma, me empurrando suavemente de volta para o meio. Eu acenei minha mão de lado, novamente com um pouco de vigor demais. Meu estômago emburruhrou mais uma vez quando a plataforma parou repentinamente.

Pior viagem de elevador de todos os tempos!

Mostrando mais cautela, eu movi lentamente minha mão para cima, e a plataforma subiu em um ritmo agradável desta vez enquanto Dakas voava ao meu redor com uma expressão divertida. Mas eu podia sentir seu orgulho por mim e seu entusiasmo em me mostrar seu mundo.

Dakas abriu a boca para falar, mas uma confusão repentina à distância chamou nossa atenção. Eu levei um momento para perceber que vinha de um nível inferior. Segundos depois, uma agitação de movimentos, gritos em Zelconiano e pessoas voando me fizeram olhar para meu marido confusa e preocupada.

— Oh, isso vai ser bom — ele sussurrou como se fosse para si mesmo — Acho que temos um pequenino que perdeu o controle.

— O quê?!

Mas ele não precisou responder. Seu significado ficou claro quando um pequeno Zelconiano – que não parecia ter mais de cinco ou seis anos de idade – passou voando por nós em uma velocidade vertiginosa. Duas mulheres adultas e um homem pareciam estar perseguindo. A criança era incrivelmente rápida, fazendo com que os adultos parecessem estar lerdos. Ele me lembrou uma mosca sendo caçada por três pássaros famintos.

Não, não uma mosca. Ele se move como um beija-flor.

— O que está acontecendo? — eu perguntei a Dakas, enquanto alguns transeuntes se reuniam.

— Juma está se comportando mal de novo — ele respondeu com uma risada enquanto batia lentamente as asas para pairar ao meu lado — A julgar pelo horário atual, ele provavelmente tentou fugir da escola e a professora ligou para sua mãe. E agora, o pirralho está fugindo para evitar ser arrastado de volta para a sala de aula.

Dakas riu da minha expressão espantada. Mas eu não estava mais prestando atenção nele. Juma e seus perseguidores percorriam uma distância insana, voando para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita. Algumas vezes, temi que eles batessem em uma árvore, em uma parede ou em uma das passarelas. Depois de alguns minutos, pelo menos dez adultos estavam caçando o pequeno escorregadio. Quando a criança parecia estar mirando direto em nós, Dakas entrou em ação. Na verdade, ele o pegou por meio segundo, mas Juma se libertou.

Logo, o caos completo reinou com muitos adultos entrando, atrapalhando uns aos outros enquanto o pequeno demônio ziguezagueava entre eles com velocidade e habilidade alucinantes. Eu nem vi como ele foi pego, pois aconteceu um pouco longe de mim, com seus perseguidores bloqueando minha linha de visão. Um homem segurava a criança com firmeza enquanto uma mulher que presumi ser sua mãe o repreendia. Assim que pousaram na passarela oposta de onde eu pairava na minha plataforma, a mulher tirou algo do cinto

pendurado em seu quadril.

Juma ficou histérica, tentando se libertar. Eu não conseguia sentir suas emoções, mas sua linguagem corporal e o tom agudo de sua voz expressavam clara angústia. Eu lancei um olhar preocupado para Dakas, que me deu um sorriso de lado.

— Ela está cortando as asas dele — ele explicou calmamente.

— O quê?! Mas isso é...! — Eu mal contive a palavra dura que me veio à mente — Parece excessivamente cruel. Isso não vai machucá-lo?

— Não, minha companheira. Nós não machucamos nem mutilamos nossos descendentes. Juma está apenas sendo excessivamente dramático — Dakas disse com uma voz gentil, felizmente não ofendido pelo meu comentário implícito — Contanto que você não corte além de um certo limite, não sentimos mais dor quando nossas penas são cortadas do que quando um humano corta o cabelo. Mas arrancar uma pena doeria tanto quanto arrancar o cabelo. Embora possa parecer uma punição severa, não é uma punição. Ela está cortando as asas dele para protegê-lo de si mesmo.

— Como assim? — eu perguntei genuinamente intrigada, embora meus olhos permanecessem colados na mãe enquanto ela removia as pontas de algumas penas de voo de seu filho em cada asa.

— Esta é a fase em que os pequenos são mais rápidos, como você provavelmente já percebeu pela dificuldade que foi pegá-lo. Essa velocidade é inebriante e pode lhe dar muita adrenalina — Dakas explicou — A maioria dos pequenos consegue lidar com isso, mas os hiperativos como Juma se machucam. Ele já sofreu quatro fraturas nos últimos seis meses e quase se matou no mês passado, quando bateu de cabeça em uma parede. Ele não pode ter outra concussão tão cedo.

Eu balancei a cabeça lentamente. Como médico, eu entendia isso. Eu também sabia que muitos donos de pássaros de estimação cortavam suas asas para evitar que voassem e se machucassem dentro de casa. E ainda assim...

— A mãe dele não está tirando sua capacidade de voar, apenas limitando seu voo rápido. Anime-se, Luana. Olha, ele já parou. Ele nem está chorando, apenas fazendo beicinho. Foi tudo um show — Dakas disse, apontando com o queixo para Juma.

Tendo limitado sua capacidade de voo, eles colocaram o menino de pé na passarela. Mesmo com seu bico tornando mais difícil ver um beicinho real, todo o seu comportamento, expressão facial e linguagem corporal gritavam exatamente isso. Ele não estava em perigo, apenas infeliz por não ter conseguido o que queria.

— Teremos que comprar uma mochila a jato para você — Dakas disse pensativo.

Meus olhos se arregalaram — Para quê?

— Para dar a você a chance de pegar nossos pirralhos quando eles tentarem fugir de suas tarefas ou trabalhos de casa — ele brincou.

Ele soltou uma risada diante da minha expressão horrorizada.

Crianças voadoras! Isso vai ser... divertido.

— Venha, minha companheira. Vamos estacionar aquela plataforma. É hora de você ver como fazemos cristais. Vá até o nível mais baixo.

Eu obedeci, fazendo minha plataforma viajar em um ritmo confortável, enquanto deleitava meus olhos com o centro da cidade. Cada nível parecia ser decorado com base em um tema diferente relacionado à natureza. Dos elementos à flora e fauna, as esculturas orgânicas nas paredes tornavam a cidade de tirar o fôlego. Mas a baixa população me surpreendeu.

— A maior parte do nosso pessoal está trabalhando agora — Dakas respondeu quando perguntei — Qualquer pessoa que não seja um trabalhador ou artesão essencial foi temporariamente transferida para melhorar as defesas da cidade ou encher os nossos celeiros em preparação para uma potencial guerra.

Esse lembrete da ameaça que pairava sobre nós afetou meu humor, mas me tranquilizou saber que eles estavam se preparando para o caso das coisas piorarem seriamente. Eu não queria pensar no que isso poderia significar para Kastan. Então, novamente, eu não duvidava que Vyrax voltasse sua atenção para os Zelconianos primeiro para cortar a cabeça antes de se concentrar novamente em nós.

Quanto tempo nós duraríamos sem os Zelconianos?

Nós estaríamos efetivamente presos dentro da aldeia. Eles poderiam encontrar e cortar o acesso ao nosso abastecimento de água e aos maiores pomares, plantações e pastagens para os nossos zeebises que não tínhamos fechado dentro da muralha de proteção, pois seria uma área muito grande para cobrir. Mas pior ainda, sem os Zelconianos como nossos protetores, nós perderíamos o nosso estatuto de colônia legítima com todas as vantagens que isso implicava?

— Quaisquer que sejam os pensamentos sombrios que estejam passando pela sua cabeça, expulse-os, Luana — Dakas ordenou com uma voz semi-severa — Os Yurus *não* vencerão. Disso, eu tenho certeza.

A convicção em sua voz e nas emoções que ele projetava tiveram um efeito surpreendentemente calmante em mim.

Ao chegarmos ao andar mais baixo, Dakas me conduziu da plataforma por um amplo corredor. Ao contrário dos níveis superiores, que eram claramente residenciais e comerciais, com belos adornos e cristais luminosos, este era quase clínico – exceto por um pequeno trecho do corredor à esquerda.

Dakas apontou para ele — Lá você encontra o equivalente a um

spa com banhos termais. Mas estamos indo na direção oposta, no outro extremo deste caminho. Tenha muito cuidado para ficar sempre nas laterais se estiver andando por aqui. As faixas centrais são para transportes de alta velocidade em ambas as direções.

Eu recuei, lançando um olhar incrédulo para o chão imperceptível. É verdade que uma linha clara de pedras de cores mais escuras marcava a separação entre os caminhos de cada lado e as duas “faixas de transporte” no meio. Mas tudo parecia apenas ladrilhos de pedra maiores.

— Sempre se certifique de que não há nada entrando antes de entrar no transporte.

Nós entramos na ‘faixa de transporte’ à direita e, como aconteceu com a plataforma flutuante, o largo ladrilho abaixo de nós se iluminou e imediatamente começou a pairar alguns centímetros acima do chão. Dakas deslizou o pé pela superfície e a plataforma começou a avançar, mais rápido do que uma boa velocidade de caminhada, mas mais lento do que uma corrida rápida, e nem de longe o suficiente para ser perigoso.

— Nossa, vocês dificilmente se qualificam como primitivos — eu murmurei, impressionada com o quanto eles eram mais avançados do que a nossa colônia.

Dakas bufou e encolheu os ombros — Primitivo é um termo relativo. Nós nos consideramos avançados, mas não alcançamos viagens interestelares, e isso nos torna primitivos para os padrões galácticos. Então, novamente, antes do seu dote muito conveniente, não tínhamos descoberto como construir um escudo furtivo. Nós tínhamos chegado perto, mas a solução – muito simples – continuava nos escapando. Nós temos um longo caminho a percorrer, mas estamos bem com isso. Faz parte da diversão.

Eu balancei a cabeça — Eu entendo os princípios fundadores da nossa colônia, mas negar a nós mesmos a conveniência dessas plataformas de transporte não faz sentido para mim.

Dakas sorriu e acariciou meu rosto, e senti sua simpatia se infiltrando em nosso vínculo.

— Atrás destas portas há instalações de armazenamento, laboratórios de pesquisa, centros de desenvolvimento ou oficinas, todos principalmente ou exclusivamente relacionados aos nossos cristais. E mais à frente estão as câmaras de crescimento.”

Nossa plataforma de transporte finalmente parou em frente a um enorme conjunto de portas. Nós descemos e Dakas acenou com a mão acima da plataforma, como alguém faria para espantar uma mosca. A plataforma decolou, pousando no chão a uma curta distância de onde uma plataforma anterior havia se afastado.

As portas se abriram assim que nos aproximamos. Um calor

agradável nos recebeu quando entramos. Meus passos vacilaram enquanto eu contemplava as maravilhas internas. Uma fonte termal natural ocupava o centro da sala circular. Uma série de pequenos altares igualmente espaçados a rodeavam. Em cima de cada um havia uma grande tigela de vidro cheia de um líquido transparente. Um pequeno cristal estava submerso no fundo. Ao redor do perímetro da sala, pelo menos cinquenta alcovas foram escavadas, e cada uma continha um único cristal de tamanho e cor diferentes. Eles estavam pendurados em uma corda dentro de um tanque cheio de um líquido da mesma cor. Uma porta de vidro fechava hermeticamente cada alcova. Dentro de algumas dessas cabines isoladas, um Zelconiano cantava, embora não pudéssemos ouvi-los através da porta de vidro.

Uma luz iluminou repentinamente a superfície dos altares que cercavam a fonte termal.

— Chegamos bem na hora — Dakas disse com entusiasmo, mas em tom abafado — Isto é quando a vocação de um cristal é determinada. Para criar nossos cristais, nós colocamos nessas tigelas uma grande quantidade de minerais colhidos nas entranhas da montanha. Em seguida, adicionamos água da nascente para criar uma solução altamente saturada. Normalmente, é necessária água muito quente para os cristais, mas não para os nossos. À medida que ela esfria, os cristais começam a se formar. O calor natural da primavera mantém a temperatura ambiente ideal para o seu crescimento.

Enquanto Dakas falava, duas dúzias de Zelconianos entraram na sala por entradas laterais que eu não havia notado. Cada um segurava uma bandeja com oito pequenos recipientes cheios do que pareciam ser sais minerais de cores diferentes.

— Esta é a fase crucial — Dakas continuou — Cada cristal tem seu próprio propósito, sua própria... aspiração. E eles estão prestes a contar aos Nutridores — ele riu da minha expressão perplexa — Sim, os cristais ‘falam’ para quem tem o poder de ouvir. Quando cantamos para eles, eles respondem. Os Nutridores simplesmente concentram suas habilidades empáticas para descobrir o que o cristal precisa para crescer e se tornar o que deseja ser, e então alimentá-lo adequadamente.

Atordoad, eu olhei para os Nutridores que sorriram para nós antes de ficarem em frente ao seu respectivo altar.

— Esses minerais vão conferir propriedades diferentes ao cristal. No momento, esperamos muito preto, vermelho, verde e azul.

Assim que ele terminou de falar essas palavras, Dakas levou um dedo aos lábios para indicar que agora deveríamos permanecer quietos. Eu balancei a cabeça. Então, em perfeita sincronia, as vozes de todos os vinte e cinco Zelconianos voltados para os altares elevaram-se na melodia mais encantadora. Como naquela primeira vez

que Dakas e os outros cantaram para ativar os cristais de nossa parede protetora, um arrepio após outro percorreu meu corpo, minha pele explodindo em calafrios.

Enquanto cantavam, todos colocavam sais minerais em suas tigelas, cada um em momentos e quantidades diferentes. Enquanto alguns adicionavam apenas um tipo de mineral, outros misturavam dois ou mais tipos diferentes, colorindo a água. A superfície brilhante dos altares pulsava e o líquido dentro da tigela começou a girar, sem dúvida para ajudar a dissolver esses novos sais. Alguns Nutridores terminaram de “alimentar” os seus cristais, mas continuaram a cantar até que todos largassem a concha.

O canto deles desapareceu e cada um deles pegou uma concha presa em seus respectivos altares, pegou um pouco de água da fonte termal e despejou em sua tigela. Eles não despejaram tudo de uma só vez, mas deixaram escorrer enquanto o líquido continuava a girar. Eu percebi então que a água já saturada não poderia dissolver completamente os novos sais, e eles estavam apenas adicionando água suficiente para tornar isso possível. Eles esvaziaram o excesso de água de volta na fonte termal, recolocaram a concha no lugar e recolheram as bandejas antes de saírem da sala.

— Esses cristais crescerão por alguns dias e então o mesmo processo será repetido quantas vezes forem necessárias — Dakas explicou. Ele apontou para as cabines isoladas alinhadas nas paredes — Quando atingirem o primeiro nível de maturidade, eles serão transferidos para uma alcova para continuarem a crescer e para que os seus poderes imbuídos se multipliquem até atingirem a maturidade total.

— É por isso que as pessoas estão cantando para eles dentro daquelas cabines? — eu perguntei.

Dakas sorriu com aprovação ao meu palpite exato — Sim. Nossos Nutridores são especializados em diferentes tipos de cristais. Caya é especialmente dotada para cristais de cura e foco. É por isso que ela canta para este cristal de cura. Você tem que ouvir suas necessidades e modular sua voz de acordo para otimizar o alinhamento das facetas do cristal à medida que ele cresce. Os cristais amarelos embutidos em cada barraca atuam como intensificadores tanto do poder do cristal em maturação quanto da eficácia do canto do Nutridor.

— A OPU sabe como vocês criam esses cristais? — eu perguntei, impressionada.

Dakas sorriu — Em certo nível, sim. Eles se ofereceram para comprar nossos minerais e nos pagar royalties sobre cada cristal criado e vendido. Quando explicamos por que isso não era possível, eles ficaram bastante desanimados.

Eu ri — Não me admira que eles estejam tão interessados em forjar

uma aliança com os Zelconianos — depois eu fiz uma careta — E os Yurus?

— Eles também sabem. Você está se perguntando por que eles se preocupariam em tentar assumir o controle de nossos cristais — ele disse, adivinhando com precisão os pensamentos que passavam pela minha cabeça — É possível criar os cristais sem o cântico do Nutridor. Eles terão metade da eficácia e a maioria não passará de lixo — portanto, é muito desperdício. No entanto, eu suspeito que os Yurus pretendem o mesmo que reservam para os humanos: matar a maioria dos homens, e escravizar as mulheres e artesãos qualificados para continuarem a produzir os bens que cobiçam. Afinal de contas, dois terços dos nossos Nutridores são mulheres.

Ele apontou para as portas enquanto começava a se mover em direção a elas, e saímos do “berçário”.

— Sim, isso faz sentido — eu disse pensativamente — Mas por que os Zelconianos não fizeram um acordo com a OPU?

Nós atravessamos para a faixa esquerda para regressar à zona central.

— Porque eles não tinham nada de bom o suficiente para nos dar em troca — Dakas disse enquanto a plataforma se movia a um ritmo agradável — Quando eles nos contataram pela primeira vez, setenta anos atrás, depois que sua colônia se estabeleceu aqui, nossa tecnologia não estava nem perto de onde está hoje. Eles estavam nos oferecendo alguns teoremas básicos de matemática e física para que pudéssemos tentar descobrir como aplicá-los de maneiras que pudessem ser benéficas para nós. Meu povo concordou com a primeira negociação para obter esses teoremas.

— Deixe-me adivinhar, eles não fizeram muito por vocês? — eu disse com uma voz solidária.

— Eles foram úteis, mas não revolucionários. Depois disso, como metade da nossa população migra no inverno à medida que os alimentos se tornam mais escassos, eles queriam nos ensinar coisas como agricultura sustentável.

Eu comecei a rir quando ele fez uma cara de nojo ao dizer essas palavras.

— Nós recusamos. Nós fazemos alguma agricultura, mas não é da nossa natureza, nem é algo de que alguma vez precisamos. Nós não estávamos em uma boa posição de negociação porque não estávamos avançados o suficiente para que eles nos dessem algo que valesse a pena. Então, nós esperamos até chegarmos. Nossas descobertas e novos desenvolvimentos têm crescido exponencialmente nas últimas décadas. Nós estávamos pensando em retomar as negociações com a OPU nos próximos dois a cinco anos.

— Mas toda esta confusão com os Yurus acelerou o processo — eu

disse enquanto o nosso transporte parava na área central do centro da cidade.

— A melhor coisa que poderia ter acontecido em mais de um aspecto — Dakas disse suavemente, sua voz ficando mais profunda.

Ele pegou meu rosto entre as mãos e me beijou suavemente enquanto ondas de ternura e possessividade fluíam dele. Eu estava curtindo totalmente esse negócio empático.

Dakas me soltou e me levou até uma plataforma flutuante disponível para que pudéssemos voltar a subir. Eu podia sentir seu desejo de me carregar e voar pelo espaço aberto entre os níveis. Mas ele queria que eu praticasse o uso dos elevadores flutuantes, desta vez me fazendo usar os pés para controlá-los, em vez da mão.

Nós paramos em alguns níveis ao longo do caminho para ele me mostrar diferentes lojas e serviços oferecidos. O que mais me fascinou – embora fosse completamente inútil para mim – foi a loja de enfeites, basicamente a versão Zelconiana de uma barbearia e salão de beleza. Ver as pessoas tendo seus bicos crescidos lixados, seus bicos rachados remendados, suas garras lixadas e suas asas preparadas principalmente para reajustar o equilíbrio com alguns cortes para algumas penas de voo quebradas ou faltando, me surpreendeu.

Dakas passou o resto do dia me mostrando mais maravilhas do seu mundo. Mas levaria muito tempo para absorver tudo. E, felizmente, nós tínhamos bastante...



Capítulo 15

Dakas

Dez dias se passaram desde o humilhante fracasso de Vyrax em assumir o controle de Kastan. Embora eu tenha gostado desse adiamento, que me permitiu aprofundar meu vínculo com minha companheira, isso também me preocupou muito. Nossos drones espões notaram um aumento significativo no comércio interplanetário com Mutarak. Isso significava más notícias. Os Pacificadores da OPU intensificaram os seus esforços para interceptar qualquer navio mercenário que se aproximasse de Cibbos, mas eles não tinham autoridade para proibir os Yurus de negociar com quem quisessem.

Eles estavam tramando alguma coisa. Mas fosse o que fosse, os Yurus estavam fazendo um trabalho fantástico ao esconder isso de nós. Não fazia sentido para Vyrax permitir que um insulto ficasse sem resposta por tanto tempo. Pelo menos, isso nos deu mais tempo para reforçar as nossas defesas em torno de Synsara e da colônia, e deu aos humanos mais tempo para treinar.

Luana passava todo o seu tempo em Synsara, dividindo a sua atenção entre aprender mais sobre a anatomia Zelconiana com a nossa curandeira Feylin e absorver os mais recentes avanços médicos e tecnologias disponíveis através da rede da OPU, à qual ela agora podia acessar livremente. Isso causou alguns murmúrios na colônia, alguns chegando ao ponto de insinuar que eu a estava segurando por motivos nefastos, apesar das garantias de seu pai do contrário.

Hoje, como um dos humanos mais velhos precisava de uma pequena cirurgia, Luana decidiu voar até lá para supervisionar o procedimento. Tilda poderia ter lidado com isso sozinha – sem mencionar o fato de que as cápsulas médicas avançadas que Kayog lhes havia enviado fariam tudo. Mas ter minha companheira presente acalmou a mulher e silenciou os crescentes rumores de crimes contra a filha de seu líder.

Não querendo me separar de Luana, eu substituí Minkus, que estava de guarda e de serviço de batedor na colônia desde o dia em

que firmamos aquela aliança. Para minha surpresa, Martin se aproximou de mim enquanto eu verificava a integridade da muralha.

— Estamos ficando sem madeira de jiniam — Martin disse — Como as coisas estão calmas há algum tempo, eu gostaria de ir colher algumas, se você ou outro de seu povo não se importasse de me acompanhar.

Ele pronunciou as palavras com uma polidez rígida. Embora ele olhasse para meu rosto, a maneira como ele evitou fazer contato visual direto parecia suspeita. E, no entanto, eu não consegui sentir a menor enganação nele. Desde o primeiro ataque fracassado do grupo de ataque ‘rebelde’, e ainda mais depois que Vyrax apareceu, Martin abandonou sua atitude beligerante em relação a mim. Neste instante, eu teria dado qualquer coisa para poder ler sua mente.

— Eu irei acompanhá-lo — eu respondi.

— Obrigado. Eu vou pegar minha colheitadeira — ele murmurou.

Eu falei mentalmente com Renok para avisá-lo que eu iria sair.

— *É sensato, irmão? Nenhum dos humanos saiu desde o ataque. E este em particular te odeia.*

Eu sorri, embora ele não pudesse ver — *Não sinto nenhum engano ou malícia por parte dele. Acho que doeu em seu ego ter que perguntar a mim de todas as pessoas. Mas os humanos precisam dessa madeira para as flechas aprimoradas que estão armazenando. Vamos juntar mais madeira enquanto as coisas ainda estão calmas.*

A relutância do meu irmão mais velho inundou nossa conexão psíquica — *Certo. Mas se você se machucar, eu vou arrancar os olhos miseráveis dele.*

Eu ri alto — *Feito* — eu respondi telepaticamente a Renok antes de me desconectar de sua mente.

Ele sempre foi extremamente protetor comigo. Ele era os músculos e eu o cérebro. As travessuras do pequeno Jamu no dia em que levei Luana para conhecer a cidade passaram pela minha mente. Renok e eu não fomos tão dramáticos em nosso mau comportamento, mas instigamos uma boa quantidade de perseguições – não para faltar à escola, mas para Renok evitar que seu bico fosse lixado e para que eu evitasse aparar minhas asas. Assim como Jamu, eu era viciado em velocidade. Meu coração se aqueceu ao pensar nos pequenos delinquentes que Luana e eu teríamos juntos. Eu mal podia esperar que eles se tornassem rebeldes.

O retorno de Martin, montado em uma colheitadeira, pôs fim à minha agradável reflexão. O nome daquele veículo não fazia muito sentido para mim. Ele não colhia nada. Era apenas uma espécie de hoverbike larga presa a uma grande plataforma flutuante retangular para transportar coisas. Um trailer ou veículo de transporte teria sido muito mais apropriado.

Conforme ele se aproximava, eu digitei algumas instruções em minha braçadeira, verificando novamente os scanners de amplo alcance em busca de qualquer sinal de problema. Com a costa ainda limpa, eu voei até a saída mais próxima e desativei aquela parte da muralha defensiva para deixar a colheitadeira de Martin passar, fechando-a imediatamente atrás de nós.

Eu odiava o quão fundo na floresta precisávamos ir para encontrar árvores jiniam. Uma parte de mim gostaria de simplesmente ter ido com alguns de meus irmãos colher algumas para ele. No entanto, por mais que eu não gostasse de Martin, ele era habilidoso em seu ofício. Não se pode escolher qualquer árvore jiniam. É preciso encontrar as árvores certas, no nível de maturidade certo. E também não se deve pegar a árvore inteira, apenas galhos específicos dela.

Nós finalmente chegamos ao nosso destino. Martin desceu do veículo e contornou algumas árvores antes de se instalar em uma. Depois de estudar seus galhos, ele usou uma espécie de corda estranha e fina que ele jogou como um gancho em volta do galho de sua escolha. O arame imediatamente começou a cortar a madeira. O processo foi um pouco lento, mas limpo e sem esforço para o humano.

Querendo um bom ponto de vista para ver quaisquer ameaças em potencial, eu me acomodei em uma posição agachada em um galho baixo de uma árvore em frente ao local onde Martin estava trabalhando. Meus pés se enrolaram nele, e as garras dos dedos dos pés e calcanhares se projetaram e cavaram na casca para me estabilizar. Martin se virou para olhar para mim, seu olhar demorando em meus pés. Embora ele mantivesse uma expressão neutra, eu pude sentir o quanto eles o assustavam. Eu podia entender o porquê. Sua aparência enganosamente humana tornava tudo estranho, já que eles se curvavam muito além do que um pé normal deveria ser capaz.

Eu sorri. Ele percebeu e desviou os olhos, suas bochechas esquentando. Ele se moveu, lançando um olhar para o galho que estava meio cortado, antes de virar na minha direção novamente.

— Ela parece feliz — ele disse de repente em um tom resmungante.

Eu recuei, surpreso com aquele comentário, mas sobretudo com a tristeza genuína, talvez até mágoa, que emanava dele.

— Luana é minha alma gêmea — eu disse com naturalidade — É impossível não sermos felizes juntos.”

Martin bufou — Certo... acho que isso explica por que ninguém mais foi bom o suficiente para ela.

Eu fiz uma careta diante da amargura em sua voz — Por que você ainda está tão chateado? — eu perguntei, genuinamente confuso — Você não está apaixonado por ela. Eu não tenho certeza se você gosta dela. E você realmente quer se tornar líder da colônia? Ter que lidar

com o tipo de confusão que enfrentamos atualmente?

Uma série de emoções passaram por ele, muitas refletidas em seu rosto. A queda do galho o poupou de responder. Eu esperei pacientemente enquanto ele recuperava seu fio e o colocava para funcionar em um galho diferente enquanto ponderava sua resposta. Martin então se ajoelhou em frente ao galho caído para começar a cortá-lo ao meio usando uma faca laser.

— Você tem razão. Eu não estou apaixonado por ela, mas a amo da minha maneira — Martin disse por fim — Eu não quero lidar com toda essa besteira política, mas também não quero continuar estagnado assim.

Eu inclinei a cabeça para o lado, intrigado.

— Nós nascemos nesta colônia retrô de merda, vivendo como se ainda estivéssemos na porra da era medieval porque nossos avós ficaram chateados com a maneira como as pessoas usavam a tecnologia em casa — Martin disse, com a raiva borbulhando dentro dele — Eles poderiam ter se estabelecido em qualquer uma das colônias humanas da OPU. Muitos deles teriam concedido terras remotas para viverem como quisessem.

— Como isso teria mudado seu destino?

Martin parou de cortar o galho para olhar para mim — Aqueles de nós que não queriam esse estilo de vida de merda poderiam ter saído e se mudado para uma das outras colônias. Mas eles não queriam arriscar isso. Eles vieram aqui especificamente para que ficássemos presos. E então desmontaram todos os nossos meios de transporte para fora daqui, sob o pretexto de precisar de peças para construir a infraestrutura da colônia. Mas, na verdade, eles só queriam que fôssemos prisioneiros aqui.

— A OPU poderia ter realocado aqueles de vocês que queriam partir — eu sugeri suavemente.

Martin bufou e retomou seu trabalho — Nossos pais se recusam a sair. Assim como nós, a maioria nasceu aqui e foi superdoutrinada pelos próprios pais. Eles têm medo de recomeçar em outro lugar. Eles acham que são muito velhos. Eu nunca poderia deixar minha mãe aqui. Mas a realidade é que somos nós, a geração mais jovem, que carregamos esta colônia. Se um de nós partir, os outros o seguirão e nossos pais morrerão. Estamos presos. Mas com Luana e eu como líderes, poderíamos ter mudado as coisas.

— Vocês não precisam ser casados para conseguir isso — eu argumentei.

— Nós precisávamos — ele rebateu teimosamente — Luana pode não ter querido assumir o comando quando seu pai estava caído, mas ela não teve escolha. Não porque ela é filha do líder, mas porque não há mais ninguém que pudesse ter feito o trabalho. Nós somos uma

pequena colônia. Todo mundo conhece todo mundo. Ela é a única pessoa que inspira confiança suficiente para que toda a aldeia a siga. Luana pode parecer tímida às vezes, mas é uma força silenciosa. Quando alguma coisa precisa ser feita, ela se apresenta.

O segundo galho caiu. Martin se levantou para colocar o fio em um terceiro galho. Ele voltou para o primeiro que terminou de cortar e carregou os pedaços na parte de trás da colheitadeira.

— Normalmente nós escolhemos nosso líder através de um processo eleitoral. Mas no dia em que Mateo morrer ou deixar o cargo, não haverá um. É um fato bem conhecido em Kastan que, quando isso acontecer, quem se casar com Luana co-herdará esse papel com ela para que ela possa continuar a ser nossa médica. Sua esposa é a única pessoa na colônia alheia a esse fato. Então, parabéns. Você é nosso futuro líder.

Eu fiquei boquiaberto para ele, incrédulo. Ele bufou novamente e começou a trabalhar na divisão do segundo galho caído.

— Mas eu sou Zelconiano!

— Você é meio humano — Martin disse com naturalidade, antes de levantar a cabeça para olhar para mim — Eu não tinha certeza do que alguém como você faria conosco. Como poderíamos saber se você seria diferente dos Yurus? Como poderíamos ter certeza de que você não tentaria nos escravizar também?

— Nós não temos tais intenções — eu disse energicamente.

— Eu acredito em você agora — ele respondeu. Um olhar estranho passou por suas feições. Ele encolheu os ombros e abaixou a cabeça para voltar ao trabalho — A maneira como você liderou seu povo na construção de nossas defesas e todo o trabalho que você fez salvou meu povo. Eu e a maioria dos homens em Kastan provavelmente estaríamos mortos agora, e só Deus sabe o que teria acontecido com nossas mulheres... com minha mãe... com Luana. Você até conseguiu fazer aquela velha bruxa, Jenna, ajudar nossa agricultora-chefe, Anita, a depenar perus e preparar suas penas para nossas flechas seguidoras de calor. Então, sim... Você se casar com Luana é provavelmente a melhor coisa que já aconteceu em Kastan.

Embora ele tenha falado essas palavras em um tom resmungão, a sinceridade que emanava dele me deixou sem palavras. Eu procurei uma resposta apropriada, mas as palavras me faltaram. Me tornar líder de uma colônia nunca esteve em meus planos.

Eu iria gostar disso?

Sim. Eu adorava planejar e criar estratégias. Eu poderia fazer o trabalho e provavelmente iria gostar, mas não me considerava adequado para o papel. Claro, eu era meio-humano, mas fui totalmente criado como Zelconiano. Eu acreditava e aspirava ao desenvolvimento responsável da tecnologia. Eu gostaria de estar

cercado de beleza como em Synsara, não por esta vila básica e insípida. Por outro lado, muitos da geração de Luana e Martin queriam a mesma coisa. Será que eu poderia ser o instrumento da sua ‘libertação’?

Mas eu rejeitei essas reflexões. Mateo ainda era jovem e – graças ao trabalho milagroso das cápsulas médicas de alta tecnologia enviadas por Kayog – ele estava em perfeita saúde. O dia em que ele deixasse seu cargo provavelmente seria muito depois de Luana e eu termos criado nossos filhos em Synsara.

— Obrigado — eu respondi finalmente, sem conseguir encontrar nada melhor — Eu-

Minha cabeça virou para a esquerda e eu expandi meus sentidos, procurando. Uma lasca de malevolência roçou minha mente psíquica, como as pernas finas de uma aranha. Eu olhei para minha braçadeira, mas ela não detectou quem estava se aproximando de nós. Uma onda de medo emanando de Martin me atingiu.

— O que foi? — ele perguntou com um tremor na voz.

— Temos que ir agora — eu disse, meus olhos se movendo em todas as direções enquanto não conseguia identificar a localização do intruso – algo que nunca tinha acontecido antes. Ele estava se aproximando cada vez mais perto. Mas algo estava interferindo na minha capacidade de localizar a fonte.

— *Irmão, temos algo se aproximando. Furtivo. Eu só sinto um por enquanto, mas não consigo vê-lo* — eu falei mentalmente para Renok.

Antes que eu pudesse continuar, uma poderosa intenção assassina me atingiu – o tipo de pensamento que precede o ataque mortal de um predador. Ele não era dirigido a mim, mas a Martin, que abandonou seu segundo galho para pular na hoverbike de sua colheitadeira. Por instinto, eu saltei do galho em que estava agachado e atirei Martin para fora de seu veículo.

Seu rosto assumiu uma expressão de terror ao me ver atacando. Mas seu grito de medo logo foi abafado pelo meu grito de dor quando algo afiado se cravou entre duas de minhas costelas, exatamente onde a garganta de Martin estaria meio segundo antes. Eu quase caí no chão com a agonia e o peso do humano em meus braços. Com os dentes cerrados, eu bati as asas com toda a minha força, cada movimento parecia que estava empurrando a lâmina mais fundo na minha carne. Sangue encheu minha boca enquanto eu lutava para respirar com um pulmão perfurado.

Outra dor lancinante atingiu a parte de trás da minha coxa direita quando um segundo projétil afiado atingiu seu alvo. A voz cada vez mais em pânico de Renok ressoou em minha mente psíquica em reação à minha falha em responder. Eu não queria ignorá-lo, mas tinha que me concentrar em não deixar Martin cair e lutar contra a

dor para nos levar para um lugar seguro. De qualquer forma, meu irmão mais velho sentiria ecos do meu sofrimento através da nossa conexão psíquica.

E Luana também.

Pensamentos sobre minha companheira me estimularam. Nosso vínculo vem se fortalecendo constantemente nos últimos dez dias. Cada vez que fazíamos amor – e fazíamos com frequência – eu compartilhava meus hormônios de ligação com ela. Sua crescente conexão empática comigo aumentou muito. Ela provavelmente entraria em pânico, talvez nem entendesse a origem de sua súbita dor e angústia.

Martin começou a xingar. Eu quase gritei para ele parar de se mexer tanto e se segurar direito em mim quando o senti puxar a pistola do meu cinto de armas. Mirando por cima do meu ombro, ele começou a atirar em nossos atacantes enquanto os xingava. Eu não esperava isso dele.

Mas quando um terceiro projétil atingiu minha parte inferior das costas, eu quase o derrubei. Eu gritei em agonia. Minhas pernas formigaram antes de ficarem dormentes. Minha cabeça girava e cólicas violentas começaram a torcer meu interior enquanto meu sangue parecia ter se transformado em fogo líquido.

Veneno...

Eu olhei para frente, ainda não vendo nada além de árvores. A aldeia estava muito longe. Nós nunca conseguiríamos. Eu sabia que tínhamos ido muito fundo na floresta para conseguir aquela maldita madeira. Mesmo se eu largasse Martin, eu não teria forças para voltar para Kastan. Além do fato de que eu estava me afogando em meu próprio sangue, cada batida de minha asa fazia meu coração bater mais rápido, espalhando o veneno ainda mais rapidamente pelo meu corpo.

Minha visão ficou turva, minhas asas ficaram pesadas e meus braços pareciam madeira. A consciência de Luana roçou a minha. Por uma fração de segundo, eu poderia jurar que ouvi a voz dela chamando meu nome em minha mente psíquica. Será mesmo? Não era muito cedo para ela desenvolver uma conexão telepática comigo?

— Agente filho. Estamos aqui.

A voz de Graith ressoou em minha cabeça segundos antes de cinco Zelconianos abandonarem suas camuflagens, seus escudos de energia erguidos diante deles para formar uma parede atrás de mim. Eu não senti ou ouvi eles se aproximando. Eu tinha ido longe demais. Eu nem sabia se Martin havia escorregado dos meus braços ou se Minkus o havia tirado de mim. Eu senti que comecei a cair, mas Graith me segurou. Enquanto um véu de escuridão descia diante dos meus olhos, eu tentei um último contato com minha companheira. Eu não poderia

morrer sem me despedir.

Mas a voz psíquica de Graith me dizendo para aguentar firme foi tudo que eu ouvi.



Capítulo 16

Luana

Uma estranha sensação de desconforto se abateu sobre mim. Tilda me lançou um olhar questionador quando interrompi a frase. Eu pisquei, tentando entender o que havia de errado, o que havia desencadeado tal reação. Mas em vez de desaparecer, a sensação de perdição aumentou, minhas costas enrijeceram de tensão.

— Algo está errado. Não... algo ruim está para acontecer... eu acho — eu disse.

— O que você quer dizer? — Tilda perguntou.

— Eu não sei. Esse negócio empático tem mexido comigo ultimamente. Talvez não seja nada além de... Fique com Jenna, ok? Eu preciso falar com Dakas sobre isso. O procedimento correu bem. Eu devo voltar antes que ela acorde.

— Tudo bem — Tilda disse, com preocupação enchendo seus olhos.

Eu dei uma última olhada nas estatísticas de Jenna no monitor do módulo médico e depois fui em direção à porta. No momento em que eu estava pegando a maçaneta, um grito saiu da minha garganta quando uma dor aguda me apunhalou na lateral do corpo.

— Luana! — Tilda exclamou, correndo até mim, onde eu estava curvada, segurando minhas costelas — O que foi?

A dor desapareceu tão rapidamente quanto apareceu, mas agora eu estava começando a surtar.

— Dakas — eu sussurrei — Acho que algo aconteceu com Dakas.

Assim que as palavras cruzaram meus lábios, eu sibilei de dor. Desta vez, na parte de trás da minha perna. Mais uma vez, ela desapareceu quase instantaneamente.

— Ele está ferido!

Eu corri para fora, chamando seu nome, apenas para o alarme da cidade abafar minha voz. Eu senti meu sangue sumir do rosto ao ver Graith, Renok e quatro outros Zelconianos voando por cima da muralha enquanto prendiam seus cintos de armas na cintura.

Segundos depois, eles ativaram seu escudo furtivo e desapareceram de vista.

O caos se espalhou e as pessoas correram em pânico. Meu pai saiu furioso do Salão Principal para a praça e gritou ordens através do sistema de comunicação da aldeia, dizendo a todos os combatentes para se armarem e guarnecerem as torres, e para os outros irem para os abrigos que lhes foram designados.

Eu deveria estar preparando os postos médicos de emergência, mas um único pensamento me obcecava: encontrar meu marido. Dakas estava em perigo. Eu estava correndo em direção a uma das torres quando o som de asas batendo me fez olhar para cima. Eu quase chorei de alívio ao ver a silhueta escura de Skieth descendo em minha direção. Mas a expressão em seu rosto torceu minhas entranhas em nós apertados.

— Dakas está em apuros — eu disse antes que ele terminasse de pousar.

— Sim, ele está sob ataque — Skieth confirmou — Ele acompanhou Martin até fora da muralha para coletar mais madeira para flechas. Ele o está trazendo de volta.

— Além da muralha?! — eu me senti zozza quando um milhão de perguntas passaram pela minha mente.

Mas eu precisava me concentrar. Exigir saber por que diabos ele foi até lá não o traria para casa.

— Sim. Graith e uma pequena unidade foram ajudá-lo. Você precisa se preparar para curá-lo — Skieth disse em tom de comando.

Eu balancei a cabeça rigidamente e olhei para o meu pulso antes de xingar baixinho. Como eu não morava mais em Kastan, eu entreguei minha braçadeira ao meu pai.

— A que distância eles estão? — eu perguntei.

Skieth digitou algumas instruções em sua braçadeira. Eu estiquei o pescoço, inclinando a cabeça para tentar ler sua interface.

— Com um voo rápido, eles estão a quatro minutos de distância — ele respondeu.

— OK. Eu vou pegar uma maca flutuante e pedir para Tilda preparar uma cápsula para-

Minha boca se abriu em um grito silencioso e meus olhos se arregalaram com a dor lancinante na parte inferior das costas. Minhas pernas cederam e eu desmaiei. Sem os reflexos relâmpago de Skieth, eu teria caído no chão e provavelmente me machucaria.

Embora a dormência nas minhas pernas tenha diminuído, uma sensação de náusea se instalou profundamente dentro de mim. O que quer que tenha acontecido, Dakas estava em um estado crítico.

— Ele está morrendo — eu sussurrei, o horror tomando conta de mim.

Skieth me endireitou, me agarrou pelos ombros e me sacudiu uma vez, como se quisesse me tirar do meu desespero esmagador.

— Dakas *não* morrerá. Não hoje. Não tão cedo. Fale com seu companheiro — ele ordenou em um tom que não admitia discussão — Chame sua alma e segure-o. Ele irá procurá-la.

Eu não sabia como fazer nada disso. Toda essa coisa de poder psíquico ainda era nova para mim. E ainda assim, eu o procurei. Eu fechei os olhos e me concentrei na sensação das ternas emoções que ele sempre me dava, a paixão que ele desencadeava quando fazíamos amor e as ondas possessivas e protetoras que emanavam dele quando me abraçava à noite. Através de tudo isso, eu senti o pequeno fio que vinha se fortalecendo desde a nossa ligação. Eu o agarrei e coloquei nele todas as emoções que sentia por meu marido.

No início, não havia nada. E então uma faísca se transformou em chama e depois em uma luz ofuscante antes de eu me conectar à consciência de Dakas. Culpa, dor e determinação inundaram nosso vínculo mental. Eu gritei seu nome, mas duvidava que minhas habilidades telepáticas tivessem se desenvolvido o suficiente para que ele ouvisse. Mas isso não me impediu. Eu queria meu marido em casa e usaria todos os métodos possíveis à minha disposição para que isso acontecesse.

— Dakas — eu sussurrei em voz alta quando sua consciência roçou a minha. Ele estava me procurando.

Não... Ele está se despedindo.

Desta vez, eu gritei seu nome mentalmente, antes que sua mente se desconectasse da minha.

— Não!

— Ele está vivo — Skieth disse com firmeza, embora quase parecesse que estava tentando convencer a mim e a si mesmo — Você ainda deve senti-lo.

— Eu não... — a sensação de náusea aumentou novamente. Só podia ser o corpo de Dakas falhando — Sim. Sim eu sinto. Precisamos nos preparar para ele. Diga a Graith para trazê-lo aqui agora! Eu ordenei, saindo da minha angústia e voltando ao meu papel de médica.

Eu não esperei pela resposta dele e apenas corri de volta para a clínica para encontrar Tilda parada do lado de fora da porta, com os olhos arregalados enquanto observava os aldeões correndo para seus respectivos postos de batalha.

— O que está acontecendo? Onde está o Dakas? — Tilda perguntou.

— Precisamos preparar duas cápsulas médicas — eu ordenei, ignorando suas perguntas — Dakas está ferido. Martin também pode estar. Configure uma e entre em contato com todos os nossos

auxiliares. Diga para eles cuidarem dos postos médicos de emergência caso precisemos deles.

Apesar de sua curiosidade ardente, Tilda entrou em ação. Trabalhando no piloto automático, eu configurei rapidamente a cápsula médica, abaixando as laterais para que estivesse pronta para receber meu marido assim que ele chegasse. Depois eu peguei um hipospray e corri de volta para fora. Eu saí da clínica bem a tempo de ver um grande Zelconiano voar por cima da muralha, carregando o corpo inerte de Dakas. Pela cor azul do seu braço, eu reconheci Graith. Atrás dele, outro Zelconiano carregava Martin.

Com o coração batendo forte, eu silenciosamente pedi a Graith que se apressasse. Assim que passaram pela muralha, o pilar que gerava o escudo protetor da nossa cúpula naquela área foi reativado. Ao mesmo tempo, rajadas de mísseis foram disparadas de nossas torres. Sob o comando de meu pai, fileiras de arqueiros começaram a disparar nossas flechas aprimoradas seguidoras de calor, e nossos combatentes ocuparam os pilares da muralha aos quais foram acrescentados raios laser e canhões de explosão.

Eu ainda não conseguia ver o exército de Yurus avançando, mas pude ouvi-los à distância. Ainda assim, eles eram atualmente a menor das minhas preocupações. Salvar meu companheiro era tudo o que importava. A mente inconsciente de Dakas não transmitia nenhuma emoção, mas eu podia sentir nossa conexão, por mais silenciosa que fosse. A sensação de náusea não diminuiu nem aumentou significativamente. Eu percebi então que minha percepção de seu estado físico não estava relacionada à proximidade, mas sim à gravidade.

Graith pousou apenas um metro à minha frente. Eu tentei silenciar o pânico que tentava surgir dentro de mim ao ver todo o sangue que escorria pela boca, lateral, costas e perna de Dakas. As penas de sua cauda estavam ensopadas com ele. O som úmido de sua respiração difícil confirmou que seu pulmão havia sido perfurado. Meu coração afundou ao ver a cor estranha de suas veias inchando sob sua pele – veneno. E os sintomas visuais sugeriam que foi com a mesma toxina que matou sua mãe e o pai de Renok.

Enquanto Graith carregava meu marido para a clínica, eu pressionei o hipospray no pescoço de Dakas, injetando nanorrobôs de cuidados intensivos. Eles não lidariam com o veneno, mas procurariam fechar quaisquer feridas abertas e estancar sangramentos graves.

Para meu alívio, e embora eu mal tenha olhado para ele, Martin nos seguiu para dentro da clínica por conta própria. Tilda foi direto até ele, mas ele a dispensou enquanto Graith colocava Dakas na cápsula médica. Eu tentei não olhar para o sangue do meu marido

cobrimdo as penas do Exarca.

Mais uma vez, eu agradeci silenciosamente a Kayog pelos preciosos presentes de casamento que ele nos enviou. Nossas cápsulas médicas anteriores não poderiam acomodar um Zelconiano com aquelas asas enormes. Embora tivessem que permanecer parcialmente dobradas atrás de Dakas, elas não estavam apertadas. Melhor ainda, o dispositivo médico avançado poderia levantar o paciente sozinho para realizar procedimentos de costas, sem ter que virá-lo.

— Ele está infectado com veneno de shengis — Graith disse com voz tensa — Nós não temos um antídoto – apenas algo para retardá-lo. Mas-

— Eu sei — eu disse enquanto configurava a cápsula — Eu estou estudando isso desde que Dakas me contou o que aconteceu com sua mãe. Por enquanto, eu vou colocá-lo em êxtase para evitar que o veneno progrida e para estabilizá-lo enquanto curamos seus outros ferimentos. Há alguns dias, eu enviei algumas de suas amostras puras de veneno de shengis para os laboratórios da OPU na esperança de encontrar um antídoto. Então, temos uma vantagem.

Embora ele mantivesse uma expressão estoica, o medo e a tristeza escorriam de Graith com força suficiente para que eu os percebesse, apesar de minhas fracas habilidades empáticas. Eu percebi então a profundidade do amor do Exarca por meu marido.

— Eu não vou deixá-lo morrer, Graith — eu disse em um tom enérgico — Eu serei amaldiçoada se ficar viúva logo quando começamos a construir uma vida juntos. Eu vou consertá-lo, não importa o que aconteça.

A expressão mais estranha cruzou as feições de Graith. Ele ergueu a mão e acariciou suavemente minha bochecha — Encontrar você foi o dia mais feliz da vida dele. Traga-o de volta para nós, Luana.

Minha garganta se apertou com a maneira gentil e paternal com que ele pronunciou essas palavras — Eu vou. Agora vá chutar o traseiro desses filhos da puta. Faça com que eles se arrependam do dia em que foderam com a gente.

— Com prazer — Graith disse, uma expressão feroz se estabelecendo em seu rosto. Ele olhou para Dakas, acariciou as penas da sua crista, depois se virou e saiu.

— Ele salvou minha vida — Martin disse com uma voz assombrada, os olhos colados no rosto de Dakas, enquanto Tilda se juntava a mim para trabalhar em meu marido — Aquela lâmina em seu pulmão foi mirada na minha garganta. Ele poderia ter me deixado e voltado são e salvo. Mas ele me protegeu com seu corpo e me carregou enquanto atiravam nele. Se houver alguma coisa, qualquer coisa, que eu possa fazer para ajudar a salvá-lo, basta pedir.

Minhas habilidades empáticas eram fracas demais para perceber a

profundidade de suas emoções, mas tudo em sua linguagem corporal, voz e expressão gritava a sinceridade de suas palavras. Isso me comoveu mais do que eu poderia expressar.

— Você não pode ajudar aqui, mas pode ajudar lá fora — eu disse enquanto removia meticulosamente a adaga do lado de Dakas enquanto Tilda injetava mais nanorrobôs no local para costurar a ferida — Os não combatentes e as crianças estão assustados. A notícia dos ferimentos de Dakas se espalhará rapidamente, assustando ainda mais as pessoas. Meu pai está ocupado liderando a batalha. Você é carismático. Vá tranquilizar nosso povo. Você estava lá com ele. Ver você são e salvo irá acalmá-los.

— Pode deixar — Martin disse, se virando e saindo da clínica.

Tilda e eu passamos a eternidade seguinte removendo as lâminas do corpo do meu marido, evitando que ele sangrasse. Em seguida, nós fechamos a cápsula médica para deixá-la realizar sua mágica com muito mais precisão do que minha assistente ou eu poderíamos. Eu dirigi outro agradecimento silencioso a Kayog e à OPU enquanto a máquina fazia uma varredura completa, listando todos os procedimentos que executaria com uma lista de prioridades sugeridas para eu aprovar.

Como eu temia, além de envenená-lo, a lâmina na parte inferior das costas de Dakas cortou sua coluna, paralisando-o efetivamente da cintura para baixo. Antes do meu equipamento de ‘dote’, nós não teríamos sido capazes de consertar esse tipo de dano sem substituir seus membros inferiores por membros cibernéticos. Mas o procedimento sugerido pela cápsula médica prometia um reparo completo da medula espinhal, com 97,8% de probabilidade de sucesso.

Inúmeras agulhas o cutucaram e perfuraram, algumas injetando, outras drenando, costurando ou cortando com lasers... Todo o processo parecia surreal. Eu assisti ‘ilegalmente’ muitos vídeos sobre máquinas e dispositivos avançados. Mas isso excedia tudo que eu imaginava. Eu fiquei muito grata por, com a guerra iminente, ter me preparado para a possibilidade dos Zelconianos serem feridos.

Primeiro, eu carreguei nas cápsulas médicas todo o banco de dados médico Zelconiano fornecido por sua curandeira-chefe, Feylin. Depois eu passei muito tempo estudando os recursos mais avançados das cápsulas médicas, assim como a anatomia Zelconiana, especialmente a do meu marido. Havia diferenças notáveis entre Dakas e um sangue puro. Para nossa sorte, seus ferimentos estavam todos nas partes humanas de seu corpo, facilitando o manuseio da cápsula.

Mas a verdadeira preocupação continuava sendo o veneno. Desde que Dakas me contou sobre a morte de sua mãe, eu dediquei muito tempo estudando o veneno de shengis. Eu enviei à OPU os dados de

amostras puras que os Zelconianos adquiriram ao longo dos anos após sua morte. O seu equipamento mais primitivo não conseguia fornecer uma análise tão aprofundada dos componentes da toxina como a amostra que eu analisei há seis dias com os meus novos brinquedos.

Eu procurei Lillian – meu contato médico na UPO – mais uma vez grata por todas as maneiras pelas quais o fato de se tornar uma colônia legítima mudou nosso destino. Ela estava trabalhando na amostra que enviei em busca de um antídoto geral. Mas graças às novas cápsulas médicas que se conectavam diretamente à sua rede, eu pude lhe encaminhar a análise detalhada do sangue de Dakas que a cápsula havia realizado.

Sem a ajuda dela, eu teria sido forçada a tentar criar um anticorpo usando cavalos ou zeebises para imunização. Era um processo longo que exigiria que eu misturasse algumas amostras de veneno de shengis no laboratório Zelconiano com algum adjuvante – uma substância química que faria com que o sistema imunológico do cavalo produzisse anticorpos capazes de se ligar e neutralizar o veneno. Em seguida, isso seria injetado em pequenas quantidades no cavalo durante dias e até semanas, monitorando de perto sua saúde para que desenvolvesse os anticorpos. Só então eu poderia drenar um pouco de sangue do cavalo – que viveria uma vida saudável – para extrair dele um soro purificado.

Isso levaria muito tempo – pelo menos um mês, talvez mais. Dakas teria que permanecer em êxtase o tempo todo, o que o impediria de se curar completamente de suas outras feridas, pois elas exigiam que todas as suas funções corporais estivessem operacionais, e não congeladas no tempo.

Felizmente, Lillian tinha à sua disposição tecnologia muito mais avançada e o banco de dados insanamente vasto de toxinas, venenos e peçonhas – e seus antídotos – catalogados dos vários planetas membros da Organização dos Planetas Unidos. Ela cruzou o veneno dos shengis com eles para encontrar aqueles que tinham uma combinação semelhante de proteínas em suas toxinas. Ela então me encaminhou o detalhamento do soro usado para curá-los.

Tilda e eu passamos mais algumas horas codificando nanorrobôs para replicar os soros potenciais daquela lista e usá-los em amostras de sangue coletadas de Dakas. Foi ainda mais difícil nos concentrar porque não tínhamos ideia de como as coisas estavam lá fora. Os sons abafados que chegavam até nós não davam nenhuma indicação de quem estava em vantagem. Eu queria acreditar que se a maré estivesse virando contra nós, alguém viria nos avisar.

Depois de várias tentativas e erros, e justamente quando eu estava começando a perder a fé, os anticorpos da amostra S118 finalmente começaram a se ligar à toxina. Eu gritei com a vitória. Após alguns

testes adicionais para confirmar sua eficácia, nós transferimos o protocolo para o módulo médico. Por mais que eu quisesse inundar seu sistema com o antídoto, eu só dei a Dakas uma pequena quantidade na área com maior concentração da toxina.

E então começou o jogo de espera. Se Dakas respondesse bem, a cápsula médica o tiraria gradualmente da estase e aumentaria o número de nanorrobôs antiveneno em seu sistema. Tendo feito tudo o que pude por meu marido, eu voltei minha atenção para a guerra que assolava lá fora.



Capítulo 17

Luana

Eu saí da clínica para entrar em uma zona de guerra surreal e pós-apocalíptica. Mísseis voavam de um lado para o outro entre os dois acampamentos, fazendo com que o céu do início da noite parecesse fogos de artifício lutando contra uma chuva interminável de estrelas cadentes. A cúpula acima brilhava onde os mísseis inimigos, que conseguiram escapar de nossas contra-medidas, a atingiam. Um exército de drones, como um enxame de insetos em forma de diamante, voava a uma curta distância acima da cúpula, eliminando tantas ameaças quanto possível.

Inúmeras árvores ao longo da orla da floresta foram carbonizadas, algumas arrancadas. A fumaça ao longe parecia sugerir que nossos atacantes haviam sido forçados a recuar sob fogo pesado. Enquanto as pessoas que controlavam os lasers perto dos postes de cristal ainda estavam em posição, os arqueiros que atiravam cegamente por cima do muro da praça se moveram. Considerando o ângulo com que os mísseis que passaram pelas nossas defesas atingiram a cúpula, estávamos sendo atacados em pelo menos mais duas frentes.

Enquanto eu corria em direção a um dos postos de emergência médica, eu contatei os auxiliares dos demais. Para meu alívio, a costa ainda estava limpa, sem nenhum ferido para relatar; os Yurus não estavam conseguindo romper nossas defesas. Até agora, as fazendas que não conseguimos incluir na muralha não estavam queimando. Isso não significava que os Yurus não iriam fazer um cerco para tentar nos matar de fome. Mas nós tínhamos reservas suficientes, fazendas menores e estufas para aguentar por muuuuito tempo.

Assim que eu cheguei à estação instalada em um hangar vazio, fiquei surpresa ao ver Emilia e Tanner – os dois auxiliares – ocupados preparando hiposprays e instalando indutores de estase portáteis em algumas macas flutuantes.

— O que está acontecendo? — eu perguntei a Tanner.

Ele se virou para olhar para mim, seus olhos castanhos cheios de

preocupação — Os Zelconianos estão saindo atrás de Vyrax, e alguns membros da nossa milícia estão insistindo em acompanhá-los.

— O QUÊ?! — eu exclamei.

— Os Yurus dividiram suas forças para nos atacar em três frentes, na esperança de nos subjugar e romper o ponto mais fraco. Eles até enviaram alguns drones para Synsara para que nossos aliados nos abandonassem para proteger sua cidade. Mas esses seus Zelconianos detonaram em nossas defesas — Emilia disse, com admiração misturada com descrença enchendo sua voz.

Eu fingi não ouvi-la se referindo a eles como meus Zelconianos. Mas minha cabeça virou para a esquerda para olhar pela janela em direção à montanha.

— Eles estão bem — Tanner interveio, adivinhando minhas preocupações — Os drones eram apenas uma distração. Aquele Zelconiano alto e assustador com crista vermelha escura nos disse que suas defesas atualizadas destruíram os drones sem problemas.

— O nome dele é Skieth — eu disse distraidamente.

Tanner parecia envergonhado — Sim, é isso. E na semana passada, seu marido fez com que seu pessoal escondesse câmeras especiais em galhos falsos que Martin e os artesãos prepararam.

— Galhos falsos? — eu perguntei, estupefata.

Tanner assentiu — Sim, eu trabalhei em alguns deles. Eles são muito legais. Você nem consegue ver a câmera lá dentro. Os galhos possuem um gancho pontiagudo, com a direção em que deve ser cravado no tronco ou em outro galho para ficar natural. Os Zelconianos os colocaram em todos os lugares. No minuto em que os Yurus saíram da furtividade, nós tivemos uma visão muito clara de seu número e status atual.

— Dê uma olhada — Emilia disse com entusiasmo.

Ela digitou algumas instruções no monitor que normalmente exibiria os sinais vitais de um paciente e o conectou às imagens das câmeras da floresta perto desta estação.

— Dakas queria que pudéssemos ver a batalha em nossos respectivos setores para que pudéssemos nos preparar para qualquer tipo de ferimento que víssemos acontecendo, ou para que o resgate fosse enviado para lá — Emilia explicou.

Ela selecionou um dos feeds na exibição em mosaico e tocou nele para ampliar. Ele mostrava um grupo de Yurus em grande parte desordenado. Muitos estavam feridos, embora nada grave. Vyrax gritava ordens que não conseguíamos ouvir. A julgar pela reação dos seus homens, eles estavam claramente hesitantes.

Ele está perdendo sua autoridade sobre eles.

Alguns ainda carregavam lançadores de mísseis, mas a maioria estava ocupada derrubando nossos próprios mísseis.

— Espere um minuto, como eles não estão detectando nossas câmeras? — eu perguntei — Certamente eles têm scanners?

— Eles provavelmente as estão detectando sem perceber o que são — Emilia disse presunçosamente — Seu marido genial novamente — ou melhor, seu pai, aparentemente — os ensinou como criar câmeras orgânicas. É basicamente como um organismo ocular que responde a certos comprimentos de onda. Um scanner detectaria a presença de um inseto grande ou de uma pequena criatura inofensiva.

— Uau — eu sussurrei, genuinamente impressionada.

— A desvantagem é que ela não pode ser virada ou controlada. O ângulo que você vê agora é tudo o que você consegue — Tanner disse.

Eu balancei a cabeça distraidamente, ainda analisando o que estava vendo na tela — Nossos mísseis não parecem ser letais.

— Certo — Emilia disse — Eles trocaram não muito tempo atrás, pouco antes de Graith e os outros saírem atrás de Vyrax.”

— Eles já foram? — eu exclamei.

Como se em resposta à minha pergunta, vários Yurus na tela de repente olharam para cima, com uma expressão de pânico em seus rostos enquanto erguiam suas armas para o céu. Alertados, os outros Yurus atrás também olharam para cima, nenhum deles parecendo ver nada. Ao mesmo tempo, alguns deles dispararam suas armas às cegas. Uma série de luzes brilhantes explodiu por toda parte, enchendo de branco a tela principal e metade dos feeds do mosaico. Até eu pisquei.

As luzes se apagaram segundos depois para revelar pelo menos vinte Zelconianos saindo do modo furtivo, descendo sobre seus inimigos como anjos sombrios da morte. Meu coração disparou quando alguns Yurus mais atrás — obviamente menos afetados pelas granadas de flash — começaram a atirar nos Zelconianos. Mas nossos aliados felizmente tinham seus escudos de energia erguidos diante deles. Muitos Yurus começaram a gritar, com os olhos arregalados de horror enquanto olhavam para os Zelconianos.

— O que diabos está acontecendo? — eu sussurrei, mais para mim mesma do que para os outros. Eu duvidava muito que eles soubessem mais do que eu.

Alguns dos Yurus se viraram e fugiram como se os cães do inferno estivessem em sua perseguição. Vyrax gritava ordens, enquanto protegia os olhos com o antebraço, e atirava às cegas nos Zelconianos. Eles haviam pousado e avançavam lentamente da maneira mais assustadora. E então eu vi.

— Mude para aquela câmera! — eu disse com urgência para Emilia enquanto apontava para ela.

— O quê?

Apesar de sua expressão confusa, ela obedeceu. O feed apareceu, preenchendo dois terços da tela. Desse ângulo, eu pude ver claramente

os rostos de pelo menos quatro dos nossos aliados. Mas foram os olhos deles que prenderam minha atenção. A constelação de estrelas dentro deles brilhava e pulsava. Com uma convicção profunda, eu percebi que eles não estavam apenas hipnotizando suas presas, mas também induzindo visões ou pensamentos de pesadelo que as faziam fugir.

Ao mesmo tempo, membros da nossa milícia saíram do escudo furtivo. Eles estavam voando em seus zeebises blindados. Eles jogaram algumas granadas de concussão nas costas dos Yurus antes de apontá-los com suas armas.

Graith gritou uma série de comandos. Eu pedi a Emilia que voltasse para a visão da câmera com o ângulo mais amplo. O punhado de Yurus ainda beligerantes pareceu se acalmar ao ouvir suas palavras. Eu teria dado qualquer coisa para ter som nessa maldita coisa.

Vyrax pareceu surpreso, hesitou e depois abaixou o braço que cobria seu rosto, o que ele sem dúvida esperava que o protegesse de ficar fascinado pelo poder dos Zelconianos.

Eles trocaram algumas palavras, Graith parecendo calmo, mas implacável, enquanto Vyrax parecia furioso. Eles pareciam concordar em algo, e os Yurus recuaram, formando um semicírculo atrás de seu líder, enquanto os Zelconianos e nossa milícia faziam o mesmo atrás de Graith. Vyrax jogou sua arma para um de seus capangas e gesticulou para outro, que lhe trouxe um par de machados de batalha – um deles era o ornamentado que ele carregava no primeiro ataque fracassado. Graith recuperou uma espécie de bastão preso no cinto de armas pendurado no quadril. Ele o segurou na frente dele e ele se expandiu para um cajado de batalha adequado.

— Eles vão duelar — eu sussurrei, incrédula.

— Pelo resultado desta guerra? — Tanner perguntou com uma ponta de medo em sua voz.

Eu balancei minha cabeça — Não — eu disse com convicção, apesar da preocupação na minha cabeça — Graith não arriscaria nosso futuro sem nosso consentimento.

Embora eu acreditasse nessas palavras em um nível visceral, o Exarca deve ter prometido a Vyrax algo interessante o suficiente para fazer ele e seus capangas pausarem suas hostilidades por tempo suficiente para um duelo.

Eles haviam parado totalmente, apenas esta equipe.

Na verdade, os mísseis ainda estavam sendo disparados contra a nossa cúpula pelas duas equipes que nos atacavam nas outras frentes.

A única oferta que eu consegui pensar para influenciar Vyrax foi a promessa de que, se Graith perdesse, os Zelconianos nos abandonariam para travar esta batalha contra os Yurus por conta própria. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais plausível isso se

tornava.

Apesar da ajuda inestimável dos Zelconianos na montagem das nossas defesas, esse trabalho foi concluído. Era apenas uma questão de usá-las da maneira certa. Nossos aliados treinaram adequadamente meu pai e nossa milícia para fazer exatamente isso. E nosso mentor e estrategista foi Dakas, meu marido. Mesmo que Graith perdesse – o que eu nem queria imaginar – nossa colônia seria capaz de resistir aos Yurus, pelo menos por enquanto.

Renok lançou uma estranha esfera flutuante, pondo fim às minhas reflexões. Ela voou a uma altura de cerca de três metros entre os dois homens, talvez um pouco mais – era difícil ver deste ângulo. Um pequeno clarão emanou da esfera e uma ampla cúpula de energia cercou os dois líderes, seu formato lembrando vagamente uma cúpula de bolo.

Meus olhos se arregalaram em compreensão — Eles estão nivelando o campo ao impedir que Graith voe para fora do alcance.

— Merda — Tanner disse desconcertado — Eu estava achando que seria uma vitória fácil com ele voando.

Eu nem vi o sinal que iniciou o duelo. Vyrax atacou Graith com ambos os machados de batalha levantados, a boca bem aberta, provavelmente com um grito de guerra. Graith ficou parado, com as pernas levemente abertas e o cajado preparado. Eu esperava que ele se esquivasse no último minuto — e suspeitava que Vyrax pensasse o mesmo. Mas o Exarca empurrou seu cajado para frente, segurando-o horizontalmente com as duas mãos e enganchando nele os dois machados de batalha. Graith puxou seu cajado enquanto batia as asas para se mover para trás, puxando Vyrax em sua direção. Ele então levantou os dois pés. Eu achei que ele fosse chutar o líder Yurus no peito, mas ele enfiou brutalmente as garras na frente de Vyrax.

Vyrax tentou pular para trás, mas seus machados, ainda presos ao cajado, o impediram de fazer isso. Ele abaixou a cabeça, golpeando violentamente na direção do rosto do oponente, provavelmente tentando perfurá-lo com os chifres. Mas Graith soltou o cajado com uma das mãos, deslizando-o para o lado enquanto girava para fora do alcance do ataque de Vyrax. O líder Yurus olhou para seu peito, onde pelo menos seis feridas verticais sangravam, emaranhando seu pelo.

Por meio segundo, eu esperei cruel e vergonhosamente que as garras de Graith eviscerassem Vyrax, derramando suas entranhas no chão. Daqui eu não podia avaliar a gravidade dos ferimentos. Mas vendo como o Yurus atacou Graith novamente, eles provavelmente não eram tão graves quanto eu desejava. Eles iniciaram uma dança de ataque e esquiva, circulando um ao outro, com Vyrax usando força bruta e golpes selvagens de seus machados, enquanto Graith usava ataques mais táticos – quase oportunistas – e gastava muito menos

energia. Uma parte de mim se perguntava se ele estava fazendo isso para cansar seu oponente, ou para enfurecê-lo, ou ambos.

Algumas vezes durante o confronto, eles ficavam travados, com Vyrax sistematicamente tentando dar cabeçadas em seu rival, mutilá-lo com seus chifres ou bater em suas pernas com os cascos. Mas ele tentou ao máximo arrancar as penas de suas asas, que o Exarca fez um trabalho maravilhoso em manter fora de alcance. Vyrax, no entanto, conseguiu arrancar algumas de suas penas, deixando Graith com algumas áreas depenadas sangrando.

Graith também aproveitou a oportunidade para dar alguns golpes violentos. As garras afiadas de suas mãos e pés afetaram o líder Yurus, já com muitas cicatrizes. Como seus pés podiam agarrar como se fossem mãos, Graith podia efetivamente desestabilizar seu inimigo de perto, segurando seu tornozelo, puxando-o ou rasgando-o. Mas os golpes mais perturbadores foram infligidos com seu bico.

Na terceira vez que ele fez isso, seu bico afundou profundamente entre as articulações do ombro direito de Vyrax. Pela forma como aquele braço ficou mole e seu machado enfeitado caiu de sua mão, Graith certamente cortou ou rompeu seriamente os músculos e tendões do ombro de Vyrax. Os aplausos iniciais da multidão de Yurus por seu líder morreram quando ele recuou, balançando seu outro machado de batalha para seu oponente para mantê-lo à distância. No entanto, com a mão da arma principal incapacitada, Vyrax estava agora travando uma batalha perdida.

Isso pareceu animar Graith, que perdeu a contenção que havia demonstrado anteriormente. Ele descontou sua ira sobre seu rival. Movendo-se a uma velocidade vertiginosa, ele girou seu cajado, acertando-o violentamente no braço, nas pernas e no rosto de Vyrax, forçando-o a recuar e permanecer na defensiva. Apesar da altura limitada proporcionada pela arena, Graith usou suas asas algumas vezes para atacar seu oponente, a velocidade adicional aumentando a força de seus golpes.

Rapidamente eu me dei conta de que Graith já poderia ter encerrado essa batalha, mas isso era uma punição. Eu não sabia se a história passada ou o desejo de dar um exemplo que dissuadisse novos ataques alimentaram essa surra impiedosa, mas o Exarca estava limpando o chão com Vyrax. Um golpe bem colocado de seu cajado bem entre os chifres do líder Yurus finalmente encerrou a batalha. Seus olhos rolaram para a nuca enquanto ele caía no chão.

Tanner e Emilia gritaram de alegria, em nítido contraste com o comportamento solene e estoico de todas as pessoas na floresta. Graith ficou diante de seu inimigo derrotado. Ele falou um punhado de palavras. Provavelmente perguntando se alguém contestaria sua vitória. Como única resposta – pelo menos pelo que pude ver daqui –

os Yurus simplesmente se viraram e foram embora, deixando seu líder espancado aos pés de Graith. Os Yurus que estavam tripulando seus lançadores de mísseis portáteis os guardaram para partir também.

Poucos minutos depois, os mísseis lançados contra nós pelas outras duas frentes silenciaram.

A guerra acabou. A batalha foi vencida.



Capítulo 18

Dakas

Eu emergi do sono mais profundo que me lembro de ter experimentado. Minha cama parecia estranha e confinada. E o cheiro do ar estava estranho... muito estranho. O mais perturbador é que eu não conseguia sentir o calor suave do corpo da minha companhia contra o meu. Meus olhos se abriram. Em vez do teto de pedra suavemente esculpido do meu quarto, eu vi as paredes brancas e as luzes brilhantes da clínica médica de Kastan.

— Ei, querido — disse a voz gentil de Luana enquanto sua mão delicada acariciava meu antebraço de uma forma suave — Está tudo bem. Você está seguro. Você acabou de acordar de um coma induzido para se curar. Então, é normal você ficar um pouco desorientado.

Coma induzido?

Assim que essa pergunta surgiu em minha mente, uma enxurrada de lembranças me varreu: nossa viagem à floresta, minha conversa com Martin, o ataque repentino de inimigos camuflados e depois dor... muita dor.

— A aldeia? — eu perguntei, me sentando tão rapidamente que uma onda de tontura tomou conta de mim.

— Devagar, Dakas. Você tem que ter calma — Luana advertiu — A aldeia está bem. Nós não tivemos uma única vítima e apenas alguns ferimentos autoinfligidos por armas mal manuseadas ou pânico. Você era nossa única e verdadeira fonte de preocupação. Os Yurus nunca chegaram perto de violar as defesas que você projetou para nós.

— A batalha acabou? Há quanto tempo eu estou fora? Havia veneno... — eu me virei para sentar na beirada da cápsula e fiquei rígido, meus olhos se arregalando enquanto olhava para mim mesmo — Minhas pernas... eu posso senti-las novamente.

— Querido, fique parado. Você tem muitas perguntas e eu responderei a todas elas. Mas primeiro, deixe-me examiná-lo para ter certeza de que está tudo bem. Eu vou te contar tudo que você perdeu.

Ela se colocou entre minhas pernas, e uma estranha mistura de

emoções da minha companheira me inundou. Alívio, diversão com minha impaciência, orgulho, mas também tristeza e decepção.

Por que ela está...?

E então eu entendi. Eu fui gravemente ferido. Eu me senti morrendo. Ela também deve ter sentido isso. Mesmo assim, eu não sentia dor. Eu conseguia respirar com facilidade e nem vi uma cicatriz onde a lâmina havia penetrado minha carne e perfurado meu pulmão. Mesmo com uma cápsula médica avançada, isso levaria muitos dias para cicatrizar. Luana foi meu último pensamento quando acreditei que estava morrendo. Mas agora que estava me sentindo renovado, eu não tinha poupado nem um único para ela.

— Me diga se isso dói — Luana disse. Ela segurou meu rosto, dobrando suavemente meu pescoço para um lado e depois para o outro.

Eu não respondi. Eu apenas deslizei meus braços em volta de sua cintura e a puxei para mim. Sua surpresa rapidamente se transformou em uma alegria tímida e em outra emoção que não consegui definir. Ela derreteu contra mim no minuto em que capturei seus lábios. Luana passou os braços em volta do meu pescoço, seu abraço logo assumindo um tom mais desesperado.

Algo estava errado. Eu interrompi o beijo para lançar um olhar questionador para Luana, mas ela enterrou o rosto no meu pescoço. E então o muro que ela tentava erguer em torno de suas emoções desmoronou. A inspiração brusca de minha companheira foi inegavelmente causada por uma tentativa de conter as lágrimas.

— Oh meu amor. Está tudo bem. Eu estou aqui — eu sussurrei, acariciando seus cabelos.

Isso abriu as comportas. Ela se agarrou a mim, soluçando e se desculpando entre mais soluços sufocados.

— Eu pude sentir sua dor. Eu senti você dizer adeus. Quando disseram que você tinha ido além da muralha, pensei que fosse te perder — Luana disse contra meu pescoço.

Eu apertei meu abraço e passei minhas asas em volta dela em um gesto reconfortante. Enquanto transmitia ondas psíquicas calmantes para minha mulher, eu cantei suavemente para ela, minha bochecha apoiada no topo de sua cabeça. Se estivéssemos em Synsara, eu teria trazido cristais rosa pelo seu efeito calmante e amarelos para aumentar a sua potência enquanto cantava para Luana.

Naquele instante, eu percebi que o medo de me perder representava apenas uma fração do que havia causado seu colapso atual. O estresse das últimas semanas, o ferimento grave de seu pai, a ameaça de guerra e ser empurrada para o papel de liderança que ela nunca pediu, sendo então forçada a um casamento de conveniência e se adaptar à sua nova realidade, a guerra real, e então minha quase

morte foi pressão demais. E, no entanto, ela carregou tudo isso corajosamente até que todo o perigo passasse.

O fato dela ter chorado neste exato momento não foi uma demonstração de fraqueza, mas a confirmação de quão forte ela era por ter suportado tudo isso com tanta força quando outros precisaram dela. Somado a tudo isso, as crescentes habilidades empáticas de Luana sem dúvida atrapalharam ainda mais seu controle emocional.

Quando ela finalmente recuperou a compostura, Luana enxugou o rosto com a parte de trás das mangas. Ela me deu um sorriso tímido entre duas fungadas — Desculpe por isso. Pelo menos, você não precisará tomar banho.

Eu sorri e enxuguei as lágrimas remanescentes de seu rosto com meus polegares — Cabe a mim pedir desculpas, não a você. Eu deveria ter avisado que estava saindo. Eu fiquei confiante demais porque nossos scanners não mostravam nada e os Yurus não estavam nos incomodando. Além disso, você nunca precisará se desculpar por precisar de mim para confortá-la. Nós somos o porto seguro um do outro.

Meu coração se aqueceu com as ternas emoções que minha companheira projetou em mim. Era muito cedo para estarmos apaixonados, mas certamente estávamos trilhando esse caminho. Embora ela tenha me permitido recuperar seus lábios em outro beijo, a culpa rapidamente a afastou.

— Eu deveria examiná-lo para ter certeza de que está bem, em vez de molestá-lo — Luana disse com uma risada envergonhada antes de me submeter a uma bateria de testes.

O tempo todo ela me atualizou sobre tudo o que havia acontecido nos nove dias em que estive inconsciente. Eu não conseguia acreditar que tinha ‘dormido’ durante a guerra. Ainda assim, ouvir como nossas defesas permaneceram impenetráveis me encheu de orgulho.

— Estamos em um impasse com Zatruck, o antigo braço direito de Vyrax — Luana disse enquanto me fazia curvar de todas as maneiras para verificar minha coluna — Ele é atualmente o líder interino e exige que devolvamos Vyrax para eles.

— O que? Devolver Vyrax? — eu perguntei, congelando no meio de um movimento.

Uma expressão preocupada passou pelos olhos castanhos de Luana. Ela gesticulou para que eu a seguisse e se dirigiu para uma cápsula médica no canto da sala.

— Graith não o matou durante a luta. Ele simplesmente acabou com ele — minha companheira disse com um estremecimento — Aquele golpe final em sua cabeça fez um estrago. Houve uma hemorragia interna maciça e um grande inchaço no cérebro. Tem sido difícil desde o início para ele, e ainda é. Nós não sabemos quase nada sobre a

anatomia de Yurus. Até mesmo Feylin não tinha muito no banco de dados de Synsara. Eu tive que mantê-lo em êxtase durante os primeiros dias apenas para mapear sua anatomia e tentar compreender o funcionamento interno de sua fisiologia.

— Por que salvá-lo? — eu perguntei, confuso.

Luana me lançou um olhar de desaprovação — Você parece exatamente como Graith. Nós não deveríamos deixar alguém morrer só porque é idiota. O meu pai concorda que devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para curá-lo e depois negociar uma trégua permanente entre o nosso povo. Nós não podemos passar o resto da vida escondidos na floresta com uma babá Zelconiana.

Eu cocei as penas do meu peito, me perguntando qual a melhor forma de expressar isso — Isso é um desperdício de esforço, Luana. Vyrax está praticamente morto. Supondo que você consiga curá-lo, seu clã não o receberá de braços abertos. Os humanos o derrotaram duas vezes, e ele perdeu um duelo até a morte contra Graith, forçando seu povo a recuar. Sua guerra fracassada custou a vida de muitos de seu povo, sem mencionar as inúmeras armas que você diz que destruímos durante a batalha.

— Nossa, você parece exatamente com o Graith — Luana repetiu, com os ombros caídos de desânimo.

— Porque nós conhecemos os Yurus. Você só está curando Vyrax para que eles possam executá-lo — eu disse com simpatia — Deixe-o ir em paz. Mesmo que ele se recupere e decida deixar Cibbos, para onde ele iria? Como ele iria embora? Como Vyrax não tem mais nada a oferecer, duvido que os mercenários com quem ele estava lidando o aceitassem. Então, novamente, eles poderiam tentar vendê-lo como escravo ou em algum daqueles zoológicos de espécies sencientes que meu pai disse que existem em certos planetas.

Meu peito se contraiu com a angústia de Luana. Sua compaixão natural realmente me surpreendeu.

— Eu sou uma curandeira — ela disse com uma voz abatida — Como posso deixá-lo morrer quando sei que posso curá-lo?

— Às vezes, você tem que deixar ir. Você não deve forçar alguém a viver, sabendo que o está condenando a uma vida de dificuldades, de dor garantida ou, pior ainda, de uma morte horrível — eu respondi gentilmente — Mas não se preocupe com isso. Tenho certeza de que seu pai e nosso Conselho estão tendo discussões intensas sobre isso, especialmente se Zatrak estiver pressionando.

— Isso ele está. Ele certamente está.

Eu sorri para sua expressão sombria e beijei a ponta de seu nariz — Vamos, termine de me cutucar. Eu preciso que minha médica me dê um atestado de saúde para que eu possa levar minha companheira de volta para casa e fazer o que quiser com ela.

Luana riu, me deu um tapinha brincalhão e voltou a me torturar.



Cinco dias depois dela me dar alta da clínica, Luana e eu estávamos na praça, o pai dela e o Conselho dele no centro, e Graith, Skieth e meu irmão os flanqueando do outro lado. Atrás da minha mulher, a forma inconsciente de Vyrax estava deitada em uma maca flutuante. Até mesmo agora, depois das inúmeras discussões que eventualmente levaram o seu pai e o seu Conselho a ceder, Luana continuava a odiar que tivesse chegado a este ponto. E, no entanto, ela não só entendeu a nossa lógica, como também se ela estivesse no comando, minha companheira teria seguido o mesmo curso de ação com a mesma relutância.

Enquanto a silhueta imponente de Zatrak – o Yurus albino – ultrapassava a linha das árvores, eu falei mentalmente com Minkus para confirmar que nossos batedores furtivos na floresta não haviam detectado um número maior de tropas do que o combinado ou qualquer artilharia pesada que significasse traição. Até agora, nada a relatar. Eu não achei que Zatrak tentaria algo tolo. Ele era sem dúvida o Yurus mais inteligente que eu já encontrei.

Montando seu krogí, ele parecia indiferente ao se aproximar da muralha com quatro guarda-costas. Foi mais para se mostrar do que qualquer outra coisa. Se pretendêssemos matá-lo, ele não sairia daqui vivo. Verdade seja dita, eu não entendi completamente por que ele concordou com esse encontro dentro de Kastan. Eu tinha um bilhão de teorias diferentes, mas nenhuma fazia sentido. Quaisquer que fossem seus motivos, eu não tinha dúvidas de que incluíam seu desejo de provar ao seu povo que ele não temia entrar no covil do inimigo e que não precisava de um exército completo atrás dele.

Apesar da preocupação que o atormentava, Mateo – meu sogro – exibiu mais uma vez uma expressão fenomenalmente implacável ao desativar uma pequena seção do campo de energia diretamente à nossa frente. Zatrak e seus guarda-costas entraram. Eu me perguntei se ele deixaria um ou dois deles do outro lado da muralha – não que isso lhes fizesse algum bem se os atacássemos. A muralha voltou a subir assim que o último Yurus a ultrapassou. Embora seu líder demonstrasse um autocontrole incompreensível, o nervosismo e a preocupação que emanavam de seus guardas eram palpáveis até mesmo para os não empatas. Zatrak parou cerca de cinco metros à frente de Mateo antes de desmontar seu krogí, seus guardas o imitando.

Ele deu mais alguns passos e depois parou, batendo com o punho no peito em um gesto de saudação, mais uma vez imitado por sua comitiva.

Mateo, minha companheira e eu inclinamos levemente a cabeça enquanto Graith, Skieth e meu irmão estalavam os bicos.

— Obrigado por aceitar nosso convite, Guerreiro Zatrak — Mateo disse em tom respeitoso — e seja bem-vindo a Kastan.

— Agradeço o convite, Líder da Colônia Mateo, mas só estou aqui para uma coisa — ele disse, seus olhos vermelhos lançando um olhar aguçado para a maca flutuante atrás de Luana.

— E você vai conseguir o que veio buscar — Mateo disse com a mesma voz calma e educada — Mas primeiro, temos alguns assuntos para discutir.

Liderar uma negociação ao ar livre, sob o sol forte, e ficar em pé não poderia ser mais bizarro. No entanto, era a tradição Yurus. Eles acreditavam que o conforto tornava as pessoas complacentes. As coisas se arrastaram por muito tempo porque ninguém negociava de boa fé durante a primeira metade da reunião, às vezes até mais. Por que fariam isso quando não se sentiam apressados ou desconfortáveis? Um assento almofadado, bebidas e talvez até lanches significavam apenas que cada parte jogaria um jogo para ver quem tinha a paciência esgotada primeiro para tentar obter vantagem sobre eles.

— Até que Vyrax nos seja devolvido, não haverá nada para discutir — Zatrak disse em um tom que não admitia discussões.

— Como sabemos que você não irá simplesmente ir embora depois que lhe dermos o que você quer? — perguntou o Conselheiro Allan, que também era um dos dois membros do Conselho de Mateo.

— Fora a minha palavra, vocês não saberão. Semelhante a como cheguei aqui com nada além da sua palavra de que isso não era uma armadilha — Zatrak disse, sua voz ficando mais fria.

Para minha surpresa, ele enfiou a mão em uma pequena bolsa em seu cinto de armas e recuperou o que pareciam ser pétalas brancas secas, jogando duas na boca. A forte reação que aquele gesto provocou em minha companheira me chamou a atenção. Isso não a alarmou, mas pareceu confirmar algo em que Luana acreditava. Ela estreitou os olhos para ele, o que despertou ainda mais minha curiosidade.

Eu odiava os nove dias que desperdiçamos comigo inconsciente. Sem essa interrupção, a esta altura, nosso vínculo seria forte o suficiente para termos conversas telepáticas básicas sem esgotar Luana. Eu daria qualquer coisa para poder perguntar a ela discretamente. O sorriso sutil que esticou seus lábios e o olhar de lado que ela lançou em minha direção confirmaram que Luana sentia minhas emoções.

— Você tem razão — Mateo admitiu, para consternação do

Conselheiro — Portanto, com a mesma base de confiança na sua boa fé, nós lhe daremos o que você deseja.

O descontentamento de Luana aumentou ao ouvir essas palavras. Ela sabia que isso iria acontecer, mas ainda lutava contra isso. Eu resisti à vontade de acariciá-la em um gesto reconfortante. Em vez disso, eu lhe dei uma carícia psíquica e senti a sua gratidão em resposta.

Mateo olhou para a filha, que lhe deu um aceno rígido. Apertando os lábios, Luana virou-se para a maca flutuante e a colocou para seguir. Eu não gostava que ela estivesse tão perto do Yurus, mas não percebi nenhuma ameaça ou malícia dele. Ele a observou se aproximar com uma expressão ilegível nos olhos vermelhos. Eu pude, no entanto, sentir um estranho fascínio.

Quando a maca parou na frente dele, Zatruck continuou a encarar minha mulher – por alguns segundos a mais. Por um instante, eu me perguntei se ele estava tentando me provocar – o que estava fazendo um trabalho eficaz – mas eu fui forçado a admitir que a curiosidade genuína em Luana tinha motivado o seu comportamento. Ele finalmente voltou sua atenção para Vyrax, e um profundo desprezo tomou conta de suas emoções.

— Você pode desativar o dispositivo portátil de estase. Ele não precisa mais disso — Zatruck disse.

Apertando os lábios novamente, Luana obedeceu. Assim que terminou, ela se virou e voltou para o meu lado.

O Yurus caminhou até seu líder, puxou sua adaga e a enfiou direto no olho de Vyrax, torcendo-a para um lado e para outro para garantir que seu cérebro fosse danificado sem possibilidade de reparo. Um espasmo violento sacudiu seu corpo antes que ele ficasse imóvel.

A fúria explodiu através da minha companheira. Ela não fez nenhum esforço para esconder, embora permanecesse quieta. A mesma raiva emanava de seu pai, enquanto o horror irradiava de seu Conselho. O Conselheiro Allan fez um barulho de ânsia de vômito e desviou os olhos.

Zatruck puxou a lâmina, a limpou casualmente no pelo do peito de seu líder morto e depois a colocou de volta na bainha, no cinto. Ele então arrancou o maior brinco pendurado no lóbulo de Vyrax, rasgando a pele no processo. Mais uma vez, ele limpou o sangue no pelo morto de Yurus antes de colocar o brinco no lóbulo de sua própria orelha.

Assim que ele terminou, os quatro guarda-costas gritaram em uníssono em Yurusiano algo que se resumia a ‘Todos saúdam o Chefe Zatruck’. Eu percebi então que aquele brinco funcionava como o equivalente à coroa de um rei. Zatruck não poderia ascender totalmente sem a morte de seu ex-rival e recuperar este apetrecho.

Ele voltou seu olhar para Luana. Eu me preparei, pronto para intervir se ele a desrespeitasse.

— Não desperdice sua raiva com sentimentos de compaixão por Vyrax — Zatruck disse a ela em um tom zombeteiro — Se seus planos tivessem dado certo, posso garantir que ele não teria mostrado ao seu povo – e especialmente a você – nenhuma piedade. O que quer que você pense, eu fiz uma gentileza a ele. Se isso a incomoda, você *odiaria* testemunhar o destino que o aguardava caso ele voltasse mais uma vez como um fracasso. Isso foi indolor para ele – não que ele merecesse uma morte tão fácil.

Luana assentiu rigidamente. Zatruck lançou aquele olhar intenso novamente. Desta vez, eu movi minhas asas e dei meio passo à frente, chamando sua atenção para mim. Não era típico de mim marcar meu território, mas seu interesse em minha companheira estava me irritando. Seu sorriso esticou ainda mais seus lábios em torno de suas grandes presas. Me dispensando, ele voltou seu foco para Mateo.

— Agora, eu oficialmente tenho autoridade para negociar com você, Líder da Colônia Mateo. Fale — Zatruck disse.

O choque que percorreu Luana ecoou o meu. Todos tínhamos suposto que, com o seu líder incapacitado, o segundo em comando teria automaticamente o poder de tomar decisões que seriam seguidas pelo seu povo.

— Nós não queremos entrar em uma guerra prolongada contra os Yurus — Mateo disse — Como você pode ver, não estamos desamparados. Podemos resistir aos seus ataques e infligir sérios danos em troca. Nós não seremos feitos prisioneiros dentro de nossa própria aldeia nem impediremos que nosso povo entre na floresta sem correr o risco de ser agredido pelo seu. Nós não toleraremos mais ataques aleatórios. Qualquer invasor será morto imediatamente. Se o seu povo quiser alguns dos nossos produtos, podemos abrir discussões comerciais. Mas a era dos Yurus intimidando a colônia humana acabou.

— Ataques fazem parte do DNA do meu povo — Zatruck respondeu com naturalidade — Quaisquer que sejam meus pensamentos sobre seus desejos, o que faz você pensar que isso é possível? A Sede de Sangue dos Yurus não é um interruptor que se pode simplesmente desligar.

— Ah, mas acho que é sim — minha companheira interrompeu, atraindo todos os olhares para ela — Eu tive uma visão interessante da anatomia Yurusiana enquanto tentava curar – em vão – seu ex-líder. Eu sei por que você está comendo essas pétalas. Uma jogada inteligente de sua parte. Você pode controlar os instintos beligerantes do seu povo, se quiser. A questão é: você quer?

Zatruck bufou e deu uma olhada lenta em Luana, o que me irritou.

Ela ergueu o queixo em desafio, o que apenas ampliou o sorriso de Zatrak.

— Eu gosto de você, pequena humana — ele disse com uma pitada de diversão em sua voz.

— Você me perdoará se eu não conseguir retribuir o sentimento — Luana disse com um tom glacial.

Em vez de ficar ofendido, Zatrak jogou a cabeça para trás e riu alto. Seus guardas também riram e olharam para minha mulher com novos olhos, um brilho apreciativo brilhando por dentro.

— Eu realmente gosto de você, pequena mulher. Pena que o pássaro bonito já a reivindicou — Zatrak disse com indiferença, ignorando minha bufada — Eu ouvi seus pedidos, Líder da Colônia Mateo.

— Não são pedidos — retrucou Mateo, se impedindo de explicar que estas eram, na verdade, exigências.

Zatrak sorriu, quase o desafiando a fazê-lo — Como eu disse, eu ouvi seus pedidos — repetiu o Yurus albino quando o silêncio se estendeu — Seu povo pode continuar sua procura por alimentos com segurança... por enquanto. Você terá notícias minhas novamente.

Depois de lançar um último olhar desdenhoso para o cadáver de Vyrax, Zatrak bateu com o punho no peito, caminhou até seu krogí, que estava em silêncio atrás dele, e o montou. O Conselheiro Allan abriu a boca para argumentar, mas Mateo sinalizou discretamente para ele deixar passar. A montaria de Zatrak já caminhava lentamente em direção à muralha enquanto os guarda-costas montavam em suas próprias feras. Para meu alívio, Mateo abriu o campo de energia, deixando os Yurus partirem sem problemas.

Assim que a muralha voltou a subir atrás deles, Mateo se virou para mim com olhos interrogativos, o que me surpreendeu. Os sangue puros eram empáticos mais poderosos do que eu.

— Eu não percebi nenhuma intenção maliciosa ou enganosa nele — eu disse, lançando um olhar curioso para Graith.

Ele confirmou com um aceno de cabeça — Ele não quer a guerra ou brigar com os humanos — acrescentou Graith.

— Um Yurus pacífico? — Luana disse em um tom duvidoso.

Graith bufou e balançou a cabeça — Não sei se ele quer paz. A sensação que obtive de suas emoções é que ele não considera os humanos adversários dignos.

— Quaisquer que sejam suas intenções, ele certamente quer estar no controle. Ele come folhas de praxila porque elas ajudam a diminuir suas tendências agressivas. O fato dos Yurus serem tão violentos e beligerantes não é cultural, e sim genético. Eles têm níveis extremamente elevados de testosterona e serotonina, que influenciam a agressão.

— O que explica por que ele está tão confiante de que pode controlar seu povo — eu disse pensativamente — Ele tem um plano muito claro em sua cabeça que deseja concretizar. Mas não tenho ideia do que seja. Precisamos ficar de olho nele.

— Mas será seguro para o nosso povo sair de novo? — Mateo insistiu.

— Sim — Graith disse com convicção — Por enquanto, vocês têm uma trégua. Esperemos que dure.



Capítulo 19

Luana

Nas semanas que se seguiram ao encontro com Zatruck, a vida voltou a parecer normal em Kastan. Seu silêncio durante esse tempo me enervou. Mas ele manteve a sua palavra de que o nosso povo seria capaz de procurar alimentos e se aventurar na floresta sem impedimentos. Embora os Zelconianos continuassem a escoltá-los durante a primeira semana, eventualmente nós equipamos todos com um escudo furtivo pessoal para que pudessem se esconder e fugir caso tivessem problemas.

Esta foi apenas a primeira de muitas ferramentas tecnológicas úteis que se tornaram a norma. O vento da mudança soprava sobre a colônia. As gerações mais jovens estavam finalmente falando e exigindo ter uma voz sobre a direção da colônia e do seu futuro – o futuro deles. Eu não invejava meu pai por ter que lidar com o temperamento e as sensibilidade de todos, mas a drenagem desse abscesso já deveria ter sido feita há muito tempo.

O vínculo que se formou entre a nossa colônia e os nossos novos aliados alimentou ainda mais essa mudança. Eu entendia melhor agora por que nossos fundadores apresentaram os Zelconianos como bichos-papões a serem evitados a todo custo. Nunca se tratou deles serem maus ou maliciosos, mas toda a sua sociedade perseguia exatamente o oposto do que o meu povo veio aqui procurar. E pessoas como Lara e Martin estavam ansiosas para descobrir mais.

Na verdade, Graith autorizou os humanos a visitarem Synsara em pequenos grupos. Os mais velhos viram muitos dos nossos jovens aproveitarem a oportunidade e ficou claro que, sem um compromisso, eles iriam perdê-los. Como aconteceu comigo, um único passeio por Synsara matou neles qualquer desejo de voltar para a aldeia insípida e atrasada em que crescemos.

A parte mais engraçada foi todas as mulheres solteiras olhando para os Zelconianos, embora muitas tenham expressado sua inveja por eu ter roubado o único híbrido por perto. Com seu rosto e corpo

predominantemente humanos, suas feições Zelconianas apenas o faziam parecer gostoso. Os sangue puros totalmente coberto de penas, com pés de pássaro e bicos demoraram um pouco mais para se acostumar. Mas muitas das mulheres estavam começando a ignorar isso porque os homens Zelconianos tinham um jeito de fazer você se sentir especial e única – o poder de suas habilidades empáticas.

E quando se tratava de cuidar de mim e me fazer sentir especial, Dakas ia muito além. Sem que eu soubesse, ele obteve a bênção de Graith para melhorar as calçadas da cidade e torná-las mais seguras para mim. Assim como nos elevadores flutuantes, uma parede de energia protetora de um metro e meio de altura foi automaticamente ativada para evitar que eu caísse no buraco – que eu costumava chamar de abismo – se detectasse que eu estava a menos de trinta centímetros da borda da passarela.

No início, eu fiquei preocupada que isso pudesse incomodar a todos, até mesmo aqueles que estavam do outro lado da passarela. Mas o sistema inteligente de Dakas foi projetado para erguer apenas uma parede de dois metros de largura nas minhas proximidades. Dessa forma, apenas eu estaria protegida, sem impedir que os Zelconianos caíssem livremente das bordas antes de levantar voo. Eles adicionaram um aplicativo à minha braçadeira que me permitia desativar manualmente uma parede específica, mas somente depois que ela fosse ativada. Eu não poderia desativar unilateralmente essa medida de segurança – não que eu quisesse.

Me comoveu profundamente quando ele me mostrou isso quando voltamos para Synsara, um dia depois de eu ter dado a ele um atestado de saúde. Agora, com mais humanos autorizados a visitar a cidade, o sistema foi modificado para reagir assim ao detectar qualquer DNA humano.

Logo depois de ter sido modificado pela primeira vez para todos os humanos, isso causou um momento bastante cômico quando o pobre Dakas se lançou direto contra a parede que se erguia à sua frente por causa de seu DNA parcialmente humano. Como ele estava voando naquele momento, parecia que ele havia sido empurrado por uma grade. Ele caiu de cabeça, recuperando-se rapidamente e voltando a pairar na frente do campo de energia com a expressão mais hilária de ‘que porra é essa?’

Enquanto eu continuava a voar para a colônia quatro dias por semana para cumprir minhas obrigações médicas, Feylin me concedeu algum espaço de escritório na clínica Zelconiana para facilitar meu estudo de sua medicina, auxiliando em seu tratamento e fazendo pesquisas médicas mais avançadas no meu tempo livre.

Eu tinha acabado de atender meu último paciente – uma dolorosa pena encravada na base da asa esquerda – quando meu marido entrou.

— *Pronta para ir?* — ele me perguntou telepaticamente.

Eu sorri, me concentrei e respondi de maneira semelhante — *Sim, pronta.*

Dakas sorriu para mim. Sempre que estávamos em um ambiente seguro, ele me fazia praticar a fala mental para ajudar a fortalecer meus músculos psíquicos. Eu adorava poder falar com ele em público sem que ninguém pudesse nos ouvir. Naturalmente, isso sempre trazia à tona o meu lado mais travesso.

— Onde vocês dois estão indo? — Feylin perguntou provocativamente quando fui me despedir.

— Dakas vai me levar em nosso primeiro voo — eu disse com um sorriso — Ele está me importunando sobre deixá-lo me carregar enquanto voa. Mas eu não queria que ele colocasse esse tipo de pressão sobre si mesmo – ou colocasse meu traseiro em risco – até que ele recuperasse totalmente as forças após ser infectado com veneno de shengis.

A testa emplumada de Feylin se ergueu e ela estalou o bico daquele jeito que eu passei a associar com uma risada sarcástica para um Zelconiano. Meus olhos se estreitaram para ela antes de lançar um olhar surpreso para Dakas, cuja pele azul tinha adquirido um tom mais escuro.

Do que ele está envergonhado?

— Divirtam-se voando — Feylin disse com uma expressão travessa.

Sem esperar pela minha resposta, ela voltou para o computador, suas asas movendo algumas vezes para ajudar a regular a temperatura corporal.

Dakas pegou minha mão e me atraiu para fora da clínica.

— O que acabou de acontecer? — eu perguntei desconfiada.

Dakas apenas me deu seu sorriso característico de ‘Isso é assunto meu’ que ele adotava sempre que não queria responder alguma coisa. Isso me fez querer chutar a bunda dele. Ele me levou até a beira da passarela do segundo nível, a parede protetora subindo imediatamente, e então me puxou para seus braços. Embora eu não tivesse permitido que ele me levasse para fora, agora que eu já dominava os elevadores flutuantes, geralmente eu deixava que ele me carregasse como uma noiva de um nível para o outro quando estávamos juntos. Sua força nunca deixou de me surpreender enquanto ele me pegava sem esforço e levantava voo.

Meus braços envolveram seu pescoço, eu deixei meu olhar vagar pelo centro da cidade. Eu adorava Synsara, suas cores, luzes, cheiros e simplesmente estar cercada por pessoas voadoras, especialmente as crianças – quando elas se comportavam. E os sons! Eu comecei a diferenciar os diferentes sons que as asas faziam enquanto os Zelconianos voavam: rápido, lento, pairando, planando. Mas também

suas vocalizações.

O povo de Dakas frequentemente cantava ou cantarolava. Eu duvidava que eles percebessem isso na maior parte das vezes. Alguém próximo também se juntava inconscientemente, harmonizando com eles. Depois tinha o arrulhar. Eu nunca superaria a visão de homens grandes, musculosos e de aparência durona arrulhando como pombas. Mesmo que o tom fosse mais profundo, ainda era hilário. O clique e o ranger do bico eram muito mais complexos e cheios de nuances. Isso podia ser usado como uma saudação, um aviso, um sinal de impaciência, de antecipação ou de aborrecimento.

Muitos pequeninos tinham seus pais estalando o bico para eles. Eu não sabia por que me divertia tanto ver os pequenos abaixarem a cabeça de vergonha, alguns deles apertando a ponta dos pequenos bicos com o punho em sinal de contrição. Era adorável e completamente falso. Os pirralhos aproveitavam a primeira oportunidade para fazer tudo de novo. Se eu pudesse sentir isso com meus poderes empáticos limitados, como seria para os pais deles? Como seria com nossos próprios filhos?

Eu me virei para olhar para Dakas. Ele estava me olhando com sua ternura habitual, o que sempre fazia meus dedos dos pés se curvarem.

— Quaisquer que sejam os pensamentos que passaram pela sua cabeça, eu adoro como eles fazem você se sentir — Dakas disse, ainda voando em direção à cúpula que cobria a cidade.

— Eu estava me perguntando como seria sentir as emoções dos nossos filhos, especialmente quando eles fizerem algo nada bom — eu confessei.

Dakas riu, a felicidade que irradiava dele me envolveu, me derretendo como manteiga quente — Acho que deveríamos começar a trabalhar nisso para descobrir.

— Eu achei que estávamos fazendo exatamente isso com bastante vigor? — eu brinquei, pensando em como éramos insanamente ativos.

— A prática leva à perfeição — ele disse, sua voz caindo uma oitava — Claramente, precisamos melhorar nosso jogo.

— É mesmo? — eu perguntei, olhando de forma nada inocente enquanto ele se dirigia para uma das aberturas laterais sob a cúpula que dava acesso ao mundo exterior.

Ele assentiu com um cantarolar suave, mas altamente sugestivo. Meu estômago embrulhou e meu coração disparou quando ele partiu para o céu do início da noite. Com apenas algumas batidas de asas, Dakas nos tirou da montanha. Um arrepio percorreu meu corpo, não de medo, mas do ar fresco contra minha pele. Eu confiava completamente em Dakas para me manter segura.

No entanto, seria mentira dizer que me encontrar a centenas, senão milhares, de metros acima do solo, com nada além dos braços do meu

marido ao meu redor como rede de segurança, não me dava arrepios. Era parecido com aquela sensação de ‘ah, merda’ que você tem em uma montanha-russa quando ela atinge o pico dos trilhos, logo antes de cair naquela queda insana. Era aquele momento de clareza em que você questionava suas escolhas de vida enquanto se preparava para gritar com toda a força enquanto aproveitava a viagem.

Mas o frio da noite e meus sentimentos nervosos logo desapareceram quando a beleza da paisagem noturna de Cibbos me deixou sem fôlego. Era como se uma mão invisível tivesse ativado um dimmer que iluminasse gradualmente a flora abaixo. As cores brilhantes das árvores, plantas e até de algumas rochas desafiavam as do fitoplâncton bioluminescente no rio abaixo. Elas pareciam dançar ao longo da costa com o movimento suave das ondas batendo na praia.

Dakas começou a descer, deslizando perto o suficiente sobre as copas das árvores para que as pontas dos meus dedos acariciassem suas folhas se eu estendesse a mão. As criaturas que acordavam à noite uniram as suas vozes para criar uma melodia saudando a nossa breve passagem pelo seu território.

Nós eventualmente pousamos dentro de uma caverna, longe da civilização. Considerando a longa distância que percorremos, eu pensei que Dakas precisava descansar. Mas assim que ele me colocou de pé, ele reivindicou meus lábios em um beijo faminto que eu estava muito ansiosa para retribuir. Suas mãos imediatamente deslizaram sob a bainha da minha camisa, a levantando enquanto ele acariciava meus seios. Ele fez uma pausa ali, primeiro acariciando meu sutiã antes de levantá-lo para provocar e beliscar meus mamilos.

Quando eu gemi contra seus lábios, ele interrompeu o beijo apenas o tempo suficiente para me livrar da camisa e do sutiã. Isso não impediu que sua boca encontrasse maneiras de se conectar com a minha pele. Eu adorava como Dakas ficava quase frenético sempre que me despia. Embora ele gostasse de como as roupas ficavam bem em mim, meu marido gostaria que eu pudesse andar nua como ele fazia. Ele queria deleitar seus olhos com meu corpo – que ele adorava, com defeitos e tudo – mas ele também queria acesso instantâneo. O strip-tease sedutor não fazia nada por ele. As roupas eram apenas um aborrecimento para serem rasgadas e descartadas.

Felizmente, ele não rasgou as minhas, mas trabalhou diligentemente para me tirar delas. Beijando um caminho até meu peito, ele lambeu e lavou meu mamilo endurecido enquanto desabotoava minhas calças. Dakas não gostava que eu usasse calças, o que ele achava ainda mais irritante do que saias. Eu normalmente usava vestidos para ele. Porém, sabendo que iríamos voar, usar calças fazia mais sentido para mim. Pelo olhar que meu marido me lançou,

ele claramente desaprovou.

Ainda assim, seus lábios seguiram um caminho pela minha barriga, parando por tempo suficiente para ele lambeu meu umbigo antes de prosseguir sua jornada para o sul. Ao mesmo tempo, ele puxou minhas calças e calcinha para baixo. Uma risada presunçosa escapou dele enquanto meu estômago se contraía de antecipação enquanto ele mordiscava a carne macia da minha pélvis. Descansando a mão nas penas macias de seu ombro para me apoiar, eu levantei uma perna para tirar a calça. Assim que meu pé saiu do tecido, Dakas agarrou essa perna atrás do joelho, mantendo-a levantada e me deixando aberta para que ele pudesse enterrar o rosto entre minhas coxas.

Jogando minha cabeça para trás, eu gritei e segurei seus ombros. Além de seu talento natural para usar a língua, Dakas sempre usou com maestria suas habilidades empáticas para me dar prazer exatamente do jeito que eu queria. Em instantes, ele me fez queimar com o fogo crescendo dentro de mim. Enquanto estávamos perto da entrada da caverna, banhados pelo luar, a brisa fresca da noite em minha pele febril me deu arrepios.

Assim que Dakas sentiu que eu estava chegando ao ápice, ele inseriu dois dedos dentro de mim, dobrando-os no ângulo certo para esfregar meu ponto ideal. Ao mesmo tempo, ele chupou meu clitóris com vigor renovado, me fazendo chegar ao clímax com um grito agudo. Minhas unhas cravaram em seus ombros enquanto eu lutava para manter o equilíbrio, ainda apoiada em uma perna só. Através da minha névoa, eu senti sua dor por causa de algumas penas que danifiquei perto de sua nuca. A presunção que irradiava dele reprimiu qualquer culpa que tentasse surgir.

Cada vez que fazíamos sexo, eu sempre conseguia arrancar acidentalmente algumas de suas penas. Eu entrei em pânico no começo, mas ele me tranquilizou dizendo que a única maneira de um Zelconiano não perder penas durante o sexo era se seu desempenho fosse ruim. Ostentar uma careca por fazer sua mulher ver estrelas lhe dava grandes direitos de se gabar – não que eu quisesse que alguém ficasse sabendo de nossos assuntos.

Dakas finalmente colocou minha perna de volta no chão e beijou meu corpo e meus lábios enquanto se levantava. Agradecida, eu me inclinei contra ele para firmar minhas pernas bambas. Ainda devorando meus lábios, Dakas me levantou. Eu instintivamente envolvi minhas pernas em volta de sua cintura e o senti expelir. A umidade quente de seu eixo pré-lubrificado e totalmente ereto pressionou contra minha barriga. Ele interrompeu o beijo para me olhar nos olhos com uma intensidade que me deixou tonta.

Eu não precisava que ele me dissesse o que queria. Sem dizer uma palavra, eu coloquei a mão entre nós e a fechei em torno de seu

comprimento rígido. Depois de dar um bom aperto e alguns movimentos, eu o alinhei com a minha abertura e cuidadosamente me empalei em seu pênis. Dakas sibilou de prazer, seu rosto assumindo uma expressão rosante que era sexy pra caralho. Suas garras afiadas saíram das pontas de seus dedos, ardendo em minha bunda enquanto seu aperto aumentava sobre mim. Eu adorava essa sensação e o medo que ela provocava em mim.

Porra! Ele era tão grande. Eu nunca me cansaria daquela maravilhosa sensação de plenitude e das incríveis sensações extras proporcionadas pela crista em espiral ao redor de seu eixo. Sempre parecia que ela estava ondulando dentro de mim, mesmo que não fosse o caso. Me segurando, Dakas começou a empurrar para cima em mim, primeiro com cuidado enquanto eu me ajustava à sua circunferência não negligenciável.

O azul meia-noite de seus olhos cheios de constelações escureceu de repente e as estrelas dentro dele ficaram mais brilhantes. Segundos depois, através do prazer de seu pênis entrando e saindo de mim, o familiar formigamento de uma conexão psíquica tomou conta de mim, começando pela minha cabeça e fluindo por todo o meu corpo. Quando chegou aos dedos dos pés, eu senti que estava caindo. Minha visão ficou turva, meu ambiente foi substituído por um mar de estrelas em um vazio azul meia-noite que combinava com seus olhos.

Dakas já havia usado seus poderes hipnóticos em mim antes, geralmente para pregar peças, como me fazer pensar que meu zeebis Goro havia entrado em casa e estava comendo nossas plantas. Esta foi a primeira vez que ele confundiu completamente a minha realidade. Um grito estrangulado escapou de mim e meus braços apertaram seu pescoço quando o som de suas asas batendo chegou aos meus ouvidos e o vento frio da noite acariciou minha pele ardente enquanto ele voava.

O medo e a alegria guerreavam contra o prazer do pau do meu marido ainda bombeando dentro de mim enquanto ele nos voava através de um ambiente que eu não conseguia mais ver. Eu me perguntava sobre sexo durante o voo desde a primeira vez que Phegea mencionou de passagem que alguns deles ainda realizavam a antiga tradição do voo de acasalamento entre recém-casados.

Com minha visão tirada de mim, cada um dos meus sentidos pareceu aprimorado. Eu não conseguia nem ver Dakas, apenas sentir seu corpo forte enrolado em mim, me segurando com força, sua boca reivindicando a minha enquanto ele metia em mim. Cada estocada parecia se mover em sincronia com o bater de suas asas, seu comprimento puxando para fora com um movimento para cima e empurrando de volta para dentro com um movimento para baixo.

Eu me agarrei a ele com toda a minha força enquanto me rendia à

sobrecarga sensorial induzida por essa cegueira hipnótica. Isso ampliou cada som, cada toque. Seu prazer e emoções inundando minhas percepções empáticas apenas aumentaram as minhas, a ponto de me sentir à beira da combustão. Somente o ar fresco do vento que passava por nós impedia que minha pele explodisse em chamas. O cheiro de água fez cócegas em meu nariz segundos antes de seu toque frio lamber minhas costas aquecidas.

Eu detonei, meu corpo abalado pela violência do meu orgasmo. Por uma fração de segundo, eu temi que meus espasmos de êxtase tirassem Dakas do voo e nos fizesse cair na água. No entanto, nenhum medo emanava dele, apenas ondas e mais ondas de prazer, alimentadas pelas minhas, e ele continuou a voar com um controle que desafiava a lógica.

Embora ele tenha derramado sua semente dentro de mim durante o segundo clímax, Dakas continuou empurrando até que me arrancou um terceiro orgasmo. Eu gritei o nome dele. Desta vez, ele se rendeu totalmente à sua própria libertação, unindo sua voz à minha. Eu estava longe demais para entrar em pânico com seu padrão de voo levemente errático. Através da névoa de felicidade, eu finalmente o senti pousar e envolver suas asas em volta do meu corpo trêmulo. Me sentindo segura e calorosa, envolvida tanto em seu abraço quanto na ternura de suas emoções, eu sabia que estava me apaixonando por meu marido.



Dois dias depois do nosso voo de acasalamento, Dakas começou a agir de forma estranha. Embora ele tenha me garantido que estava tudo bem – e ele realmente estava sendo sincero – eu podia sentir que algo estava errado. Meu marido era um grande carinhoso. No entanto, sempre que eu tentava me aconchegar com ele naquele dia, ele se afastava de mim. Eu fiquei ainda mais perturbada porque ele nem parecia perceber que estava fazendo isso. Sua pele estava um pouco mais quente que o normal e até seu cheiro parecia um pouco diferente.

Nada disso foi significativo o suficiente para que eu pedisse para examiná-lo. Eu não queria parecer que estava exagerando nas coisas. Dakas provavelmente estava apenas tendo um daqueles dias aleatórios de mau humor ou de indisposição que todo mundo tem de vez em quando. Talvez simplesmente isso tenha se manifestado de uma maneira diferente da dos humanos. Eu o deixei em paz, embora mantivesse um olhar discreto sobre ele.

Quando ele disse estar cansado demais para fazer amor naquela noite — ele que normalmente me acordava pelo menos uma vez, se não duas vezes, todas as noites para rodadas adicionais — eu sabia que algo estava errado. Eu não temi que seus sentimentos crescentes por mim tivessem mudado. Dakas definitivamente estava se apaixonando por mim, assim como eu por ele. A mesma ternura continuava a emanar dele sempre que ele me via ou falava comigo. Mas algo estava afetando seu estado mental e sua propensão natural para demonstrações físicas de afeto. Ele nem me abraçou ou me cobriu com sua asa como normalmente fazia quando dormíamos.

Meu marido apagou como uma luz. Embora não tivesse problemas para dormir, Dakas geralmente ficava acordado até eu cochilar. Olhando para ele, enrolado quase em posição fetal, sendo que ele especificamente tinha uma cama enorme porque adorava se esparramar sobre ela, me fez pensar em um garotinho se preparando para a coisa terrível que esperava que o atingisse em um futuro não muito distante. E ainda assim, eu não percebi nenhuma sensação de perdição emanando dele.

Eu me senti perdida em nossa cama enorme, sem o calor dele contra mim. Pela primeira vez, eu não gostei tanto dessa capacidade empática. No momento, isso me confundia demais. Eu rezei para que tudo o que estava incomodando meu marido desaparecesse pela manhã. Fechando os olhos, me entreguei a um sono agitado, parcialmente alimentado pelas estranhas emoções de Dakas.

Eu acordei assustada. Eu não sabia dizer o que desencadeou isso, mas uma poderosa onda de angústia me atingiu no minuto em que meus olhos se abriram. Descobrir que Dakas havia saído da nossa cama e encontrar muitas penas caídas espalhadas em seu lado do colchão me assustou. A primeira coisa que me veio à mente foi que o veneno dos shengis havia de alguma forma se apoderado novamente de Dakas. Apenas quatro dias atrás, eu removi todos os nanorrobôs de antídotos de seu sistema, já que ele desenvolveu anticorpos próprios suficientes. Isso foi um erro?

— Dakas? — eu gritei enquanto saltava da cama e corria para o banheiro, de onde emanavam suas emoções.

Para minha surpresa, sua angústia deu lugar ao pânico e à vergonha... mas eu não percebi nenhuma dor real. Eu abri a porta e o encontrei parado em frente ao grande espelho que ocupava o fundo da sala, longe da água.

— Oh, meu Deus, Dakas! O que aconteceu?! — eu corri em sua direção, horrorizada, meu sangue gelou enquanto eu tentava imaginar o que poderia ter causado isso.

— Não me toque! — Dakas exclamou, erguendo ambas as palmas à sua frente, os olhos arregalados de preocupação. Eu parei no meio do

caminho, olhando para ele com descrença — Eu estou bem.

— Que porra você quer dizer com você está bem? — eu exclamei, minhas entranhas se contorcendo de medo diante de sua aparência desgrenhada — Você perdeu todas as suas penas e sua pele parece em carne viva!

E eu nem estava exagerando. A maior parte de suas penas estava em uma poça em seus pés. Um punhado ainda estava pendurado em seu corpo, espalhadas aqui e ali. A pele que antes continha penas adquiriu uma tonalidade arroxeada. Se sua pele não fosse azul, essas áreas estariam vermelhas. Ele estava coberto por um milhão de pequenos inchaços que faziam parecer que apenas partes de seu corpo tinham arrepios. Até as penas de sua crista e da cauda caíram. Para minha surpresa, eu notei um grande saco próximo a ele, onde ele começou a guardar as penas caídas.

— Eu estou apenas trocando de penas — Dakas murmurou, evitando contato visual.

Meu queixo caiu e meu olhar vagou lentamente por ele enquanto eu reavaliava sua aparência com esse novo conhecimento.

— Mas... mas eu pensei que os pássaros substituíssem gradualmente suas penas em etapas — eu argumentei — Eles só perdem algumas aqui e ali de cada vez. Quando elas terminam de crescer novamente, eles perdem um punhado a mais em outro lugar, de modo que nunca ficam sem poder voar.

As asas sem penas de Dakas se moveram de uma forma que eu reconheci como um encolher de ombros ou um sinal de constrangimento, dependendo do contexto.

— Isso é verdade para a maioria dos pássaros e para os Zelconianos em geral — Dakas admitiu — Existem algumas espécies que perdem todas as penas de uma só vez ou em poucos dias. Como híbrido, sempre foi assim no meu caso. Eu ficarei indefeso até que elas cresçam novamente, o que geralmente leva de duas a três semanas, mas às vezes até quatro semanas.

De repente, eu tive flashbacks de algumas galinhas da fazenda de Anita que foram separadas das outras depois de perderem a maior parte das penas. Eu presumi que elas estavam doentes, então ela as isolou para evitar espalhar a doença para as outras. Eles estavam trocando de penas?

— Uau, entendi — eu disse, deslumbrada — Na verdade, não estou sentindo dor de você, mas muito desconforto. Isso dói?

Dakas balançou a cabeça — Não dói exatamente, mas minha pele está um pouco em carne viva e extremamente sensível. O contato físico não é particularmente agradável.

Para minha eterna vergonha, isso me fez sentir melhor. Ele não estava me mantendo à distância porque não queria mais se

aconchegar comigo, mas porque isso era fisicamente desconfortável.

Ele olhou para si mesmo com uma expressão abatida — Sinto muito pela minha aparência nada atraente. Eu esperava que isso não acontecesse por mais algumas semanas. Receio que você fique com um marido parecendo uma galinha depenada por um tempo.

A vergonha que voltou à sua voz me irritou.

— Você parece um frango depenado — eu disse encolhendo os ombros, fazendo-o recuar surpreso — Mas você é *meu* frango depenado e não pode ficar envergonhado por causa de sua aparência. A troca de penas é um processo natural para sua espécie. Eu me casei com um homem-pássaro, com tudo o que isso implica. Francamente, agora que eu sei que você não está morrendo, acho que você ficou muito bem com a aparência desgrenhada — eu acrescentei provocativamente para aliviar o clima.

Dakas bufou, seu embaraço diminuindo, substituído por uma ponta de diversão — Mas isso significa que eu não poderei te abraçar ou me aconchegar com você por um tempo. Eu senti como você ficou chateada quando estive tão distante ontem à noite.

Eu acenei com a mão com desdém — Você não tem nada pelo que se desculpar. Eu certamente não fiz isso quando menstruei há duas semanas e disse para você ficar longe sem espaço para discussão.

Desta vez, Dakas riu — Você estava bastante mal-humorada e definitivamente nada aconchegante.

— Exatamente. Agora é a sua vez. Acho que finalmente vou ver o quão bom você é em controlar aqueles elevadores flutuantes — eu disse, olhando para ele com zombaria — Você com certeza zombou de mim por causa da minha falta de jeito.

Dakas gemeu e assumiu uma expressão teimosa — Eu não vou sair de casa. Graith não vai me deixar ouvir o fim disso. Ele vai se oferecer para me carregar só para me irritar.

Eu comecei a rir. O Exarca era o maior pirralho que eu já conheci. Por mais que ele tenha me intimidado em nosso primeiro encontro, eu agora o amava tanto como um irmão mais velho chato quanto como aquele tio ou avô travesso que você simplesmente não consegue resistir em ajudar a causar problemas.

— Se vai levar de três a quatro semanas para suas penas voltarem a crescer, você não conseguirá se esconder aqui — eu disse com compaixão — Primeiro, você começará a escalar as paredes ficando preso por tanto tempo e, segundo, as pessoas começarão a se perguntar o que eu fiz com você. De qualquer forma, Graith descobrirá.

Os ombros de Dakas caíram em uma derrota exagerada, o que só me fez rir ainda mais.

— Pare de fazer beicinho — eu disse carinhosamente. Eu apontei

para as penas no chão com o queixo — Eu vou pegar isso e depois aplicarei um creme calmante na sua pele. Ele faz maravilhas para pessoas com eczema ou queimaduras solares. Eu serei gentil.

Dakas acolheu bem a minha oferta, mas insistiu em levar as penas comigo. Para minha surpresa — embora eu devesse ter previsto isso — ele nos fez separar cuidadosamente as penas longas das penugens. As primeiras seriam usadas para fazer flechas, enquanto as segundas seriam usadas para travesseiros e almofadas.

Aplicar a pomada calmante em meu marido acabou sendo uma bagunça. Inicialmente, eu temia que ela fosse muito desconfortável para ele, mas foi o mais alto que eu já o ouvi arrulhar. A expressão feliz em seu rosto me deixou em pedaços.

Quando eu terminei, todas as suas emoções clamavam por um desejo tão forte de me atrair para seu abraço quanto eu sentia. Eu me inclinei para frente e pressionei meus lábios nos dele. Nós trocamos um beijo longo e terno. Sua aparência acabada não afetou meu desejo por ele. Ele sentiu o momento em que minha excitação surgiu.

Ele interrompeu o beijo e olhou para mim — Você é tão incrível, minha Luana. Você sabe o quanto eu te amo?

Meu coração pulou no peito e eu mal me contive de me jogar nele e me aconchegar contra ele.

— Eu não sei bem — eu respondi provocativamente, embora minha voz tremesse de emoção — Mas você terá muitos anos para me mostrar e descobrir o quanto eu te amo de volta.

Ele sorriu para mim, seus olhos estrelados ainda mais cativantes com sua crista nua não chamando mais toda a atenção.

— Eu vou apreciar cada minuto — ele disse antes de reivindicar meus lábios.



Durante os primeiros cinco dias da troca de penas, Dakas permaneceu muito sensível e recusou teimosamente sair de casa. Ele passou bastante tempo no terraço. Porém, nas poucas vezes que tivemos ventos fortes, ele voltou para dentro, pois até isso incomodava sua pele. No sexto dia, as pequenas penas fofas que cresciam em seu peito, ombros, nuca e virilha – semelhantes à penugem inicial de um passarinho – tornaram-se macias e fofas, levando embora a sensibilidade. Ser capaz de abraçá-lo contra aquela maciez insana foi maravilhoso.

No sétimo dia, durante a nossa primeira aventura no centro da cidade, Dakas recebeu muitas provocações. Felizmente, tudo foi afetuoso. Ele também foi MUITO acariciado. Todo mundo, homens, mulheres e especialmente crianças, queriam acariciar suas penas ridiculamente macias. Apesar de resmungar sobre a cobrança de uma taxa no zoológico, Dakas gostou da atenção amorosa que seu povo lhe deu.

Durante esse tempo, eu percebi que todos os outros Zelconianos também estavam em troca de penas, mas com uma grande diferença para os homens – mais especificamente para os homens não acasalados. Eles também acabaram com uma aparência um tanto estranha durante aquelas semanas, enquanto adquiriam sua plumagem reprodutiva. Eu achava que o peito e as cristas deles eram lindamente coloridos. Mas agora, eles estavam adquirindo tons muito mais brilhantes do que as penas mais opacas que tinham anteriormente, o que ajudava na camuflagem durante a época de não reprodução. As manchas de penas novas e brilhantes espalhadas entre as opacas fizeram meu TOC disparar.

Com a próxima migração se aproximando, esses homens estariam no seu melhor, com as cores vibrantes de seus peitos e cristas chamando a atenção das parceiras em potencial que encontrariam em outras cidades Zelconianas. Embora ambos os sexos pudessem migrar, a maioria dos viajantes eram homens. Eles se dividiriam em quatro bandos, cada um indo em direção a uma cidade Zelconiana diferente.

Além de permitir que os membros solteiros da tribo encontrassem uma companheira, a migração também diminuía o fardo das necessidades alimentares durante o inverno. Os Zelconianos ainda dependiam em grande parte da coleta e da caça para obter seus

suprimentos. Este ano, devido à situação excepcional, a maioria dos migrantes viria para Synsara para manter o número de guerreiros elevado, caso as coisas esquentassem novamente com os Yurus. Com os seus celeiros quase transbordando e o apoio que a nossa colônia forneceria, não haveria problema em manter todos bem alimentados durante o inverno.

Mas os Yurus não se tornaram um problema.

Zatruck manteve sua palavra. Kastan voltou a um novo normal, onde a muralha de energia permanecia baixa durante todo o dia, só voltando a subir à noite. As pessoas recuperaram a liberdade de movimento, perambulando pela floresta sem medo. Na verdade, o líder Yurus iniciou discussões com o meu pai sobre oportunidades comerciais, principalmente de cereais e carne. Por enquanto, eram negociações provisórias, mas quando Kayog apareceu novamente, encorajando fortemente tais negociações, eu percebi que a OPU estava tramando alguma coisa. Meu instinto me disse que eles estavam tentando trazer os Yurus para a organização, mas só o tempo diria.

Para minha surpresa, eu descobri que perseguir pequeninos rebeldes pela cidade na verdade inspirou o esporte nacional dos Zelconianos, Lazgar, em homenagem ao pirralho mais notório de todos os tempos. Uma arena especial com obstáculos circulares que mudavam com o tempo foi montada perto de um dos planaltos externos da cidade. Lá, grupos de doze a vinte indivíduos perseguiram Lazgar – um drone – e tentavam capturá-lo antes que o tempo acabasse. Quanto mais rápido você o pegasse, maior seria sua pontuação.

Dakas ficou bastante infeliz por ter perdido alguns desses torneios enquanto esperava que suas penas voltassem a crescer. No minuto em que elas voltaram, ele se esforçou para mostrar o quão durão ele era nesse jogo. Foi uma coisa boa também, porque eu não tinha nenhuma intenção de aprender a usar um jetpack para perseguir nossos futuros diabinhos. E Deus sabe que não perdemos a chance de trabalhar para concebê-los.

Enquanto isso, Dakas e o meu pai se tornaram mais próximos. Meu marido não era apenas um estrategista brilhante, ele também era engenheiro. Com a população mais jovem exigindo cada vez mais mudanças, muitas reformas estavam acontecendo, especialmente atualizando alguns dos nossos sistemas e materiais mais obsoletos com os de última geração que os Zelconianos possuíam. Lara, a engenheira da colônia, estava nas nuvens.

Também acabou sendo uma forma sorrateira para humanos e Zelconianos trocarem tecnologia. Embora a colônia tivesse teoricamente acesso total à base de conhecimento público partilhada pelos membros da OPU, na prática nós enfrentávamos uma série de

restrições, especialmente quando se tratava de coisas avançadas como naves espaciais e armas.

Com o forte vínculo que se formava entre os nossos ‘protetores’ e nós, a OPU tinha de garantir que não passássemos muitos conhecimentos que acelerassem indevidamente o acesso dos nativos às viagens interestelares e à evolução tecnológica como um todo. Não que eles não quisessem que os Zelconianos conseguissem isso, mas eles precisavam adquirir a maturidade adequada que acompanhava esse tipo de revolução. Você não poderia aprender o desenvolvimento responsável e o uso da tecnologia a menos que passasse pelo meticuloso processo de criá-la você mesmo, com todos os dilemas morais que isso acarretava.

Para minha surpresa, eu também descobri que meu pai estava preparando Dakas para assumir um papel de liderança na colônia. Assim como eu, Dakas tinha sentimentos confusos sobre isso. Ambos sentimos que era importante que os humanos liderassem a colônia. Mas meu pai parecia ter algo diferente em mente, não tanto que Dakas fosse o verdadeiro líder da colônia, mas sim o seu braço direito e membro do Conselho. Eu podia ver isso. De qualquer forma, não seria tão cedo e estávamos bem com isso.

A outra notícia que me surpreendeu foi Martin ficando com os olhos arregalados por causa de uma jovem Zelconiana chamada Shaya. Assim como ele, ela era marceneira e uma das escultoras mais talentosas de Synsara. Ela esculpiu os impressionantes arcos orgânicos da nossa casa. Eu não me perguntei se ela o reconhecia como sua alma gêmea, apenas desejei boa sorte a eles.

Eu descobri que estava grávida na manhã do nosso segundo casamento humano, no qual meu pai finalmente me entregaria.

Descobrir o quanto Dakas odiava o aspecto público do nosso primeiro casamento acelerado me deixou sem palavras. Ele fez um trabalho maravilhoso não apenas em esconder isso, mas também em me tranquilizar. Renovar nossos votos para que pudéssemos ter um casamento adequado, com o vestido, as flores e as damas de honra não o fez torcer os dedos dos pés. Mesmo assim, ele participou para me fazer feliz e porque percebeu que isso significava muito para meu pai e para nosso povo como um todo.

Saber que seria pai tornou aquele dia mágico para ele.

Foi o casamento mais magnífico de Kastan, com vasos de flores ornamentados adornados com cristais brilhantes, mais cristais azuis claros entrelaçados em meu vestido, cauda e véu, meu grupo deslumbrante de damas de honra e padrinhos humanos e Zelconianos, e Renok como o padrinho de seu irmão.

A cerimônia pareceu um sonho. Dakas e eu respondemos às perguntas do Conselheiro Allan e pronunciamos os nossos votos em

voz alta. Mas os votos que realmente importavam para mim foram aqueles que meu marido e eu trocamos telepaticamente, reafirmados pelo nosso vínculo empático que nos envolveu em nosso amor mútuo.

— *Quando vim até você todos aqueles meses atrás para implorar por sua ajuda, eu nunca pensei que isso mudaria tão completamente o meu mundo* — eu disse através da fala mental — *Obrigada por me reconhecer como sua, por salvar meu povo, por me amar mais do que eu jamais poderia esperar e por me emprestar suas asas para que eu também pudesse voar alto. Eu te amo mais do que as palavras podem dizer e espero que minhas emoções transmitam a profundidade do que você significa para mim.*

Uma onda de amor explodiu dele, caindo sobre mim com tanta força que meus joelhos vacilaram.

— *Não, meu amor, sou eu quem deve lhe agradecer* — Dakas respondeu telepaticamente — *Depois de inúmeras migrações, eu perdi toda a esperança de encontrar minha alma gêmea, e então lá estava você. Eu era tão diferente e fui imposto a você em circunstâncias difíceis enquanto seu pai lutava pela vida. Você poderia ter me afastado, talvez até mesmo ficado ressentida conosco e com nosso vínculo. Mas através de todas essas dificuldades, onde a maioria teria desmoronado, você defendeu seu povo, deu uma chance ao nosso vínculo e abraçou o futuro que poderíamos ter. Você é aço e seda, tudo embrulhado em um só. Eu só ajudei a salvar o seu povo. Mas VOCÊ salvou minha vida. Você é minha esposa, meu coração e a outra metade da minha alma. Eu te amo, Luana.*

Dakas se inclinou para frente e pressionou seus lábios nos meus.

Eu ouvi vagamente o conselheiro Allan ofegar antes de falar com voz hesitante — Err... ainda não chegamos lá. Mas... uh... acho que você pode beijar a noiva.

Enquanto risos e gargalhadas subiam pelo templo, eu me pressionei contra Dakas. Ele envolveu suas asas em volta de mim, nos escondendo de olhares indiscretos. Abrigada no casulo de suas asas, eu beijei meu marido, meu melhor amigo, o amor da minha vida.

FIM



Quer ver mais casamentos incomuns e divertidos de conveniência entre uma mulher humana e um alienígena primitivo? Então dê uma olhada em [Casei Com Um Minotauro](#).





ZEEBIS





GRAITH





NYLOTH





VYRAX



ZATRUK



OUTROS LIVROS DE REGINE ABEL

GUERREIROS XIAN

Doom
Legion
Raven
Bane
Chaos
Varnog
Reaper
Wrath
Xenon
Nevrik
Rogue

AGÊNCIA PRIME

Casei Com Um Homem-Lagarto
Casei Com Um Naga
Casei Com Um Homem-Pássaro
Casei Com Um Minotauro

O NEVOEIRO

Nevonauta
Pesadelo

CONTOS SOMBRIOS

A Maldição do Barba Azul



Sobre o Autor

A autora bestseller do *USA Today*, Regine Abel, é uma viciada em fantasia, paranormal e ficção científica. Qualquer coisa com um pouco de magia, um toque de inusitado e muito romance a fará pular de alegria. Ela adora criar guerreiros alienígenas gostosos e heroínas radicais que evoluem em novos mundos fantásticos enquanto embarcam em aventuras repletas de mistério e reviravoltas que você nunca imaginou.

Antes de se dedicar como escritora em tempo integral, Regine havia se entregado a outras paixões: a música e os videogames! Depois de uma década trabalhando como Engenheira de Som em dublagem de filmes e shows, Regine tornou-se Designer de Jogos Profissional e Diretora Criativa, uma carreira que a levou de sua casa no Canadá para os EUA e vários países da Europa e Ásia.

[Facebook](#)

[Website](#)

[Grupo de leitura Regine's Rebels](#)

[Newsletter](#)

[Goodreads](#)

[Bookbub](#)

[Amazon](#)

[Loja Etsy](#)